JEAN DE LÉRY

VIAGEM À TERRA DO BRASIL

Tradução integral e notas de

SÉRGIO MILLIET

segundo a edição de

PAUL GAFFÁREL

com o Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de

PLÍNIO AYROSA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA

1961

í N D I C E

Introdução

Jean de Léry

Notícia biográfica

Nota bibliográfica

Dedicatória de Jean de Léry

Prefácio de Jean de Léry

I — Do motivo que nos levou a empreender esta longínqua viagem à terra do Brasil na ocasião em que a fizemos.

II — Do embarque no porto de Honfleur, na Normandia, das tormentas, encontros, abordagens de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.

III — Dos bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes-voadores e outros de várias espécies que vimos e apanhamos na zona tórrida.

IV — Do equador ou linha equinocial e também das tempestades, inconstância dos ventos, calor, sede e outros incômodos que tivemos e passamos nessas alturas.

V — Do descobrimento e primeira vista que tivemos da índia Ocidental ou terra do Brasil, bem como de seus habitantes selvagens e do mais que nos aconteceu até o trópico de Capricórnio.

VI — Do desembarque no forte Coligny; da acolhida de Villegagnon de seu comportamento em relação à religião e ao governo do país.

VII — Descrição do rio Guanabarana, também denominado de Janeiro; da ilha de Coligny e do fortim nela edificado, bem como das ilhas vizinhas.

VIII — índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano.

IX — Das grossas raízes e do milho com que os selvagens fabricam a farinha, comida em lugar do pão; da bebida a que chamam cauim.

X — Dos animais, veação, lagartos, serpentes e outros animais monstruosos da América.

XI — Da variedade de aves da América, todas diferentes das nossas; dos bandos de grandes morcegos, das abelhas, moscas varejeiras e outros vermes singulares desse país.

XII — Dos peixes mais comuns e do modo de pescá-los.

XIII — Das árvores, ervas, raízes e frutos deliciosos que a terra do Brasil produz .

XIV — Da guerra, combate e bravura dos selvagens.

XV — De como os americanos tratam os prisioneiros de guerra e das cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los.

XVI — Religião dos selvagens da América; erros em que são mantidos por certos trapaceiros chamados Caraíbas; ignorância de Deus.

XVII — Do casamento, poligamia e graus de parentesco entre os selvagens bem como o modo de tratar os filhos.

XVIII — O que podemos chamar leis e policiamento entre os selvagens; modo por que tratam os visitantes amigos; prantos e discursos festivos das mulheres por ocasião das boas—vindas.

XIX — De como tratam os selvagens os seus doentes, dos funerais e sepulturas e do modo de chorar os seus defuntos.

XX — Colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada Tupinambá e Tupiniquim, em linguagem brasílica e francesa(*).

XXI — A nossa partida da terra do Brasil, os naufrágios e perigos de que escapamos no regresso.

XXII — Fome extrema; tormentas e outros perigos de que Deus nos salvou durante o regresso.

(*) Por conveniência de paginação e por versar matéria distinta, traduzida e comentada sabiamente por Plínio Ayrosa, foi este capítulo colocado em apêndice (T.). [O capítulo em questão não foi incluído nesta versão eletrônica]

INTRODUÇÃO

Embora o livro de Jean de Léry tenha sido, mais que qualquer outro de sua época, traduzido e reeditado, não há dúvida que fazia falta uma boa edição brasileira cuidadosamente feita e comentada.

De fato, Léry tem um valor excepcional como documento histórico, etnográfico e até musical. No seu livro estão registrados dois cantos tupis: os documentos mais antigos que possuímos de nossa música ameríndia. Nas suas páginas escritas com um sabor delicioso, na linguagem francesa tão pitoresca, hoje em dia, do século XVI está toda a história da malograda Franca Antártica.

Lido em seu tempo como livro de viagem e aventuras, de grande sucesso, traduzido para o holandês, o alemão e latim (a língua universal de então) nosso calvinista gozou de popularidade até o século XVIII. Outros viajantes, outras terras exóticas de selvagens, e outras preocupações também, vieram desviar a atenção dos amadores de histórias e aventuras. Com os anos que passavam Léry perdia a atualidade e, de livro para o grande público que era, foi, aos poucos, ficando documento para eruditos e historiadores.

Paul Gaffarel, o francês que melhor conhecia a história do Brasil em seu tempo, tentou, sem grande sucesso, parece, pô-lo ao alcance do grande público. Preparou uma edição crítica notável que Affonse Lemerre, o famoso editor parisiense, publicou entre os seus elegantes volumezinhos tão cuidadosamente impressos e apresentados, hoje tão procurados pelos bibliófilos. Anos depois, Alencar Araripe deu na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma tradução brasileira impressa numa ortografia de sua invenção, das mais simplórias que se tem visto. É dessa edição que se têm utilizado aqueles que não estão familiarizados com o francês do século XVI, pois as tentativas posteriores de pôr Léry ao alcance do público, quer em traduções, quer em francês modernizado, contribuíram mais para deformar a obra que para valorizá-la.

Acresce que o preço alto e a raridade das primeiras edições do livro do nosso cronista

francês vinham ainda dificultar a leitura de um dos livros mais interessantes e instrutivos sobre o Brasil do primeiro século. A fim de sanar essa situação lamentável resolvemos dar esta nova edição. Confiamos a tradução a Sérgio Milliet que tão bem conhece o francês antigo e o bebeu, como nós, em saudosos anos de estudo e mocidade, na Genebra de Calvino e Jean de Léry. Está baseada na de Gaffarel. Sai agora enriquecida com notas eruditas e preciosas de Plínio Ayrosa que conseguiu também, e pela primeira vez, interpretar e restabelecer o texto tupi do famoso diálogo. Para enriquecer e ilustrar este volume, resolvemos aproveitar não somente as ilustrações da edição original e de outras subseqüentes mas também algumas gravuras contemporâneas pouco conhecidas.

R. B. de M.

JEAN DE LÉRY

Já se referiram os estudiosos à importância dos viajantes estrangeiros no estudo de nossa história colonial. O mesmo se dirá com acerto em relação à etnografia brasileira. De um modo geral são as narrações de viagem manancial precioso ao conhecimento dos nossos índios. Todavia as obras dos que nos visitaram no decurso do século XVI abundam em informes de primeira ordem. Aí estão, para prová-lo, as edições antigas ou modernas, comentadas ou não, dos Jean de Léry, André Thévet, Yves d'Evreux, Claude d'Abbeville, Hans Staden, Ulrich Schmidel e outros. Mais fantasistas uns, mais serenos e objetivos outros, todos esses viajantes, missionários, aventureiros que residiram entre nós trazem sua contribuição utilíssima ao estudo do nosso indígena. Léry, principalmente, se recomenda pela imparcialidade com que descreve a vida e os costumes dos tupinambás, pela agudeza de sua observação e, ainda, pelo sabor de seu estilo.

No entanto não era Léry nenhum intelectual de nomeada, nenhum cientista de reputação. Simples sapateiro, estudioso de teologia, embarcou com alguns outros artesões para colaborar na tentativa colonizadora de Villegagnon. As dissensões logo surgidas entre calvinistas e papistas tiveram como resultado o exílio de Léry para o continente, a "terra firme", e a sua longa estada entre os indígenas. Durante esse período de muitos meses em que com eles conviveu, observou e anotou o que viu. Como curioso apenas, como homem honesto desejoso de levar a seu mestre Calvino informações detalhadas, em relatório suscetível de trazer algum benefício aos possíveis exilados da região reformada, e, também, de limpar de culpa a sua atuação no Brasil. Não pretendia escrever nenhum livro e só o fez em obediência aos rogos de seus amigos.

Parece incrível, hoje em dia, que uma simples narrativa de viagem pudesse apresentar tanto interesse, constituísse uma literatura de êxito quase popular. É que refletimos dentro de novos conceitos de aventuras, emoções, novidade. Para os homens do século XVI, tais relatos de viagem tinham um sabor inédito capitoso. Satisfaziam um dos quatro desejos

fundamentais a que alude W. E. Thomaz: o desejo de novidade[1], talvez o mais irresistível de todos, aquele que drena para si todas as forças ativas do indivíduo. Em nosso tempo o cinema nos traz de todos os cantos do mundo saborosos manjares para aplacar essa fome e sede de aventura. Por outro lado, as viagens, relativamente baratas e seguras, atendem também a essa ansiedade. Mas ao iniciar-se o Renascimento, bem pouco acessível ao comum dos mortais, aos pacatos burgueses, era essa imprescindível satisfação. Daí o êxito "de livraria", como diríamos agora, das narrações de viagens a países exóticos, de estadas entre selvagens, gentes de outros costumes.

Explicado esse fenômeno resta ainda o dizer porque o livro de Léry sobressai, entre tantos outros e porque seu depoimento permanece vivo quatrocentos anos mais tarde. É que Léry revela em toda a sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só encontrável atualmente, nos espíritos mais adiantados de nossa civilização ocidental: o senso da relatividade dos costumes, a "simpatia", no sentido sociológico da palavra, que conduz à compreensão dos semelhantes e à análise objetiva de suas atitudes. Esse estado de espírito, que comporta certo ceticismo muito do gosto científico, nós o observamos em alguns grandes escritores do Renascimento, principalmente em Montaigne, que por tantas outras características, inclusive o estilo, se aparenta a Jean de Léry. Naturalmente, como homem de carne e osso que era, com defeitos como todos nós, não podia mostrar-se isento por completo de paixões. E, sobretudo, era-lhe difícil fugir à maior paixão do meio em que viveu e se formou: a paixão religiosa. Donde o famigerado prefácio, que seus diversos tradutores evitaram e no qual, se discute coisas nossas com seu compatriota Thévet, é movido antes de mais nada pela posição religiosa do contendor, bom católico, adversário declarado de Calvino. Duas ou três vezes ainda, no próprio texto de sua narrativa, destila Léry sua bílis contra os católicos e os ateus em rápidas e incisivas apóstrofes. Mas bem pouco espaço ocupam tais invectivas em relação ao texto aproveitável etnográfico, já pela soma de fatos descritos, já por alguns comentários argutos, hipóteses hoje confirmadas em quase todos os seus aspectos. Se não entendeu as cerimônias religiosas dos tupinambás, por causa dos prejuízos reformistas que o obnubilavam, e pela ignorância em que todos andavam então das práticas mágicas e de seu sentido exato, com muita justeza encarou o fenômeno antropofágico e com grande carinho

[1] São os outros três: o desejo de segurança, o desejo de consideração e o desejo de correspondência.

estudou os demais costumes e ritos indígenas. Cabe-lhe ainda a glória de ter estabelecido um colóquio em língua tupi, seguido de observações gramaticais, nem absurdo e confuso como os julgaram alguns, um pouco apressadamente, mas, na opinião de Plínio Ayrosa, de enorme interesse, inclusive no que diz respeito a certas formas arcaicas da língua.

Alencar Araripe, que foi o primeiro a traduzir Jean de Léry, e o fez muito conscienciosamente embora com graves erros de interpretação sintática, julgou-lhe o estilo "irregular". Só é possível atribuir tal juízo a uma falta de familiaridade com o francês do século XVI. Pois Léry não é menos límpido que Montaigne. Lê-se de um jacto, com interesse e proveito. E se não se alça às sutilezas do autor dos *Ensaios* nem por isso é pesado. Ao contrário, sua frase, longa como a de todos os escritores de seu tempo, inclusive os portugueses, não deixa de ter uma construção harmônica, precisa, dentro da qual o pensamento matizado se abriga à vontade. Ademais, personalíssimo, isento de literatice, tem o seu estilo um sabor que somente no português de um Gandavo encontra semelhança. Léry escreve como outros pintam ou tocam música, sem nunca ter aprendido; com uma naturalidade de causar inveja aos mais sábios autores e aos mais espertos estilistas. Escreve bem sem esforço e diz o que deseja como quer. O que Araripe tomou por má escrita é o próprio modo de ser, pensar e falar do século XVI. Para a avaliarmos em seu justo valor devemos transpor-nos, no tempo e no espaço, até a França de Francisco I e de Henrique IV, e compararmos sua língua com a dos seus grandes compatriotas e mesmo com a dos grandes escritores portugueses dos descobrimentos. Ele é difícil na medida em que é difícil a arquitetura de Miguel Ângelo, com seu pitoresco e seu individualismo. Nada mais representativo, entretanto, dessa época magnífica de audácia do que esse da representatividade. Pois a que aspiram há tantos anos, e por assim dizer sem grandes resultados, os mais atraentes espíritos do modernismo?

Dificuldades existem sem dúvida na tradução de uma obra como a de Jean Léry. E sem falar na terminologia obsoleta, certas formas sintáxicas de difícil acesso aos leitores exclusivos de escritos contemporâneos. Também muitos latinismos estorvam a limpidez da expressão, mas o simples conhecimento do português, do italiano e do espanhol os esclarecem. Há ainda que ter em vista a evolução da língua que emprestou a muitos vocábulos um novo sentido. É preciso saber, por exemplo, que *aimable* não corresponde ao nosso *amável*, mas sim a *digno* de *ser amado;* que *en cet endroit* quer dizer a *esse respeito*

e não *nesse lugar como* seria traduzido normalmente hoje; e ainda que *blé de Turquie* é milho; que *collets fraisés* é *gola de rendas* e não *pescoço enrugado* etc.

A presente tradução comporta além do texto completo (inclusive as preces de Villegagnon), o prefácio de Jean de Léry, a introdução de Paul Gaffarel à edição de 1878 e todas as suas notas com exceção de quatro ou cinco em grego, suprimidas m vista do pequeno interesse que apresentavam e das dificuldades tipográficas. O capítulo em tupi foi entregue à indiscutível competência de Plínio Ayrosa, que o traduziu e sabiamente notou. Inúmeras anotações aduziu também ao texto o ilustre professor da Universidade de São Paulo e algumas informações suplementares foram por mim acrescentadas.[2]

SÉRGIO MILLIET

[2] As notas de Gaffarel não trazem nenhuma Indicação especial. As de Plínio Ayrosa são assinaladas pelas iniciais P. A. As do tradutor por T. Quando duas notas de autores diferentes se seguem em obediência à mesma chamada, observa-se uma separação pelo sinal *** precedendo a segunda. [As notas do transcritor para meio eletrônico estão entre chaves]

NOTICIA BIOGRÁFICA

P. GAPFAREL

Jean de Léry nasceu em La Margelle, nas vizinhanças da abadia de Saint-Seine de Bourgogne[3], no ano de 1534. Nada se sabe de sua primeira infância. Sem dúvida pertencia a uma família de burgueses, talvez mesmo de modestos fidalgos, pois foram estes os primeiros a seguir o movimento da Reforma, na Bourgogne, e os pais de Jean de Léry eram adeptos das novas idéias. Sabe-se com que rapidez se propagaram tais opiniões em nosso país. A França parecia predestinada à Reforma. De há muito Universidade e Parlamento atacavam o despotismo pontifical e reclamavam a criação de uma Igreja Nacional. O rei Francisco I não se pronunciara ainda, mas protegia Rabelais e Marot e permitia que Calvino lhe dedicasse a "Instituição cristã". Sua irmã, Margarida de Navarra e muitos cortesões declaravam-se abertamente pela Reforma; suspeitavam de herege a sua amante, duquesa de Etampes. A nova doutrina propagava-se, pois e se organizava sem embuços. Em verdade a paz não durou muito; mas a perseguição não sustou os progressos da Reforma, principalmente quando, às portas da França, em uma cidade que acabava de conquistar sua liberdade política, Calvino fundou uma espécie de teocracia democrática e apelou para todos os homens de boa vontade. O apelo foi ouvido. Da França, da Itália, da Inglaterra, da Espanha e até da Polônia acorreram inúmeros prosélitos. Genebra tornou-se a cidadela do protestantismo e foi nessa fonte ardente, de fé e eloqüência que ardorosos missionários vieram buscar sua inspiração, a fim de espalhar em seguida, mundo afora, a doutrina e as idéias do mestre.

[3] Departamento de Cote d'Or.

Jean de Léry foi um desses missionários. Adolescente ainda, pois tinha apenas dezoito anos, encontramo-lo em Genebra, nas pegadas de Calvino, seguindo-lhe os cursos de teologia e as prédicas. Senebier,[4] um dos escritores que deixaram acerca da vida de nosso autor alguns pormenores, infelizmente demasiado concisos, refere que Léry já era pastor em 1555.[5] Engana-se, pois com vinte e um anos e em uma cidade como Genebra, Calvino jamais lhe confiara as importantes funções desse cargo. Aliás, Léry, em sua "narração de uma viagem ao Brasil", declara expressamente que os dois pastores encarregados da direção espiritual da expedição de que ele participava se chamavam Richier e Chartier; quanto a ele próprio, nela ingressara "tanto em virtude do grande desejo que Deus lhe dera, já então, de pôr-se a serviço de Sua glória, quanto por se sentir curioso desse mundo novo". Em 1555, portanto, Léry não passava nem podia passar de um estudante de teologia. Preparava-se sem dúvida para consagrar à prédica do novo evangelho o ardor e a fé que dele transbordavam, mas era ainda jovem demais para se tornar um dos acólitos do Reformador.

Calvino deu-lhe, inesperadamente, uma oportunidade para prestar à Reforma um serviço de monta. O Conselho da República acabara de receber da América uma carta de Durand de Villegagnon, cavaleiro de Malta, vice-almirante de Bretanha e fundador de uma colônia francesa na enseada em que se construiria mais tarde o Rio de Janeiro. Depois de ter enchido a Europa e a África com o ruído de seus feitos e de sua exaustiva atividade, valente soldado, hábil marinheiro, engenheiro e diplomata, de acordo com as circunstâncias, tinha esse estranho personagem imaginado a fundação de uma França americana a fim de chamar, como que para um asilo, os seus compatriotas que desejassem gozar da liberdade de consciência, permanecendo, entretanto, fiéis à Metrópole. Afirmaram os escritores protestantes que, exibindo tais documentos de tolerância, Villegagnon procurara tão-somente ludibriar os reformistas; mas dizem os autores católicos que Villegagnon era sincero e desejava realmente conceder liberdade religiosa aos que atendessem ao seu apelo. O fato é que, em parte por vontade de melhor conhecer as novas doutrinas, em parte para

---

[4] Senebier — *Histoire Littéraire de Genéve,* t. II, p. 28.

[5] Segundo Charly Clero, que prefaciou uma recente edição desta obra, Léry não era pastor ao partir para o Brasil, mas sim sapateiro. Embarcou na qualidade de artesão, tendo feito seu curso de Teologia somente depois de regressar à França (T).

aumentar os recursos da colônia com a introdução de colonos livres e inteligentes, o vice-rei da "França Antártica" escreveu[6] diretamente a Calvino, seu antigo condiscípulo na Universidade de Paris, comunicando-lhe seus projetos. Calvino acolheu com carinho a imprevista solicitação. Era-lhe uma satisfação para o amor próprio, e ao mesmo tempo para a consciência, propagar sua doutrina no Novo Mundo por intermédio de um cavaleiro de Malta. Não lhe custou convencer Du Pont de Corguilleray, amigo particular de Coligny, a que conduzisse ao Brasil, apesar de sua idade avançada, a coluna genebrina. Dois pastores, Richier e Chartier, a acompanharam. E com eles se alistaram quatorze genebrinos, entre os quais Jean de Léry, futuro narrador da expedição.

As diversas peripécias da viagem, o acolhimento de Villegagnon, os primeiros trabalhos e as primeiras disputas, as discussões teológicas e as dissensões de toda espécie, as hostilidades declaradas, a partida dos genebrinos... e o martírio de quatro deles, todos esses dramáticos episódios são contados pormenorizadamente na "Narração". Cabe-nos apenas remeter o leitor a essa obra interessante.

Mal desembarcou na França, em fins de 1553, logo voltou Léry para Genebra a fim de completar seus estudos de teologia e receber a imposição das mãos. Embora tivesse aproveitado sua estada no Brasil para colher notas e observações curiosas, não cogitava de publicar a narrativa de sua viagem. A instâncias, porém do advogado João Crespin, também refugiado em Genebra e que preparava então a reimpressão de sua obra famosa: *"História dos mártires perseguidos e mortos em defesa da verdade dos evangelhos, desde a época dos apóstolos até os dias presentes*[7]*"*, Léry redigiu uma narrativa da *"Perseguição dos fiéis nas terras da América"*. Essa descrição é em geral atribuída a Crespin, mas foi na realidade escrita por Léry,[8] como se prova com o trecho seguinte de sua "Viagem ao Brasil": "... a profissão de fé desses três honestos personagens fosse registrada no livro dos que, em nossos dias, foram martirizados em defesa do Evangelho. Por isso entreguei-a nesse mesmo ano de 1558 ao impressor João Crespin, o qual, com a narrativa dos perigos por que passaram para aportar à terra dos selvagens depois de nos deixarem, a inseriu no livro dos mártires".

---

[6] O original desta carta encontra-se na Biblioteca de Genebra. Um anotador anônimo marcou o nome de Villegagnon com as seguintes palavras: *Rex Americae*.

[7] Crespin — *Hístoire des martyrs* — Ed. 1619. Genéve, 1ª parte, pgs. 432-438 — 2ª parte, pgs. 452-457.

[8] Ver capítulo XXII.

Foi a primeira obra de Léry. Tendo recebido o título de burguês de Genebra, a 5 de agosto dê 1560, e sido nomeado ministro, foi enviado para Belleville-sur-Saône, perto de Lyon a fim de exercer suas novas funções. A regente Catarina de Médicis parecia, então, inclinar-se para o protestantismo. Libertava os detentos por motivos religiosos, chamava os exilados, nomeava Condé para o Conselho e permitia ao bispo de Valence "pregar perante o rei sobre quaisquer pontos tão claramente quanto se se achasse em Genebra".[9] Tudo parecia, pois encaminhar-se para uma mudança de religião e o chanceler "de l'Hospital" em seu edito de 1562 concedia aos calvinistas o direito à prática legal de seu culto. Mas fôra-se longe demais, ou melhor, demasiado depressa, no caminho das concessões; a grande massa popular permanecera fiel a suas velhas crenças e o clero ainda conservava sua influência. Por outro lado, os protestantes abusavam do triunfo. Imaginavam que bastaria certa pressão sobre o governo para que este lhes manifestasse seu apoio. A essas imprudentes provocações responderam os católicos com o massacre de Vassy (1° de março de 1562) e assim se iniciou a primeira de nossas oito guerras civis.

Essa primeira guerra devastou todas as nossas províncias, principalmente as do Sul. "Seria impossível dizer-vos", escreve um contemporâneo[10], "quantas crueldades de bárbaros são perpetradas de lado a lado. Onde domina, o *huguenote* destrói todas as imagens, derruba sepulcros e túmulos, mesmo de reis, rouba todos os seus objetos sagrados e pertencentes às Igrejas. Em paga, o católico mata, tortura, afoga todos os que encontra daquela seita; e os rios andam cheios deles". Em Belleville dominavam os protestantes. Sustentados pelo legendário Barão de Adrets, comprazeram-se em devastar e destruir estátuas e igrejas; seu furor iconoclasta não respeitou sequer as recordações patrióticas. Calvino reprovava tais excessos. Há uma carta aos pastores de Lyon em que essas devastações são qualificadas de "zelo inconsiderado". Léry tinha a mesma opinião. Juntamente com seu colega Flavard, esforçou-se seriamente por salvar as igrejas católicas de Belleville, quando as hordas do terrível Barão de Adrets, após ter destruído em Lyon as veneráveis basílicas de Saint-Just e Saint-Irénée e jogado no Ródano as relíquias desse apóstolo da Gália, se apresentaram diante de Belleville a fim de saquear os edifícios consagrados ao culto católico. Léry não conseguiu reprimir-lhe os furores e teve que assistir à destruição das igrejas.

---

[9] Lê Laboreur — *Additions aux mémoires de Castelnau* — T. II. L. II.
[10] Pasquier — *Recherches de Ia France* — T. n, p. 99.

Perdemos de vista Léry por ocasião da horrível desordem que se seguiu à guerra fratricida de 1562. Sabemos, entretanto que voltou a Genebra, sem dúvida depois da assinatura da paz de Amboise (1563). Sinceramente fiel à sua crença, Léry não era um fanático. A pretexto de religião tantos horrores haviam sido perpetrados de lado a lado que ele se encontrava como que enojado de qualquer propaganda. É a esses sentimentos de lassidão e desânimo que devemos sua narrativa de uma viagem ao Brasil. Compôs a obra a instâncias de seus amigos, nos lazeres que lhe outorgou a paz de Amboise; mas não a imprimiu imediatamente. Entregara, com efeito, seu manuscrito a um de seus amigos, o qual o devolveu por intermédio de um criado que se revelou suficientemente desastrado para perdê-lo. Léry viu-se obrigado a refazer a obra de memória, porém uma espécie de fatalidade se obstinava em persegui-la. Perdeu-a pela segunda vez e foi somente em 1576 que voltou à posse do primeiro manuscrito, encontrado em Lyon, e pôde afinal publicar sua narrativa.

Entrementes fora Léry nomeado ministro, primeiramente em Nevers (novembro de 1564), e em seguida em La Charité. Nada sabemos de seu ministério apostólico. Assistiu ao sínodo de Nimes em 1572. Por ocasião da Saint-Barthélemy, achava-se em La Charité, embalado, como todos os seus correligionários, por uma falsa segurança. As cenas odiosas de Paris repetiram-se nas províncias. La Charité não foi poupada. Já em fins de agosto os italianos do Duque de Nevers tomavam de surpresa a cidade e trucidaram vinte e dois protestantes. Léry era uma vítima provável, mas escapou por milagre, com seu colega Pedro Melet, e se refugiou na praça forte de Sancerre. “Para aí” escreveu em sua ‘Narrativa do cerco de Sancerre’, “se haviam retirado os pobres fiéis das cidades vizinhas de Bourges, La Charité, Gien, Orléans e outras, depois de escapar dos dentes dos lobos como pobres ovelhas, a fim de evitarem a fúria dos que, sem nenhum respeito, satisfaziam seus ódios mais do que bárbaros”. Sancerre era então uma imponente cidadela. Seus habitantes, devotados à Reforma, acolheram com solicitude os fugitivos e prepararam-se para resistir até suas últimas forças às tropas católicas. Os burgueses ricos ter-se-iam de bom grado submetido; tentaram mesmo entregar o castelo ao governador de Berry, mas os operários, os vinhateiros e os fugitivos expulsaram os traidores e colocaram-se abertamente em estado de insurreição. O marechal de La Chastre, à testa de alguns milhares de homens foi encarregado de apossar-se da pequena cidade cuja resistência podia tornar-se contagiosa e se apresentava como um lugar de reunião para os protestantes do Centro. Atacou-a

furiosamente e tentou vários assaltos que foram rechaçados. Léry encorajava os assediados e dava exemplo de firmeza. Mais de uma vez sua experiência lhes foi útil. Ensinou-lhes a usarem, no corpo de guarda, as redes brasileiras nas quais podiam repousar sem abandonar suas armas. O marechal viu-se forçado a transformar o assalto em bloqueio e aguardar o resultado favorável com o esgotamento dos sancerrenses. Com efeito, logo a fome se manifestou, e Léry que, por ocasião de seu regresso do Brasil, sofrera os horrores desse flagelo, procurou conjurar o mal. Ensinou aos defensores a atenuar os efeitos da penúria alimentar mediante o cozimento do couro de seus calçados. Mas todos os seus esforços verificaram-se inúteis; foi necessário capitular. As condições em que isso se deu foram, porém, honrosas. O Marechal exigiu o desmantelamento da praça forte e uma indenização de 40.000 libras para seus soldados; em compensação garantiu aos homens suas vidas e bens, às mulheres sua honra e a todos a liberdade de consciência. Assim se fez e todos os refugiados puderam voltar tranqüilamente a seus domicílios. Léry teve mesmo a honra de uma escolta. "O Marechal ordenou ao capitão Fontaine[11] que me conduzisse unicamente até ao ponto por mim escolhido e lhe trouxesse de volta a notícia da missão cumprida. Em conseqüência, no dia seguinte pela manhã, o aludido capitão nos levou com todas as garantias a Blet,[12] lugar que eu escolhera para me retirar, em região sob a jurisdição do sr. de la Chastre".

Foi esse o último ato da vida militante de Léry. Retirou-se em seguida para Genebra, junto do filho do almirante Gaspar de Coligny, e, enquanto fiscalizava a reimpressão das inúmeras edições e traduções de seu livro, escreveu a interessante e dramática "Narrativa do cerco de Sancerre".[13] Não voltou, ao que se acredita, à França, mesmo depois do "Edito de Nantes", mas, de coração, permaneceu ligado a suas antigas ovelhas, pois, em 1577, durante a sétima guerra religiosa, ao apossar-se o duque de Anjou da cidade de La Charité, parece que escreveu, sob anonimato, o "Discurso acerca do sítio de La Charité em 1577".[14]

---

[11] Léry — Relation du siége de Sancerre, § 13.

[12] Cantão de Nérondes, Saint Amand — no Cher.

[13] Intitula-se: *"Histoire mémorable de Ia ville de Sancerre, cantenant lês entrepríses, siége, approch.es, bateries et autres efforts des assiégeants; lê catalogue des* morta *et blessés, lê tout fiáèlement receuibll sur lê bien, par J. de Léry, 1574.* In-8 pequeno, 253 pgs." Reimpresso fragmentariamente mas com grande número de erros nos *"Archives curíeuses del'Histoire de France"* por Cimber e Danjoy.
Nova edição em 1842. Bourges, Vermell, in-8, 170 pgs.
Tradução latina: "De sacho Caesaris, guod Sancerrum vocant, obsidione, fame, ditione historia. Heidebergae, 1576, in-8 pequeno, 30 pgs. Apud Joamiem Mares-challum.

[14] *Discours du siège tenu devant La Charité l'an 1577.* Paris. De Lastre, 1577 — Orléans, Hotot, 1577, in-8

As iniciais J. D. L. do fidalgo francês que assina a obra podem muito bem ser de Jean de Léry, ex-ministro de La Charité, que se apiedava das desgraças dos que antes tentara guiar no caminho da salvação.

Berna foi a última residência de Jean de Léry. Aí morreu em 1611.[15]

pequeno.

[15] Para a biografia de Léry, consultar: Paillon, *Bibliothèque des auteurs de Bourgogne*; Le Père Lelong, *Bibliothèque historique de Ia France;* Bayle, Dicionário, art. Léry; Seuebier, *Histoire Littéraire de Genéve;* Haag, *La France protestante,* ar. Léry; Poupard: *Histoire de Sancerre;* Barbier, *Dictionnaire des anonymes;* Duverdier et Lacroix du Maine, *Galerie bourguignonne.*

NOTA BIBLIOGRÁFICA

P. GAPFAREL

A primeira edição do livro que reimprimimos traz o título seguinte: *"Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulos no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar por Jean de Léry, natural de La Margelle, Saint-Seine, ducado de Bourgogne.* La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578 — l vol. in 8° com gravuras sobre madeira, uma das quais repetida.

Ternaux, em seu *Catálogo de obras sobre a América*, cita uma edição impressa em Rouen no mesmo ano e em idêntico formato. Tudo leva a crer se trate da mesma obra com indicação diferente de lugar.

A segunda edição tem o mesmo título, mas com as seguintes palavras a mais: *Revista, corrigida e bem aumentada nesta segunda edição, tanto em relação às gravuras como a outras coisas notáveis acerca do autor.* Foi impressa em Genebra em 1580, por Antoine Chuppin. É um volume in 8° pequeno, compreendendo um prefácio de 15 folhas não numeradas e 382 páginas com 8 pranchas, uma das quais repetida, além de um índice de 7 folhas não numeradas. Certos exemplares não trazem indicação de lugar, o que permite supor a existência de pelo menos duas tiragens. A obra de Jean de Léry é seguida em geral do "Breve discurso e história de uma viagem de alguns franceses à Flórida" etc., por Urbain Chaouveton, opúsculo de 104 págs., numeradas separadamente. Tal adição ao Léry não é

simples capricho de colecionador; encontra-se em quase todos os exemplares de 1580 com indicação de *Genebra.* Esta segunda edição é que nos serviu para a reimpressão, mas tivemos o cuidado de anotar oportunamente as adições e correções. É ela muito preferível à precedente. E o impressor Chuppin disso adverte o leitor, cuidadosa e ingenuamente: "Tanto mais quanto o autor desta história não somente a ampliou em vários pontos e a enriqueceu com detalhes muito notáveis e dignos de registro, e, conforme promessa feita no prefácio, adornou e embelezou com gravuras esta segunda edição, mas ainda a reviu tão cuidadosamente e corrigiu, e esclareceu tão bem a matéria tratada nestas páginas, que o conjunto... parecerá uma nova história. Foi minha intenção avisar os que já viram a primeira, e não sabem ainda o que esta contém, que nela encontrarão muito maior satisfação que na precedente".

Foi provavelmente por esta edição que se fez a terceira, de Genebra. Antoine Chuppin, 1585. In-8° pequeno com gravuras. 34 folhas preliminares, 427 páginas e mais 8 folhas para o índice e errata.

O mesmo diremos da quarta edição, de 1594. Genebra. Herdeiros de Eustáquio Vignon. In-8.° pequeno, 22 folhas preliminares, 382 páginas de texto e 6 folhas para o índice.

A quinta edição é de 1599. Herdeiros de Eustáquio Vignon. In-8° pequeno de 36 folhas preliminares e 478 páginas. Reproduz a precedente mas é dedicada à princesa de Orange. Comparando-a com a segunda edição, verifica-se que se acrescentou ima nota do autor, o prefácio foi retocado e o índice suprimido.

A sexta edição é de 1600 e reproduz exatamente a precedente.

A sétima edição seria de 1677 segundo Mnsel, *Biblioteca histórica* (t. III, parte II, p. 50).[16]

Edições posteriores, se é que existem, escaparam às nossas pesquisas. Parece-me que, a partir de 1677, se contentaram com reproduzir trechos da obra de Léry. Assim é que encontra-nos fragmentos dela no tomo IV da coleção de Purchas, *Pilgrims containing a history of the world in sea voyages and land travels by Englishmen and others,* e na coleção

[16] Garraux, A. L. (Bibliographie brésilienne. Catalogue des ouvrages trançais et latina relatifs au Brésil — 1500/1898) refere-se a uma edição de 1611, de Jean Vignon, Genéve.
Victorrica, Ricardo (Errores y omisiones de una seudo bibliografia guarani, Buenos Aires, 1934) faz considerações Interessantes sobre as várias edições da obra de Léry. (P.A.).

intitulada *Histoire des Naufrages.*

A *Narrativa* de Léry foi traduzida várias vezes para o latim. A primeira edição data de 1586. *Historia navigationis in Brasilian quae et America dicitur, Genevae*, etc. E. Vignon. 1586. In-8° pequeno, com gravuras. A segunda foi impressa em 1594, ainda em Genebra, e dessa feita pelos herdeiros de Eustáquio Vignon. Apresenta algumas diferenças insignificantes no título. Encontramos ainda menção de duas outras edições, que não conseguimos obter, em 1600 e 1642. A tradução latina mais conhecida foi incluída na famosa coleção dos *Granas et petits voyages*, de Teodoro de Bry. Francfort, 1592 — 3° vol. Eis o título: *Navigatio in Brasilian Americae, quae auctoris navigatio, quae memoriae prodenda in mari viderit, Brasiliensum victus et mores a nostris valde aliem, animalia etiam, arbores, herbae, et relíquia singularia a nostris penitus incógnita describuntur: adiectus insuper dialogus, eorum língua conscriptus; a loanne Lerio Borgundo Gallice primum scripta, deinde latinitate donata. Variic autem figuris illustrada per Theodorum de Bry. Francofurti Venales repeiuntur in officina Theodori de Bry.* Esta tradução é não raro uma simples paráfrase; omite tudo o que diz respeito diretamente a Villegagnon e à colônia francesa e só se ocupa de generalidades. E sempre que o autor anônimo dessa tradução acha jeito de dissertar a propósito de tal ou qual trecho dos autores antigos que se aproxime de Léry, não perde a oportunidade de exibir sua pesada e pedante erudição. São os processos da ciência alemã que já se revelam.

Não conhecemos outra tradução da obra de Léry, ou melhor, não encontramos outra em nossas pesquisas nas bibliotecas de Paris e da Província.

A nova edição que apresentamos ao público é a reprodução integral da segunda; mas tivemos o cuidado de assinalar as principais diferenças observadas nas demais edições. Com notas históricas e geográficas, e pela comparação com os autores mais importantes que trataram do Brasil, em especial os contemporâneos de Léry, procuramos completar e explicar a interessante narrativa daquele a quem apelidaram, com espírito e razão, o *Montaigne* dos viajantes.

DEDICATÓRIA DE JEAN DE LÉRY

Ao ilustre e poderoso senhor conde Francisco de Coligny,[17] senhor de Chatillon, governador por graça dei rei, da cidade de Montpellier etc.

Senhor, levado pelo reconhecimento que devo à memória daquele[18] por intermédio de quem Deus me permitiu ver as coisas com que escrevi a presente narrativa, tendo vós a ele sucedido, justo me parece ter a audácia agora de vo-la apresentar. Como minha intenção é a de perpetuar aqui a lembrança de uma viagem feita expressamente à América para estabelecer o verdadeiro serviço de Deus, entre os franceses que para aí se haviam retirado como entre os selvagens que habitam esses países, estimei de meu dever levar à posteridade o nome daquele que foi a causa e o motivo da expedição. Em verdade, considerando que não houve em toda a antiguidade um chefe francês e cristão que estendesse o reino de Jesus Cristo, rei dos reis e senhor dos senhores, e os limites de seu príncipe soberano a país tão longínquo, ninguém poderá exaltar demasiado uma tão santa e realmente heróica empresa. Pois embora digam alguns, em vista do pouco tempo que tais coisas duraram, e de não haver no momento nesse país nenhuma religião verdadeira levada pelos franceses, que merece o fato pouca importância, afirmo o contrário e sustento que, assim como o evangelho do filho de Deus foi de nossos dias pregado nessa quarta parte do mundo chamada América, se o empreendimento tivesse continuado tão bem quanto começou tanto o reino espiritual como o temporal aí se achariam enraizados em nossa época e mais de dez mil súditos da nação francesa aí estariam agora em plena e segura posse, para nosso rei,[19]

---

[17] Francisco de Coligny, filho do almirante Gaspar de Coligny, nascido a 28 de abril de 1557 e falecido em 1591. Tendo escapado ao massacre da "Saint Barthélemy", refugiou-se primeiramente em Genebra e em seguida em Basel. Voltou mais tarde à França e tornou-se um dos principais membros do partido dos políticos. Aderiu finalmente a Henrique IV que lhe recompensou a fidelidade com o cargo de governador de Bovergue e os lugares rendosos de coronel general de Infantaria e almirante de Guiana. *** O partido dos políticos visava a um acordo entre as duas religiões, mediante concessões mútuas. Afirma-se que Villegagnon era partidário dessa política que tinha também seus adeptos de Importância entre os católicos chefiados pelo Cardeal de Lorena (T.).

[18] Almirante Gaspar de Coligny.

[19] Mais de uma vez voltará Léry a lazer essa afirmação. Cf. Capítulo XXI. Com ele concordam, aliás, os próprios escritores brasileiros. Cf. Varnhagen, História Geral do Brasil, T. L, p. 230 (T.).

daquilo que espanhóis e portugueses deram aos seus.

Assim como não se deve imputar aos apóstolos a destruição das igrejas que eles construíram, nem a ruína do Império Romano aos bravos guerreiros que lhe conquistaram tantas belas províncias, somente louvados merecem ser os que assentaram os primeiros alicerces das coisas que eu refiro em relação à América. Deve-se atribuir o erro e a descontinuidade a Villegagnon[20] e àqueles que com ele (contrariamente ao que fizeram de início e ao que haviam prometido) em lugar de continuar a obra abandonaram a fortaleza que havíamos construído, e o país que a chamáramos França Antártica, aos portugueses, os quais nele se adaptaram muito bem. Assim nunca deixarão de compreender o grande valor do senhor Gaspar de Coligny, almirante de França e vosso muito virtuoso pai, que executou a empresa por intermédio daqueles que enviou para a América e que além de entregar novas terras à coroa de França mostrou ainda seu zelo para que fosse o evangelho não somente pregado em todo o reino, mas ainda em todo o mundo.

Eis por que, senhor, considerando-vos representante da pessoa desse excelente senhor, a quem deve a pátria tantas ações generosas, publiquei este meu trabalho sob os vossos auspícios. Por isso a vós é que terá de prestar contas Thévet[21] por ter, de um modo geral e na medida de suas forças, condenado e caluniado a causa pela qual fizemos essa viagem à América e ainda por, ao falar do almirantado de França, na sua Cosmografia, ter ousado denegrir o nome venerado por todos os homens de bem de quem foi o promotor da viagem.[22]

Por outro lado, senhor, vossa confiança e magnanimidade na defesa das igrejas reformadas deste reino, mostrando diariamente que seguis com felicidade as pegadas daquele que sustentando essa mesma causa lhe deu até o próprio sangue: a gratidão que conservo pelo acolhimento honesto e bom que me proporcionastes na cidade de Berna para onde me dirigi após libertar-me do cerco de Sancerre; levaram-me a procurar a vossa proteção.[23] Bem sei,

---

[20] Nicolau Durand de Villegagnon, comandante em chefe da expedição francesa ao Brasil. Abundam as informações acerca da vida desse capitão aventureiro, mas acham-se todas disseminadas. Nós as indicaremos oportunamente nestas notas. V. Gaffarel, *Histoire du Brésil Français ou XVI eme siècle.*

[21] Thévet, de Angoulême, cosmógrafo do rei Henrique II, companheiro de Villegagnon no Brasil e seu ardoroso defensor contra o partido protestante. Escreveu duas obras: *Singularités de Ia France Antarctique* em 1558, e *Cosmographie Universelle,* em 1575, a que nos referiremos mais de uma vez. Em ambas não cessa de invectivar a História da viagem ao Brasil, de Léry.

[22] Thévet, *Cosmographie Universelle,* p. 638.

[23] Léry ficou sitiado em Sancerre, sofrendo os horrores da fome, de 13 de fevereiro a 14 de agosto de 1573.

entretanto, que embora o assunto dessa história seja de ordem a lhe suscitar a vontade de ouvi-la, e que nela haja coisas que lhe possam dar prazer em relação à linguagem, rude e mal polida, não devia apresentá-la a um senhor cujos ouvidos estão habituados desde a infância à mais bela literatura. Mas, convencido de que vossa natural bondade, ante a minha afeição, o levaria a suportar esse defeito, não fugi de oferecê-la e dedicá-la, tanto à santa memória do pai quanto para testemunhar o meu desejo de continuar humildemente a servir os filhos. Rogo a Deus, senhor, que vos tenha em sua santa proteção, vos abençoe e faça prosperar sempre mais vossas virtudes e generosas ações, juntamente com os senhores vossos irmãos e com madame de Teligny[24] vossa irmã, ramos e frutos dignos do tronco de que saíram.

25 de dezembro de 1577.

Vosso muito humilde e afetuoso servidor,

J. DE LÉRY

Cf. sua Histoire mémorable *de Ia ville de Sancerre* etc. 1574.

[24] Luísa de Coligny, filha do almirante Gaspar, desposara em 1571 Charles de Teligny, fidalgo protestante, que, segundo Brantôme, brilhou entre os mais belos espíritos da época. Trucidado na Saint-Barthélemy, casou a viúva com Guilherme de Nassau, príncipe de Orange.

PREFÁCIO

DE

JEAN DE LÉRY

Como poderiam espantar-se de que somente dezoito anos após minha viagem à América tenha eu resolvido publicar esta narrativa, pareceu-me útil dizer das causas desse atraso. De volta à França não tinha eu a intenção de tornar públicas as memórias que escrevera, em grande parte com tinta do Brasil, e ainda na América, nem as coisas notáveis que observara, mas de bom grado as contava pormenorizadamente aos que me inquiriam. Tendo, porém, algumas das pessoas com as quais mantinha relações julgado que tais coisas eram dignas de ser preservadas do esquecimento, acedi em redigi-las e já em 1563[25] entregava eu, ao deixar a cidade em que me encontrava, uma assaz ampla narrativa a um de meus amigos; mas aconteceu que as pessoas a quem este remeteu o manuscrito, para que me fosse devolvido, o perderam às portas de Lyon e não foi mais possível encontrá-lo. Em vista disso, com a ajuda dos rascunhos que fui solicitar ao copista, reconstituí o manuscrito, à exceção do colóquio em língua selvagem do capítulo XX, de que não existia senão um exemplar. Mas ao terminar essa nova redação, estando eu em La Charité[26] sur Loire, vi-me forçado a fugir às desordens aí provocadas contra os da Religião e a refugiar-me em Sancerre. Depois de

[25] Em 1563 já se encontrava Léry em Genebra desde a paz de 1562. Só voltou para a França em 1564, época em que serviu na Igreja protestante de Nevers.
[26] Léry se encontrava nessa cidade em 1572. Por ocasião da Saint-Barthélemy 22 fiéis de sua Igreja foram trucidados a seu lado. Ele conseguiu escapar, encontrando refúgio em Sancerre.

minha partida tudo foi pilhado e, essa segunda cópia de minha narrativa perdida também. Ao relatar, porém a um nobre fidalgo o primeiro incidente e o nome da pessoa a quem eu entregara o manuscrito, de tal modo se interessou ele por encontrá-lo que finalmente o achou no ano passado (1576) e mo devolveu. Eis por que o que escrevi sobre a América, tendo-me sempre fugido das mãos, não pôde ser publicado antes.

Na realidade havia ainda uma razão para isso: o fato de não me sentir à altura de usar a pena, embora ao chegar do Brasil, em 1558, fosse publicado o livro intitulado "Singularidades da América" redigido pelo Sr. De la Porte[27] de acordo com as narrações e memórias de André Thévet, e que, como bem observa o Sr. Fumée,[28] em seu prefácio à "História Geral das índias", se apresenta prenhe de mentiras. E teria eu conservado o silêncio se o dito autor se houvesse contentado com essa série de erros. Mas, ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da "Cosmografia" de Thévet, que ele somente repetia suas mentiras e ampliava seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivéssemos enterrados ou não ousássemos contradizê-lo), mas ainda se valia da oportunidade para detrair dos ministros e imputar mil crimes aos que como eu os acompanharam[29] em 1566 à terra do Brasil, com digressões falsas e injuriosas, vi-me constrangido a dar à luz o relato de nossa viagem... E antes de mais nada, a fim de que não se imagine tenha o meu ressentimento motivos de somenos, aqui transcreverei as calúnias contra nós assacadas no tomo segundo dessa *Cosmografia*, livro 21 cap. 2, fl. 908.

“Esquecia-me de dizer-vos”, escreve Thévet, “que pouco antes houvera sedição entre os franceses, provocada pela dissensão e parcialidade de quatro ministros de nossa religião, que Calvino enviara a fim de implantar seu sangrento Evangelho, e entre os quais o principal se chamava Richier e fora carmelita e Doutor em Paris, anos antes de sua viagem. Esses pregadores gentios, pensando apenas em enriquecer-se e apossar-se do que lhes fosse possível, organizaram associações secretas responsáveis pela morte dos nossos. Mas tendo em parte esses sediciosos sido presos e executados e jogados os seus corpos aos peixes, fugiram os outros, entre os quais o dito Richier, que, pouco depois, foi ser ministro em La

[27] Alusão ao prefácio das Singularités de la France Antarctique (edição de 1878) em que Thévet confessa ter sido sua obra entregue a Ambroise de la Porte "homem estudioso e conhecedor da língua francesa".
[28] Fumée (Martin) tradutor da obra de Gomara, Historia General de Ias índias Ocidentales e terras nuevas. Paris, 1578. In-8 (Edição francesa).
[29] O trecho confirma a afirmação de Charly Clerc de que Léry não veio para o Brasil como pastor (T.).

Rochelle, onde imagino que ainda se encontre. Os selvagens, irritados com a tragédia, por pouco deixaram de nos atacar e matar os que restavam".

São essas as palavras de Thévet e eu chamo para elas a atenção do leitor. Pois assim como não nos viu na América, nem nós o vimos tampouco, nem esteve ele igualmente em perigo de vida durante a nossa estada no país, vou demonstrar que foi um refinado mentiroso e um imprudente caluniador. E para que não possa alegar, em última defesa, que suas palavras não se referem a fatos ocorridos durante a sua estada no Brasil, mas posteriores a ela, pergunto que sentido pode ter a expressão usada, a saber: "Os selvagens irritados, por pouco deixaram de nos atacar e de matar os restantes". Com esse "nós" pretende indubitavelmente que estava entre os atacados e correu perigo com eles, mas para que não tergiverse ainda procurando fazer crer que não foi sua intenção sugerir ter visto os ministros aludidos, transcrevemos mais este trecho: "Aliás, se eu tivesse permanecido mais tempo nesse país,[30] teria tentado conquistar as almas transviadas desse pobre povo, em vez de cavar o solo para procurar as riquezas que a natureza nele escondeu. Mas, não só por não estar ainda muito versado na língua dos habitantes como por terem os ministros mandados por Calvino a fim de ensinar o novo Evangelho iniciado a empresa, invejosos de minha deliberação, abandonei o meu intento".

Se esse bom católico romano segundo S. Francisco, a cuja confraria pertence, não encontrar outra prova de seu desprendimento do mundo senão a de ter desprezado as riquezas escondidas na terra do Brasil, nem puder alegar outro milagre a não ser o da conversão dos selvagens da América, cujas almas desejara conquistar se não lho impedissem os ministros protestantes, ver-se-á em grande perigo, quando eu houver evidenciado a inanidade das alegações, de não ser depois da morte canonizado e colocado no calendário pontifical como Santo Thévet. A fim de provar que tudo o que diz não passa de palanfrório e sem sequer considerar se viu ele os ministros do Brasil e muito menos ainda os crimes alegados na sua Cosmografia,[31] impressa cerca de dezessete anos mais tarde, vemos pelo que afirma ele próprio em sua obra "Singularidades da América" que chegou a Cabo Frio a 10 de novembro de 1555 e quatro dias após ao rio Guanabara, na América, de onde regressou para a França a 31 de janeiro seguinte. Ora, como o mostrarei nesta narrativa, nós só

[30] *Cosmographie Universelle,* p. 925.
[31] *Singularités de Ia France Antarctique*, caps. XXIV, XXV, LX.

chegamos ao forte de Coligny, no mesmo rio, em princípios de março de 1557. Há treze meses, portanto, já aí não se encontrando, como pôde Thévet ser bastante ousado para escrever que nos viu?[32]

Para convencê-lo do contrário não lhe bastavam as duas mil milhas que nos separam dele, há muito em Paris? Bastavam, mas o que ele queria era mentir cosmograficamente,[33] isto é, para todo o mundo. E provado esse primeiro ponto já não mereceria crédito o resto do que afirma. Todavia a fim de responder desde já a quaisquer réplicas que possa inventar com referência à sedição a que alude, direi logo que nunca houve semelhante coisa, nem assassínio de nenhum francês, durante a nossa estada no forte de Coligny. E se Thévet quisesse ainda contestar-nos e repetir que houve contra ele uma conjuração entre a gente de Villegagnon e no-la imputar, para demonstrar que ela ocorreu antes de chegarmos e assim nos defendermos, recorrerei ao próprio testemunho de Villegagnon. E embora a carta em latim, enviada por Villegagnon a Calvino, em resposta à que entregamos da parte deste, tenha sido traduzida e impressa há muito tempo; e o original, escrito com tinta do Brasil, e que faz fé, esteja em boas mãos; como ela serve duplamente a meus fins, que são refutar o Sr. Thévet e mostrar sobejamente qual a religião que Villegagnon fingia adotar, inseri-a aqui textualmente.

"*De Coligny, França Antártica, 31 de março de 1557.*

Acredito que não seja possível exprimir com palavras quanto me alegram suas cartas[34] *e os irmãos que com elas vieram. Encontraram-me eles em tal estado que me via obrigado a desempenhar as funções de magistrado e mesmo as de ministro da Igreja, o que me pusera em grande angústia, pois o exemplo do rei Ozias*[35] *me desviava de um tal gênero de vida. Mas não tinha eu outra solução, pois*

[32] A Julgar por certo trecho de sua "Histoire", manuscrita, de duas viagens feitas às índias Austrais e Ocidentais (Bibliotheque Nationale, fonds Saint Germain, franceses, nº 656) não mentia Thévet. "Posteriormente a 1555 fiz outra viagem e acompanhei o senhor de Villegagnon com o qual permaneci durante alguns anos. Bem sei que esse mentiroso Léry imaginou ter eu voltado à França no mesmo ano de minha partida... Advertido, entretanto por alguns amigos meus do erro cometido na segunda edição impressa em Genebra, negou-a a fim de Justificar-se".

[33] Trocadilho de Léry, pois Thévet escreveu, como já foi dito uma cosmografia Universal" (T.).

[34] Trata-se de uma carta entregue por Calvino a Corguilleray, para ser levada a Villegagnon. V. Cap. I.

[35] Livro dos Reis — 4, § 17. [“Uzias” - 2 Crônicas 26.18ss].

temia que os artesãos que eu contratara e para cá trouxera[36] *se deixassem contaminar pelos vícios do gentio; ou que, em não encontrando oportunidade de praticar a religião caíssem em apostasia; e esse temor findou com a chegada dos irmãos. Por outro lado devo realçar ainda a vantagem que terei doravante, ao empreender qualquer ação ou correr qualquer perigo, na existência de pessoas suscetíveis de me trazerem seu auxílio e seus conselhos, e que até agora não tivera por causa do perigo a que sentia estarmos expostos. Pois os irmãos que vieram de França comigo, desanimados com as dificuldades encontradas, partiram para o Egito, cada qual com melhor desculpa. Os que ficaram não passavam de pobres diabos mercenários e doentes e suas condições eram tais que antes devia eu temê-los*[37] *a pensar em qualquer ajutório de valia. E a causa disso tudo está em que, desde a nossa chegada tantos obstáculos e contrariedades surgiram que eu não sabia que decisão tomar nem por que lado começar.*

O país era totalmente deserto e inculto. Não havia nem casas nem tetos nem quaisquer acomodações de campanha. Ao contrário, havia gente arisca e selvagem, sem nenhuma cortesia nem humanidade, muito diferente de nós em seus costumes e instrução; sem religião, nem conhecimento algum da honestidade ou da virtude, do justo, e do injusto, a ponto de me vir à mente a idéia de termos caído entre animais com figura de homens. Fazia-se necessário prover a tudo com toda diligência e tudo resolver enquanto nossos navios aparelhavam para o regresso, de modo que, invejosos do que havíamos trazido, não nos surpreendessem os selvagens e nos matassem.

Mas havia principalmente a vizinhança dos portugueses[38] *que não tendo conseguido conservar sua possessão não podem admitir que nela estejamos e nos dedicam ódio mortal. E tudo isso se apresentava como um problema a ser resolvido em conjunto: fazia-se mister escolher um lugar para*

---

[36] *Mémoires*, de Claude Haton, edição Bourquelot, p. 37. Esses voluntários eram muitos, pois "alguns por curiosidade aí foram ter, porém em número menor do que desejara aquele senhor. Por isso recorreu ele ao Rei, dando-lhe a entender que, para ter êxito a empresa, bom seria que S. M. enviasse criminosos das prisões de Paris, Rouen e outras cidades, quaisquer que fossem, a fim de levá-los consigo"

[37] Idem, idem. "Com autorização do Rei foi ter o dito homem às prisões de Paris, a fim de escolher entre os presos os que lhe pudessem servir e não estivessem velhos demais... e requisitou assim do Juiz que lhe entregasse os condenados à morte".

[38] Acerca do ódio dos portugueses ver: Relatório de Marino Giustiniano, embaixador de Veneza em Paris, em 1535 (Ed. Tommaseo, I, p. 87).
"Sabe-se que nas índias pertencentes ao rei de Portugal *ex veteri occupatione*, não deseja este rivais, nem mesmo que as costas sejam visitadas por súditos de potências estrangeiras. Os normandos, bretões e picardenses que estiveram no Brasil foram muito hostilizados, o que deu margem a amargas representações da França contra Portugal. *Non sol vuol avere Ia superiorítá, ma non miol qu'alcun altr''uomo, sia chi si voglia, vada aquelli luoghi...";* — Seleta de Ramusio "Navigazioni de un gran capitano del mare francese, etc.:" "os portugueses querem fechar aos franceses o comércio com o Brasil, a Guiné e a Taprobana. E embora aquele povo seja o menor do globo, este não parece suficientemente grande para satisfazer sua cobiça". Cf. Thévet. *Cosmographie Universelle*, p. 909.

defender-nos, proceder à derrubada e à terraplenagem; carregar para aí provisões e munições, construir fortes, residências e abrigos para as nossas bagagens; juntar material nas cercanias e transportá-lo por homens, na falta de animais de carga, ao alto de uma colina entre encostas íngremes e florestas de difícil acesso. E não costumando os naturais do país cultivar a terra metodicamente, era-nos necessário ir buscar muito longe e em lugares diversos os víveres de que carecíamos em conseqüência do que o nosso grupo, já pequeno, se subdividia e diminuía. Em vista de tais dificuldades, os amigos que me haviam acompanhado arrepiaram carreira por considerarem a situação desesperada e eu também me senti impressionado. Mas, por outro lado, tendo afirmado que partira de França a fim de empregar todos os meus esforços no incremento do reino de Jesus Cristo, pareceu-me que daria aos homens motivos para me denegrirem e censurarem se me desviasse de meus fins por temor ao trabalho e ao perigo; e como se tratava de uma ação em prol de Cristo, tinha a convicção de que ele me assistiria afinal e tudo terminaria bem. Recobrei ânimo, portanto, e me devotei inteiramente a levar a cabo a causa que com tanto amor eu empreendera e na qual desejava empregar a vida. E pareceu-me que só o conseguiria afastando do convívio do gentio os artesãos que comigo trouxera. E refletindo sobre isso compreendi que não fora sem audiência de Deus que nos metêramos nesses negócios e tudo ocorria em virtude de nos levar o ócio a dar rédeas aos nossos desordenados apetites. E me veio também ao espírito que não há nada, por mais dificultoso, que não possa ser sobrepujado com vontade e decisão; era preciso, portanto ter paciência, firmeza e caráter, exercitar os meus companheiros num trabalho contínuo, e Deus não tardaria em proteger tais esforços e dedicação.

Por isso nos transportamos para uma ilha situada a duas léguas mais ou menos da terra firme e aí nos estabelecemos de modo que impossibilitados de fugir, ficassem os nossos homens no caminho do dever. E como as mulheres só vinham a nós com seus maridos, a oportunidade de pecar contra a castidade se achava afastada.[39] *Mas aconteceu que vinte e seis mercenários, incitados pela sua cupidez carnal, contra mim conspiraram, sendo-me entretanto o fato revelado no dia em que eu ia ser trucidado e no próprio momento em que a mim se dirigiam os conspiradores. Evitamos a realização de seus intentos mandando eu ao seu encontro cinco criados armados,*[40] *o que os atemorizou a ponto de se tornar fácil desarmar e prender quatro dos principais chefes, fugindo os outros a se esconder depois de abandonarem as armas. Libertamos um deles de suas correntes, no dia seguinte, a fim de que pudesse melhor defender sua causa, mas ao ver-se livre deitou a correr e*

[39] Essa conspirata é relatada pormenorizadamente por Crespin, *"Histoire des Martyrs"*, p. 434 e por N. Barre em suas cartas insertas na coleção de Bry (Americae descriptis, § 3, p. 285-295).
[40] Eram escoceses da guarda pessoal de Villegagnon.

jogou-se ao mar, afogando-se. Os que restavam, se trouxeram para ser examinados, presos como estavam, e de bom grado declararam sem necessidade de torturas, o que nós já ouvíramos do denunciante. Um deles, tendo sido pouco antes castigado por mim, por ter tido relações com uma prostituta, mostrou-se de muito mau humor e confessou que o começo da conjuração viera dele; que aliciara por meio de presentes o pai da prostituta, a fim de que a tirasse de meu poder se eu tentasse proibir-lhe a coabitação com ela. Esse foi enforcado por tal crime; aos outros dois demos perdão, mas de tal sorte que ainda em cadeias lavram a terra; quanto aos demais, não tenho querido informar-me de seus crimes, para me não ver obrigado a fazer rigorosa justiça, se forem conhecidos e averiguados, pois se assim acontecesse ficaríamos sem poder acabar a empresa começada. Por isso, dissimulando o meu descontentamento, perdoei a todos e a todos animei, verificando que me não é preciso muito para conhecer pelas ações e travessuras de cada um o que tem no coração. Dessarte não poupando a qualquer, antes fazendo-os pessoalmente trabalhar, não só trancamos o caminho a seus maus desígnios, mas ainda, dentro de pouco tempo, teremos fortificado toda a nossa ilha. Todavia, segundo a capacidade do meu espírito, eu não cessava de os admoestar, arredando-os dos vícios e os instruindo na Religião Cristã, bem como mandando rezarem-se preces de manhã e à noite. E com o cumprimento desse dever e as devidas cautelas, passamos o resto do ano no maior repouso.

Ficamos enfim livres de um tal cuidado à chegada de nossos navios, porque neles deparei com personagens, de quem nada tenho a temer, e considero segura a minha vida. Com este meio escolhi 19 de toda a colônia, aos quais confiei o poder e autoridade de comandar, de modo que de hoje em diante nada se faz que não seja por deliberação do conselho, tanto que se eu ordenasse alguma coisa em prejuízo de alguém, essa ordem seria sem efeito e sem valor, se não autorizada e ratificada pelo conselho. Contudo reservei para mim um ponto, o qual é, que dada qualquer sentença, seja-me permitido agraciar ao malfeitor, e possa assim eu ser útil a todos sem prejudicar a ninguém.

Eis aqui os meios pelos quais tenho deliberado conservar e defender o nosso estado e dignidade.[41] *Nosso Senhor Jesus Cristo queira preservar-vos de todo o mal, e a vossos companheiros; fortificar-vos por seu espírito, e prolongar a vossa vida por tanto tempo quanto necessário à obra de sua Igreja. Eu vos peço que afetuosamente saudeis de minha parte os meus caríssimos Irmãos e fiéis Cephas e de la Fleche — E em escrevendo à nossa senhora Mme. Renée de France,*[42] *vos solicitarei saudá-la muito humildemente de minha parte.*"

---

[41] Seria esse modo de expressar-se, de Villegagnon, uma afirmação de" protestantismo, como insinuam seus inimigos?

Encontra-se ainda no final desta carta de Villegagnon um parágrafo de seu próprio punho; entretanto como a ele vou referir-me no sexto capítulo desta narrativa deixo de transcrevê-lo por ora, a fim de evitar repetições. Como quer que seja, por esse relato de Villegagnon verifica-se que, contrariamente às ridículas alegações de Thévet, não fomos autores da sedição ocorrida no forte de Coligny. E, atendendo-se a que aí não estávamos nessa ocasião, é incrível que tal digressão lhe agrade a ponto de, não se contentando com sobre ela deblaterar, ainda se estenda em considerações mentirosas acerca da fidelidade dos escoceses. Eis o que escreve a esse respeito: "... fidelidade que também pude observar quando certos fidalgos e soldados que nos acompanhavam nesse país longínquo da França Antártica, por ocasião da sedição contra os franceses normandos de nosso grupo se entenderam com os selvagens brutais e estúpidos, por intermédio de dois régulos a fim de que nos matassem a todos em troca dos poucos bens que conosco levávamos. Mas ditos escoceses, vindo a conhecer a intriga, a denunciaram ao Sr. de Villegagnon e a mim mesmo e foram castigados os impostores, bem como os ministros enviados por Calvino, que também participaram da conjura".[43]E com essa algaravia não sabe mais o sr. Thévet, o que está a dizer. Mistura três fatos, entre os quais um é falso e já o refutei e os dois outros ocorreram em épocas diversas. Por outro lado não é menos errôneo lhe tenham os escoceses revelado a sedição a que se refere, pois ele pertencia (como vimos) aos que Villegagnon censura terem voltado ao Egito (ao papado), donde se pode também deduzir que ao sair de França todos haviam prometido adotar a religião reformada que Villegagnon pretendia instituir no Brasil.[44]

Com referência ao terceiro fato, de "alguns revoltosos, companheiros de Richier, terem sido trucidados e seus corpos jogados aos peixes" em absoluto não é ele verdadeiro como o diz Thévet. Ao contrário, como se verá desta narrativa, embora Villegagnon depois de ter abjurado nos tratasse muito mal, não se sentindo bastante forte não somente não mandou matar nenhum de nós, antes da partida de du Pont e Kichier com os quais voltei, mas ainda, não lhe sendo possível reter-nos à força, deixou-nos sair do país. É certo que, como se verá

---

[42] Renée de France, duquesa de Ferrara, filha de Luiz XII e Ana de Bretanha (1510-1576) — Tinha simpatias pelo calvinismo e protegeu Calvino e Marot.
[43] Thévet — *Cosmographie Universelle*, p. 665.
[44] O contrário foi afirmado por Crespin, o. c. p. 445 e se verifica do último cap. desta obra.

igualmente desta narrativa, cinco homens de nossa tropa, após o primeiro naufrágio de que nos vimos ameaçados, oito dias depois de nosso embarque, voltaram à terra num barco e foram inumana e cruelmente jogados ao mar. Não em virtude de qualquer sedição mas, como o testemunha o livro dos mártires[45] de nossa época, por motivos de ordem religiosa, por ter Villegagnon abjurado.

Erra do mesmo modo Thévet, talvez maliciosamente, ao dizer que eram eles ministros, e comete duplo erro atribuindo a Calvino o envio de quatro pastores. Em primeiro lugar porque em nossa Igreja a eleição dos ministros se faz segundo regulamento estabelecido pelos Consistórios constituídos pelos homens bons do povo, e não há ninguém entre nós, como um papa, com poderes absolutos. Quanto ao número, não há notícia de que tenham ido mais de dois nessa época para a América, a saber, Richier e Chartier. Todavia replicando Thévet que não lhe interessou observar de mais perto os que se afogaram e estando em nossa companhia deviam ser ministros, lhe direi que assim como na Igreja Católica nem todos são frades, como ele Thévet, na nossa Igreja evangélica nem todos são ministros. Ademais tendo Thévet confessado (tão honrosamente, ao qualificá-lo de ministro, quanto falsamente, de sedicioso) que Richier deixara realmente o cargo de doutor da Sorbonne, poderia levar a mal que eu aqui não lhe outorgasse outro título senão o de frade, alegro-me com tratá-lo não somente de cosmógrafo, mas ainda de cosmógrafo tão universal, que não satisfeito com descrever as coisas notáveis existentes ou não neste mundo ainda as vai procurar na lua a fim de completar o livro dos contos da cegonha...[46] Entretanto, como bom francês, zeloso da honra de meu príncipe, isso me desgosta tanto mais quanto, vestindo-se com o título de cosmógrafo do Rei além do dinheiro mal empregado que obtém ainda se valha do patrocínio real para publicar bobagens e ingenuidades indignas sequer de uma simples missiva. Mas para que soem todas as cordas em que buliu, embora estime eu que não mereçam resposta, a fim de mostrar que julga os outros por si próprio e de acordo com as regras da confraria de S. Francisco a que pertence e cujos irmãos menores enfiam o que podem nos seus sacos, devolverei ao seu jardim as pedras jogadas por ele ao nosso e desvendarei algumas de suas canalhices. Assim é que

[45] Crespin, *Le Livre des Martyrs*, pg. 455-457.

[46] *Trocadilho com o nome da Sra. de Sigogne, e que se explica* por *esta nota de Gaffarel:* Ver Leroux de Lincy. Proverbes français. T. II p. 5: "A senhora de Sigogne, dama de honra de Catarina de Médicis, tinha tanto espírito e contava tão elegantemente que a consideravam uma das pessoas mais agradáveis da Corte. Para sustentar sua reputação, não se limitava a contar, mas inventava ainda, muitas vezes. Daí a

afirmou que "os pregadores", como diz,[47] ao chegarem à América não pensaram senão em enriquecer, de qualquer modo, o que constitui uma fábula (como s do Alcorão dos franciscanos) lançada levianamente e de má é contra os que ele nunca viu nem no Brasil nem alhures.

Para combatê-lo com suas próprias armas, perguntarei como, tendo escrito nas "Singularidades" que "ficou apenas três dias em Cabo Frio", afirmou mais tarde em sua *Cosmografia* aí ter permanecido “alguns meses”?[48] Se ainda houvesse escrito “um mês” e tentasse fazer crer que os dias nessa região duram mais de uma semana, talvez que desse crédito quem o desejasse; mas estender uma estada de três dias a alguns meses, sem correção, seria transformar dias em meses o que nos parece estranho por serem, exatamente na zona tórrida e nos trópicos mais iguais os dias do que em nosso clima.

No intuito de ofuscar os que lhe lêem as obras, discorre longa e verbosamente sobre tudo o que diz ter visto, ouvido e observado pessoalmente acerca dos costumes dessa multidão de povos selvagens que habitam essa quarta parte do mundo, e afirma que percorreu todas as regiões da índia Ocidental,[49] o que nem durante a vida de dez homens seria possível. Ora já mostrei acima, e de acordo com o seu próprio testemunho, que permaneceu apenas cerca de seis semanas na América, isto é, desde 10 de novembro de 1555 até 31 de janeiro do ano seguinte. E durante esse tempo, conforme o que me foi relatado pelos que o viram aí, aguardou que os navios com os quais devia voltar tivessem carregado não saindo sequer da ilha deserta onde se fortificara Villegagnon. E, em verdade, não só por causa dos desertos e terras inacessíveis, mas ainda pelo temor dos *Margaiá*[50] que são nossos inimigos

---

expressão de *"Contos da Sigogne"* (T.).

[47] Thévet — *Cosmographie Universelle*, p. 909.

[48] Idem — Singularités de Ia France Antarctique, p. 45. — E Cosmographie Universelle, p. 915.

[49] Thévet conta realmente suas viagens ao Rio da Prata e outras, mas terá Léry argumentos para negá-las?

[50] Em vários passos da obra de Léry há referências aos *Margaiás* (Ed. Gaffarel, t. I, 74 e 84; t. II, 45 e 130). Segundo se induz de suas próprias palavras, esses índios viviam nas proximidades do Espírito Santo, na zona, portanto, de predomínio dos Tupiniquins. Aliados aos portugueses, eram naturalmente inimigos dos franceses e de outras facções tupinambás. Estudos recentes demonstram que os *Margaiás* devem ser considerados como pertencentes a um dos muitos grupos tupiniquins, sendo possivelmente os mesmos chamados por Nóbrega e outros cronistas 'Gentio do Gato". As variantes do designativo são muitas: *Margaiá, Maragaiá, Maracajá, Marakajá, Markaiâ, Marguiá, Markayá,* etc. Métraux, A. (La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-guarani, Paris, 1928), considera essas denominações, e *Truaiá*, como sinônimas de Tupiniquim. Hans Staden (Viagem ao Brasil, Ed Academia de Letras, Rio, 1930) refere-se também aos *Markayá e* deles diz: "chegando perto das cabanas ouvi um grande rumor de canto e trombetas e diante das cabanas havia amas quinze cabeças espetadas; eram de gente inimiga, chamada *Markayá"* (P. A.).

declarados e cuja região não se acha muito afastada do lugar em que nos encontrávamos, nunca louve francês que se vangloriasse de ter penetrado quarenta léguas no interior, embora alguns já aí vivessem há nove ou dez anos. Não me refiro naturalmente às navegações pelas costas. Entretanto, Thévet diz[51] ter caminhado "sessenta léguas e mais entre os selvagens, andando dia e noite nas florestas espessas, sem deparar com animal algum que lhe procurasse fazer mal.[52] E isso será de crer-se sem dificuldade, e também que nem espinhos nem rochedos lhe machucassem as mãos e o rosto ou lhe ferissem os pés...

Mas quem não estranhará ao ler algures que "compreendeu melhor os costumes dos selvagens depois de lhes ter aprendido a língua",[53] do que apresenta bem fracas provas, a ponto de ignorar a significação do vocábulo *Pa*, que quer dizer *sim* e ele confunde com *você também.*[54] De modo que, como mostrarei adiante, segundo o bom e sólido juízo de Thévet, teria havido nesse país fumeiro para secar as carnes já antes da invenção do fogo. E quanto ao fato de ter aprendido a língua dos selvagens submeto a sua pretensão à prova dessa ignorância de uma palavra essencial de uma única sílaba. Não deixa tudo isso de ser risível. Portanto confiem os leitores em tudo o que Thévet confusamente escreve, no vigésimo primeiro livro de sua *Cosmografia*, acerca da língua dos americanos e verifiquem os absurdos que diz respeito de *Mair monem e Mair pochi.*

Que diremos ainda de sua atitude em relação aos que chamam essa terra da América de índia Ocidental?[55] Insiste ele em que seja o nome do país França Antártica, que afirma ter sido o primeiro a lhe dar e entende dever permanecer, embora atribua alhures a denominação aos franceses que chegaram com Villegagnon e ele próprio a batiza não raro de índia Americana. E diante das censuras, correções e refutações que faz às obras dos outros, ainda que não consiga estar de acordo consigo mesmo, parece que os demais foram cegos e só ele pôde tudo ver pelo buraco de seu chapéu de franciscano! E tenho a convicção de que ao ler esta minha narrativa, se coincidir ela tratar de quaisquer assuntos a que ele

---

[51]Thévet. *Cosmographie Universelle*, p. 921.
[52]Idem. Idem.
[53] Thévet — Cosmographie Universelle, p. 916.
[54] Léry procura, evidentemente, armar efeito à custa do sentido da expressão pó. *Pá*, como advérbio afirmativo corresponde a *sim, já*, mas pode, por opa equivaler a todo, todos, tudo, etc. Ao dizer-se *você também*, claro está que se Incluem outras pessoas, senão todas, e assim *pá* ou opa dizem: tudo, todos. Na Conquista Espiritual de Montoya (Anais da Biblioteca Nacional, t. VI) lê-se: *peikó pá tábape?*, estais vós todos na aldeia? (P. A.).
[55] Singularités de la France Antarctique, § 27.

também se refira, não deixará de proclamar, firmado na sua vaidade, ter-lhe eu plagiado os escritos. Com efeito, se Belleforest[56] que não somente é cosmógrafo como ele próprio mas ainda lhe coroou a obra com uma bela ode elogiosa, não escapou à crítica de Thévet, o qual o chamou, talvez por inadvertência, de pobre filósofo, pobre dramaturgo etc., pois não pode suportar que ninguém, mesmo com idéias idênticas às suas a respeito dos huguenotes, lhe faça sombra, que deverei eu esperar, eu que ousei com minha pobre pena provocar um tal colosso? Vejo-o daqui, tal um Golias, a fulminar-me e, verificando que lhe descobri as trapaças, contra mim dirigir os próprios cânones[57] do Papa. Mas para me combater deveria fazer ressuscitar *Quoniam begue*[58] com suas duas peças de artilharia sobre os ombros nus, como ridiculamente o pintou em sua *Cosmografia* (imaginando que acreditassem que esse selvagem, sem temer o recuo das peças, assim pudesse atirar); pois, além da carga que ao rechaçá-lo aqui lhe fiz de passagem, vou assaltá-o tão fortemente que lhe desmantelarei e reduzirei a zero essa soberba "Ville Henry" por ele fanaticamente construída no ar, na América.[59] Mas enquanto procedo ao trabalho de aproximação e (como já se acha avisado) ele se prepara para sustentar o combate ou render-se, pedirei aos leitores que, lembrando-se do que afirmei acima, a saber, terem sido as calúnias de Thévet a causa, em grande parte, da publicação desta narrativa, me desculpem alongar-me demasiado neste prefácio ao desmascarar o impostor com suas próprias obras. Não insistirei, portanto, embora me tenham avisado de que, após a primeira edição deste escrito, andou Thévet à procura de documentos e memórias,[60] para responder, o que alguns, que se dizem de nossa religião,

---

[56] François de Belleforest, nascido em Sarzan em 1530 e falecido em Paris a 1º de janeiro de 1583. Escreveu uma cosmografia que não passa de um resumo da cosmografia de Seb. Munster. Sua melhor obra é a *Histoire de neuf rois de France qui ont porté le nom de Charler"* (1568).

[57] Trocadilho com *canhões* do papa. Em francês *cânon* com ambos os sentidos (T.). V. *Cosmographie Universelle* — prancha p. 955.

[58] Quonian *begue*, ou *Konian-Bébe*, como ocorre também em Léry, foi o famoso chefe indígena que, ao tempo de Thévet, gozou de grande prestigio entre as tribos localizadas desde Cabo Frio até Bertioga. O autor da "Cosmographie" fez desse chefe uma verdadeira figura de legenda, pintando-o como gigante ferocíssimo, capaz de atacar seus Inimigos com duas peças de artilharia, que carregava sobre os seus ombros. O retrato do famoso índio, que aparece na obra de Thévet, foi reproduzido pela Rev. do Inst. Hist. Brasileiro (vol. 13, lª ed. 1850) e, recentemente, pela História Geral do Brasil, de Varnhagen. (3ª ed. S. Paulo, lº vol., 354).
Hans Staden escreve Konyan-bébe; Thévet da Guoniambec; Slmao de Vasconcelos e outros cronistas anotam *Cunhambébe*. Segundo Sampaio deve ser *Kunã-béba*, isto é,Ku-ña-beba ou língua que corre rasteira, em alusão talvez ao seu modo peculiar de falar, arrastado ou gaguejante. Houve mais de um *Kuñabeba*, lembra Capistrano de Abreu: o de que fala Anchieta nada tem com o de Thévet. Este morreu de peste, logo depois da chegada de Villegagnon. Tinha em sua aldeia seis canhões, tomados a duas caravelas, e a vestimenta e a cruz de um cavaleiro de Cristo, que com muito fundamento Rio Branco julga pertencentes a Rui Pinto, *(Le Brésíl en 1889*, Paris, 1889). Cf. Capistrano de Abreu, *in* História do Brasil, cit. 355 (P. A.).

[59] *Cosmographie Universelle* — Cap. XII, prancha p. 908.

[60] Estas memórias existem, pelo menos em parte, na "Histoire manuscripte des Indes australes e ocidentales",

tentaram fornecer-lhe, revelando, se o fizeram realmente, suas verdadeiras tendências. Afinal, nunca tendo visto Thévet, como já disse, nem tido nenhum desentendimento pessoal com ele, a contradita que lhe oponho aqui visa apenas a repelir as ofensas que fez ao Evangelho e aos que, em nosso tempo, foram os primeiros a propagá-lo no Brasil.

E isto servirá também de resposta ao apóstata Mateus de Launay, o qual em seu segundo livro, melhor revelando sua apostasia, foi suficientemente imprudente para escrever que, embora não se tratasse da Religião, não deixaram os ministros de atacar os escritos dos melhores autores de nossa época entre os quais coloca Thévet; ora este foi por mim refutado quando direta e formalmente se achava ligado à religião reformada e aos seus adeptos. Mas que esse insolente de Launay, que me chama de biltre (afirmando conhecer-me muito bem, no que mente com descaramento, pois nunca nos vimos sequer), abandonando como o está fazendo a fonte viva de Jesus Cristo para voltar a beber as águas estagnadas do papado e mendigar em sua cozinha, cuide tão-somente de não as defender a ponto de se escaldar. E como conclusão a este propósito: que Thévet responda, se tem vontade, dizendo se o que afirmei a seu respeito é verdadeiro ou não. Pois aí está o ponto nevrálgico e não deve ele como os maus advogados desviar-se do assunto pela preocupação de indagar quem eu sou, embora, com a graça de Deus, ande eu por toda a parte de cabeça erguida e muito mais desembaraçadamente do que ele, por maior cosmógrafo que seja. E asseguro-lhe que se não disser a verdade, saberei opor-lhe argumentos tão pertinentes que com seus próprios trabalhos mostrarei a todos o que valem, sem necessidade de uma travessia até a América.

Peço igualmente, desde já, que não se escandalizem com o fato de narrar nesta história, como se desejara ressuscitar os mortos,[61] os erros de Villegagnon na América durante a nossa estada no país; pois além de pertencer isso ao assunto que me propus tratar, ou seja o de mostrar por que fizemos a viagem, não disse tudo o que dissera se ele ainda vivesse.[62]

Cheguemos agora aos nossos assuntos e vejamos em primeiro lugar o da religião que é um

---

de Thévet.

[61] Villegagnon faleceu em Beauvais, perto de Nemours, a 9 de Janeiro de 1571 (Cf. Mémoires de Claude Haton, ed. Bourquelot).

[62] Tais escrúpulos honram Léry. Seus correligionários, porém, não haviam aguardado a morte de Villegagnon para injuriá-lo em seus panfletos. E o próprio Léry o fizera na sua narrativa das perseguições no Brasil, que se encontra na obra de Crespin.

dos pontos principais que eu devo observar entre os homens.[63] Não obstante declarar pormenorizadamente no capítulo XVI qual a religião, dos Tupinambás, deparo de início com uma dificuldade que não me canso de admirar e, embora não me caiba esclarecê-la como fora desejável, não deixarei de mencioná-la desde já. Direi, pois que apesar de, os que melhor e mais sensatamente falaram a respeito, não só terem dito mas observado que ser homem implica o sentimento de uma força superior, e ainda que todos se acham tão presos uns aos outros que, qualquer que seja a maneira de servir a Deus, todos têm uma religião, certa ou errada, não se pode dissimular, para compreender de que lado se coloca naturalmente o homem, que há muito de verdade nos versos do poeta latino[64]

"Que 1'appetit bouillant en l'homme

"Est son principal dieu en somme,[65]

E para se verificar, por um exemplo, tal testemunho entre os selvagens da América, devemos ter em vista que não lhes pode negar, em que pese sua qualidade de homens naturais, uma inclinação comum para compreensão de alguma coisa superior a todos, da qual dependem o bem e o mal. Donde as honras que prestam aos que chamam de *Caraíbas*[66] e de quem imaginam lhe provenham em certas épocas felicidade ou desgraça. Mas quanto ao fim que constitui seu maior ponto de honra e é, como o mostrarei ao referir-me às suas guerras, e alhures, a perseguição do inimigo, e a vingança, o que reputam grande glória não só na vida presente como na futura (tal qual os romanos antigos), ver-se-á nesta narrativa, que com referência à Religião, tal como a entendem os outros povos, é possível afirmar abertamente que esses pobres selvagens não têm nenhuma e vivem sem Deus. Cabe-lhes, porém a circunstância atenuante de, confessando sua felicidade cegueira

[63] Aqui começa o prefacio da edição latina de Bry.
[64] Virgílio — *Eneida IX.*
[65] Os apetites que fervem dentro do homem são, em suma, seu principal deus (T)

[66] A palavra *Caraíba (Caraibe, Caribe, Caraive,* etc.) conquanto seja designativa dos primitivos habitantes das pequenas Antilhas, foi usada nas zonas de predomínio dos tupi-guaranis da América do Sul para indicar o branco colonizador, o europeu, o batizado, em ocasião a *aba* ou *avá,* que lembra o aborígine. Montoya registra o termo com *os* sentidos de astuto, hábil, entendido, dizendo ainda: "vocablo con que honráron a sus hechizeros universalmente, y assi lo aplicáron a los españoles y mui impropriamente al hombre Christiano y cosas benditas" (P.A.).

(embora não o façam com intuito de redenção), não procurarem parecer diferentes do que são na realidade.

Em relação aos demais assuntos, bem dizem do que são os sumários dos capítulos e entre estes o do primeiro já revela a causa de nossa viagem. Por outro lado, de acordo com o que prometi na primeira edição, além das cinco figuras de selvagens, outras foram acrescidas para o prazer dos leitores e se não ajuntei mais foi em vista das despesas que acerca de tal acréscimo alegava o editor.

Não ignorando tampouco que aos velhos e aos viajantes se costuma jogar a pecha de mentirosos, direi que detesto a mentira, mas em se encontrando alguém que não queira dar crédito a muitas coisas, não raro estranhas, que se lêem nesta história, não o levarei ainda assim ao Brasil para verificá-las. Do mesmo modo não me preocupam aqueles que duvidam de minha descrição do cerco de Sancerre, o qual, no entanto posso assegurar ter sido bem mais difícil do que a minha travessia de volta para a França nesta viagem. Mas se esses a que aludo não derem crédito àquilo que, do conhecimento de mais de quinhentas pessoas ainda vivas, foi praticado no coração deste reino de França, como haverão de crer nisso que só pode ser visto cerca de duas mil léguas de distância e que comporta tantas coisas incríveis, jamais ainda referidas nos antigos, e que só a experiência pode entender? E, em verdade, depois de minha viagem à América, a qual, pelo que aí se vê (costumes dos habitantes, formas dos animais e produtos da terra em geral, tão diferentes dos da Europa) pode ser chamada Novo Mundo, devo confessar que, embora não aceitando como verdadeiras as fábulas encontradiças em vários autores, reconsiderei minha opinião antiga acerca do que escreveram Plínio e outros mais sobre os países exóticos, pois vi coisas tão prodigiosas quanto tantas outras tidas por impossíveis, de que fazem menção.

Quanto ao estilo e à língua, bem sei que na opinião de muitos não terei as frases nem os termos suficientemente adequados[67] à descrição da arte da navegação ou às demais coisas por mim ventiladas. Os franceses, principalmente, não os acharão de seu gosto, pois, amantes que são das flores de retórica, só apreciam escritos em língua nova e poética. Menos ainda me será possível satisfazer os que julgam inúteis ou estéreis os livros que não se enriquecem de exemplos alheios e de citações, pois embora pudesse ter citado inúmeros

[67] Léry é modesto, pois seu estilo preciso, pitoresco e não raro brilhante lembra o de Montaigne.

autores, à exceção das referências feitas ao historiador das índias Ocidentais[68] (porque escreveu várias coisas acerca dos índios do Peru, semelhantes às que referi dos selvagens da América) muito raramente recorri aos outros. Mas, a meu ver, além de uma história que não se enfeita com as penas de outrem ser de mais fácil entendimento para os leitores, já ela se mostra bastante rica, bem alimentada por seu próprio assunto. Aliás, pergunto eu aos que lêem as histórias diariamente impressas, de guerras e outras, com exemplificações alheias, embora adaptadas ao assunto, se não as aborrecem. E se alguém alegar ter eu ao refutar aqui ao sr. Thévet cometido iguais erros e se me condenarem por usar da primeira pessoa ao descrever os costumes selvagens, responderei que se trata de coisas científicas, de experiências, de coisas que talvez ninguém tenha ainda tratado,[69] não com referência não só à América em geral mas ainda ao lugar em que residi durante quase um ano, sob o trópico de Capricórnio entre os selvagens Tupinambás. Finalmente, assegurando aos que preferem a verdade dita simplesmente à mentira bem vestida que aqui encontrarão não só fatos verdadeiros mas ainda

[68] Gomara. *Historia general de Ias Índias, con la conquista del Mejico y de la nueva España.* Amiúde citado por Léry, o que, diga-se de passagem, prova que sabia o espanhol, pois a edição francesa da obra de Gomara só apareceu em 1906.

[69] Hans Staden já havia publicado sua narrativa de viagem em 1557, mas Léry podia não conhecê-la por ter aparecido primeiramente em alemão. Idêntica observação deve ser feita a respeito da "História verídica de uma viagem curiosa", de Ulrich Schmidel Von Straubing, cuja primeira edição apareceu em Nuremberg em 1588; a ela se refere Léry na edição de 1594. Foi somente em 1586 que Léry teve conhecimento da *"Hlstoire d'un pays situe dans le Nouveau Monde, nommé Amérique",* de Hans Staden. Comprova-o uma carta muito curiosa citada por Ternaux Compans na sua *"Collection de voyages, relations* et *mémoires originaux pour servir à l'histoire de Ia decouverte de l'Amérique".* Reproduzimos aqui essa carta porque ela completa o prefácio do autor: "... é mister que acrescente aqui, para satisfação dos leitores e confirmação de tudo o que referi nessa narrativa, que me encontrei em Basel, na Suíça, no mês de março de 1586, com o dr. Felix Plateros, personagem notável pelo seu saber e amador de preciosidades com que encheu a sua residência. Muito bem recebido em sua casa, uma das mais belas da cidade, conversamos longamente sobre a minha narrativa de viagem à América, que ele possuía em sua biblioteca, e ele me afirmou que a tendo conferido com a obra de Hans Staden um alemão que por lá esteve também muitos anos, verificou que concordávamos na descrição dos costumes dos selvagens americanos. Emprestou-me esse cavalheiro o livro de Hans Staden, impresso em alemão, com a condição de devolvê-lo, o que fiz após o que o sr. Teodoro Turquet, de Mayenne, conhecedor da língua (como de multas outras ciências), o traduziu em grande parte, pelo menos quanto ao que lhe pareceu essencial. Li-o assim com grande prazer, pois esse Hans Staden, que esteve nesse país durante cerca de oito anos, em duas viagens que fez, foi feito prisioneiro pelos tupinambás e ameaçado de ser devorado várias vezes por aqueles mesmos que conheci pessoalmente nas cercanias do Rio de Janeiro e que eram nossos aliados e inimigos dos portugueses, com os quais se achava Staden ao ser preso. E muito contente fiquei ao verificar que a tudo se referiu como eu o fiz, oito anos antes de conhecer a sua obra, e que a tal ponto coincidia o que escrevemos ambos tanto acerca dos selvagens do Brasil como das coisas vistas no mar, que parecia termo-nos concertado para fazer as nossas narrativas. Portanto essa obra de Hans Staden, que ainda não foi traduzida para o latim e bem o merece ser para o francês, o que eu me proponho fazer de bom grado em relação aos trechos que já conheço, enriquecendo-os com outras coisas notáveis, é digna de ser lida por todos os que desejem saber como são na verdade os costumes dos brasileiros. Ademais será esse livro um testemunho de que Thévet não passa de um mentiroso superlativamente atrevido, tanto com referência ao que publicou em sua "Cosmographie Universelle" e outras obras sobre a América, quanto, mais particularmente acerca de Quoniam begue, de quem foi Staden prisioneiro longo tempo e contra quem esteve em guerra, pois a seu respeito embora o descreva como muito cruel e desumano para com todos os seus inimigos e como um homem muito forte, não só não alude a um gigante, como não diz que carregasse canhões aos ombros nus para com eles fazer fogo contra os adversários, como confusamente o afirmou Thévet em sua "Cosmographie", retratando-o também".

dignos, muitos deles de admiração, pedirei ao Senhor, autor e conservador de todo o universo, que faça com que esta pequena obra alcance bom êxito para a glória de seu Santo Nome. Amém.

CAPITULO I [70]

DO MOTIVO QUE NOS LEVOU A EMPREENDER ESTA LONGÍNQUA VIAGEM À TERRA DO BRASIL NA OCASIÃO EM QUE A FIZEMOS

Como alguns cosmógrafos e historiadores do nosso tempo[71] já escreveram acerca das dimensões, formosura e fertilidade desta quarta parte do mundo, chamada América ou terra do Brasil, bem como a respeito das ilhas e terras adjacentes, inteiramente desconhecidas dos antigos, e das várias navegações que para aí se fizeram nestes primeiros oitenta anos decorridos desde o seu descobrimento, não me deterei nessas generalidades; minha intenção e meu objetivo serão apenas contar o que pratiquei, vi, ouvi e observei, quer no mar, na ida e na volta, quer entre os selvagens americanos com os quais convivi durante mais ou menos um ano. E a fim de que tudo se torne bem compreensível a todos, a começar pelo motivo que nos levou a empreender tão penosa e longínqua viagem, direi em poucas palavras como se originou ela.

Em 1555, um senhor Villegagnon,[72] cavaleiro dá Ordem de Malta, também conhecida por Ordem de São João de Jerusalém, desgostoso da França e também da Bretanha[73] onde residia então, manifestou a vários personagens notáveis do reino o desejo, que de há muito alimentava, não só de retirar-se para um país longínquo onde pudesse livremente servir a Deus, de acordo com o evangelho reformado, mas ainda preparar um refúgio para todos os

---

[70] Este capítulo é resumido em 13 linhas apenas na edição de Bry.

[71] Ver Harisse. Biblioteca americana vetustíssima. A description of works relating to America published between the years 1492 and 1551 — Nova York, 1886. Ver também o volume suplementar. Paris, 1872.

[72] Compare-se este trecho com a *"Persécution des fidéles en la terra d'Amérique"*, editada por Crespin, mas redigida por Léry.

[73] Villegagnon achava-se nessa época em Brest, na qualidade de vice-almirante de Bretanha. Conta Crespin que "tendo divergido do capitão do Castelo de Brest acerca das fortificações, a divergência engendrou o ressentimento e o ódio mortal entre ambos, levando-os a procurar hostilizarem-se continuamente. Sua querela chegou aos ouvidos do rei Henrique II que era mais simpático ao capitão..."

que desejassem fugir às perseguições,[74] que de fato eram tão terríveis nessa época que muitas pessoas de todos os sexos e condições viam por toda a parte seus bens confiscados por motivos religiosos e eram, mesmo, não raro, queimadas vivas em obediência a éditos dos reis e decisões do Parlamento. Dizia ainda Villegagnon[75] aos que o rodeavam, e o escrevia a seus conhecidos, que ouvira falar tão elogiosamente da beleza e da fertilidade dessa parte da América, chamada Brasil, que de bom grado para aí faria vela, a fim de alcançar os seus desígnios. E desse modo, e com tais pretextos, conseguiu a boa vontade de alguns fidalgos adeptos da religião reformada e que, dotados dos sentimentos que Villegagnon demonstrava, desejavam encontrar semelhante retiro. Entre estes figurava o finado senhor Gaspar de Coligny,[76] de feliz memória, almirante de França que, bem visto e acatado do rei Henrique II, então reinante, representou que se Villegagnon fizesse a viagem poderia descobrir muitas riquezas *e* outras coisas de proveito para o rei. Em vista disso mandou o soberano que lhe dessem dois bons navios aparelhados e providos de artilharia, além de dez mil francos para as despesas de viagem.

Assim, antes de partir de França, Villegagnon prometeu a alguns honrados personagens que o acompanharam, fundar um puro serviço de Deus no lugar em que se estabelecesse. E depois de aliciar os marinheiros e artesãos necessários, partiu em maio de 1555, chegando ao Brasil em novembro, após muitas tormentas e toda a espécie de dificuldades.[77]

Aí aportando, desembarcou e tratou imediatamente de alojar-se em um rochedo[78] na embocadura de um braço de mar ou rio de água salgada a que os indígenas chamavam Guanabara e que (como o descreverei oportunamente) fica a 23° abaixo do Equador, quase à altura do trópico de Capricórnio. Mas o mar daí o expulsou. Constrangido a retirar-se avançou quase uma légua em busca de terra e acabou por acomodar-se numa ilha antes deserta, onde, depois de desembarcar sua artilharia e demais bagagens, iniciou a construção

---

[74] Crespin. Idem: "... Fez-se benquisto dos que o podiam auxiliar a levar a bom termo a sua empresa, assegurando-lhes que tinha um sincero e profundo desejo de procurar um asilo para os que sofriam em França em defesa do Evangelho".

[75] Ver *Mémoires*, de Claude Haton, Ed. Bourquelot, p. 36.

[76] Tessier. *L'Amiral de Coligny*, p. 58. Crespin, id.: "Aqueles a quem se dirigiu acreditaram sem dificuldade em suas palavras e louvaram-lhe a empresa digna antes de um príncipe que de um simples fidalgo. E prometeram-lhe todo o seu apoio junto ao Rei para obtenção do que fosse necessário à viagem".

[77] Ver coleção de Bry. T. III, pg. 285-295. Exemplar duarum literarum quibus breviter explicatur navigatio N. Villegagnonis. Crespin. Histoire des Martyrs.

[78] Ilha dos Ratos. — Hoje ilha Fiscal (T.).

de um forte, a fim de garantir-se tanto contra os selvagens como contra os portugueses que viajavam para o Brasil e aí já possuem inúmeras fortalezas.[79]

Sempre a fingir zelo cristão e procurando persuadir com empenho a sua gente, ao serem seus navios carregados de regresso à França, escreveu e mandou por um deles um emissário a Genebra requisitar ministros religiosos para o ajudarem e socorrerem na medida do possível nessa sua tão santa empresa. Mas, principalmente, para prosseguir com diligência na obra que empreendera e desejava levar avante com todas as suas forças, pedia que lhe enviassem, não só ministros mas também algumas outras pessoas bem instruídas na religião cristã a fim de melhor reformar a si e aos seus e mesmo abrir aos selvagens o caminho da salvação.

Ao receber as suas cartas e ouvir as notícias trazidas, a igreja de Genebra rendeu antes de mais nada graças ao Eterno pela dilatação do reino de Jesus Cristo em país tão longínquo, em terra estranha e entre um povo que ignorava inteiramente o verdadeiro Deus. Em seguida, atendendo aos pedidos de Villegagnon, o finado senhor almirante, a quem também se escrevera para o mesmo efeito, solicitou por carta a Felipe de Corguilleray,[80] senhor Du Pont (que se havia retirado para perto de Genebra e fora seu vizinho em França, em Chatillon-Sur-Loing) que empreendesse a viagem a fim de conduzir os que desejassem encaminhar-se para essa terra do Brasil. A mesma solicitação foi feita também pela igreja e seus ministros de Genebra e embora já fosse velho e se sentisse alquebrado, o senhor Du Pont, animado pelo grande desejo que tinha de empregar-se em tão bela obra, acedeu em fazer o que lhe era requerido, abandonando todos os seus outros negócios, para ir tão longe, e deixando mesmo seus filhos e sua família.

Feito isto tratou-se de encontrar ministros da palavra de Deus. E, depois de sondados por Du Pont e seus amigos, alguns bacharéis que então estudavam teologia em Genebra, os ministros Pedro Richier,[81] com cinqüenta anos já então, e Guilherme Chartier, prometeram-

[79] Melhor fora dizer feitorias (T.).

[80] Ver Haag, *France Protestante*, artigo sobre Du Pont de Corguilleray. Era amigo pessoal de Coligny, de quem foi vizinho em Chatillon-sur-Loing. Partiu para o Brasil a instâncias do almirante. Segundo Crespin, *Histoire des Martyrs*, "o comando dessa expedição foi entregue a Felipe de Corguilleray, dito Du Pont, fidalgo de boa reputação, o qual embora sua idade e seus interesses não lhe aconselhassem a viagem, não se recusou a fazê-la. Nem o amor aos filhos nem os seus negócios o impediram de aceitar o encargo que lhe confiara seu senhor".

[81] P. Richer ou Richier, ex-carmelita e doutor em teologia; converteu-se ao calvinismo, encontrando refúgio em Genebra. Enviado ao Brasil em 1556, voltou para a Europa em 1559, e morreu em La Rochelle em 8 de

lhe que caso a igreja os considerasse aptos para a missão[82] estavam dispostos a seguir. Assim, após terem sido apresentados aos ministros de Genebra, que os ouviram sobre certos trechos das Santas Escrituras e os exortaram acerca de seus deveres, aceitaram eles transpor o mar com o senhor Du Pont a fim de juntar-se a Villegagnon para anunciarem o evangelho na América.

Restava ainda reunirem-se outros personagens instruídos nos principais pontos da fé, bem como artesãos práticos nos seus ofícios como o solicitava Villegagnon.[83] E para que ninguém se iludisse acerca do longo e fastidioso trajeto que cumpria percorrer, quase cento e cinqüenta léguas por terras e mais de duas mil por mar, advertiu Du Pont que, em chegando a essa terra da América, seria necessário contentarem-se com certa farinha feita de raízes em lugar de pão; que não teriam vinho, nem notícias dele pois não havia aí parreiras e finalmente que no novo mundo (conforme informava Villegagnon) far-se-ia mister levar uma vida em tudo e por tudo diferente da da nossa Europa. Com isso todos aqueles que se compraziam de preferência na teoria dessas coisas e aos quais não apetecia mudar de ares nem suportar as ondas e o calor da zona tórrida, nem ver o Pólo Antártico, se recusaram a se alistar e embarcar em tal viagem.

Entretanto, depois de muitos convites e solicitações, alguns, mais corajosos parece, se apresentaram para acompanhar Du Pont, Pedro Richier e Guilherme Chartier. Foram esses: Pedro Bourdon, Mateus Verneuil, João de Bordel, André Lafon, Nicolau Denis, João Gardien, Martin David, Nicolau Raviquet, Nicolau Carmeau, Jacques Rousseau e eu, João de Léry que tanto pela vontade de Deus como por curiosidade de ver o mundo fiz parte da comitiva.[84] E assim, em número de quatorze, partimos da cidade de Genebra, aos 16 de setembro do ano de 1556.

Partimos e passamos por Chatillon-Sur-Loing onde o senhor almirante não só nos encorajou mais uma vez a prosseguir na nossa empresa, mas ainda prometeu coadjuvar-nos com a marinha e, argumentando, deu-nos a esperança de que Deus nos concederia a graça

---

março de 1580. Publicou: 1) *Livri duo apologetici contra N. Durandum, qui se cognoninat Villegagnonem* (1561); 2) *Réfutation des folles réveries et mensonges de N. Durand, dit le chevalier de Villegagnon* (1562); 3) *Bref sommaire des traditions de Calvin.*

[82] Segundo Crespin "eram ambos considerados de sã e sólida doutrina, de vida simples e boa conversação".

[83] Trata-se da carta de Villegagnon a Calvino, incluída no prefácio.

[84] Bourdon, Verneuil. Lafon e Du Bordel destinavam-se a trágicas aventuras. Ver o último capítulo de Léry e principalmente Crespin, *"Histoire des Martyrs"*, p. 451-457.

de colher o fruto de nosso trabalho. Seguimos dali para Paris, onde, durante o mês em que aí permanecemos alguns fidalgos[85] e outras pessoas informadas do motivo de nossa viagem se reuniram à nossa comitiva. De Paris passamos a Rouen e dirigimo-nos para Honfleur, porto de mar na Normandia, que nos fora assinado. Ali fizemos os nossos preparativos e aguardamos durante quase um mês que se aprestassem os navios para a partida.

[85] Esses fidalgos, que não são nomeados na obra de Léry, talvez fossem os senhores de La Chapelle e de Boissy, a que se refere no cap. XXI, mas sem dizer que seguiam com os genebrinos.

CAPITULO II

DO EMBARQUE NO PORTO DE HONFLEUR, NA NORMANDIA, DAS TORMENTAS, ENCONTROS, ABORDAGENS DE NAVIOS, PRIMEIRAS TERRAS E ILHAS QUE DESCOBRIMOS

Depois de ter o senhor de Bois Le Comte, sobrinho de Villegagnon, que nos esperava em Honfleur, mandado aparelhar em guerra, à custa do rei, três excelentes navios, com víveres e outras coisas necessárias à viagem, embarcamos a 19 de novembro. Le Comte, que foi eleito nosso vice-almirante, ia a bordo do *Petite Roberge* com cerca de oitenta pessoas, entre soldados e marujos. Embarquei noutro navio, chamado *Grande Roberge* no qual éramos ao todo cento e vinte pessoas, tendo por capitão o senhor de Santa Maria, apelidado Espine e por mestre um tal João Humbert, de Honfleur, bom piloto e experimentado na arte da navegação como o demonstrou satisfatoriamente. No terceiro barco, que se chamava *Rosée*, por causa do nome de quem o comandava, iam quase noventa pessoas, inclusive seis meninos, que levávamos para que aprendessem a língua dos selvagens, e cinco raparigas com uma governante (as primeiras mulheres francesas vindas à terra do Brasil e cuja chegada causou grande admiração aos selvagens do país, os quais, como veremos mais adiante, jamais haviam visto mulheres vestidas).

Nesse mesmo dia, ao meio-dia, deu-se a nossa partida e as salvas, trombetas, tambores e pífanos, e outras demonstrações festivas que se costumam fazer aos navios de guerra nessas ocasiões não nos faltaram. Fomos ancorar primeiramente na enseada de Caulx a uma légua além do Havre de Grace; e aí, de acordo com o costume dos marinheiros que empreendem viagens a países remotos, depois de terem os mestres e capitães passado em revista os marinheiros e soldados, levantou-se a âncora e fizemo-nos ao mar pela tarde. Todavia como

se partira a amarra do navio em que eu estava, tornando grandemente dificultoso o levantamento da âncora, só no dia seguinte nos foi possível largar. Foi, portanto no dia 20 de novembro que, deixando a terra, principiamos a navegar nesse grande e impetuoso mar Oceano e que avistamos e costeamos a Inglaterra, deixando-a à nossa direita. A partir desse momento, e durante doze dias, suportamos um mar grandemente agitado e embora estivéssemos todos enfermos do mal do enjôo, nenhum de nós dirá que não se sentisse muito assustado. Em verdade os que nunca haviam experimentado tal dança, ao ver o mar tão agitado pensavam, a cada embate mais forte das ondas, que fosse submergi-los e de fato é de admirar que um navio de madeira, por forte e maior que seja, possa assim resistir às iras de tão furioso elemento. Pois embora sejam os navios construídos de madeira grossa, bem ligada, cavilhada e alcatroada, tendo aquele que eu viajava quase oito toesas[86] de comprimento e três e de largura, nada representam em comparação com esse ao largo e profundo dágua que é o mar do ocidente. Sem deter-me mais longamente no assunto, direi apenas, de passagem, nunca apreciaremos demasiado a arte da navegação em geral e, em particular a invenção da agulha de orientação, cujo emprego, todavia não vai além de 250 anos como escrevem alguns autores.[87] Assim fomos navegando com grandes dificuldades até o décimo terceiro dia, quando Deus aplacou as ondas e a tempestade do mar.

No domingo seguinte encontramos dois navios mercantes ingleses de regresso da Espanha; nossos marinheiros os abordaram e como houvesse o que pilhar, por pouco os não saquearam. Como já disse, nossos navios estavam bem artilhados e municiados, o que tornava os nossos marinheiros arrogantes e ousados quando se nos deparavam navios mais fracos e incapazes de se defenderem. E seja dito, uma vez que a ocasião se apresenta, que assim se pratica no mar como na terra, pois quem tem armas e é mais forte domina e dita leis aos mais fracos.[88] Em verdade alegam os marinheiros, ao fazer com que os navios mercantes arriem velas, que lhes cabe o direito de ser supridos de víveres mediante pagamento, por se acharem deles necessitados em vista andarem muito tempo sem tomar porto. Mas ainda sem essas intenções se conseguem pôr o pé a bordo dos navios alheios,

[86] [Antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a seis pés , ou seja, 1,98m. Do fr. toise, no tempo em que o ditongo oi soava oe (Dicionário Aurélio)]
[87] Há ainda grande controvérsia a esse respeito. Consultar Falconet, *Académie des inscriptions e belles leres,* 1717; Bochart. *Phalez et Chanaan,*, p. 645-647.
[88] É velha doutrina da força acima do direito. Acerca da pirataria legal consultar Pardessus, *Recueil des* lois *maritimes.* Passim.

não é para impedir que soçobrem que os descarregam de tudo o que lhes parece bom e proveitoso. E se porventura alguém os adverte, como de fato fizemos, por assim saquearem indiferentemente amigos e inimigos, respondem como estribilho comum aos nossos soldados: que isso é de guerra e de praxe e anda bem quem assim o pratica.

Direi ainda, à guisa de prefácio e de acordo com argumentos mais adiante expostos, que os espanhóis, e principalmente os portugueses, gabando-se de ser os primeiros descobridores da terra do Brasil[89] bem como da região compreendida entre o Estreito de Magalhães, a 50° do Pólo Antártico, e o Peru e ainda aquém do Equador, sustentam ser donos desse país, considerando os franceses que o abordam usurpadores. Por isso encontrando-os no mar em condições vantajosas fazem-lhes guerra e chegam mesmo a esfolá-los vivos ou a dar-lhes outros gêneros de morte cruel. Os franceses, sustentando o contrário, afirmam que lhes cabe parte desses países recém-conhecidos; não os cedem de bom grado aos espanhóis e muito menos aos portugueses, antes se defendem valentemente e não raro lhes dão troco às crueldades. Seja dito sem jactância que tais inimigos não ousariam abordá-los nem atacá-los se não se considerassem muito mais fortes e não tivessem maior número de navios.[90]

Voltando à nossa viagem direi que o mar continuou desde então empolgado e durante seis ou sete dias se fez tão rude que não só me foi dado ver muitas vezes as vagas se altearem, correrem por cima do convés do nosso navio, mas ainda que rezamos todos juntos o salmo 107,[91] pois, com o furor das ondas, semi-desfalecidos, cambaleávamos como ébrios e o navio sacudia a ponto de não haver marinheiro por mais veterano que fosse que pudesse se conservar de pé. Com efeito, não será uma grande maravilha de Deus o fato de subsistir

---

[89] Questão controvertida. Ver Etude sur les rapports de l'Amérique et de l'ancien continent avant C. Colomb, por Gaffarel. — Margry. Les navigations françaises — Revue Politique et littéraire, maio 1874.

[90] Ramusio. *Navigaziomi d'un gran capitano dei mare francese,* etc. "Os portugueses esperam poder segurar com uma só mão o que não lhes seria fácil agarrar com ambas, convencidos de que Deus fez para eles o mar e as terras, não sendo as demais nações dignas de navegação... A sorte desse povo está em que o rei Francisco I os trata com grande bondade e cortesia, pois por pouco que desse rédeas aos comerciantes franceses quatro ou cinco anos bastariam para que conquistassem a amizade desses povos, etc."... Cf. La Popeliniére, *Histoire des trois monds*, livro III, p. 21.

[91] Na realidade salmo 106, versos 26 e 27 [na numeração católica dos Salmos. De fato é o Sl 107. Veja os vv 23-30: *"Os que descem ao mar em navios, os que fazem comércio nas grandes águas, esses vêem as obras do Senhor, e as suas maravilhas no abismo. Pois ele manda, e faz levantar o vento tempestuoso, que eleva as ondas do mar. Eles sobem ao céu, descem ao abismo; esvaece-lhes a alma de aflição. Balançam e cambaleiam como ébrios, e perdem todo o tino. Então clamam ao Senhor na sua tribulação, e ele os livra das suas angústias. Faz cessar a tormenta, de modo que se acalmam as ondas. Então eles se alegram com a bonança; e assim ele os leva ao porto desejado.*]

assim em meio a um milhão de sepulcros, quando com a tormenta no mar somos erguidos ao alto dessas incríveis montanhas de água, como que até o céu, e subitamente jogados tão baixo como se devêssemos submergir nos mais profundos abismos? Indiscutivelmente sim. E como em conseqüência do furor das ondas só nos separava do perigo a espessura das tábuas com que são construídos os navios, lembrei-me do poeta,[92] que escreveu distar a morte apenas quatro dedos e às vezes menos daqueles que andam no mar. Por isso parafraseei, como expressa advertência aos navegantes, os seguintes versos:

Quoy que par la mer par son onde bruyante,

Face herisser de peur cil qui Ia hante,

Ce nonobstante I'homme se fie au bois,

Qui d'espesseur n'a que quatre ou cinq doigts.

De quoy est faict le vaisseau que le porte

Ne voyant pas qu'il vit en telle sorte

Qu'il a la mort à quatre doigts de luy.

Reputer fol on peut donc bien celuy

Qui va sur mer, si en Dieu ne se fie,

Car c'est seul Dieu qui peut sauver sa vie.[93]

Amainando a tempestade, aquele que torna o tempo calmo e tranqüilo quando lhe apraz, mandou-nos vento brando, com o qual chegamos à Espanha, à altura do Cabo de São Vicente, dia 5 de dezembro. Aí encontramos um navio irlandês, ao qual os nossos marinheiros a pretexto de falta de víveres, tomaram seis ou sete pipas de vinho de Espanha, figos, laranjas e outras coisas que constituíam a sua carga.

---

[92] Juvenal. Sátira XII, V.

[93] Apesar do mar por suas ondas barulhentas/ fazer arrepiar de medo quem freqüenta/ o homem não obstante confia na madeira/ que de espessura tem apenas quatro ou cinco dedos/ de que é feito o navio que o leva/ não percebendo que vive de tal modo/ que tem a morte a quatro dedos dele./ Louco portanto pode muito bem ser reputado aquele/ que vai no mar sem em Deus confiar/ pois só Deus é quem pode salvar-lhe a vida (T.).

Sete dias depois aproximamo-nos de três ilhas chamadas pelos pilotos normandos Graciosa, Lanceloti e Forte Aventura pertencentes ao grupo das ilhas Afortunadas.[94] São sete ao todo, creio eu, e todas habitadas por espanhóis. Embora se ensine nos livros que se acham apenas a 11° aquém do Equador, e, por conseguinte dentro da zona tórrida, e assim se verifique em muitos mapas, eu afirmo, por ter visto fazer o ponto com o astrolábio, que se acham seguramente aos 28° na direção do Pólo Ártico. Há, pois um erro de 17° e é preciso dizer que os autores espanhóis, enganando-se a si e aos outros, as afastam nós.

Aí pusemos barcos ao mar e vinte soldados e marinheiros es se meteram armados com falconetes e mosquetes a fim de ir prear nessas ilhas:[95] quando, porém, já se achavam embarcados, os espanhóis que os haviam pressentido os rechaçaram de modo que em vez de saltar em terra se atiraram para o mar. Todavia voltaram os barcos, e tanto voltearam que por fim toparam com uma caravela de pescadores, os quais vendo os nossos se dirigirem para seu lado fugiram abandonando a embarcação; os nossos soldados depois de se apossarem dela não só carregaram grande quantidade de lixa[96] seca e tudo quanto acharam, inclusive bússolas e velas, mas ainda, no intuito de se vingar dos espanhóis, puseram a pique a golpes de machado uma barca e um batel que se encontravam próximos.

Durante os três dias em que permanecemos perto dessas ilhas Afortunadas, estando o mar muito calmo, apanhamos com redes e anzóis tal quantidade de peixe que, depois de comermos à farta, fomos obrigados a lançar ao mar mais de metade do pescado por não termos água doce abundante e temermos não poder saciar a sede. Os peixes apanhados eram dourados, lixas, e outros cujos nomes ignorávamos, à exceção dos que os marinheiros denominam sardas, de corpo tão pequeno que parece juntar-se a cabeça à cauda, sendo esta, entretanto proporcionalmente larga e imitando aquela um capacete de crista de forma bastante estranha.

Na quarta-feira, 16 de dezembro, agitou-se o mar repentinamente pela manhã, e as vagas encheram tão subitamente a barca, amarrada ao nosso navio desde o regresso das ilhas Afortunadas, que não só ela se perdeu mas ainda dois marinheiros que a guarneciam se

[94] Graciosa. Lanzerote e Fuerteventura. As cinco outras, pois são oito ao todo e não sete, são Grão Canária, Tenerife, Las Palmas, Gomera e Ferro.
[95] Foi também o que fizeram os marujos de Villegagnon em 1555. Cf. Carta de Nicolau Barre, um dos oficiais da expedição, inserta na coletânea de Bry. T. III, pg. 285-295.
[96] [Designação comum aos peixes do gênero Esqualo, cuja pele serve para polir madeiras ou metais.]

viram em grave perigo e só os pudemos salvar e recolher a bordo atirando-lhes cabos apressadamente. Contarei ainda uma coisa notável. Durante essa tempestade, que durou quatro dias, pusera o nosso cozinheiro pela manhã toicinho numa selha[97] de madeira para dessalgar; um golpe de mar, que passou com ímpeto sobre o convés lançou a selha fora do navio à distância do comprimento de um dardo, mas veio outra vaga do lado oposto e sem entornar a vasilha atirou-a ao convés com o seu conteúdo, o que nos restituiu o jantar, que, como se costuma dizer, já ia por água abaixo.

Finalmente na quinta-feira, 18 do mesmo mês de dezembro, avistamos a Grã-Canária e dela chegamos a nos aproximar bastante. Pensávamos renovar aí nossa provisão de água, mas os ventos contrários nos impediram de pôr pé em terra. Essa formosa ilha, atualmente habitada por espanhóis, é rica de cana-de-açúcar e vinhedos, e tão alta que a pudemos ver de uma distância de 25 a 30 léguas. Chamam-na alguns de Pico de Tenerife e supõem tratar-se do antigo monte Atlas de que deriva o nome de mar Atlântico. Outros afirmam, entretanto que se trata de ilhas diversas.[98]

Nesse mesmo dia surgiu-nos a sotavento uma caravela portuguesa, cujos tripulantes vendo que não podiam fugir nem resistir vieram entregar-se ao nosso vice-almirante. Nossos capitães que já muito antes haviam combinado arranjarem-se com algum navio espanhol ou português, que sempre esperaram apreender, apressaram-se em colocar gente nossa na caravela fim de assegurarem a posse da mesma. Todavia por consideração para com o mestre da presa disseram-lhe que caso ele conseguisse descobrir e apresar outra caravela naquelas paragens lhe restituiriam a sua. Este, que por sua parte preferia recaísse a perda no vizinho, depois que lhe deram uma chalupa raiada de mosquetes com vinte soldados nossos e parte da sua gente, como verdadeiro pirata que era, zarpou à frente de nossos navios a fim de melhor desempenhar o seu papel sem ser descoberto.

Costeávamos então a Berbéria, habitada pelos mouros, a uma distância de mais de duas léguas. E, conforme foi cuidadosamente observado por muitos dentre nós, essa costa é tão baixa e plana até onde pode estender-se a vista, que nos parecia estarmos em nível superior ao da região, e que o Continente ia submergir e passarem os nossos navios por cima.[99]

---

[97] [Mar. Desus. Tina de madeira, de forma troncônica, e que tinha a bordo várias aplicações (dic. Aurélio)]
[98] São com efeito duas ilhas distintas.
[99] Realmente toda essa região esteve na antiguidade sob as águas do mar. Na época de Plínio encontrou-se uma ancora no Saara. Ver Mela, *De situ orbis*, § VI.

Embora na verdade assim se apresentem todas as praias à ilusão do olhar, nesse lugar muito mais notável era o espetáculo, tanto quanto do outro lado se erguia o mar agitado em espantosas montanhas. E isso me leva a recordar as Escrituras e a contemplar essa obra de Deus com grande admiração.[100]

Mas voltemos aos nossos piratas, que, como já disse, nos precediam na barca. A 25 de dezembro, dia de Natal, encontraram eles uma caravela espanhola e com alguns tiros de mosquete a tomaram à força e a.trouxeram para junto de nossos navios. Como era uma bela embarcação e se achava carregada de sal, os nossos capitães dela tomaram posse, conforme a combinação que já mencionei, e a levaram para o Brasil às ordens de Villegagnon. A promessa feita aos portugueses, autores da presa, de se lhes entregar a sua caravela foi cumprida. Mas os nossos marinheiros cruelmente colocaram os espanhóis esbulhados de mistura com os portugueses, abandonando-os sem deixar a essa pobre gente um só pedaço de biscoito nem víveres de qualquer espécie, e o que é pior rasgando-lhes as velas e retirando-lhes o escaler sem o qual não lhes era possível aproximar-se de terra ou desembarcar. Melhor fora afundá-los do que deixá-los em tal estado, pois ficando assim à mercê das ondas é certo que devem ter por fim submergido ou morrido de fome, se nenhum barco os veio salvar.

Após essa proeza praticada com pesar de muitos, fomos impelidos por vento propício de leste-sudeste e penetramos no mar alto. Para que não se torne enfadonho ao leitor o relato de todas as presas que fizemos, direi apenas que no dia seguinte, e mais tarde a 29 do mesmo mês, encontramos mais duas embarcações que nenhuma resistência nos ofereceram. A primeira era portuguesa e, embora os nossos marinheiros, principalmente os da caravela espanhola que conduzíamos, se mostrassem grandemente desejosos de saqueá-la por causa de alguns tiros de falconetes dados por ocasião do encontro, nossos capitães as deixaram seguir sem lhes causar danos, depois de se entenderem com a gente de bordo. À outra, que era de um espanhol, tomaram vinho, biscoitos e outros gêneros; mas o que o dono lamentava principalmente era a perda de uma galinha, pois como dizia, por maior que fosse a tormenta não deixava ela de pôr fornecendo-lhe todos os dias um ovo fresco.

No domingo seguinte o homem de vigia no grande mastro de nosso navio gritou na forma de costume "vela, vela". Eram cinco caravelas ou navios grandes, não podíamos distinguir

[100] Jó 38.8.9

exatamente, e os nossos marinheiros, a quem não desgostara a narrativa de suas façanhas, entoaram cânticos de triunfo certos já de que tinham os navios nas mãos. Mas como eles iam à nossa frente e tínhamos vento contrário, não nos foi possível alcançá-los, nem abordá-los, apesar do esforço dos nossos que, por amor à presa e com o perigo de nos fazer soçobrar, armaram todas as velas. E para que não se espantem do que digo aqui, de fugirem todos ou arriarem as velas diante de nós, muito embora só tivéssemos três navios bem providos de artilharia (só aquele em que eu ia, trazia dezoito pedaços de bronze e mais de trinta falconetes e mosquetes de ferro, fora outras munições de guerra) explicarei que os nossos capitães, mestres, soldados marinheiros, em sua maioria normandos, gente tão valente belicosa no mar como a que mais o seja, estavam todos resolvidos a atacar e combater a armada do Rei de Portugal, vangloriando-se de alcançar vitória.[101]

[101] Na tradução latina de Bry, pg. 150, vem acrescentado o seguinte no fim o capitulo: "Se a história lhes divulgou as façanhas, cabe-nos, entretanto expressamente repetir quanto nas armas têm os lusitanos se mostrado excelentes e como venceram aquelas várias nações; como na África guerrearam os mouros e no Oriente lutaram contra os hindus. Pode-se, todavia opor os gauleses aos bárbaros como avantajando-se pela destreza, e nunca tão fortes varões puderam ser superados sem sangue e suor". (Tradução livre do latim).

CAPÍTULO III

DOS BONITOS, ALBACORES, DOURADOS, GOLFINHOS, PEIXES-VOADOES E OUTROS DE VÁRIAS ESPÉCIES QUE VIMOS E APANHÁMOS NA ZONA TÓRRIDA

Desde então tivemos mar calmo e vento tão propício que fomos impelidos até três ou quatro graus aquém da linha Equinocial. Nessas paragens apanhamos muitos golfinhos, dourados, albacores, bonitos e boa quantidade de outras espécies de peixes, além de peixes voadores cuja existência sempre julgara ser peta de marinheiros e que na realidade é certa.

Tal como em terra fazem cotovias e estorninhos, cardumes de peixes saíam do mar e se erguiam voando fora da água cerca de cem passos e quase à altura de uma lança. E como acontecia freqüentemente baterem alguns nos mastros de nossos navios facilmente os apanhávamos no convés com as mãos. Este peixe conforme o que observei na ida e na volta é de forma semelhante ao arenque, embora um pouco mais comprido e redondo; tem pequenas barbatanas nas faces, asas imitantes às do morcego, quase tão grandes quanto o corpo, e é de muito bom paladar. Não os tendo visto aquém do trópico de Câncer, julgo, embora não o afirme, que amigos do calor e vivendo na zona tórrida, não a ultrapassam para as bandas do pólo. Observei ainda que esses pobres peixes-voadores não encontram sossego nem no mar nem no ar. No mar perseguem-nos os albacores e outros peixes grandes para comê-los; no ar, quando procuram salvar-se voando, certas aves marinhas lhes dão caça e deles se alimentam.

Digamos também alguma coisa dessas aves que vivem de presa no mar e são tão mansas que muitas vezes ocorria pousarem nas cordas e mastros de nossos navios, deixando-se

apanhar com a mão. Por tê-las comido, e, portanto visto também por dentro, descrevo-as aqui. Têm a plumagem parda como os gaviões, mas parecem do tamanho de uma gralha e, quando depenadas, não são maiores do que um pardal. Assim é maravilhoso que, tão diminutas de corpo possam prear e comer peixes maiores e mais volumosos do que elas. Têm uma só tripa e os pés chatos como os patos.

Quanto aos outros peixes a que me referi, direi que o bonito é dos melhores ao paladar e muito parecido com as nossas carpas comuns, sem escamas, porém; durante a viagem vi muitos deles acompanhando o navio pelo espaço de quase seis semanas. Não saíam de perto e talvez nos acompanhassem por causa do breu e do alcatrão com que são untadas as embarcações. Os albacores,[102] embora muito semelhantes aos bonitos, não se podem comparar a estes quanto ao tamanho, pois vi e comi grande número deles, alguns com cerca de cinco pés de comprimento e da grossura de um corpo humano. Como esse peixe não é viscoso, mas ao contrário tem a carne tão friável quanto a da truta, e apenas uma espinha em todo o corpo e muito poucas vísceras, devemos colocá-lo entre os melhores peixes do mar. Com efeito, ainda que não tivéssemos os condimentos necessários para bem prepará-lo (como acontece nas longas viagens) e o preparássemos simplesmente com sal, assando grandes postas na brasa, pareceu-nos excelente e saboroso. Se os senhores gulosos perdessem o medo ao mar e fossem aos trópicos apanhá-los, pois tal peixe não se aproxima das praias à distância suficiente para que possam os pescadores apanhá-los e trazê-los sem que se corrompa, se os senhores gulosos os mandassem preparar com o molho da Alemanha ou de qualquer outro modo, certamente lamberiam os dedos. Tal dificuldade em pescá-los refere-se a nós habitantes deste clima; os africanos, que vivem nas praias de leste e os peruanos do lado do este têm-no provavelmente com facilidade.[103]

O dourado, que a meu ver assim se chama porque reluz como ouro dentro dágua, tem a forma semelhante à do salmão, do qual difere, entretanto por uma depressão no dorso. Quanto ao mais reputo-o não só melhor do que todos os outros mencionados mas ainda mais saboroso do que qualquer peixe de água doce ou salgada. Os golfinhos são de duas

---

[102] Thévet. *Cosmographie Universelle,* p. 977: "É o albacore, ouso afirmar, o melhor peixe tanto do oriente como do ocidente... para apanhá-lo emprega-se um peixe-voador artificial, feito de pano branco, que se agita a um pé de distância da água. Percebendo-o, logo o albacore pula para engoli-lo e, certo de que vai pegá-lo é pegado".

[103] Seu transporte seria Hoje possível graças aos viveiros inventados pelos pescadores dos Estados Unidos. Ver *Tour du monde,* p. 476. — Poussielgue *Voyage en Floride.* *** A observação de Gaffarel é de 1878,

qualidades, uns de focinho achatado imitando um bico de pato, outros ao contrário de focinho redondo e tão rombudo que fora da água dá a impressão de uma bola. É por causa dessa semelhança com os capuchinhos que os chamávamos de *cabeças* de *frade.* Vi-os de cinco e seis pés de comprimento, com a cauda muito larga e um furo na cabeça por onde não só respiravam, mas lançavam água. E quando o mar se agita surgem esses golfinhos repentinamente à tona dágua, mesmo à noite e tornam o Oceano quase verde. É um prazer ouvi-los roncar e fungar como porcos; mas quando os marinheiros os vêem assim nadar e atormentar-se pressagiam próxima tempestade o que de fato muitas vezes vi acontecer. Por mar calmo reuniam-se não raro em tão grande número em torno de nós e até onde alcançava a vista parecia o mar coalhado de golfinhos; e como não se deixavam apanhar tão facilmente quanto os outros, não os tínhamos quando queríamos. Eis o meio de que usavam os marinheiros para pescá-los. Um deles, mas destro na pescaria, conserva-se de espreita junto ao gurupés na proa do navio, com um arpão de ferro fixado em uma vara da grossura e comprimento de uma lança amarrada a quatro ou cinco braças de corda; ao aproximarem-se os bandos, escolhe o golfinho que lhe fica ao alcance e arremessa o dardo de modo a ferrá-lo com vigor em acertando o golpe. Ferida a presa, o arpoador solta a corda e deixa-a correr, segurando-a por uma ponta. O golfinho debate-se e se aferra cada vez mais, perdendo sangue e debilitando-se. Nessa altura os outros marinheiros correm em auxílio do companheiro com um gancho de ferro a que chamam *garfo* e à força de braço puxam-no para o navio. Assim apanhamos, na ida, cerca de vinte e cinco. Com referência às partes internas e ao intestino direi que, separando-se as quatro rebarbas, tirando-se as tripas e costelas, parece um verdadeiro porco aberto e dependurado. O fígado tem o mesmo gosto, mas a carne fresca é muito adocicada e pouco saborosa. Quanto ao toicinho, os que eu vi tinham apenas uma polegada de gordura, e esta raramente excede de dois dedos. Ninguém se engane, portanto quando os negociantes e peixeiros de Paris e alhures apregoarem ser o seu toicinho da Quaresma, com mais de quatro dedos de espessura, toicinho de golfinho; o que eles vendem é com certeza de baleia. Como no ventre de alguns desses peixes acharam-se filhotes, que assamos como leitão, creio que os golfinhos geram fetos como as porcas e não os reproduzem por meio de ovos como quase todos os outros peixes. Entretanto se alguém duvidar do que afirmo, louvando-se antes nos livros do que naqueles que viram a experiência, não o refutarei, mas tampouco deixarei de

---

época em que o transporte por frigoríficos era desconhecido (T.).

acreditar no que vi.

Apanhamos igualmente muitos tubarões que no mar calmo parecem verdes; alguns têm mais de quatro pés de comprimento e grossura proporcional, mas por não ser boa a carne os marinheiros só a comem em caso de necessidade e na falta de peixe melhor. Têm a pele tão rija e áspera como uma lima, a cabeça chata e larga e a boca rasgada como a do lobo ou do dogue da Inglaterra. Mas não são apenas monstruosos, têm ainda os dentes aguçados e são tão perigosos que se pegam um homem pela perna ou outra qualquer parte do corpo ou arrancam o bocado ou carregam a vítima para o fundo do mar. Por isso os receavam os marinheiros grandemente quando se banhavam e mesmo depois de pescados com anzóis de ferro da grossura de um dedo e jogados ao tombadilho do navio, não se precaviam menos, como o teriam feito em terra com cães bravios. Mas como esses tubarões não servem para alimento e não fazem senão o mal, depois de torturar os que podíamos apanhar, ou os matávamos a pancadas como cães raivosos ou, cortando-lhes as nadadeiras, amarrávamos-lhes um arco de pipa na cauda e os atirávamos ao mar, pois assim ficavam muito tempo flutuando debatendo-se em cima dágua antes de poder mergulhar, o que nos divertia bastante. Embora muito falte para que as tartarugas que vivem nesta zona tórrida sejam tão grandes e monstruosas quanto as que Plínio diz se encontrarem nas costas das Índias e nas ilhas do Mar Vermelho, e cujo casco basta para cobrir uma casa habitável, algumas existem de fato tão compridas e largas que não é fácil fazê-lo acreditar a quem não as viu. Uma delas apanhada no nosso navio era tão grande que forneceu copioso jantar para oitenta pessoas. O casco coube de presente ao senhor de Santa Maria, nosso capitão, e tinha mais de dois pés de largura com espessura proporcional. A carne assemelha-se à de vitela, sobretudo lardeada[104] e assada.

Por tempo calmo, pois do contrário pouco aparecem, vêm elas à tona e quando o sol lhes aquece o casco voltam-se com o ventre para cima a fim de refrescar; aproximam-se então os marinheiros tranqüilamente e a suspendem pelos dois cascos com esse gancho de ferro de que falei, sendo necessários às vezes de quatro a cinco homem para içá-las no braço. Eis, em resumo, o que pretendia dizer acerca das tartarugas e peixes que então apanhamos. Mais adiante voltarei a falar dos golfinhos, das baleias e de outros monstros marinhos.

[104] [Entremeada com fatias de toucinho]

CAPITULO IV

DO EQUADOR OU LINHA EQUINOCIAL E TAMBÉM DAS TEMPESTADES, INCONSTÂNCIA DOS VENTOS, CALOR, SEDE E OUTROS INCÔMODOS QUE TIVEMOS E PASSAMOS NESSAS ALTURAS

Voltando à nossa viagem direi que por falta de vento propício a 3 ou 4° aquém do Equador, tivemos não só muito mau tempo, entremeado de chuvas ou calmaria, mas ainda perigosa navegação por causa da inconstância dos ventos que sopram conjuntamente; apesar de andarem os nossos três navios perto uns dos outros, não podiam os pilotos observar uma marcha uniforme. Assim como num triângulo, um ia para leste, outro para oeste e outro para o norte. É verdade que isso não durava muito; erguiam-se repentinamente borrascas que com tal fúria açoitavam as nossas velas, que nem sei como não nos viraram cem vezes de mastros para baixo e quilha para cima.

Além disso, as chuvas das vizinhanças do Equador não só são fétidas como molestas; caindo nas carnes de alguém provocam pústulas e grossas empolas, chegando mesmo a manchar e estragar as roupas.[105] Mais ainda: o sol é fortíssimo e além do calor que padecíamos não tínhamos, fora das parcas refeições, água doce nem outra bebida em quantidade suficiente. Sofríamos assim tão cruelmente a sede que cheguei quase a perder a respiração e a ficar sem fala durante mais de uma hora, donde se compreende que o que

[105] Inútil parece observar que nunca houve no equador "chuvas fétidas e molestas". Entretanto pode-se ler na narrativa de Gomeville, que passou por essa região em 1503: "Também eram Incomodados por chuvas fétidas que manchavam ns roupas; eram freqüentes e ao tocar as carnes provocavam empolas". Thévet, nas *Singularités de Ia France Antarctique* § LXIX faz Idêntica observação. Esta se encontra ainda na primeira carta de Nicolau Barre, companheiro de Villegagnon: "Aos ventos se Juntava uma chuva tão fétida que os que se molhavam logo se cobriam de grandes pústulas".

mais desejam os marinheiros nessas longas viagens é ver o mar convertido em água doce. E se alguém perguntar se para evitar o suplício de Tântalo, morrendo de sede em meio a tanta água, não seria possível pelo menos refrescar a boca na água do mar, responderei que isso seria condenar um homem a vomitar as tripas e o intestino logo que líquido lhe chegasse ao estômago. E quanto a coá-la em cera ou destilá-la de qualquer outra forma não o permitem os movimentos do navio que impossibilitam fazer fornos, nem se podem preservar as garrafas No entanto é a água do mar, dentro de vidros, mais clara e límpida do que jamais o será a de rocha. Por outro lado (coisa que admiro e entrego à discussão dos filósofos) em se colocando na água do mar toicinho ou outras carnes de peixes, por mais salgadas que sejam perdem o sal muito mais depressa do que na água doce.

Para cúmulo de nossa aflição na zona tórrida, as contínuas chuvas levaram água até os paióis, estragando e mofando a nossa bolacha. E tão pequena era a nossa ração, que nos víamos obrigados a comê-la apodrecida sem sequer desperdiçar os vermes que entravam por metade, fazendo de tudo sopas ou bolos a fim de não morrermos de fome.

Nossa água doce de tal modo se corrompera e tanto bicho acoitava que, tirada das vasilhas em que se achava depositada a bordo, a todos repugnava e o pior era que para beber se fazia mister segurar o copo com uma das mãos e tapar o nariz com outra.

Que direis vós, delicados senhores, que quando o calor vos molesta, mudais de camisa, vos penteais e repousais em sala fresca, numa boa cadeira ou num leito macio e que não sabeis tomar refeição sem louça bem limpa, copos bem enxaguados, guardanapos brancos como neve, bom pão e carne delicada, bem preparada e servida, e vinho ou qualquer outra bebida translúcida. Quereríeis embarcar assim para viver de tal maneira? Como não vo-lo aconselho e menos desejos tereis ainda depois lê ouvirdes o que nos sucedeu na viagem de regresso, eu vos pedirei que se quiserdes saber coisas do mar e sobretudo dessas viagens, deixeis de lado livros e conversas dos que nunca as experimentaram e ouvi tão-somente aqueles que padeceram tais trabalhos e comeram o pão que o diabo amassou, como diz o provérbio. E acrescentarei que tanto com referência à inconstância dos ventos, tempestades, chuvas, insetos e calor, como em relação às demais coisas do mar, principalmente no Equador, o que vale é a prática. Assim, um dos nossos pilotos, por nome João de Meun, de Honfleur, embora ignorante do *abc* tão longa experiência possuía de seus mapas, do astrolábio e da balestilha que a qualquer momento, mas, sobretudo durante as tempestades,

faria calar um douto personagem que não nomearei, mas que em tempo calmo triunfava no ensino da teoria.[106] Não se julgue que assim procure condenar as ciências que se aprendem nas escolas e nos livros; não é essa a minha intenção; mas quero apenas que jamais se aleguem razões contra a experiência. E perdoem-me os leitores se, recordando o pão podre e as águas fétidas do Equador e comparando tais incômodos com a opípara mesa dos grão-senhores me tenha, um pouco desmandado contra eles. Todas essas dificuldades, além das que adiante serão amplamente expostas levam muitas vezes os navegantes a voltarem sem transpor o Equador, depois de consumidos todos os víveres. Quanto a nós, depois do que acabo de relatar bordejamos durante sete semanas nas vizinhanças dessa linha que só conseguimos transpor graças a Deus ao sobrevir vento nordeste, no dia 4 de fevereiro. Essa linha chama-se equinocial não só porque dias e noites são aí sempre iguais como também porque quando o sol está sobre ela, duas vezes ao ano, a 11 de março e 13 de setembro, os dias e noites são iguais em todo o mundo. Assim somente durante esses dois dias do ano têm os habitantes dos pólos Ártico e Antártico dia e noite; a partir do dia seguinte uns e outros perdem o sol de vista por seis meses.[107]

Nesse dia 4 de fevereiro que passamos pela cintura do mundo praticaram os marinheiros as cerimônias habituais a tão difícil e perigosa passagem. Consistem elas, para os que nunca transpuseram o Equador, em serem amarrados com cordas e mergulhados no mar ou terem o rosto tisnado com trapos passados nos fundos das caldeiras. Mas o paciente pode resgatar-se, como eu o fiz, pagando-lhes vinho.

Continuando a nossa rota com bom vento nordeste, atingimos quatro graus além do Equador, onde começamos a ver a estrela que os normandos chamam de estrela do sul e perto da qual, como pude observar, outras existem, em cruz, a que denominam cruzeiro do sul. Alguém já escreveu que os primeiros navegantes desta viagem referiam avistar-se quase sempre, perto do Pólo Antártico, uma nubécula branca e quatro estrelas em cruz com mais três, semelhantes ao nosso setentrião. Muito tempo já havia, entretanto, que perdêramos de vista o Pólo Ártico e devo dizer, de passagem, não só não podemos ver os dois pólos quando nos achamos no Equador mas também nem um nem outro é visível

[106]Provavelmente Thévet (T.).

[107] Para bem entender o trecho é preciso ter em vista que a reforma gregoriana do calendário só foi adotada na França em 1582.

separadamente e é preciso afastar-se quase 2 graus da linha para observar qualquer um deles.[108]

A 13 de fevereiro, com tempo limpo e claro, tomaram os nossos pilotos a altura pelo astrolábio e nos asseguraram que tínhamos o sol no zénite e, na zona, tão reto sobre a cabeça que mais não podia ser. E de fato, nesse dia, principalmente ao meio-dia não vimos sombra alguma em nosso navio, embora por experiência colocássemos no convés facas, punhais, ponteiros e outros objetos. Ao chegarmos a 12 graus tivemos tormenta durante três ou quatro dias. Em seguida o mar se tornou tão manso que os navios pareciam fixos na água e se o vento não se levantasse, nunca mais teríamos saído dali.

Durante toda a viagem não havíamos ainda visto baleias; nessas paragens, porém não só as vimos como pudemos observá-las de perto, tendo mesmo uma delas me pregado tal susto que enquanto não a vi afastar-se imaginei ser um rochedo contra o qual ia o navio bater e despedaçar-se. Verifiquei que antes de mergulhar ela levantou a cabeça fora dágua e jorrou para cima, pela boca, mais de duas pipas de água; sumiu-se depois com tal e tão tremendo redemoinho que novamente me atemorizei ao pensar que podíamos ser arrastados por ela e submergir na voragem. E na verdade é um espetáculo horrível, como nos salmos e em Job[109] se diz, ver esses monstros folgarem a bel-prazer na imensidão das águas.

Também vimos golfinhos acompanhados de várias espécies de peixes, dispostos como uma companhia de soldados atrás de seu capitão e que pareciam de cor avermelhada dentro dágua; e houve um que como se quisesse agradar-nos volteou em roda de nosso navio por seis ou sete vezes. Tentamos apanhá-lo, mas com seus negaceios batendo habilmente em retirada não nos deixou apresá-lo.

---

[108] (106) Gomara. *Hist. gen. de Ias Índias,* § CXCVII p. 130: "Anda siempre cabe el Sur o polo antárctico, una nubecilla branquisca, y cuatro estrellas en cruz, y otras três alli junto, que se mejan nuestro septentrion". Observe-se que o cruzeiro do sul já era conhecido antes do descobrimento da América. Dante descreve essa constelação no *Purgatório* (Canto l terzo 22). Ver na tradução de Dante por A. de Montor (p. 170) uma carta do almirante Rossel. Humboldt. *Histoire de Ia géographie de l'Ancien Continent,* t. II, p. 323. Ver também os planisférios árabes, e em especial o globo de Bórgia, de Abreu Cassem (1225).

[109] Salmo 103, v. 25 [na numeração católica. Sl 104.25: *Eis também o vasto e espaçoso mar, no qual se movem seres inumeráveis, animais pequenos e grandes*]. Job XL, 26.[Será Jó 41.26? *"Se alguém o atacar com a espada, essa não poderá penetrar; nem tampouco a lança, nem o dardo, nem o arpão"*. Porém aí a referência não é à baleia, mas a um animal, talvez extinto, denominado "leviatã"].

CAPITULO V

DO DESCOBRIMENTO E PRIMEIRA VISTA QUE TIVEMOS DA ÍNDIA OCIDENTAL OU TERRA DO BRASIL, BEM COMO DE SEUS HABITANTES SELVAGENS E DO MAIS QUE NOS ACONTECEU ATÉ O TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO

Tivemos desde então vento de oeste que nos foi propício e permaneceu tão constante que a 26 de fevereiro de 1557, pelas oito horas da manhã, avistamos a índia Ocidental ou terra do Brasil, quarta parte do mundo, desconhecida dos antigos e também chamada América, do nome daquele que em 1497 primeiro a descobriu[110]. Não é preciso dizer que muito nos alegramos e rendemos graças a Deus por estarmos tão perto do lugar que demandávamos. Com efeito, há cerca de quatro meses já não víamos porto e flutuávamos no mar não raro com a idéia de que nos encontrávamos num exílio sem solução. Por isso logo que verificamos ser o continente que víamos, pois muitas vezes nos enganaram as nuvens, velejamos para a terra e no mesmo dia, com nosso almirante à frente fomos ancorar a meia légua de um lugar montanhoso chamado *Huuassú*[111] pelos selvagens[112]. Botamos água o escaler e depois de ter disparado alguns tiros de peça para avisar os habitantes, conforme o costume de quem chega a esse país, vimos reunirem-se na praia homens e mulheres em grande número. Nenhum de nossos marinheiros, já viajados, reconheceu bem o sítio; entretanto os selvagens eram da nação dos *Margaiá,* aliada dos portugueses e por conseqüência tão inimiga dos franceses que se nos apanhassem em condições favoráveis, não só não nos teriam pago resgate algum mas ainda nos teriam trucidado e devorado. E

[110] Questão muito controvertida. V. Gaffarel: *Êtude sur les relations de 1'Amérique,* etc. — João Cousin, de Dieppe, parece ter tido conhecimento do Brasil em 1490 (Revue politique e litteraire, maio 1874), e conseqüentemente antes de Vespúcio. Ver também Humboldt, *Histoire de Ia Géographie du Nouveau Monde e* D'Avezac: *Hylacomylus et Vespuce.*

[111] *Huuassú* deve ser *Y-uassú,* ou *Iguasú,* rio grande caudaloso (P.A.).

[112] Entre o Macuri e o rio Doce.

logo pudemos admirar as florestas, árvores e ervas desse país que, mesmo em fevereiro, mês em que o gelo oculta ainda no seio da terra todas essas coisas em quase toda a Europa, são tão verdes quanto na França em maio e junho. E isso acontece durante todo o ano nessa terra do Brasil.

Não obstante a inimizade entre margaiás e franceses, muito bem dissimulada de parte a parte, nosso mestre, que lhes conhecia um pouco a língua, meteu-se num escaler com alguns marujos e dirigiu-se à praia cheia de selvagens. Não se fiando nestes, entretanto, e temerosos de serem agarrados e moqueados, mantiveram-se fora do alcance de suas flechas acenando-lhes de longe com facas, espelhos, pentes e outras bugigangas. Ouvindo as nossas vozes apressaram-se os índios mais próximos em vir ao encontro dos nossos, com alguns companheiros. Desse modo obteve o nosso contramestre farinha fabricada de certa raiz, usada pelos da terra em vez de pão, e ainda carne de javali,[113] frutas e mais coisas que o país produz em abundância. Seis homens e uma mulher não hesitaram em vir visitar-nos no navio para vê-lo e dar-nos as boas-vindas. Como eram os primeiros selvagens que eu via de perto, é natural que os observasse atentamente e embora os descreva minuciosamente noutro lugar, quero desde já dizer alguma coisa a seu respeito. Tanto os homens como as mulheres estavam tão nus como ao saírem do ventre materno mas para parecer mais garridos tinham o corpo todo pintado e manchado de preto. Os homens usavam o cabelo cortado na frente à maneira de coroa de frade e comprido atrás, aparado em torno do pescoço como entre nós as pessoas que usam cabeleira. Ainda mais: todos tinham o lábio inferior furado ou fendido e cada qual trazia no beiço uma pedra verde e polida, como que engastada, do tamanho de uma moeda e podia ser tirada ou colocada, como bem entendiam. Usam por certo tais coisas para se enfeitarem, mas, na realidade sem a pedra a fenda do lábio inferior se assemelhava a uma segunda boca, o que os afeia grandemente. Quanto à mulher, além de não ter o lábio furado, usava os cabelos compridos como as demais do lugar; mas tinha as orelhas furadas tão cruelmente que era possível atravessá-las com os dedos e nelas carregavam penduricalhos de osso que lhes tocavam os ombros. Mais adiante refutarei o erro dos que afirmam serem os selvagens peludos. Antes de se separarem de nós os homens, principalmente dois ou três velhos que pareciam os mais notáveis da freguesia,

[113] Como Léry se refere a "sanglier" a tradução deve ser "javali"; capivara parece-nos, entretanto mais provável (T.).

afirmaram que em suas terras se encontrava o melhor Pau-Brasil da região e prometeram ajudar-nos a cortar e carregar a madeira, e ainda a nos fornecer víveres, e todo esforço fizeram para persuadir-nos a carregarmos o nosso navio. Como, porém eram nossos inimigos isso nos pareceu astúcia; em terra, onde teriam vantagem, fácil lhes seria nos desbaratarem e comerem; de resto não era nosso intento dirigir-nos para esse lugar e não nos detivemos ali.

Assim, depois que os margaiás admiraram as nossas peças e tudo mais que desejaram no navio, pensando em outros franceses que por acaso lhes caíssem nas mãos, não os quisemos molestar nem reter; e pedindo eles regresso à terra tratamos de pagar-lhes os víveres que nos haviam trazido. Mas como desconhecessem o pagamento em moeda, foi o mesmo feito com camisas, facas, anzóis, espelhos e outras mercadorias usadas no comércio com os índios. Essa boa gente que não fora avara, ao chegar, de mostrar-nos tudo quanto trazia no corpo, do mesmo modo procedeu ao partir, embora já vestisse camisa. Ao sentarem-se no escaler os índios arregaçaram-se até o umbigo a fim de não estragar as vestes e descobriram tudo que convinha ocultar, querendo, ao despedir-se, que lhes víssemos ainda as nádegas e o traseiro. Agiram sem dúvida como honestos cavalheiros e embaixadores corteses. Contrariando o provérbio comum entre nós de que a carne é mais cara do que a roupa revelaram a magnificência de sua hospedagem mostrando-nos as nádegas, na opinião de que mais valem as camisas do que a pele.

Depois de refrescar-nos nessa paragem, atendendo à necessidade não deixamos de comer as viandas que nos haviam trazido embora nos parecessem a princípio estranhas; e no dia seguinte, domingo, levantamos âncora e demos a vela. Costeando a terra na direção que tínhamos em mira, ao fim de nove ou dez léguas apenas deparamos com um fortim português denominado Espírito Santo (para os selvagens *Moab).*[114] O forte, conhecendo-nos, bem como a caravela aprisionada que trazíamos mandou-nos três tiros de canhão aos quais respondemos com juros. Como, porém estávamos uns e outros fora de alcance da artilharia não houve danos de parte a parte. Prosseguimos, pois n nosso caminho e

[114] Termo difícil de explicar, neste caso. Parece-nos, entretanto, que poderá provir de *mboá. — poár*, prender, agarrar etc., e, daí *moába* ou poába, lugar de prender, presídio, fortaleza, etc. Varnhagen (História Geral do Brasil, t. I, 216, 3ª ed.. São Paulo) diz: "aí teve princípio o assento da povoação para a qual invocou a graça do Espírito Santo, dando-lhe este nome; bem que o bárbaro da terra começasse a denominá-la, Mboáb, como designando o sítio habitado pelos emboabas".

costeando sempre a terra passamos pelo lugar denominado *Tapemiry,*[115] onde se encontram pequenas ilhas na entrada da terra firme e que me pareceram habitadas por selvagens aliados dos franceses. Pouco adiante, aos 20 graus habitam os *Paraíbas,*[116] sendo as suas terras, como já observei, assinaladas por montanhas pontiagudas com forma de chaminé.

A primeiro de março alcançamos uma região de pequenos baixios, isto é, escolhos e restingas salpicadas de pequenos rochedos que entram pelo mar e que os navegantes evitam passando ao largo. Desse lugar avistamos uma terra plana na extensão de 15 léguas e que é ocupada pelos *Uetacá*[117] índios tão ferozes que não podem viver em paz com os outros e se acham sempre em guerra aberta não só contra os vizinhos, mas ainda contra todos os estrangeiros. Quando apertados e perseguidos por seus inimigos, os quais, entretanto, nunca os puderam vencer ou ornar, correm tão rápidos a pé que não só escapam da morte como apanham na carreira certos animais silvestres, veados e orças. Andam nus como todos os brasileiros e usam cabelos compridos e pendentes até as nádegas, o que não parece comum entre os homens desse país, pois, como já disse, costumam tonsurar o cabelo na frente e apará-lo na nuca. Em suma esses diabólicos *Uetacá,* invencíveis nessa região, comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a índia Ocidental.

Como não têm nem querem ter comércio com os franceses, espanhóis e portugueses, nem com outros povos transatlânticos, ignoram em que consistem as nossas mercadorias. Entretanto, conforme vim a saber de um intérprete normando, quando seus vizinhos os procuram e eles concordam em atendê-los, assim procedem: o margaiá, o caraiá[118] ou o

---

[115] *Itapemirim,* de *itapé-mirím,* a pedra chata pequena, a laje pequena, o lajeado (P. A.).

[116] Por certo Léry dá tal nome aos moradores desse lugar em função do nome do rio — Paraíba — à foz do qual poderia ter aportado, pois segundo Gabriel Soares (op. cit. 73-77): Este rio do Paraíba, que está em 21 graus e dois terços, tem barra e fundo por onde entram navios de honesto porte... (P. A.).

[117] Indígenas famosos pela rusticidade de costumes e pela crueldade com que tratavam seus inimigos. Viviam entre o baixo Paraíba-do-Sul e o rio Macaé. Eram de avantajada estatura e muito destros no manejo do arco. Do ponto de vista lingüístico, ao lado de várias outras tribos, são Incluídos no grupo — *Línguas isoladas.* Sobre suas peculiaridades culturais referem-se: Gabriel Soares (op. cit. 77) em capítulo especial; Fernão Cardim (op. cit., 204); Alfred Métraux (Lês Indiens Waitaká, a propos d'un manuscrit Inédit du cosmographe André Thévet *in* Journal de la Soc. des Amér. de Paris, t. XXI, 1929); Estêvão Pinto (Os Indígenas do Nordeste. São Paulo, 1935, 144-146) e numerosos outros autores (P. A.).

[118] Denominação depreciativa dada por certos grupos a vizinhos desafetos. Na língua geral, *Karaiá* ou *Karajá* é nome de um mono grande (P. A.).

tupinambá[119] (assim se chamam as nações vizinhas), sem se fiar no uetacá mostra-lhe de longe o que tem a mostrar-lhe, foice, faca, pente, espelho ou qualquer outra bugiganga e pergunta-lhe por sinais se quer efetuar a troca. Em concordando, o convidado exibe por sua vez plumas, pedras verdes que coloca nos lábios, ou outros produtos de seu território. Combinam então o lugar da troca, a 300 ou 400 pés de distância; aí o ofertante deposita o objeto da permuta em cima de uma pedra ou pedaço de pau e afasta-se. O uetacá vai buscar o objeto e deixa no mesmo lugar a coisa que mostrara, arredando-se igualmente, a fim de que o margaiá ou quem quer que seja venha procurá-la. Enquanto isso se passa são mantidos os compromissos assumidos. Feita, porém a troca, rompe-se a trégua e apenas ultrapassados os limites do lugar fixado para a permuta procura cada qual alcançar o outro a fim de arrebatar-lhe a mercadoria. E parece-me inútil dizer quem leva a melhor o mais das vezes, sendo os uetacá como se sabe excelentes corredores. Não devem, portanto meter-se em negócios com esses selvagens, os coxos, os gotosos, os mal empernados de qualquer espécie que tenham amor aos seus bens. Entretanto, como afirmam que os biscainhos têm muita lábia e são, como sabemos, facetos e ágeis, reputando-se os melhores lacaios do mundo, creio que podem ser comparados aos uetacá e capazes de com eles disputar um jogo de barras.[120] Também poderíamos pôr em paralelo com esses selvagens certos habitantes da Flórida, perto do rio das Palmas, tão fortes e ágeis que correm um dia inteiro sem parar e pegam veados na carreira; ou ainda os grandes gigantes que vivem no rio da Prata e são igualmente tão fortes e ágeis que agarram com as mãos os cabritos na corrida. Mas deixemos esses corcéis e cães corredores de dois pés correr céleres como o vento, com furibundas cambalhotas, ou cair como chuva em diversos lugares da América e da Europa

[119] Léry escreve *Tauoupinambaoults* e vários outros cronistas o fazem de modos diversos: *Topynambá* (Claude ,d'Abbeville), *Tuppinambá* (Hans Staden); *Tapinambó* (Yves d'Evreux); *Tupinabâ* (Fernão Cardim) etc. A forma que se vulgarizou, entretanto, foi a usada por Gabriel Soares e outros cronistas que escreveram em português — *Tupinambá.* Essa designação era de aplicação extremamente larga, e se nos apresenta na Etnografia brasileira como denominativo genérico de numerosas tribos litorâneas, desde o extremo norte ao sul do Brasil, oriundas de um mesmo tronco antigo, provavelmente o tupi. Assim é que certos tupiniquins, tamoios, tobajaras, tupinás, etc., não raro se diziam tupinambás, como a indicar o nome de família com omissão de seus nomes tribais. A maneira pela qual Léry grafou o gentílico — *Tupinambáú* — pode sugerir uma designação parcial, tirada da geral — *Tupinambá* — que se interpretará tupinambá escuro, admitindo o *u* como representante de *hú*, escuro, preto etc., ou *tupinambá — aú*, estes tais *tupinambás.* Vide Batista Caetano, *in* Tratados da Terra e Gente do Brasil, de Fernão Cardim, ed. cit. 273. Para esclarecimento de várias passagens da obra de Léry referentes às tribos do litoral, vide quadro, *in fine,* que organizamos de maneira sintética, sem outro intuito senão o de auxiliar os leitores deste trabalho (P.A.).

[120] Este jogo, que passou de moda entre nós, consistia em, de acordo com determinadas regras, dois grupos de contendores procurarem agarrar-se (T.).

muito distantes uns dos outros, e passemos novamente à nossa viagem. Depois de costearmos a terra desses uetacá, avistamos outra região próxima chamada de *Macaé* e habitada por outros selvagens que, como é de imaginar pelo que ficou dito acima, não podem se comprazer na vizinhança de índios tão brutais e ferozes.

Nessas terras vê-se à beira-mar um grande rochedo em forma de torre, tão reluzente ao sol que pensam muitos tratar-se uma espécie de esmeralda; e com efeito, os franceses e portugueses que por aí velejam o denominam "Esmeralda de Macaé". Dizem que ela é rodeada por uma infinidade de rochedos à flor água que avançam mar afora cerca de duas léguas e como tampouco a ela se tem acesso por terra, é completamente impraticável.

Também existem três pequenas ilhas chamadas ilhas de Macaé[121] junto das quais fundeamos e dormimos uma noite. Pensávamos chegar no dia seguinte ao Cabo Frio, mas tivemos tanto vento contrário que foi preciso voltar para o ponto de onde partíramos pela manhã e aí permanecermos ancorados até quinta-feira à tarde, pouco tendo faltado como vereis para ali ficarmos definitivamente. Com efeito, na quarta-feira, 2 de março, primeiro dia da Quaresma, depois da festa habitual dos marinheiros, sucedeu desencadear-se, ali pelas onze horas da noite, quando começávamos a repousar, tão rude temporal que as amarras não resistiram ao ímpeto das vagas furiosas. Nosso navio combalido e sacudido pelas ondas foi impelido para o lado da praia, chegando a ficar apenas em duas braças e meia de água (o mínimo que podia ter para flutuar descarregado) e pouco faltou para que batesse na areia e naufragasse. O mestre e o piloto que procediam à sondagem, em vez de se mostrarem os mais imperturbáveis e animarem os companheiros, vendo o perigo clamaram duas ou três vezes: "estamos perdidos". Mas os nossos marujos diligentemente lançaram outra âncora que graças a Deus ficou segura, o que impediu fôssemos levados contra os rochedos de uma dessas ilhas de *Macaé,* os quais sem dúvida alguma teriam despedaçado o nosso navio em vista da violência do mar. Esse angustioso transe durou quase três horas durante as quais de nada servira gritar: *A bombordo! A estibordo! Segura o leme! Mete de ló! Ergue a bolinai Larga a escota!* O que só se faz em mar alto onde as tormentas são menos temidas do que perto da terra. Como já disse estava a nossa aguada corrompida, por isso pela manhã, ao cessar a tormenta, alguns marujos foram procurar água

[121] Ilhas de Santana e Papagaios.

potável nessas ilhas desabitadas e verificaram que todo o terreno se achava coberto de ovos de aves de diversas espécies, aliás, diferentes das nossas. E tão mansas, por nunca terem visto gente, que se deixavam pegar com a mão ou matar a pauladas; assim nossos homens puderam encher o escaler, trazendo para o navio grande quantidade delas[122] e apesar de ser dia de Cinzas nossos marinheiros vencidos pelo apetite, agravado com o trabalho da noite precedente, não hesitaram em comê-las, embora fossem verdadeiros católicos romanos. Certamente quem contra a doutrina proibiu aos cristãos o uso da carne em determinados dias e épocas não tinha penetrado neste país onde a prática dessa supersticiosa abstinência é ignorada.

Na quinta-feira em que deixamos estas três ilhas tivemos vento tão favorável que no dia seguinte chegamos ao Cabo Frio, enseada e porto dos mais conhecidos dos navegadores franceses, ali pelas quatro horas da tarde. Depois de fundearmos e darmos alguns tiros de canhão para avisar os habitantes, desembarcamos com o capitão de nosso navio, o mestre e alguns homens. Encontramos na praia grande número de selvagens chamados tupinambás, aliados do nosso país, que além de nos acolherem muito bem nos deram notícia de *Pai Colas* que é como chamavam a Villegagnon. Nesse mesmo lugar, com a rede e os anzóis que trazíamos, pescamos grande quantidade de peixes de várias espécies diferentes das nossas. Entre eles havia um disforme, monstruoso, todo sarapintado, que merece descrição. Tinha quase o tamanho de um vitelo e o focinho de cinco pés de comprimento por pé e meio de largura, armado de dentes cortantes como de serra, de modo que mesmo fora da água o rápido mover dessa tromba era um perigo para as pernas de todos. Sua carne era tão dura que não obstante o nosso apetite e o fato de ter sido cozida mais de vinte e quatro horas não a pudemos comer.[123] Foi também aí que pela primeira vez vimos papagaios voando alto e em bandos como os pombos e gralhas na França, e pude observar que andam sempre acasalados à maneira das rolas.[124]

Não nos detivemos em Cabo Frio como desejáramos porque nos achávamos a uma distância de vinte e cinco a trinta léguas do lugar de nosso destino e queríamos chegar com a maior brevidade. Por isso na tarde desse mesmo dia, desfraldando as velas singramos tão bem que no domingo, 7 de março, deixando o mar à esquerda, do lado de leste, entramos no

---

[123] Talvez o espadarte (xiphias gladius) e não o espadarte europeu (phocoena, orca) (T.).

braço de mar chamado *Guanabara* pelos selvagens e *Rio de Janeiro* pelos portugueses que assim o denominaram por tê-lo descoberto, como afirmam, no dia 1.° de janeiro[125]. Conforme mencionei no capítulo primeiro desta narrativa, e adiante descreverei mais pormenorizadamente, encontramos Villegagnon residindo desde o ano precedente em uma pequena ilha situada neste braço de mar. Depois de saudá-lo com tiros de canhão, a uma distância de quase um quarto de légua, e dele por sua parte fazer o mesmo fomos enfim ancorar junto da dita ilha.

Eis em suma o que foi a nossa viagem e o que nos aconteceu a caminho da terra do Brasil.

---

[124] Não é propriamente rola, que não existe na Europa, mas pombo pequeno (T.).

[125] Cf. Crespin, *Histoire des martyrs persécutés:* "Desejosos os portugueses de se estabelecer nos melhores portos que encontravam no reconhecimento da terra, escolheram um rochedo no rio de Coligny, a que chamavam de Janeiro por aí terem entrado a primeiro desse mês. Aí abandonaram os portugueses alguns pobres condenados à morte não só para o comércio com *os* índios mas ainda para aprenderem a língua. Tão mal se conduziram eles entretanto que passados alguns anos foram em grande parte trucidados e comidos. Os restantes fugiram em uma embarcação".

CAPÍTULO VI

DO DESEMBARQUE NO PORTE DE COLIGNY; DA ACOLHIDA DE VILLEGAGNON E DE SEU COMPORTAMENTO EM RELAÇÃO À RELIGIÃO E AO GOVERNO DO PAÍS[126]

Depois de ancorados os nossos navios no porto desse rio Guanabara, muito perto da terra firme, cada qual arranjou sua bagagem e a trouxe para os escaleres. E assim fomos todos desembarcar na ilha e forte de Coligny. E vendo-nos livres dos riscos e perigos que tantas vezes nos cercaram no mar, a primeira coisa que fizemos, depois de pôr o pé nessa terra, para onde havíamos sido conduzidos com tanta felicidade, foi todos juntos rendermos graças a Deus. Em seguida fomos ter com Villegagnon que nos esperava em lugar conveniente e nos saudamos todos uns aos outros. E ele a todos abraçou muito risonho. A seguir o senhor Du Pont, apoiado por Richier e Cartier, ministros do evangelho, declarou a causa principal que nos movera àquela viagem e a passar o mar em meio a tantos perigos para irmos ter com ele e aí erigirmos nossa igreja reformada, concorde com a palavra de Deus. Em resposta disse ele textualmente o seguinte: "quanto a mim,[127] desde muito e de todo o coração desejei tal coisa e recebo-vos de muito bom grado mesmo porque aspiro a que nossa igreja seja a mais bem reformada de todas. Quero que os vícios sejam reprimidos, o luxo do vestuário condenado e que se remova de nosso meio tudo quanto possa prejudicar o serviço de Deus". Erguendo depois os olhos ao céu e juntando as mãos disse: "Senhor Deus, rendo-te graças por teres-me enviado o que há tanto tempo venho

[126]Este capítulo não figura na edição latina de Bry.

[127] Segundo Crespin, *Histoire des Martyrs*, Villegagnon depois de ler as cartas manifestou grande contentamento e declarou abertamente o motivo que o levava a abandonar os prazeres da vida na França para

ardentemente pedindo". E voltando-se novamente para os nossos companheiros continuou: meus filhos (pois quero ser vosso pai), assim como Jesus Cristo nada teve deste mundo para si e tudo fez por nós, assim eu (esperando que Deus me conserve a vida até nos fortificarmos neste país e poderdes dispensar-me) tudo pretendo fazer aqui para todos aqueles que vierem com o mesmo fim que viestes. É minha intenção criar aqui um refúgio para os fiéis perseguidos m França, na Espanha ou em qualquer outro país de além-mar, a fim de que sem temer o rei nem o imperador nem quaisquer potentados, possam servir a Deus com pureza conforme a sua vontade". Essas foram as primeiras palavras que Villegagnon nos dirigiu por ocasião de nossa chegada, na quarta-feira, dia 10 de março de 1557.

Mandou ele então reunir toda a sua gente conosco em uma pequena sala existente no meio da ilha e o ministro Richier invocou Deus. Cantamos em coro o salmo V e dito ministro, tomando por tema estas palavras do salmo XXVII: — "Pedi ao Senhor uma coisa que ainda reclamarei e que é a de poder: habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida" — fez a primeira prédica no Forte de Coligny, na América. Durante a mesma não cessou Villegagnon de juntar as mãos, erguer os olhos para o céu, dar altos suspiros e fazer outros gestos que a todos nós pareciam dignos de admiração. Por fim, terminadas as preces solenes conforme o ritual das igrejas reformadas de França, e sendo marcado para elas um dia da semana, dissolveu-se a reunião. Nós, porém, recém-chegados, ficamos e jantamos nesse dia nessa mesma sala onde a refeição constou de farinha feita de raízes, peixe moqueado, isto é, assado à maneira dos selvagens, e outras raízes assadas no borralho, a cujo respeito falarei oportunamente. Por bebida, tivemos uma água de cisterna, ou antes, de uma calha, que recolhia a chuva e essa água era tão esverdinhada e suja como a de um charco de rãs, e isso porque não existe nessa ilha fonte, poço ou rio. Ainda assim, embora fosse a água fétida e corrompida, a achamos boa em comparação com a que bebêramos em viagem. Como sobremesa própria para refazer-nos dos trabalhos do mar mandaram-nos carregar pedras e terra para as obras do forte de Coligny, que se achava em construção. Esse foi o bom tratamento que nos deu Villegagnon desde o primeiro dia de nossa chegada. À noite, quando se tratou de arranjar aposento, foram o senhor Du Pont e os dois ministros acomodados em uma sala igual à do meio da ilha e nós, por gentileza, num casebre coberto

---

viver no Brasil. Quanto aos ministros solicitava-lhes estabelecessem a disciplina eclesiástica em obediência

de palha, que um escravo construíra a seu modo à beira-mar. Aí amarramos as nossas redes para dormirmos à moda da América, suspensos no ar. Assim, já de chegada e nos dias seguintes, sem necessidade nenhuma e sem nenhuma atenção ao estado de debilidade em que nos encontrávamos por causa da viagem, sem consideração ao calor que faz no país, nem à parca alimentação que tínhamos, de duas medidas de farinha de raízes, que comíamos ou seca ou em papa feita com a água suja das cisternas, obrigou-nos Villegagnon a carregar terra e pedras para o seu fortim e isso desde madrugada até à, noite, apesar de nossa fraqueza, o que por certo constituía um tratamento mais rude do que fora de esperar de um pai. Todavia tanto pelo desejo que tínhamos de ver concluído o refúgio que ele dizia preparar para os fiéis[128] nesse país como porque o nosso mestre Pedro Richier,[129] ministro

---

as Instruções de Genebra, prometendo publicamente submeter-se a eles com toda a sua gente.

[128] Ver Thévet *(Cosmog*. p. 908): "Mesmo os principais dentre nós não se furtavam à necessidade de dar o exemplo aos outros, o que os encorajou de tal modo que todos estavam dispostos a arriscar a vida na construção do forte". Ver Crespin, *Histoire des Martyrs:* "Ouvindo tais palavras todos se sentiram grandemente animados a levar avante a empresa... Cada qual, na medida de suas forças, trabalhava como simples operário, sem se recusar ao trabalho tal a esperança que depositávamos nas promessas de Villegagnon".

[129] Curiosa carta de Richier, a respeito. Inserta na coletânea das cartas de Calvino (ed. 1667, Amsterdã, p. 121). *** A carta em latim, reproduzida na nota de Gaffarel, é dada aqui em português para facilitar a leitura à maioria dos leitores (T.):

"Não quis desprezar a presente ocasião, para esclarecê-lo, meu Irmão, acerca das nossas coisas. Em primeiro lugar quero que seja por ti conhecido o beneficio que de Deus recebemos até agora, a fim de que conosco lhe des graças pela sua bondade. Pois de todos nós teve tal cuidado que, pela sua bondade nos conduziu todos ao porto, sãos e incólumes, através das muitas separações das terras e do mar. Satã, na verdade, como é natural, expôs-nos, no caminho, a diversos perigos: mas, como filhos embora indignos, sempre experimentamos muito a mão auxiliadora do Pai que continua misericordiosamente estendida para nós através dos dias. Ao chegarmos ao posto, Villegagnon quis que a palavra de Deus fosse publicamente pregada; na semana subseqüente desejou que fosse administrada a ceia sagrada de Cristo, a que ele próprio com alguns de seus domésticos, religiosamente compareceu, dando um exemplo da sua fé para a edificação das pessoas presentes. Quem podia melhor auxiliar o nosso plano? Que podia corresponder mais oportunamente aos nossos desejos todos de que a verdadeira Igreja ter-se patenteado a esses furiosos junto de nós? Com tais benefícios o nosso supremo Pai se dignou recompensar-nos. Esta região, doutro lado, porque seja inculta e com raros habitantes, quase nada produz daquilo, que a gente de nosso país gosta de saborear. Produz milho é verdade, figos silvestres e umas certas raízes com as quais fabricam, para seus habitantes, a farinha que lhes serve de provisão de viagem. Não tem pão, nem produz vinho ou algo semelhante. Além disso não nos servimos, em nenhum tempo ou lugar, de nenhum fruto familiar. Todavia qualquer coisa nos basta, e passamos perfeitamente bem. Bastando dizer que estou mais forte que de costume e o mesmo acontece a todos os outros. Um naturalista teria acrescido ao que disse a bondade do ar, que de tal sorte se tempera e corresponde ao nosso maio. De tal forma o Pai celeste se mostra bom e nos oferece o seu paterno afeto que aqui, em tão bárbaro e agreste solo, nos ministra o seu favor, a fim de que comprovemos que a provisão de viagem do homem não depende do pão mas da palavra de Deus, cuja bênção substitui para nós todas as delícias. Uma coisa há que nos constrange e preocupa: a selvageria do povo, tão grande que maior não podia ser. Não lhes censuro serem antropófagos o que, entretanto, é neles muito vulgar; mas deploro a estupidez de sua mente que è palpável mesmo nas trevas. Sobre a virtude do Pai também nada conhecem, não distinguindo o bem do mal e os vícios que a natureza revela naturalmente às outras gentes eles os têm por virtude; não conhecendo a torpeza do vicio pouco diferem das feras. E, o que é a mais perniciosa de todas as coisas, não sabem que Deus existe. Estão muito longe de observar a Sua lei ou admirar o Seu poder e vontade, por isso não temos

mais antigo afirmava, a fim de nos encorajar, que tínhamos achado em Villegagnon um novo São Paulo (e com efeito nunca ouvi ninguém pregar melhor do que ele a reforma da religião), não houve entre nós quem não trabalhasse com alegria, acima de suas forças e por espaço de quase um mês naqueles serviços a que não estávamos acostumados. E ouso dizer que Villegagnon não tem razão de queixa, pois enquanto serviu a religião reformada, tirou de nós tudo o que exigiu.

Devo dizer que logo à nossa chegada Villegagnon não só consentiu mas ainda estabeleceu ele próprio que, além das preces públicas feitas todas as noites depois do trabalho, os ministros pregariam duas vezes no domingo e nos outros dias da semana durante uma hora; ordenou também, expressamente, que os sacramentos fossem administrados de acordo com a palavra pura e Deus e que, no mais, fosse a disciplina eclesiástica aplicada contra os pecadores. Em obediência a essa determinação, no domingo, 21 de março, em que pela primeira vez celebramos a Santa Ceia de Nosso Senhor Jesus Cristo, no forte de Coligny, (prepararam os ministros, com a devida antecedência, todos os que deviam comungar e como não tínhamos em boa conta um ai senhor João Cointa,[130] que viera conosco e ora se chamava senhor Heitor e ora se dizia doutor da Sorbonne, foi ele convidado a fazer confissão pública de sua fé antes de comungar, o que fez, abjurando perante todos o papismo.

Ao terminar o sermão, Villegagnon, aparentando zelo, levantou-se e alegou que os capitães, mestres, marujos e algumas pessoas presentes ainda não professavam a religião reformada;

---

esperança de ganhá-los Inteiramente para Cristo, embora seja realmente a coisa mais importante de todas. Aprovo na verdade quem os descreve como uma "tabula rasa", facilmente pintável em quaisquer cores, pois essa espécie de cores nada tem de contrário à pureza natural. Mas o grande obstáculo é a diversidade de idiomas. Acrescente-se que não temos intérpretes fiéis a Deus. O mérito de nossa obra consiste para nós em refrear o passo e esperar pacientemente que os adolescentes aprendam a língua dos índios. E já alguns vivem entre eles. Praza a Deus que fique aquém deles qualquer perigo para as suas almas. Desde que o Altíssimo nos impôs esta tarefa, devemos esperar que esta terra se torne a futura possessão de Cristo. Neste ínterim precisamos mais gente para que se forme esta nação bárbara e que nossa igreja receba seu incremento. Abundaríamos certamente de toda a cópia de bens se aqui houvesse um povo numeroso; sendo poucas almas progride o agricultor muito devagar. Mas por todas as coisas vela o Altíssimo. Nós em verdade, desejamos fortemente ser recomendados às preces de todas as nossas igrejas". *** O original em latim foi aqui traduzido livremente para facilidade de leitura (T.).

[130] Crespin — *Histoire des Martyrs* — "Como esse Cointa se mostrasse um tanto estranho em suas opiniões e ainda houvesse confessado a alguns que possuía títulos em França, um dos ministros lhe pediu que fizesse profissão pública de fé na Igreja reformada a fim de que não subsistissem dúvidas a seu respeito e se apagasse a má impressão que porventura se tivesse dele". *** O caso de João Cointa permanece obscuro, apesar da extensa literatura que existe a respeito (T.).

deviam, portanto sair porque não estavam aptas para assistir ao mistério da administração do pão e do vinho. E ele próprio a fim de dedicar o seu fortim a Deus e fazer confissão de sua fé em face da igreja, ajoelhou-se num coxim de veludo, que um pajem trazia geralmente consigo, e pronunciou em voz alta duas orações, quais obtive cópia e aqui transcrevo, literalmente, para que melhor se compreenda quanto é difícil conhecer o coração desse homem.

"Meu Deus, abre os olhos e a boca de meu entendimento, acostuma-os a te dirigir confissão, preces, e ações de graças pelo muito bem que nos tens feito. Deus onipotente, vivo e imortal, pai eterno de teu filho Jesus Cristo, Nosso Senhor, que por tua própria providência governas com teu filho todas as coisas no céu e na terra, assim como pela tua bondade infinita te fizeste ouvir aos teus escolhidos, desde a criação do mundo, especialmente por teu filho que enviaste à terra, e pelo qual te manifestas; tendo dito em voz alta: *"ouvi-o"* — e depois de tua ascensão por teu Espírito Santo difundido entre os apóstolos — reconheço de coração, perante a tua Majestade e a tua Igreja, neste país implantada por graça tua, que nunca os meus atos passaram de uma obra das trevas, da carne e da vaidade, tendentes apenas à satisfação de meu corpo. Confesso, portanto, francamente, que sem a luz de teu Espírito Santo só me é possível pecar; e, despojando-me de toda glória, quero que se saiba que se alguma virtude existe na obra pia que por meu intermédio fizeste, a ti somente, fonte de todo o bem, deve ela ser atribuída. Rendo-te graças, meu Deus, de todo o coração, por te haveres dignado tirar-me do mundo em que vivia, por ambição, para colocar-me no lugar onde com toda a liberdade e todas as minhas forças eu possa contribuir para o aumento de teu santo, reino. E assim faço, preparando lugar de morada pacífica para os que não podem invocar publicamente o teu nome, nem santificá-lo e adorá-lo, em espírito e verdade, nem reconhecer em teu filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, o único mediador e o único mérito da nossa salvação. Eu te agradeço ainda, ó Deus de suprema bondade, porque, conduzindo-me a este país de ignorantes de teu nome e grandeza, tu me preservaste da malícia de Satanás e tu lhes incutiste terror a ponto de, à simples menção de nosso nome, tremerem de medo. Tu os obrigaste a alimentar-nos com seu trabalho e para refrear a sua brutal impetuosidade os afligiste com cruéis moléstias, preservando-nos delas entretanto. Suprimiste os que nos eram mais perigosos e reduziste os

outros a tal estado de fraqueza que nada ousam empreender contra nós. E ainda te aprouve não só permitir que lançassem raízes neste lugar aqueles que para aqui trouxeste sãos e salvos, como também estabeleceste o regime de uma igreja para manter-nos unidos e no temor de teu santo nome a fim de ganharmos a vida eterna.

Pois que te aprouve, Senhor, erigir em nós o teu reino, peço-te por Jesus Cristo, teu filho, que aumentes as tuas graças e nossa fé, fortalecendo-nos e iluminando-nos com teu Espírito Santo, de forma a que todo o nosso esforço se empregue em tua glória. Peço-te também, senhor e pai nosso, que estendas a tua bênção sobre este forte de Coligny e essa região da França Antártica, para que se torne inexpugnável o refúgio daqueles que em boa consciência e sem hipocrisia aqui se abrigarem a fim de dedicar-se conosco à exaltação da tua glória, e para que possamos invocar-te no seio da verdade sem sermos perturbados pelos hereges. Permite também que o teu evangelho reine neste lugar a fim de que teus servos não caiam no erro dos epicuristas e outros apóstatas, mas se mantenham fiéis à verdadeira adoração da divindade, de acordo com a tua santa palavra.

Praza a ti também, ó Deus de bondade, proteger o Rei, nosso Soberano e Senhor, bem como sua mulher, sua progênie e seu conselho, e ainda o senhor Gaspar de Coligny, sua mulher e sua descendência, conservando-os todos na vontade de manter e defender esta tua igreja; e condescende em dar a este teu humilde escravo a prudência necessária para dirigir-se, de maneira a não se desviar do verdadeiro caminho e a resistir a todos os obstáculos que Satã lhe possa opor na ausência de teu auxílio. E praza a ti também que sempre te reconheçamos como nosso deus misericordioso, justo juiz, e conservador de todas as coisas, juntamente com teu filho Jesus Cristo, que reina contigo e com o Espírito Santo baixado sobre os apóstolos. Cria, pois em nós um coração reto, mortifica-nos com o pecado, regenera-nos para vivermos com justiça e para que nossa carne se torne digna das ações da alma inspirada por ti e para que façamos a tua vontade na terra como no céu fazem os anjos. E a fim de que a urgência em satisfazer as nossas necessidades não nos faça cair em pecado, concorda em aprovar a nossa vida e conservar a nossa saúde. E assim como a carne terrestre se converte em sangue e alimento do corpo, assim também nutre e sustenta as nossas almas com a carne de teu filho, até que ele se consubstancie em nós e nós nele, expulsando toda a malícia e substituindo-a pela caridade e pela fé, a fim de que possam reconhecer-nos como teus filhos; e se te ofendermos permite, senhor de misericórdia,

lavarmos os nossos pecados no sangue de teu filho, lembrando-te de que fomos concebidos na iniqüidade e de que, pela desobediência de Adão, em nós reside o pecado. Nossa alma não pode executar o santo desejo de obedecer-te através do corpo imperfeito e rebelde. E em nome de teu filho, Jesus Cristo, não nos imputes as nossas faltas, antes nos imputes o sacrifício da sua morte e paixão, que pela fé temos sofrido com ele e penetrado pelo recebimento de seu corpo o mistério da eucaristia. Da mesma forma concede-nos graça para que perdoemos os que nos ofenderem e procuremos o seu bem, em vez de vingar-nos, como se fossem nossos amigos, seguindo assim o exemplo de teu filho que pediu por aqueles que o perseguiram. E se formos instigados pela ambição, pompas e honras deste mundo, embora humilhados pela pobreza e pelo peso da cruz de teu filho, seja a tua vontade tornar-nos obedientes; e a fim de que, perdidos na felicidade mundana, não nos rebelemos contra ti, sustenta-nos e adoça a agrura das aflições de modo que não sufoquem as sementes que lançaste em nossos corações. Nós te rogamos ainda, pai celestial, que nos guardes das tentações com que Satanás busca desviar-nos; preserva-nos de seus ministros e dos selvagens insensatos entre os quais te aprouve jogar-nos e conservar-nos; livra-nos dos apóstolos da religião cristã espalhados entre eles[131] e chama-os à tua obediência a fim de que se convertam, de que teu evangelho se torne conhecido em toda a terra, e em todas as nações se proclame a tua bem-aventurança. Que vivas e reines com teu Filho e o Espírito Santo por todos os séculos. Amém."

"Jesus Cristo, filho de Deus vivo, eterno e consubstancial, esplendor da glória de Deus, sua imagem viva, por quem foram feitas todas as coisas, tu viste o gênero humano condenado pelo infalível juízo de Deus, teu Pai, em conseqüência da culpa de Adão, o qual poderia ter gozado da vida eterna, porque foi criado por Deus com terra não poluída pela semente viril e dotado de toda a virtude, com liberdade de conservar-se na sua perfeição, se, incitado pela sensualidade da carne e movido pelos dardos inflamados de Satã, não se deixasse vencer incorrendo na ira de Deus; sem ti, senhor nosso, ter-se-ia seguido a infalível perdição dos homens; mas, movido por tua imensa e indizível piedade tu te apresentaste a Deus, teu pai, humilhando-te a ponto de substituíres Adão para sofrer toda a indignação de Deus e purificar-nos. E assim como Adão fora feito de barro não corrompido, sem semente viril, tu

[131] Eram certos Intérpretes normandos, que já residiam entre os selvagens antes que Villegagnon chegasse ao Brasil, e que não queriam obedecer-lhe (nota de Léry).

foste concebido do Espírito Santo em uma virgem para seres formado de verdadeira carne como a de Adão, sujeita à tentação. Finalmente quiseste sofrer a morte a fim de que como membros de teu corpo Adão e toda a sua posteridade se alimentassem em ti e agradassem a Deus teu pai e tu ofereceste a tua morte em satisfação das suas ofensas como se ela fosse a de seus próprios corpos. E assim como o pecado de Adão se inoculara na sua posteridade, e com o pecado a morte, tu quiseste e pediste a Deus, teu pai, que tua justiça fosse imputada aos crentes, os quais, pela manducação[132] da tua carne e de teu sangue tu transformaste em ti mesmo, para viverem eternamente como filhos da justiça e não da ira. Se te aprouve fazer-nos tantos bens e se, sentado à mão direita de Deus, teu pai, te constituíste nosso eterno intercessor e nosso soberano sacerdote, tem piedade de nós, conserva-nos, fortalece e aumenta a nossa fé; oferece a Deus, teu pai, a confissão que faço de boca e de coração, em presença de tua igreja, santificando-me o teu espírito, como prometeste ao dizeres: — "Não vos deixarei órfãos". Aumenta a tua igreja neste lugar de modo a que em plena paz sejas adorado com pureza. Que vivas e reines com Ele e com o Espírito Santo por todos os séculos. Amém."

Findas estas duas preces, Villegagnon apresentou-se à mesa do Senhor e recebeu de joelhos o pão e o vinho da mão do ministro. Logo verificamos, porém o justo conceito de um antigo escritor que dizia ser difícil simular a virtude por muito tempo, pois percebemos que nele havia apenas ostentação. Pois embora houvesse, juntamente com João Cointa, abjurado publicamente o papismo, tinham ambos mais vontade de discutir do que aprender e aproveitar e não tardaram muito em promover disputas relativamente à doutrina e sobretudo à ceia. Ambos rejeitavam abertamente a transubstanciação da igreja romana como absurda e grosseira; também não aprovavam a consubstanciação, não consentindo, entretanto, que os ministros ensinassem, com a palavra de Deus, que o pão e o vinho não se convertiam realmente em corpo e sangue do Senhor, o qual não se encerra, portanto nessas espécies materiais, mas está no céu donde, por virtude do Espírito Santo se comunica espiritualmente com os que recebem os sinais da fé. Villegagnon e João Cointa assim falavam: "este é meu corpo, este é meu sangue", e tais palavras só podiam significar que ali se encontravam o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Mas, perguntareis: como as entendiam eles, se rejeitavam a transubstanciação e a consubstanciarão? Creio que eles nada

[132] [mastigação]

entendiam, pois quando lhes mostrávamos por outros trechos que essas palavras e locuções são figuradas, não as refutavam com argumentos procedentes para provar o contrário, mas permaneciam obstinados. Queriam assim embora sem saber como fazê-lo, comer a carne de Jesus Cristo, não só espiritualmente, mas ainda materialmente, à maneira dos selvagens *guaitaká,* que mastigam e engolem a carne crua. Entretanto Villegagnon mostrando-se sempre alegre e afirmando desejar apenas instruir-se, mandou para a França o ministro Chartier[133] em um dos navios que, carregado com pau-brasil e outras mercadorias do país, partiu a 4 de junho, a fim de trazer as opiniões dos doutores sobre a contenda da ceia, e principalmente a de João Calvino, a cujo parecer dizia Villegagnon querer submeter-se. Costumava, com efeito, dizer e repetir estas palavras, que pude ouvir muitas vezes: — "o senhor João Calvino é um dos homens mais doutos que surgiram desde os apóstolos e nunca li ninguém que no meu entender melhor e mais puramente tenha exposto e tratado as Santas Escrituras". E para mostrar que o acatava, na resposta às cartas que lhe havíamos trazido, não só se estendeu longamente sobre o estado geral das coisas, mas ainda escreveu com tinta de pau-brasil[134] e de seu próprio punho o seguinte: — "aceitarei o conselho que me destes em vossas cartas, esforçando-me com toda a vontade por não me desviar dele em coisa alguma. Pois em verdade estou bem persuadido de que não pode haver outro mais reto, perfeito e santo. Por isso mandei ler as vossas cartas em reunião do nosso conselho e depois registrá-las, a fim de que sejamos, pela leitura delas, advertidos e afastados do mau caminho se viermos a fraquejar".

Ocorre ainda que um tal Nicolau Carmeau, que foi portador dessas cartas e partira a 1° de abril no navio *Rosée,* disse-me ao despedir-se, que Villegagnon lhe ordenara dizer verbalmente a Calvino que para perpetuar os conselhos recebidos ia mandar gravá-los em cobre; encarregara também esse mesmo indivíduo de lhe trazer de França homens, mulheres e meninos prometendo pagar todas as despesas que os adeptos da religião fizessem para arranjar essa gente.

---

[133] A propósito da partida de Chartier, ver Crespin, *Histoire des Martyrs:* "Entretanto os mais notáveis da companhia grandemente aborrecidos com tais discussões persuadiram as partes a chegarem a um acordo. Villegagnon e Cointa prometeram fazê-lo uma vez que os pontos de controvérsia fossem esclarecidos e enviados às igrejas de França e Alemanha para resolverem e a fim de que Isso se fizesse com maior segurança foi o mais jovem dos ministros, chamado Cartier, encarregado de levá-los. Era um artifício de Villegagnon para dele se desfazer, como o confessou mais tarde".

[134] A carta de Villegagnon a Calvino foi datada de 31 de março de 1551 e foi levada para a Europa por um dos genebrinos, Carmeau. Ela nada contém de hostil aos genebrinos. Chartier só partiu a 4 de Junho e a carta de Villegagnon a Calvino de que era portador, nunca foi encontrada.

Antes de continuar quero mencionar aqui que dez rapazes selvagens de nove a dez anos, tomados na guerra pelos índios amigos dos franceses, e vendidos como escravos a Villegagnon, foram embarcados no mesmo navio para a França, depois de ter o ministro Richier, ao fim de uma prédica, imposto as mãos sobre eles e de termos rogado a Deus que lhes fizesse a graça de serem os primeiros deste pobre povo chamados à salvação; em França ditos rapazes ao chegarem foram apresentados ao Rei Henrique II, então reinante, e depois dados de presente a vários magnatas. Um desses índios foi doado ao falecido senhor de Passy que o mandou batizar; e pude reconhecê-lo na residência deste, na minha volta[135].

Além disso, a 3 de abril, dois mancebos, criados de Villegagnon, desposaram no momento da prédica, segundo as leis da igreja reformada, duas jovens que tínhamos trazido de França para este país. Menciono o fato não só por terem sido as primeiras núpcias realizadas à moda cristã na terra da América, mas ainda porque muitos selvagens, atraídos pela curiosidade, se mostraram mais admirados com as mulheres vestidas, coisa que nunca haviam visto antes, do que com a cerimônia eclesiástica que lhes era também totalmente desconhecida. A 17 de maio João Cointa desposou igualmente uma das jovens, parenta de um tal Laroquete, de Rouen, que também viera conosco e que vindo a falecer pouco depois da nossa chegada a deixara herdeira de todos os seus bens: grande quantidade de facas, pentes, espelhos, contas de cor, anzóis e outros objetos próprios para o tráfico com os selvagens, o que conveio a João Cointa. As duas outras moças, pois eram cinco ao nosso embarque, casaram também logo depois com intérpretes da Normandia, e assim não sobraram entre nós mulheres cristãs por casar. E para não calar o que era louvável em Villegagnon, direi de passagem que visando certos normandos, que muito antes dele chegar ao país se tinham salvado de um navio que naufragara e haviam ficado entre os selvagens, vivendo amasiados sem temor a Deus, alguns com filhos já de quatro a cinco anos de idade, e a fim de evitar que o mesmo não acontecesse aos de nossa ilha e de nosso fortim, proibiu Villegagnon, depois de ouvir o parecer do conselho, que nenhum cristão se juntasse às mulheres dos selvagens, sob pena de morte, a menos que fossem antes instruídas na

[135] *Memoires*, de Claude Haton, ed. Bourquelot. "Dito senhor por força ou amizade arranjou uma centena de pessoas desse país, homens, mulheres e crianças, e as trouxe consigo para a França. De algumas fez presente ao Rei e a outros senhores e para si e seu irmão conservou cerca de meia dúzia. A seu Irmão, prefeito de Previna, presenteou com dois rapazes de dezesseis e dezoito anos, por nomes Douat e Doncart, que dito prefeito vestiu e conservou a seu serviço até a morte. Esses rapazes logo depois de aprender a falar um pouco de francês foram batizados vivendo cada um deles de sete a oito anos em Provins e morrendo a serviço do prefeito que os tratava com muita humanidade".

religião, e batizadas. Isso não aconteceu, entretanto, pois não obstante as prédicas feitas a esse povo bárbaro, nenhum indivíduo quis abandonar sua crença e converter-se. Por isso, durante todo o tempo que lá estive não vi francês algum tomar mulher selvagem. Como esta lei encontrava claro fundamento na palavra de Deus, foi ela exatamente observada. Nenhum dos sequazes de Villegagnon, nem nenhum de nossos companheiros a transgrediu e embora, depois de meu regresso eu tenha ouvido dizer que Villegagnon se poluía na América com mulheres selvagens posso testemunhar que em nosso tempo ninguém o suspeitava. E mais: tão severo se mostrava ele na observância dessa ordem que foi preciso a intercessão de pessoas de sua intimidade para que comutasse em pena de calceta aos pés e trabalho entre os escravos a condenação por ele imposta, de enforcamento, a um intérprete normando que fora apanhado em comércio carnal com uma índia de que outrora abusara. Pelo que dele sei, tenho-o como louvável nesse ponto, tanto pessoalmente como em relação aos outros, e prouvera a Deus que para a vitória da Igreja e benefício de muitos ele se tivesse portado tão acertadamente nas outras coisas.

Guiado, porém, por um espírito contraditório, não soube contentar-se com a simplicidade que a Escritura exige dos verdadeiros cristãos em relação aos sacramentos. E no segundo dia de Pentecostes, em que pela segunda vez celebramos a ceia, infringiu ele próprio o que antes estabelecera e alegando terem S. Cipriano e S. Clemente escrito que na celebração da ceia cumpria pôr água no vinho, e pretendeu com obstinação não somente que isso se fizesse, mas ainda que crêssemos que o pão consagrado aproveitasse tanto à alma como ao corpo. Sustentou ainda que se devia pôr sal e óleo na água do batismo e, mais ainda, que um ministro não podia contrair segundas núpcias, baseando-se na passagem de S. Paulo a Timóteo[136] em que diz "seja o bispo marido de uma só mulher". Em suma, fiando-se tão-somente em sua opinião própria, que não tinha fundamento na palavra de Deus, tudo se pôs a dirigir a seu bel-prazer. Mas para que se conheça a força de sua argumentação, apresentarei aqui uma das muitas sentenças das Escrituras alegadas em apoio de suas proposições.

Ouvi-o dizer certa vez a um de seus sequazes: "Não leste no Evangelho que o leproso disse

[136] Paulo a Timóteo, I, 3-2.

a Jesus Cristo: — Senhor, se quiseres podes limpar-me. E Jesus respondeu: Quero, fica limpo. E o leproso sarou. Pois bem, quando Jesus diz do pão, que é seu corpo, cumpre crer, sem maiores interpretações, que de fato assim é, e deixar divagar essa gente de Genebra".

Não será isso interpretar uma passagem com outra? E tal interpretação é sem dúvida da ordem daquela que alguém alegou num concílio, a saber, que se está escrito: "Deus criou o homem à sua imagem, convém ter imagens"... Esse exemplo basta para julgar-se a teologia de Villegagnon, que tanto se jacta, depois de sua apostasia, de uma ciência das Escrituras suficiente para tapar a boca a Calvino e resolver sobre todas as discussões porventura surgidas, entre seus adeptos. Poderia apresentar ainda muitas outras proposições tão ridículas quanto a precedente, mas como depois de seu regresso à França Pedro Richier o pintou com todas as cores, e outros mais o desancaram completamente nada mais direi de receio de enfadar os leitores.

Também João Cointa, nesse tempo, querendo mostrar a sua ciência, começou a dar lições públicas; mas tendo principiado pelo Evangelho de S. João, matéria das mais difíceis, como bem sabem os que professam, discorria sobre seus temas sem nenhum propósito. Era, todavia, nesse país, o único sustentáculo de Villegagnon na impugnação da verdadeira doutrina.

Mas, dirão, como se calava o frade franciscano André Thévet, que na sua *Cosmografia* tanto se queixa de que os ministros enviados por Calvino, invejosos de seus bens e cargos, o impediam de conquistar as almas transviadas dos selvagens? Seria mais afeiçoado aos bárbaros do que à defesa da Igreja Romana, de que se diz um dos mais fortes defensores? A resposta a esse embuste de Thévet está em que já então se centrava de regresso à França, como disse alhures; e os pastores devem desde já ficar sabendo que se a ele não me referi ainda nem me referirei, a propósito das nossas disputas com Villegagnon no Forte de Coligny, é porque lá nunca nos viu ele nem nós o vimos. Esse bom católico, como o provei no prefácio deste livro, não esteve lá em nosso tempo. Havia entre ele e nó um espaço de 2.000 léguas, impedindo que os selvagens, por nossa causa caíssem sobre ele e o procurassem matar, como ousou escrever; deveria, portanto, em vez de encher seus livros bobagens, alegar outros argumentos para provar que o seu zelo da conversão do gentio foi embaraçado pelos ministros.

Após a ceia de Pentecostes, Villegagnon declarou abertamente ter mudado de opinião sobre Calvino e sem esperar resposta à consulta feita por intermédio de Chartier, declarou-o herege e transviado da fé. Daí por diante passou a demonstrar-nos má vontade restringindo as prédicas a meia hora, a partir de fins de maio, e a elas assistindo raramente. Em suma a dissimulação de Villegagnon se patenteou tão clara que não foi difícil verificar com que lenha se aquecia, como se diz vulgarmente. E se me perguntarem o porquê dessa mudança, direi que foi motivada, na opinião de alguns dos nossos, por cartas recebidas do cardeal de Lorena[137] e de outros personagens, em um navio que por essa época aportou em Cabo Frio, a 30 léguas da ilha em que estávamos. Tais cartas censuravam-lhe acerbamente haver abandonado a religião católica romana e ele temeroso das conseqüências, mudou subitamente de opinião. Entretanto, depois de meu regresso à França, ouvi dizer que antes de partir deste país, para melhor usar do nome e autoridade do senhor de Chatillon e mais facilmente abusar da igreja de Calvino, da qual procurava obter braços para a empresa, Villegagnon se aconselhara com o cardeal de Lorena ao mesmo tempo em que se mascarava com a religião reformada. Como quer que seja, posso assegurar que, por ocasião de sua rebeldia, como se tivesse a consciência castigada, se tornou tão neurastênico, que jurava a cada instante pelo corpo de S. Tiago que quebraria cabeça, braços e pernas ao primeiro que o importunasse; e ninguém mais ousava ir ter à sua presença. A propósito contarei a maldade que eu vi praticar nessa ocasião a um francês de nome Laroche, que ele conservava preso em grilhões. Mandou deitá-lo de costas no chão e dar-lhe tanta pancada no ventre que a vítima quase morreu e depois de vê-lo assim todo machucado o desumano verdugo ainda dizia: "Corpo de S. Tiago, faze outra, frascário!" E com incrível impiedade o teria deixado-estendido e semimorto se dele não precisasse por ser marceneiro. Outros franceses que ele mantinha presos pelo mesmo motivo porque prendera Laroche, a saber, pelo fato de se terem revoltado-ante os maus tratos infligidos antes de nossa chegada, vendo-se mais judiados do que se estivessem nas galés, preferiram abandonar a ilha e ir viver entre os selvagens que os tratavam mais humanamente. Trinta ou quarenta homens e mulheres *margaiá*, que os tupinambás, nossos aliados haviam vendido como escravos eram tratados ainda mais cruelmente. E, com efeito, certa vez o vi, por motivo de nonada,

[137] O cardeal de Lorena era irmão de Francisco de Guise, grande inquisidor de França e chefe do Partido Católico.

mandar amarrar um deles, de nome *Mingau*[138], a uma peça de artilharia e derramar-lhe toucinho derretido nas nádegas. Por isso essa pobre gente sempre proclamava em sua língua: — "Se soubéssemos que Páiocola nos trataria desse modo, antes nos teríamos deixado comer pelos nossos inimigos".

Eis uma ligeira amostra de sua humanidade. Sem dúvida não mais me referiria a ele se já não me tivesse mencionado que, ao chegarmos à ilha, nos afirmara que desejava ver abolido o luxo do vestuário. Vejamos qual o seu exemplo, a esse respeito. Não só tinha ele copioso guarda-roupa de seda e lã (e antes o deixaria apodrecer a vestir a sua pobre gente, parte da qual andava seminua), mas ainda comelões de todas as cores. Mandou fazer para si seis trajes, um para cada dia da semana: casacos e calções todos iguais, vermelhos, amarelos, pardos, brancos, azuis e verdes, o que por certo não assentava bem à sua idade e à sua posição. E pela cor de suas roupas sabíamos com que humor se levantara, da mesma forma porque pela verdura e amarelidão dos campos podemos dizer a estação. E quando vestia comprido casaco de camelão amarelo, bandado de veludo preto, envaidecia-se com o traje e todos no forte o comparavam a uma criança despreocupada. Não duvidamos de que conhecessem esse casaco, os que depois de seu regresso o mandaram pintar nu como um selvagem,[139] em cima do fundo de uma grande marmita, também lho teriam dado por jóias e ornatos, como fizeram com a cruz e a flauta pendentes do pescoço. Se me objetarem não ter eu razão em alegar esses pormenores, responderei que tendo Villegagnon se apresentado como um Rolando furioso contra os adeptos da religião reformada, especialmente depois de seu regresso à França, parece-me útil saberem todos como se comportou em todas as religiões que seguiu. Por outro lado, pelas razões já mencionadas no prefácio convém que eu diga tudo o que sei.

Ora, como depois de seu repúdio lhe fizemos saber, por intermédio do senhor Du Pont, que em virtude de ter renunciado ao Evangelho não nos considerávamos mais seus súditos, nem queríamos permanecer a seu serviço, e muito menos carregar terra e pedras para seu fortim, julgou ele amedrontar-nos, tentando matar-nos à fome pela proibição de nos darem as duas

---

[138] Léry escreve *Mingaut.* Será *mingó,* a sugerir *miñog* ou *mindóg* com o sentido de extraído, tirado, arrancado, em alusão à condição do escravo, do aprisionado? (P. A.).

[139] Alusão a um panfleto calvinista Intitulado: *L'amende honorable de Nicolas Durand, dit le chevalier de Villegagnon,* 1561.

medidas de farinha de raiz que era o que cada um de nós recebia diariamente.[140] Mas isso, em vez de prejudicar-nos, muito nos valeu, pois além de termos com os selvagens, em troca de uma simples foice, maior quantidade de farinha que a distribuída em seis meses por Villegagnon, tal recusa nos dispensava completamente de obedecer-lhe. Entretanto se se tivesse sentido mais forte e se parte de sua gente, juntamente com a nossa, não tivesse tomado o nosso partido, teria, sem dúvida, tentado domar-nos pela força. E isso é tão evidente que certa vez, ao chegarmos da terra firme, onde passáramos dessa feita cerca de 15 dias, um tal João Gardien e eu, fingiu ele ignorar a permissão que antes de sair havíamos solicitado do sr. Barre, seu lugar-tenente, e acusando-nos de transgressão ordenou não só que nos prendessem, mas ainda que nos pusessem grilhões aos pés como aos escravos. Du Pont, nosso chefe, em vez de sustentar-nos como devia, nessa emergência, impedindo-o de cometer tal arbitrariedade, veio pedir-nos que nos submetêssemos por um ou dois dias, até passar a cólera de Villegagnon. Nós, entretanto, declaramos formalmente que não aceitaríamos o castigo, não só porque não havíamos infringido as suas ordens, mas ainda porque já lhe tínhamos declarado anteriormente que não mais dependíamos dele por ter rompido a promessa de manter-nos no exercício da religião evangélica. Além do mais, havia o exemplo de tantos outros que ele conservava presos e víamos diariamente tratados com crueldade. Diante dessa resposta, e certo de que se fosse além, encontraria pela frente um grupo muito unido de 15 a 16 companheiros, desistiu do intento e abrandou. Ele sabia, aliás, que os principais de sua gente eram de nossa religião e não estavam satisfeitos com a atitude e que se não fora por consideração ao sr. almirante, que mandara Villegagnon ao Brasil sem o conhecer, e obediência à autoridade do rei, o acometeriam para lançá-lo ao mar, a fim de que, como diziam, sua carne e largos ombros servissem de alimento aos peixes. A maioria, entretanto era de opinião que agíssemos com prudência, uma vez que ele não ousava impedir-nos a prédica pública. Quanto à celebração da ceia, para que não nos perturbasse e embaraçasse era conveniente fazê-la daí por diante à noite e sem sua ciência.

Tendo por ocasião da última ceia celebrada, sobrado apenas um copo de vinho que

---

[140] Crespin, o. c.: "Villegagnon recusou a licença solicitada por du Pont e Richier, alegando que estes lhe haviam prometido ficar em sua companhia até a vinda de seus navios... finalmente declararam eles que desejavam regressar à França com ou sem licença; por isso que tomasse suas providências. E empregaram palavras rudes declarando-lhe que tendo ele renunciado à fé e apostatado a religião reformada não o consideravam mais seu senhor mas sim um tirano, inimigo da república".

trouxéramos de França, e não sendo possível obter outro, surgiu o problema de saber se na falta de vinho poderíamos celebrá-la com outros licores. Alegavam alguns, entre outros argumentos, que Jesus Cristo dissera expressamente: "Não beberei mais do fruto da vinha"[141] etc... Na ausência do vinho era, pois preferível abster-nos. Outros, ao contrário, diziam que ao instituir a ceia Jesus estava na Judéia, e, portanto falava da bebida que era usual ali. É claro que se país dos selvagens, onde outra era a bebida, a ela se teria referido. Portanto não hesitariam em celebrar a ceia com as coisas mais comuns (na falta do pão e do vinho), à alimentação dos homens do país onde se encontrassem. Embora muitos opinassem de acordo com este parecer, ficou a matéria indecisa, pois não chegamos a essa extremidade. Mas a divergência não afetou a nossa união e concórdia e assim andassem hoje em tudo os que professam a religião reformada!

Para concluir o que me cabe dizer acerca de Villegagnon, acrescentarei que, detestando-nos dia a dia mais, aproveitou a oportunidade para declarar que não nos suportaria em seu fortim e ordenou, em fins de outubro, que nos retirássemos para terra firme. Embora, como já disse, tivéssemos meios para expulsá-lo dali, não só para que não tivesse motivos de queixa contra nós como para que não tivessem decepção em França e nos outros países os que muitos esperavam de nossa missão, nem se lançasse mácula sobre a nova doutrina, preferimos obedecer a Villegagnon e deixar-lhe a praça sem contestação. E assim, após oito meses de residência no forte de Coligny, que ajudáramos a construir, retiramo-nos para o continente onde permanecemos dois meses à espera de que um navio, vindo do Havre para carregar pau-brasil e com cujo mestre contratamos o nosso transporte, se aprontasse para partir. Instalamo-nos na praia, ao lado esquerdo do rio Guanabara, num lugar denominado pelos franceses *Briqueterie* (olaria) e que dista apenas meia légua do fortim. E assim como fazíamos enquanto estivemos na ilha, amiúde visitávamos os selvagens pelos quais éramos tratados com mais humanidade do que pelo patrício que gratuitamente não nos podia suportar, e comíamos e bebíamos entre eles, por sua vez, vinham ver-nos repetidamente, trazendo-nos víveres e o mais de que carecíamos.

---

[141] Mateus, XXVI, 29. — Marcos, XIV, 25.

Tendo sumariamente descrito neste capítulo a inconstância religiosa de Villegagnon, o tratamento que nos infligiu, suas disputas e seu desvio do Evangelho, seus gestos e modo de viver no país, a desumanidade com que tratava a sua gente e a maneira de vestir-se, adiarei o relato do nosso regresso, da licença que nos concedeu e da traição que nos fez por ocasião de nossa partida, a fim de tratar de outros assuntos. Deixá-lo-ei espancar e atormentar a gente de seu fortim, que passarei a descrever juntamente com o braço de mar em que se encontra.

CAPITULO VII

DESCRIÇÃO DO RIO GUANABARA, TAMBÉM DENOMINADO DE JANEIRO; DA ILHA DE COLIGNY E DO FORTIM NELA EDIFICADO, BEM COMO DAS ILHAS VIZINHAS

Este braço de mar e rio Guanabara[142] assim denominado pelos selvagens, e pelos portugueses que alegam tê-lo descoberto no dia 1° do ano chamado de janeiro, fica a 23 graus além da linha equinocial, sob o trópico de Capricórnio. Sendo um dos portos de mar mais freqüentado pelos franceses, julgo de interesse fazer dele uma descrição sumária. Sem referir-me ao que outros já escreveram, começarei por dizer que penetra no interior das terras umas doze léguas, com sete a oito de largura em alguns lugares. E embora sejam menos altas do que as que cercam o lago de Genebra, as montanhas que o rodeiam tornam muito semelhantes ambos os sítios.

Quem deixa o mar alto é forçado a costear três pequenas ilhas desertas[143] contra as quais os navios mal pilotados correm grande risco de bater e despedaçar-se, porquanto a embocadura é muito difícil[144]. Faz-se mister, em seguida, transpor um estreito que não

---

[142] A rigor a expressão é oxítona, pois se compõe de *gua* + *nã* + *bará*, enseada semelhante ao mar, *sinus similis mari*, como elegantemente a interpretou Batista Caetano. "Confundiam os tupis, muitas vezes, a barra ou foz de um grande rio com a barra ou entrada de um golfo ou baía, denominando-a *pará* ou *mbará* e *bará*, quando precede som nasal. Os portugueses e seus navegadores do século XVI assim também o faziam, como se verifica de velhos roteiros, chamando rio de Janeiro, rio de São Vicente, rio dos Inocentes, rio de Cananéia, às barras das baías daqueles nomes". (Sampaio, O Tupi na Geog. Nacional, 3ª ed. Bahia, 1928, 76/77). Léry, continua Sampaio, datava as suas cartas de *Rivière de Goanabara* e foi o primeiro que nos transmitiu essa denominação dada ao lugar pelos tupis, e que hoje erroneamente se pronuncia com o acento tônico na penúltima sílaba". No texto de Léry, publicado por Gaffarel, vem *Ganabara* (F. A.).

[143] Thévet (Cosmog, p. 908): "Na embocadura vêem-se três pequenas ilhas que se faz mister costear para entrar no dito rio... e aí entramos através de um estreito assaz difícil". As três pequenas ilhas são as de Tucinha, Pai e Taipú (?).

[144] Gandavo, o.c. 45: "a entrada, que é a parte mais estreita, tem apenas uma milha. No centro ergue-se uma pequena ilha de 56 braças de comprimento por 26 de largura, na qual com facilidade se poderia construir um forte para defesa do país .

chega a ter um quarto de légua de largura, e é limitado à esquerda por um rochedo em forma de pirâmide, não somente de grande altura, mas ainda maravilhoso porque de longe parece artificial. E por ser redondo como uma torre imensa, denominaram-no os franceses hiperbolicamente *pot-au-beurre.* Pouco adiante na subida do rio, há um rochedo raso, de 100 a 120 passos de circunferência, ao qual denominamos *Ratier.* À sua chegada Villegagnon, depois de desembarcar alfaias e artilharia, pensou nele fortificar-se, mas a maré o expulsou dali.

Uma légua mais adiante encontra-se a ilha onde nos instalamos e que, como já observei, era desabitada antes de Villegagnon chegar ao país; com meia milha de circunferência e seis vezes mais comprida do que larga, é rodeada de pedras à flor dágua, o que impede se aproximem os navios mais perto do que à distância de um tiro de canhão, e a torna naturalmente fortificada. Com efeito, ninguém pode ali atracar, nem mesmo em pequenos barcos, a não ser pelo lado do porto, situado em posição contrária ao mar alto. Bem guarnecida, não fora possível forçá-la nem surpreendê-la, como depois de nosso regresso o fizeram os portugueses por culpa dos que lá ficaram. Ademais nas extremidades dessa ilha existem dois morros nos quais Villegagnon mandou construir duas casinhas, edificando a sua, em que residiu, no centro da ilha em uma pedra de cinqüenta a sessenta pés de altura. De ambos os lados desse rochedo, aplainamos e preparamos pequenos espaços onde se construíram não só a sala, onde nos reuníamos para a prédica e a refeição, mas ainda vários outros abrigos em que se acomodavam cerca de oitenta pessoas, inclusive a comitiva de Villegagnon. Entretanto, a não ser a casa situada no rochedo, construída com madeiramento, e alguns baluartes para artilharia, revestidos de alvenaria, o resto não passava de casebres de pau tosco e palha construídos à moda dos selvagens, que de fato os fizeram.[145]

[145] A ilha ainda hoje chamada de Villegagnon, segundo o "Vocabulário na Língua Brasílica", revisto e publicado por Plínio Ayrosa (Ed. do Dep. de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938) era conhecida dos tupis pelo nome de *Itamoguáia.* O aportuguesamento do nome francês deu, entretanto, variantes curiosas: Viregalhão, Vilagalhão, Vilegaleão etc. (P. A.).

Eis em poucas palavras em que consistia o forte que Villegagnon denominou Coligny, pensando ser agradável ao senhor Gaspar de Coligny, almirante de França, sem o apoio do qual, como já disse no início, jamais tivera meios de fazer a viagem nem construir nenhum forte no Brasil. Mas se sua intenção foi a de perpetuar o nome de tão excelente varão, cuja memória em verdade será sempre honrada entre os homens de bem, fica a juízo dos leitores dizer se abandonando a praça aos portugueses, que ora são possuidores dela,[146] e rebelando-se contra a religião reformada, apesar da promessa feita antes de sair de França, contribuiu ele para honra do nome de Coligny e para a glória da França Antártica. A esse respeito[147] direi que não cesso de admirar o procedimento de André Thévet que, em 1558, quase dois anos depois de seu regresso da América, sem dúvida para agradar ao Rei Henrique II, então reinante, mandou levantar o mapa do rio Guanabara e do forte de Coligny, pintando ao lado, no Continente, uma cidade a que chamou *Ville Henri* e ainda por cima a incluiu na sua *Cosmografia*,[148] embora soubesse muito bem que tudo isso não passava de uma impostura. Ao deixarmos o Brasil, mais de dezoito meses depois de André Thévet, não existia nenhuma aldeia nem cidade, nem nenhum edifício no lugar em que ele forjou a cidade fantástica. Aliás, incerto ele próprio de como devia proceder em relação ao nome dessa cidade imaginária, depois de tê-la apelidado *Ville Henri,* no seu primeiro mapa, a chamou *Henri Ville* no segundo, à maneira dos que disputam sobre se convém dizer barrete vermelho ou vermelho barrete. Isso levando-nos a conjeturar que tudo quanto ele disse não passa de coisa imaginada, pode o leitor, sem medo de equívoco, escolher o nome que lhe agradar, pois dará sempre na mesma, nada havendo mais do que a pintura. Donde se conclui que André Thévet não só zombou de Henrique II, tal qual Villegagnon no caso do forte Coligny, mas ainda profanou a memória de seu príncipe. E para que Thévet não possa alegar o contrário, afirmando que seja o lugar da cidade o sítio denominado Olaria *(Briqueterie),* no qual os nossos operários construíram algumas choupanas, confesso que nesse ponto existe realmente uma montanha a que os primeiros franceses, por ali

---

[146] Léry não tem razão, pois não foi Villegagnon, mas sim seu sobrinho, Bois le Comte, quem perdeu a colônia.

[147] Na tradução latina foi suprimido o trecho que vai desde este parágrafo até o fim da digressão contra Thévet.

[148] Thévet *(Cosmog.* p. 908) dá com efeito o mapa da baía com as aldeias brasileiras e *Henri Ville.*

acomodados, denominaram *Mont-Henri,* em homenagem a seu soberano, da mesma forma porque em nosso tempo chamamos a outro morro de *Mont Corguilleray* em honra ao sobrenome do senhor Felipe de Corguilleray. Mas existe tanta diferença entre uma montanha e uma cidade como entre um sino e uma igreja e Thevét, assinalando essa cidade de *Ville Henri* ou *Henri Ville* nos seus mapas, ou se desmandou ou quis exagerar a coisa. E para, que ninguém duvide de que falo a verdade, apelo novamente para todos os que fizeram essa viagem e até para a gente de Villegagnon, entre a qual muitas pessoas estão vivas, a fim de que digam se havia aparência de cidade nesse lugar em que se pretendeu colocar essa que eu considero ficção de poeta. E caso André Thévet, que sem motivo algum, como ficou dito no prefácio, deseje escaramuçar comigo e com os meus companheiros, considerando a minha refutação às suas obras sobre a América de dura digestão e alegue que, defendendo-me contra as suas calúnias lhe arrasei uma cidade, saiba que estão notados os seus erros e que os apontarei por miúdo senão se contentar com esta amostra. Pesa-me interromper tantas vezes o assunto para fazer essas digressões, mas constituo juízes os meus leitores para que digam se tenho razão ou não.

Prosseguindo direi que a quatro ou cinco léguas adiante do forte mencionado existe outra ilha formosa e fértil[149] com quase a léguas de circunferência, a que chamávamos Ilha Grande. Como era habitada por muitos selvagens tupinambás, aliados dos franceses, ali íamos amiúde em nossos escaleres buscar farinha e outros gêneros necessários.

Além dessa, encontram-se nesse braço de mar outras pequenas ilhas[150] desertas nas quais entre outras coisas existem ostras saborosas e grandes. Os selvagens mergulham e trazem de volta grandes pedras com uma infinidade de ostras a que chamam *leripés.* Era preciso arrancá-las à força e em geral (cozinhávamos grandes paneladas delas, encontrando em algumas, ao abri-las, pequenas pérolas.

---

[149] (162) Esta ilha chama-se hoje Ilha do Governador.*** Segundo o "Vocabulário na Língua Brasílica" (op. cit. étimo — *Ilha),* o nome tupi da Ilha Grande era Y*pau-guasú,* por onde se vê que o designativo atual é tradução literal do antigo.

Chamou-se outrora, antes que se chamasse do Governador (Salvador Correia), Ilha do Paranapicú, do Gato, dos Maracaiás e dos Engenhos. (Apud. Varnhagen, in. Breves Comentários à obra de Gabriel Soares) (P. A.).

[150] Essas pequeninas ilhas chamam-se: das Cobras, das Enxadas, da Coqueirada, dos Tavares, de Jurubaíba, Paquetá, Brocoió, Boqueirão da Água, Guia etc.

Esse rio está cheio de várias espécies de peixes que mais diante detalharei. Mencionem-se, entretanto desde já os excelentes sargos, os tubarões, as arraias, os golfinhos e outros, médios e miúdos, alguns dos quais descreverei com minúcias no capítulo dos peixes. Não deixarei de mencionar também as horríveis baleias que diariamente nos mostravam suas enormes barbatanas fora dágua e folgando neste vasto e profundo rio, aproximavam-se tanto da nossa ilha que as podíamos atingir a tiros de arcabuz. Entretanto, como têm o couro muito duro e o toicinho espesso, não creio que as balas penetrassem a ponto de ofendê-las; prosseguiam no seu caminho e suponho que não viessem a morrer.

Certa vez, quando ainda não nos encontrávamos na ilha, surgiu um desses cetáceos à distância de dez ou quinze léguas do forte, na direção do Cabo Frio, e chegou-se tão perto da terra que não teve bastante água para voltar e encalhou na praia. Mas ninguém ousou aproximar-se dele enquanto não morreu; debatia-se a ponto de estremecer a terra em seu redor e de ouvir-se o estrondo a duas léguas de distância. E não obstante irem os nossos companheiros juntamente com muitos selvagens buscar o que lhes apetecia, ficaram mais de dois terços do cetáceo apodrecendo no lugar do encalhe. A carne fresca não era muito boa e pouco comemos da que trouxeram para a ilha. Afora alguns pedaços de gordura, que derretemos para servir de azeite de iluminação, o resto da carne, que ficou exposta à chuva e ao vento, só nos serviu para esterco. A língua, que era a melhor coisa, foi salgada e remetida em barris para a França ao senhor almirante.

Como já indiquei, existem, na terra firme, que rodeia este braço de mar, dois rios formosos de água doce, afluentes daquele e nos quais naveguei com outros franceses cerca de vinte léguas pelo interior das terras e estive em muitas aldeias dos selvagens que habitam em suas margens.

Eis o que em resumo observei neste rio da Guanabara cuja perda, juntamente com a do fortim que edificamos, muito lastimo, pois é certo que se tudo tivesse sido feito com prudência, como era possível que fosse, constituiria ele para nós não só um aprazível abrigo, mas ainda um grande benefício para a navegação francesa. À distância de 28 a 30 léguas adiante, rumo ao Rio da Prata e estreito de Magalhães, existe outro grande braço de mar que os franceses denominam rio de Lama[151] e que constitui o ponto de estacionamento

[151] *Rivière des Vases.* Ver Thévet (Cosmog. p. 952-1.022). Talvez se trate da Lagoa dos Patos, no Rio Grande

nas suas viagens, o que também ocorre com a enseada de Cabo Frio na qual, como já disse, aportamos e desembarcamos pela primeira vez na terra do Brasil.

do Sul. *** Parece mais plausível a enseada de S. Vicente (T.).

CAPITULO VIII

ÍNDOLE, FORÇA, ESTATURA, NUDEZ, DISPOSIÇÃO E ORNATOS DOS HOMENS E MULHERES BRASILEIROS, HABITANTES DA AMÉRICA, ENTRE OS QUAIS PERMANECI QUASE UM ANO

Depois de discorrer acerca do que vimos no mar, tanto na ida para o Brasil, como no regresso à França, depois de narrar o que se passou na ilha e forte de Coligny, onde residiu Villegagnon, enquanto aí estivemos, e igualmente após divagar sobre o rio Guanabara, quando também me referi demoradamente aos fatos ocorridos anteriormente a meu embarque, cabe-me dizer o que observei com referência ao modo de vida dos selvagens e a outras coisas singulares e desconhecidas aquém-mar, que vi nesse país.[152]

Direi, inicialmente, a fim de proceder com ordem, que os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados Tupinambás, entre os quais residi durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são, porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios. Apesar de chegarem muitos a 120 anos,[153] (sabem contar a idade pela lunação) poucos são os que na velhice têm os cabelos brancos ou grisalhos, o que demonstra não só o bom clima da

---

[152] Sábias dissertações de d'Orbigny, *L'Homme Américain*, T. I, p. 71-139, acerca das formas, cor, compleição e longevidade do índio confirmam em todos os pontos o testemunho de Léry.

[153] Caso extraordinário de longevidade entre os selvagens. Ver Bosanier, *Relation de Ia Florida*, p. 74: "Os franceses o interrogaram acerca de sua idade, ao que respondeu mostrando que era a primeira raiz viva de cinco gerações e mostrou-lhes um ancião muito mais velho do que ele próprio, que era seu pai e mais parecia uma carcaça."

terra, sem geadas nem frios excessivos que perturbem o verdejar permanente dos campos e da vegetação, mas ainda que pouco se preocupam com as coisas deste mundo. E de fato nem bebem eles nessas fontes lodosas e pestilenciais que nos corroem os ossos, dessoram a medula, debilitam o corpo e consomem o espírito, essas fontes em suma que, nas cidades, nos envenenam e matam e que são a desconfiança e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição. Nada disso tudo os inquieta e menos ainda os apaixona e domina, como adiante mostrarei. E parece que haurem todos eles na fonte da Juventude.[154]

Quanto à sua cor natural, apesar da região quente em que habitam, não são negros; são apenas morenos como os espanhóis ou os provençais. Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só não ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha. Não são como alguns imaginam e outros o querem fazer crer, cobertos de pêlos ou cabeludos, Ao contrário. Têm pêlos como nós,[155] mas apenas lhes repontam pelos em qualquer parte do corpo, mesmo nas pálpebras e sobrancelhas, arrancam-nos com as unhas ou pinças que lhes dão os cristãos, e tal como fazem, ao que se diz, os habitantes da ilha Jumuna, no Peru.[156] Aliás, o fato de arrancá-los das pálpebras e sobrancelhas torna-lhes a vista zarolha e feroz. Entretanto, os nossos tupinambás excetuam os cabelos, que nos homens são desde a juventude tosquiados bem rente na parte superior e anterior do crânio, como uma coroa de frade, e na nuca à moda dos nossos antepassados ou dos que deixam crescer a cabeleira aparando os pêlos do pescoço.

E para nada omitir, se possível, nesta matéria, direi que existem nesse país certas plantas cujas folhas da largura de se dois dedos, côncavas como a palha do milho grosso, a que chamamos em França trigo mourisco e com as quais os velhos usam envolver o membro

---

[154] (168) Léry era natural da Bourgogne e não conhecia apenas de reputação a famosa fonte que está situada no vale de Suzon, 15 quilômetros a nordeste de Dijon

[155] Os selvagens depilam-se cuidadosamente. Cf. Thévet (Cosmog, p. 941). “Ao crescer-lhe os pêlos, arrancam-nos as mulheres com certa gramínea que corta como navalha. Quanto aos pêlos das partes pudendas arrancam-se reciprocamente uns aos outros... Depois que nos freqüentaram aprenderam a fazê-lo com pinças". Osório, *De rebus Emmanuelis*, liv. II, p. 49.

[156] Gomara. *Hist. gen. de Ias índias*, § LXXXIX. Hans Staden, p. 267: “Perguntei-lhes multas vezes donde lhes vinha esse hábito. Responderam-me que seus antepassados o haviam recebido de um homem chamado Meire Humane, que fizera muitos milagres. Dizem que é um dos apóstolos ou um profeta".

viril atando-as com fios de algodão; também costumam envolvê-los em lenços ou pedaços de pano lhes dão os europeus. Entretanto tal costume não é seguido todos e nunca por rapazes ou meninos. Embora pareça à primeira vista que o façam por lhes restar ainda algum resquício de pudor natural, suponho que seja apenas para ocultar alguma enfermidade que na velhice lhes ataca tal órgão. Os rapazes[157] têm por hábito furar o beiço inferior logo na infância, e usam no buraco um osso bem polido, alvo como marfim, feito à semelhança de uma carrapeta; e como a parte pontuda sai para fora uma polegada mais ou menos e fica o osso detido por um ressalto entre o beiço e a gengiva, eles o tiram e colocam como querem. Mas só usam esse osso branco na adolescência; quando adultos, *curumim-assú*[158] (isto é, menino crescido) usam no furo do beiço uma pedra verde, espécie de falsa esmeralda, do tamanho de uma moeda do lado de fora e do lado de dentro presa por uma parte mais larga; algumas existem compridas e roliças como um dedo e destas trouxe eu uma para a França. Quando retiram a pedra do beiço e por divertimento enfiam a língua pela fenda, apresentam como que duas bocas, o que, como é de imaginar, os deforma horrivelmente. Ademais vi homens que não contentes com usar essas pedras verdes nos lábios ainda as traziam nas duas faces, furadas para esse fim.

Quanto ao nariz, em vez de fazerem como as nossas parteiras que por ocasião do nascimento das crianças apertam-lhes as ventas com os dedos a fim de tornar-lhes o nariz afilado, os nossos americanos o esmagam com o dedo polegar logo ao saírem os filhos do ventre materno, pois a formosura se mede entre eles pela chateza do nariz (assim ocorre

---

[157] Hans Staden (p. 268): "Têm por hábito furar o lábio inferior com um espinho grosso, colocando na abertura uma pequena pedra ou um pedaço de madeira. Tratam da ferida com um ungüento, ficando aberto o buraco. Depois de crescidos e capazes de usarem armas, aumentam essa fenda e nela Introduzem uma pedra verde... tão pesada em geral que lhes repuxa para fora o lábio Inferior". Gandavo *(Santa Cruz,* p. 127): "As Invenções e galantarias de que usam, são trazerem alguns o beiço de baixo furado, e uma pedra comprida metida dentro do buraco. Outros há que trazem o rosto todo cheio de buracos e de pedras e assim parecem mui feios e disformes". Biard, *Voyage au Brésil*, Thevet, *France Antarctique,* § XXXIV, cf. *Tour du Monde,* n.° 81, p. 45 — D'Orbigny, *Voyage dans les deux Amériques,* p. 168: "O que caracteriza os botocudos de ambos os sexos é o hábito horroroso de furar o lábio inferior e os lobos das orelhas afim de Introduzirem enormes discos de madeira cujo tamanho aumentam com a idade". — Ver Ferdinand Denis, sobre o assunto, em *Magasin Pittoresque,* T. XVIII, p. 138, 183, 239, 338, 350, 390. — Thevet admirava essas pedras verdes: "Penso (Cosmog. p. 932) que deve haver esmeraldas nessa montanha, pois vi algumas muito parecidas". Suas previsões eram certas, pois se encontram no Brasil, principalmente em Minas, belíssimas esmeraldas. — Thevet, *Cosmog. univ.* p. 931: "Essas pedras tornam a boca desses animais não raro da grossura do punho. Retirando-se a pedra vê-se escorrer a saliva pelo buraco quando falam. E esses bárbaros se desejam zombar passam a língua pelo buraco".

[158] (172) *Kurumi,* ou *kunumi,* é a forma correta; no tupi da costa era geral, entretanto, a pronúncia *Kurumim,* o menino. *Kurumim-asú* corresponde, como diz Léry, a moço, rapaz etc. Era empregada também a expressão *Kunumbusú* (P.A.).

também em França com os cachorrinhos). Entretanto, afirmam que existe em certa região do Peru índios com o nariz tão ultrajosamente grande que nele penduram esmeraldas, turquesas e outras pedras brancas e vermelhas seguras por filetes de ouro.

Além disso, os nossos brasileiros pintam muitas vezes o corpo com desenhos de diversas cores e escurecem tanto as coxas e pernas com o suco do jenipapo[159] que ao vê-los de longe pode-se imaginar estarem vestidos com calças de padre. Essa tintura preta do fruto do jenipapo imprime-se de tal maneira na carne que, embora os silvícolas se metam na água e se lavem amiudadamente, dura de dez a doze dias. Usam também crescentes de osso liso, brancos como o alabastro, a que dão o nome de *Jacy*, lua; e trazem-nos pendentes ao pescoço por meio de cordões de algodão.

Com grande paciência pulem contra um pedaço de grés uma infinidade de pedacinhos da grande concha marinha chamada vinhol; arredondam-nos e os fazem delgados como um dinheiro tornês. Em seguida são furados ao centro e enfiados em cordões como colares; chamam a estes *boure* e os enrolam ao pescoço como nos países europeus se faz com os cordões de ouro. Parece-me que é a isso que chamam aqui porcelana e as mulheres usam como cintos, alguns de mais de três braças de comprimento e muito bonitos como observei quando cheguei em França. Esses selvagens também usam colares de certa espécie de madeira preta muito adequada a esse mister por ser quase tão pesada e luzidia quanto o azeviche.

Além disso criam os nossos americanos grande quantidade galinhas comuns, cuja raça foi introduzida pelos portugueses. Depenam as brancas e com instrumentos de ferro (antes de os terem com peças aguçadas) picam bem miúdo o frouxel[160] e as nas pequenas; depois fervem e tingem de vermelho com pau-brasil e esfregando o corpo com certa resina apropriada grudam-no em cima, ficando assim vermelhos e emplumados como pombos recém-nascidos. Isso talvez tenha levado alguns observadores apressados a propalarem o boato de serem os selvagens cabeludos; não o são, entretanto, como acima ficou dito. Já se

[159] Segundo Staden (p. 319). "Os naturais espremem o suco da *junipa peryva* dentro de recipientes e o empregam para pintar. Ao ser colocado sobre a pele parece branco como água, mas ao fim de alguns instantes torna-se preto como tinta. A cor dura nove dias e por mais que se lave é impossível retirá-la antes". Cf. Gandavo, *Santa Cruz*, p. 115. — Thévet, *Singularités*, § XXXII.

[160] Thévet (Cosmog., p. 926) : "Depois de se pintar assim, enfeitam-se com finíssimas plumas de pássaros, aplicadas sobre essa goma da cabeça aos pés. E tão é um prazer contemplar esses verdadeiros papagaios selvagens revestidos de vermelho.

escreveu que também os cumaneses se untam com certa resina e depois se cobrem de penas de diversas cores, à semelhança do que fazem os tupinambás. Quanto ao ornato da cabeça, além da coroa de frade e da guedelha na nuca a que me referi, os tupinambás amarram penas encarnadas ou de outras cores, tiradas das asas de certas aves, em frontais muito semelhantes aos que costumam as senhoras usar em França, parecendo até que se tenham inspirado nesta invenção, cujo nome entre os selvagens é *jempenambi*[161] Também usam nas orelhas ornatos de osso branco quase da mesma forma que os dos rapazes acima descritos. Existe no país uma ave, o tucano, que tem a plumagem negra como a do corvo, à exceção do papo, de quase quatro dedos de comprimento por três de largura, todo coberto de penas miúdas, amarelas e orladas de preto na parte inferior. Esfolam esse papo, a que denominam tucano como a ave, e depois de seco pregam-no com uma cera chamada *iraieti*[162] nas faces, abaixo das orelhas de modo que lembram as chapas de cobre usadas nas cambas dos freios dos cavalos.

Quando vão à guerra, ou quando matam com solenidade um prisioneiro para comê-lo, os selvagens brasileiros enfeitam-se com vestes, máscaras, braceletes e outros ornatos de penas verdes, encarnadas ou azuis, de incomparável beleza natural, a fim de mostrarem-se mais belos e mais bravos. Muito bem mescladas, combinadas e atadas umas às outras sobre talicas de madeira formam vestuários que parecem de pelúcia e que podem rivalizar com os dos melhores artífices de França. Do mesmo modo enfeitam as guarnições de seus dardos e clavas de madeira, os quais, assim decorados, produzem um efeito deslumbrante.

No preparo de seu vestuário utilizam-se de grandes penas de avestruz, obtidas com seus vizinhos. Isso prova a existência, em alguma região do país, dessas enormes aves;[163] mas não posso dizer que as tenha visto. As plumas, que são pardas, ligam-se pela haste central, ficando soltas as pontas que se encurvam à maneira de uma rosa e formam grandes

---

[161] Provavelmente de *ye-pen-nambi*. Sobre esse curioso diadema e sobre os demais de penas *e* plumas, acima referidos por Léry, convém ler o excelente capítulo XVII da obra de Métraux (La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani, Paris, 1928). Largas e curiosas descrições a respeito dos adornos dos tupinambás encontram-se em quase todos os cronistas antigos, a começar por Pêro Vaz Caminha. Simão de Vasconcelos diz também, pitorescamente: "Vem a cabeça coroada com um diadema vermelho aceso, cor de guerra" (P. A.).

[162] *Irati*, de *eiraity, é o* designativo genérico da cera, no tupi (P. A.).

[163] O avestruz americano, casuar, se encontra com efeito em toda a região dos pampas. Cf. Guimard, *Voyage en Patagonie, Tour du Monde*, n.° 94.

penachos denominados *araroyé,*[164] os quais são usados amarrados à cintura por um cordel de algodão. E como a parte larga fica para fora e a estreita junto da carne, parece que, assim adornados, carregam à cinta uma capoeira de frangos. Mais adiante direi com minúcias como os seus maiores guerreiros, a fim de mostrar valentia e indicar quantos inimigos mataram e quantos prisioneiros comeram, retalham o peito, os braços e as coxas, esfregando as incisões com certo pó preto e indelével; e dir-se-ia que usam calções e gibões suíços riscados.

Para dançar, beber e *cauinar,*[165] o que constitui sua ocupação ordinária, procuram algo que os anime, além do canto com que em geral acompanham as danças; para isso colhem certo fruto do tamanho da castanha d'água e com ela parecido. Depois de secá-lo, tiram-lhe os caroços e colocam no lugar algumas pedrinhas; amarram-nos então aos tornozelos, pois assim dispostos fazem tanto barulho quanto os guizos dos europeus, dos quais, aliás, se mostram muito cobiçosos. Existe também no país uma árvore que dá frutos do tamanho e da forma do ovo de avestruz. Os selvagens os furam no centro como as crianças francesas furam as nozes grandes para fazer molinetes; esvaziam-nos depois, colocando dentro pedrinhas redondas ou grãos de milho, e atravessam-nos com um pau de pé e meio de

---

[164] (188) Cf. Yves d'Evreux *(Voyage au nor du Brésil,* p. 23): "Em torno dos rins usam um pendente de penas da cauda do avestruz, suspenso por duas cordas de cordão vermelho cruzadas nas costas. De modo que ao vê-los assim emplumados na cabeça, nos braços e nos rins, tem-se a Impressão de avestruzes com penas unicamente nessas partes". *** *Arasoái,* ou *araçoáia,* significa, no tupi da costa, rabo de ave ou de pássaro qualquer. (...) Pela descrição de Léry e de outros cronistas, subentende-se que a *arasoáia* era adorno da parte traseira do corpo, preso à cintura, por melo de cordéis; Hans Staden, entretanto (op. cit. 70-71), diz: "na nuca colocaram-me uma coisa feita de penas de pássaros, que excedia à cabeça e que se chama a língua deles *crasoyá".* Teodoro Sampaio, estudando essa palavra informa: "espécie de turbante feito de penas multicores. Era o chapéu do selvagem em ocasiões solenes". Parece-nos que a confusão provém de certa similitude fonética das palavras asoiába *(ahoiháb),* substantivo participal de asoí *(ahoí),* cobrir, tapar, encobrir, e *arasoái (ará-soái),* rabo de ave. Gabriel Soares (op. cit., 337); Yves 'Evreux (Voyage dans le nord du Brésil, Paris, 1864, 23); Simão de Vasconcelos (op. cit. cap. LXXX); Barléu, Gaspar (Brasilianische Geschite, etc. 1659,700) e numerosos outros autores fazem referências interessantes a este adorno. Claude d'Abbeville (Histoire de la Mission des Pères Capucins en 1'lsle de Maragnan et terres circonvoisines, fl. 274) em outro passo de sua obra fala de *Assoyaue,* "manteaux, etc., tissus a divers plumages". *Açoyába,* acrescenta Rodolfo Garcia, é "espécie de turbante feito de penas, usado nas solenidades". (P. A.).

[165] Pelos termos do original não se percebe bem o sentido em que Léry empregou o verbo *cauoiner,* evidentemente formado do substantivo tupi *cauim,* sendo o *cauim* um líquido, os tupinambás só o poderiam beber... logo, segundo sua expressão: beber e beber cauim... Além disso, *cauim* é denominação mais ou menos genérica das bebidas fermentadas: cauim de mandioca doce, cauim de ananás, de caju, de milho, etc. Dentre os cronistas que fazem referências especiais ao cauim podem ser consultados: Piso e Marcgrav, Nieuhofs, Gabriel Soares, Claude d'Abbeville, Hans Staden, Simão de Vasconcelos, Fernão Cardim, etc. Métraux (op. cit. 112) dá excelente nota sobre as bebidas fermentadas dos tupinambás (P. A.).

comprimento. Têm assim o instrumento a que chamam maracá[166] e que faz mais barulho do que uma bexiga de porco cheia de ervilhas. Os brasileiros os trazem em geral na mão e quando me referir à sua religião direi qual a sua opinião acerca do *maracá* e da sua sonoridade, sobretudo depois de enfeitados com lindas plumas e empregados em determinada cerimônia.[167]

Eis em suma o que sei com referência à índole, vestuário e ornatos dos nossos tupinambás. Além disso, como trouxemos em nossos navios grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas etc. e mandamos fazer casacos e calções sarapintados para trocá-los por víveres, bugios, papagaios, pau-brasil, algodão, pimenta e outras coisas do país que carregam em geral os nossos navios, vestem eles às vezes calças de marujo, outros somente casacos que lhes chegam às nádegas. Em geral, depois de se contemplar um pouco e passear com a vestimenta, o que não deixava de ser cômico, despiam-se e largavam os trajes em casa até que lhes desse de novo na veneta vesti-los. O mesmo faziam com os chapéus e as camisas.

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado em garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, devereis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas. Ao lado deles ponde ainda um leito de algodão feito com rede de pescaria e

---

[166] *Maracá,* de *mbaraká,* é o denominativo tupi de um dos Instrumentos de "música" mais comuns nas culturas primitivas. Simples chocalho, exige apenas uma cabaça e sementes ou pedrinhas para funcionar. Os maracás apresentam-se, às vezes, caprichosamente decorados, encabados e enfeitados com penas de várias cores. As decorações, principalmente, oferecem grande interesse etnográfico (P. A.).

[167] São os tupi-guaranis litorâneos, de todas as gentes que povoaram o Brasil, os que melhor conhecemos sob os aspectos antropológico, lingüístico e cultural. Raros os detalhes de sua cultura material ou espiritual que escaparam à argúcia e ao estudo dos cronistas, cientistas e colonizadores. De certos pontos de vista há verdadeira superabundância de informes, fato esse que permitiu a Métraux a publicação de três ótimos volumes, exclusivamente dedicados aos tupi-guaranis, e, conseqüentemente aos tupinambás. O autor antigo, entretanto, que melhores informações nos dá, com verdadeiro luxo de detalhes, é o notável Gabriel Soares de Souza, no seu livro basilar — Tratado descritivo do Brasil em 1587. Os capítulos CXLVII e seguintes dessa obra, são realmente um tratado etnográfico a respeito dos tupinambás e demais grupos do médio litoral brasileiro (P.A.).

suspensa no ar. E acrescentai o fruto chamado ananás, que mais tarde descreverei que é um dos melhores da terra.

Esse o aspecto comum dos selvagens. Para imaginá-lo sob outro aspecto, tirai-lhe todos esses adornos, untai-o com resina e cobri-lhe todo o corpo, braços e pernas, com pequenas plumas picadas, à maneira de uma crina pintada de vermelho, e vereis como fica lindo assim, todo coberto de penugem.

Finalmente sob um novo'aspecto ainda podemos dizer que, deixando-o seminu, calçado e vestido com as nossas frisas de cores, com uma das mangas verdes e outra amarela, apenas lhe falta o cetro de palhaço.

Acrescentai-lhe agora na mão o *maracá,* colocai-lhe na cintura o penacho de plumas denominado *araroyé e* ao redor das pernas os guizos feitos de frutos e o vereis trajado para a cerimônia da dança, do salto, da bebida e da cabriola como adiante o mostrarei.

Para dar uma justa idéia dos artifícios, já descritos, de que usam os selvagens para adornar e enfeitar o corpo, seriam necessárias muitas figuras a cores, o que exigiria um livro especial. Todavia, afora o que já disse, ainda os descreverei na guerra, furibundos, a manejarem a clava de madeira, o arco e a flecha.

Entretanto, antes disso vejamos se as suas mulheres e filhas, a quem chamam *cunhãs*[168] *Marias* em certos lugares onde os portugueses tomaram pé andam mais bem ornadas e ataviadas. Já contei, no início deste capítulo, que as mulheres andam nuas como os homens; devo acrescentar que, como eles, arrancam totalmente os pêlos, inclusive pestanas e sobrancelhas. É verdade que não fazem o mesmo com os cabelos, pois não os tosquiam na frente nem os aparam na nuca, deixando-os, ao contrário, crescerem à vontade. Mas, tal qual as mulheres de cá, lavam-se cuidadosamente e os penteiam, entrançando-os algumas vezes com cordéis de algodão tintos de vermelho. O mais das vezes, porém, estão

[168] *Cunhã,* ou *kunã* na ortografia peculiar à língua, é o designativo da fêmea, da mulher ou do animal do sexo feminino. De maneira vaga, mulheres, filhas, sobrinhas, etc., obviamente são *cunhãs,* como são fêmeas em português. Daí não se deve concluir que esse designativo serve para indicar laços de parentesco; muito pelo contrário, o tupi-guarani é das línguas conhecidas uma das que maior número de expressões possui para indicar tais relações. Basta lembrar que o homem e a mulher, isto é, pai e mãe, devem usar termos diversos para dizer meu filho, meu filho maior, meu filho menor etc. O pai dirá, por exemplo, *che rayra,* meu filho, a mãe *che membyra,* meu filho. Consulte-se Montoya (Tesoro y Vocabulário de la lengua guarani) e, por curiosidade, Tenório de Albuquerque (Apontamentos para a Gramática Avañee, *in* Revista do Museu Paulista, t. XVI, págs. 331-443) (P. A.).

desgrenhadas com os cabelos soltos sobre os ombros.

Diferem também dos homens pelo fato de não furarem os lábios nem as faces, não usando, por conseguinte, pedras no rosto. Mas furam de um modo horrível as orelhas para nelas colocarem arrecadas[169] e quando as retiram podem facilmente meter os dedos nos buracos. Esses brincos são feitos com grandes conchas marinhas, brancas, roliças e do tamanho de uma vela de sebo meã, à qual chamam *vinhol;* e quando se penteiam, os penduricalhos caem-lhes sobre os ombros e o peito e de longe parecem orelhas de cão perdigueiro.

Quanto ao rosto, eis como o embelezam. Com um pequeno pincel traçam uma roda no centro da face e a prolongam em espiral, azul, amarela ou verde, mosqueando e sarapintando o rosto inteiro. Também pintam as sobrancelhas e pálpebras como o fazem, ao que se diz, as mulheres impudicas de França.

Fabricam braceletes de quase pé e meio, só comparáveis aos que usamos no jogo da pela. São eles compostos de várias peças de osso branco, talhados à maneira de grossas escamas e reunidas muito habilmente umas às outras com ceras e resinas colantes. Também usam colares brancos chamados *boyra,* mas não no pescoço como os homens, porém enrolados no braço. Por isso achavam lindas as pequenas contas multicores de vidro que havíamos levado em grande quantidade para traficar; chamavam-nas *moruhí*[193] e com elas faziam colares. Quando íamos a suas aldeias ou vinham elas ao nosso fortim, apresentavam-nos frutas e outros produtos da terra propondo trocá-los por tais miçangas e nos lisonjeavam dizendo: *Mair, deagotoren amabé morubí* o que quer dizer: francês, tu és bom, dá-me os braceletes de conta de vidro. O mesmo faziam para obter pentes, a que chamavam *guyap* ou *kyap,* espelhos, que denominavam *aruá e* outras mercadorias que lhes agradavam.

Mas o que mais nos maravilhava nessas brasileiras era o fato de que, não obstante não pintarem o corpo, braços, coxas e pernas como os homens, nem se cobrirem de penas, nunca pudemos conseguir que se vestissem, embora muitas vezes lhes déssemos vestidos de chita e camisas. Os homens, como já dissemos, ainda se vestiam por vezes, mas elas não queriam nada sobre o corpo e creio que não mudaram de idéia. Em verdade,

[169] Hans Staden (p. 270): "Esses pendentes têm um palmo de comprimento e a espessura de uma polegada. Chamam-se *nambibeya".* Thévet (Cosmos, p. 931): "É semelhante a uma vela de tostão, tanto no comprimento como na grossura". Esse hábito repugnante conservou-se entre algumas tribos brasileiras. Ver Marcoy, *Du Pacifique à 1'Atlantique. Tour du Monde,* nº 272 — Cf. Plínio, H. N. IV.

alegavam, para justificar sua nudez, que não podiam dispensar os banhos[170] e lhes era difícil despir-se tão amiúde, pois em quanta fonte ou rio encontravam, metiam-se água, molhavam a cabeça e mergulhavam o corpo todo como caniços, não raro mais de doze vezes por dia. Suas razões eram plausíveis e quaisquer esforços para convencê-las do contrário foram, aliás, inúteis. E tão forte era esse hábito e tanto se deleitavam com a nudez que não só se obstinavam em não se vestir as mulheres dos tupinambás, que viviam no Continente em plena liberdade, com seus maridos e parentes, mas ainda as próprias prisioneiras de guerra, que compráramos, e conservávamos no forte para trabalhar; embora as cobríssemos à força, despiam-se às escondidas ao cair da noite e passeavam nuas pela ilha, por mero prazer. E se não fossem obrigadas a chicote, preferiam sofrer o calor do sol e esfolar o corpo na condução contínua de terra e pedras a aportar sobre a pele o mais simples objeto. Eis em resumo os adornos, anéis e jóias comuns às mulheres americanas. Quando adiante tratar do casamento dos selvagens, direi como se vestem os filhos na infância. Tinha eu grande prazer em ver os meninos acima de três ou quatro anos, que chamam *curumimirim* gorduchos e mais bem fornidos do que os meninos europeus e já enfeitados com suas arrecadas de osso nos beiços furados e com os cabelos tosquiados a seu modo. Tinham não raro o corpo pintado e nunca deixavam vir dançar diante de nós, em grupos, quando nos viam chegar às suas aldeias. Rodeavam-nos, na esperança de uma recompensa, afagando-nos e pedindo repetidamente na sua gíria: *cutuassá, amabé pindá* (meu amigo aliado, dá-me anzóis para pescar). E se para satisfazer o pedido, como o fiz muitas vezes, fincávamos na areia ou na terra dez a doze anzóis pequenos, era de ver-se com que rapidez a turba de fedelhos nus se lançava ao solo e esgaravatava como láparos de coelheira. Durante um ano que passei nesse país, contemplei com curiosidade adultos e crianças e quando me recordo agora desses garotos parece-me tê-los diante dos olhos; mas não se me afigura possível descrevê-los com exatidão nem pintá-los com fidelidade. É preciso vê-los em seu país. Em verdade é a viagem bem longa e difícil, por isso quem não tiver bom olho e bom pé ou se sentir temeroso de tropeços, que não se arrisque. Veremos ainda, oportunamente, como são as casas, utensílios domésticos e outros costumes dos selvagens.

[170] Entretanto Hans Staden (p. 272) alude à sujeira dos brasileiros: "Catam seus piolhos uns aos outros e os comem. Perguntei-lhes muitas vezes por que o faziam e me responderam que os tratavam como Inimigos que eram". Thévet *Cosmog. p.* 947): "Via algumas vezes mulheres catando piolhos aos filhos e quantos encontravam comiam e caçoavam de mim quando eu me punha a rir".

Antes, porém de encerrar este capítulo, quero responder aos que dizem que a convivência com esses selvagens nus,[171] principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi que, em que pese às opiniões em contrário, acerca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nuas, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebiques, postiços, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobre-saias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura. Se a decência me permitisse dizer mais, tenho certeza de que responderia a quaisquer objeções com vantagem. Limito-me a apelar para os que estiveram no Brasil e como eu viram essas coisas.

Não é de meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras, pois Adão e Eva, após o pecado, reconhecendo estarem nus se envergonharam; sou contra os que a querem introduzir'entre nós contra a lei natural, embora deva confessar que, neste ponto, não a observam os selvagens americanos. O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo.

[171]Comparar com uma curiosa dissertação de Thévet, na sua Cosmografia, p. 928, acerca da nudez dos Tupinambás. Montaigne parece partilhar da opinião de Léry. Termina humoristicamente seu capítulo sobre os canibais com estas palavras: "Isso tudo não vai tão mal assim, mas o diabo é que não usam cuecas".

CAPÍTULO IX

DAS GROSSAS RAÍZES E DO MILHO COM QUE OS SELVAGENS FABRICAM A FARINHA, COMIDA EM LUGAR DO PÃO; DA BEBIDA A QUE CHAMAM CAUIM

Depois de ter exposto como os nossos selvagens se vestem e se enfeitam, não me parece fora de propósito tratar agora de seus alimentos habituais. Cumpre notar, antes de mais nada, que embora não tenham trigo nem vinhas nas suas terras, tratam-se bem, conforme pude ver e experimentar.

Os americanos têm duas espécies de raízes, a que chamam *aypi* e *maniot*[172] que crescem dentro da terra em três ou quatro meses, tornando-se tão grossas como a coxa de um homem e longas de pé e meio mais ou menos. Depois de arrancá-las, as mulheres (os homens não se ocupam disso) secam-nas ao fogo no *bucan*[173] tal como o descreverei adiante; ou então as ralam ainda frescas sobre uma prancha de madeira, cravejada de pedrinhas pontudas (como o fazemos ao queijo e à noz-moscada), e as reduzem a uma farinha alva como a neve. Essa farinha ainda crua, bem como o farelo branco que dela sai apresentam um cheiro de amido diluído durante muito tempo na água, a ponto de por ocasião do meu regresso, ao encontrar-me certo dia em lugar onde se preparava o amido, o cheiro da preparação me recordar logo o das choças quando os indígenas lidavam com a

[172] Hans Staden (p. 251) dá-lhe o nome de *mandioca e* acrescenta curiosos pormenores sobre a técnica de seu cultivo. "Começam arrancando as plantas e deixando-as secar durante dois ou três meses; queimam-nas em seguida e tornam a enterrar as raízes que lhes servem de alimento". Gandavo dá-lhe nome idêntico, p. 52: "Essa planta não é muito grossa e tem muitos nós; quando a querem plantar em alguma roça, cortam-na e fazem-na em pedaços, *os* quais metem debaixo da terra..." Thévet *(Cosmog*. p. 948 e prancha) traz pormenores curiosos acerca do cultivo da mandioca. Ver também Osório, *De Rebus Emmanuele,* p. 49. *** Trata-se, evidentemente, da mandioca, raiz da *Jatropha manihot.* Se o nome for de origem tupi-guarani, o que é de duvidar-se, poderá provir de *manyb + óg,* tirada da *manyb,* arbusto da mandioca. O notável a respeito deste nome, faz notar Batista Caetano (Vocabulário, 217) é que, sendo um dos vocábulos mais espalhados e usados, não venha no geral dos vocabulários, os quais o dão como se fora português (P.A.).

[173] Do verbo *mbokaê, mokaê,* tornar seco, enxuto etc. Vide "Termos tupis, no português do Brasil", de Plínio Ayrosa (Ed. Departamento de Cultura, São Paulo, 1937) (P.A.).

farinha de mandioca.

Para preparar essa farinha usam as mulheres brasileiras grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidade de mais de um alqueire e que elas mesmas fabricam com muito jeito, põem-na ao fogo com certa porção de farinha dentro e não cessam de mexê-la com cabaças de que se servem como nos servimos das escudelas, até que a farinha assim cozida tome a forma de granizos ou confeitos.

Fazem farinha de duas espécies: uma muito cozida e dura, a que os selvagens chamam *uhi antan*,[174] usada nas expedições guerreiras por se conservar melhor; outra menos cozida e mais tenra a que chamam *uhi pon*[175] muito mais agradável do que a primeira porquê dá à boca a sensação do miolo de pão branco ainda quente. Ambas, depois de cozidas, mudam de sabor, tornando-se mais agradáveis e delicadas. Embora essas farinhas, principalmente quando frescas, constituam um bom alimento, saboroso e facilmente digestível não se prestam em absoluto ao fabrico do pão, como pude verificar. A massa incha como a do trigo levedado e, como esta, é branca e macia; ao assar, porém, a crosta superior queima e a parte interna se resseca, permanecendo farinhosa. Creio, pois, que quem afirmou que os índios dentre os graus 22 e 23 além da linha equinocial, e que certamente são os nossos tupinambás, viviam de pão feito de pau ralado observou mal e se equivocou. Todavia essas farinhas prestam-se para papas a que os selvagens dão o nome de mingau[176] e quando dissolvidas em caldo gordo tornam-se granuladas como o arroz e são de ótimo paladar. Os tupinambás, tantos os homens como as mulheres, acostumados desde a infância a comê-la seca em lugar do pão, tomam-na com os quatro dedos na vasilha de barro ou em qualquer outro recipiente e a atiram, mesmo de longe, com tal destreza na boca que não perdem um só farelo. E se nós franceses os quiséssemos imitar, não estando com eles acostumados, sujaríamos todo o rosto, ventas, bochechas e barbas. Por isso só a comíamos com colher. Algumas vezes as mulheres, depois de raladas essas raízes de aipim e de mandioca, e enquanto ainda se acham frescas, fazem com elas grandes bolas que espremem entre as mãos; o caldo cor de leite que sai é recolhido em pratos ou em vasilhas de barro e exposto

[174] *Ui-antã*, farinha dura, farinha comprimida, farinha de guerra, *Uí* é a farinha.
[175] *Uí-púb*, farinha púba, amolecida na água durante dias, fermentada (P. A.).

[176] Segundo Hans Staden (256): "Quando cozinham carne ou peixe, fazem-no com pimentas. Estando a carne suficientemente cozida despejam o caldo em cabaças para bebê-lo e chamam ao mesmo *mingau*. *** *Mingau*, alimento moído, picado, desfeito, etc. É a papa ou sopa. Na vernaculização desse termo houve deslocamento da tônica, dando *mingau* (P. A.).

ao sol, cujo calor o condensa e coagula como coalhada. Quando querem comer, derramam-no em outros alguidares de barro e o cozinham ao fogo como fazemos com as fritadas de ovos; assim preparado torna-se excelente manjar. Quanto à raiz do aipim, não só se presta para ser transformada em farinha, mas ainda para ser assada inteira na brasa ou no fogo; fica assim mais tenra e torna-se farinácea como a castanha assada no borralho e cujo gosto é muito semelhante. O mesmo não se pode fazer com a raiz da mandioca, que só serve para farinha, sendo venenosa quando preparada de outro modo.

Essas plantas pouco diferem entre si; crescem ambas à altura de pequenos zimbros e têm folhas semelhantes às de peônia. O mais admirável, porém, nessas raízes, é o modo de se reproduzirem no Brasil. O caule é mole e frágil como o do cânhamo e basta quebrar e enterrar um pedaço dele para que, sem maiores cuidados três meses depois estejam formadas sob a terra as grossas raízes. As mulheres também plantam duas espécies de milho, branco e vermelho, fincando no chão um bastão pontudo e enterrando o grão no buraco. O nome indígena do milho, a que em França se chama trigo sarraceno, é *avatí;*[177] com eles fazem farinha, que se coze e se come como as outras. E creio, contrariamente ao que afirmei na primeira edição desta narrativa, que esse *avatí* dos americanos é aquilo que o historiador[178] das índias denomina *mais* e que diz servir de trigo para os índios do Peru. Eis de resto como o descreve: "O talo do *mais* cresce à altura de um homem e mais; é bastante grosso e lança folhas como as da cana das lagoas; a espiga é como uma glande de pinho silvestre, o grão não é grosso, nem redondo, nem quadrado, nem tão comprido como a nossa baga; amadurece em três ou quatro meses e nas terras bem banhadas em mês e meio. Cada grão produz de cem a quinhentos e às vezes seiscentos, o que também demonstra a fertilidade dessa terra ora em mãos dos espanhóis. Alguém já escreveu que em certos lugares da índia Oriental a terra é tão boa que o trigo, o centeio e o milho excedem a quinze côvados de altura, conforme contam os que o viram".

O que acima ficou dito é o resumo do que vi ser usado como pão pelos selvagens do Brasil. Entretanto, os espanhóis e portugueses atualmente estabelecidos em diversos pontos das

---

[177] É muito Interessante para a geografia lingüística, e mesmo para a filologia, o registro de palavras tupis com *v* em lugar de b. Léry, no texto da sua obra e no "Colóquio", fornece excelentes exemplos dessa ocorrência, aliás notada por Anchieta, que muita luz traz à questão do uso do b, do v e do *u*. *Avatí,* ou *abati* como está averbado em quase todos os vocabulários antigos, é o milho. No *nheengatú* amazônico diz-se *auati* (P. A.).

[178] Gomara (Híst. *Gen. de Ias índias,* CCXVI, p. 276)

Índias Ocidentais provaram que não é por defeito da terra que os selvagens não possuem trigo e vinha.[179] Esses colonos os têm plantado com muito bom resultado. Nós franceses, por ocasião de nossa viagem também levamos trigo em grão e cepas de vinha e verificamos, por experiência, que uma e outra coisa se dariam bem se os campos fossem tratados à moda da Europa. De fato a vinha que plantamos pegou, cresceu e enfolhou, evidenciando claramente a excelência do solo. É verdade que durante um ano quase que lá estivemos só produziu agraços[180] que não chegaram a amadurecer, empedrando e secando; mas sei agora, por vinhateiros que em geral as plantas novas só produzem no primeiro e segundo ano frutos secos e chochos; sou, portanto de opinião que se os franceses ou os que nos continuarem, cuidarem da videira deixada, colherão boas e belas uvas nos anos próximos. Quanto ao trigo e ao centeio que semeamos, embora crescessem viçosos, as espigas não tinham grãos. Como, entretanto a cevada granou e amadureceu multiplicando bastante, é de supor que a terra por ser muito forte tivesse apressado em excesso o trigo e o centeio (os quais pedem maior demora na terra para produzir, como vemos na Europa) o que não teria dado tempo à planta para formar o grão.[181] Em França adubam-se os campos para torná-los mais férteis; nesta terra nova sou de opinião que seria necessário cansá-la e enfraquecê-la com alguns anos de cultura para que venha a produzir melhor trigo e outros cereais semelhantes.

Como este país dos nossos tupinambás tem capacidade para alimentar dez vezes mais gente do que atualmente, posso gabar-me de ter tido às minhas ordens mais de mil jeiras de terras melhores que as de Beauce. Pois se os franceses tivessem permanecido ali teriam sem dúvida tirado o mesmo proveito que colhem os portugueses; e isso o teríamos conseguido, e nela estariam talvez agora mais de dez mil pessoas se Villegagnon não se houvesse rebelado contra a religião reformada. Diga-se isso de passagem para satisfazer aos que perguntam se o trigo e o vinho podem prosperar no Brasil.

---

[179] A observação de Léry é justa. Com efeito, nessa época já se plantava trigo, e com resultados satisfatórios, em S. Vicente, como se vê das Atas, vol. I, 40. — Luiz da Grã, em 1555 (Serafim Leite, *Hist. da Cia. de Jesus)* afirma que em S. Vicente se colhe trigo "mui formoso". — Baltazar Fernandes (Afonso de Taunay) extasia-se: "Dá pão como lá". — Ver sobre o assunto, além de Alcântara Machado (Vida e Morte do Bandeirante) e dos autores citados, Sérgio Milliet *in* "Roteiro do Café e Outros Ensaios", o estudo intitulado *Trigais de S. Paulo* (T.).

[180] [Qualquer fruta (principalmente uva) muito acre, de verde; Do lat. vulg. acraceu - lat. acer, 'agudo', 'azedo'; 'forte', 'vigoroso'.]

[181] Outra observação muito curiosa de Léry e facilmente verificável na cultura, entre nós, de inúmeras plantas européias (T.).

Voltando ao meu assunto, antes de falar nas carnes, peixes, frutas e outros mantimentos bem diversos dos da Europa, direi qual a bebida que usam os selvagens e o modo de fazê-la. Cumpre, desde logo, notar que os homens não se envolvem de maneira nenhuma na preparação da bebida, a qual, como a farinha, está a cargo das mulheres. As raízes de aipim e mandioca, que servem de principal alimento aos selvagens, são também utilizadas no preparo de sua bebida usual. Depois de as cortarem em rodelas finas, como fazemos com os rabanetes, as mulheres as fervem em grandes vasilhas de barro cheias de água, até que amoleçam; tiram-nas então do fogo e as deixam esfriar. Feito isso acocoram-se em torno das vasilhas e mastigam as rodelas jogando-as depois em outra vasilha, em vez de as engolir, para uma nova fervura, mexendo-as com um pau até que tudo esteja bem cozido. Feito isso, tiram do fogo a pasta e a põem a fermentar em vasos de barro de capacidade igual a uma meia pipa de vinho de Borgonha. Quando tudo fermenta e espuma, cobrem os vasos e fica a bebida pronta para o uso. Esses vasos têm o feitio das grandes cubas de barro nas quais vi fazer-se a lixívia em alguns lugares do Bourbonais e da Auvergne; são, entretanto mais estreitos no alto que no bojo. Fazem o mesmo com a *avatí,* a fim de preparar uma bebida de milho. São as mulheres como já disse, que tudo fazem nessa preparação, tendo os homens a firme opinião de que se eles mastigarem as raízes ou o milho a bebida não sairá boa. Consideram tão indecente ao seu sexo meter-se neste trabalho quanto nós consideraríamos indecente que os camponeses seminus da Bresse ou de outras regiões pegassem na roca para fiar. Os selvagens chamam essa bebida *cauim; é* turva e espessa como borra e tem como que o gosto do leite azedo. Há *cauim* branco e tinto tal qual o vinho.

Como tais raízes e o milho crescem durante o ano todo no país, os selvagens fazem a sua bebida em qualquer estação e às vezes em grande quantidade, tendo eu visto em certa ocasião mais de trinta potes grandes cheios, dispostos em fila à espera do momento de *cauinar.* Antes, porém de entrar no assunto, seja-me permitido à guisa de prefácio, embora não aprove o vício, dizer que nem alemães,[182] nem flamengos, nem soldados, nem suíços, todos enfim que se dedicam à bebedeira em França, nada sabem do ofício em comparação com os nossos americanos, os quais têm que ceder a primazia.

---

[182] A reputação é antiga entre *os* alemães. Cf. Montaigne, Essais, II, 1: "Vemos os alemães afogados no

Quando querem divertir-se e principalmente quando matam com solenidade um prisioneiro de guerra para o comer, é seu costume (ao contrário do que fazemos com o vinho que desejamos fresco e límpido) beber o cauim amornado e a primeira coisa que fazem as mulheres é um pequeno fogo em torno dos lotes de barro para aquecer a bebida. Começam então por uma das extremidades a descobrir o primeiro pote e a remexer e turvar a bebida de que vão tirando cuias cheias, algumas de três quartilhos de Paris;[183] os homens passam dançando, uns pós outros, junto das mulheres que entregam a cada um a sua cuia cheia ;[227] e enquanto os homens bebem de um trago elas, no desempenho do ofício de despenseiras, não se esquecem de bebericar sofrivelmente e isso tantas vezes quantas necessárias para que na centena de potes ali enfileirados não fique uma só gota de *cauim.* Com efeito, eu os vi não só beberem três dias e três noites consecutivas, mas ainda, depois de saciados e bêbados a mais não poder, vomitaram quanto tinham bebido e recomeçarem mais bem dispostos do que antes;[184] deixar a função fora em verdade expor-se a ser considerado efeminado, pior que *schelm*[185] entre os alemães. O curioso é que os tupinambás nada comem durante as bebedeiras do mesmo modo porque não bebem às refeições[186] muito estranhando ver-nos entremear uma *e* outra coisa à nossa moda. Dirão que eles fazem como os cavalos; mas, como dizia um indivíduo galhofeiro de nossa companhia, além de não ser preciso conduzi-lo ao rio para beber não correm o perigo de romper o rabicho.

Cumpre notar que embora não observem horas de jantar, merendar ou cear, como o fazemos, nem trepidem em comer à meia-noite ou ao meio-dia, só o fazem quando têm fome e pode-se dizer que são tão sóbrios no comer quanto excessivos no beber. Alguns têm o bom hábito de lavar as mãos e a boca antes e depois da comida; quanto à boca creio que o fazem porque do contrário a teriam sempre viscosa em razão das farinhas de raízes e de milho que consomem em lugar de pão. Quando comem observam admirável silêncio[187] e se

---

vinho, etc." ... Os alemães bebem igualmente qualquer vinho: seu objetivo é antes engoli-lo que apreciá-lo".

[183] O quartilho comum é equivalente a 0,665 litro. Mas existe também um quartilho de 0,350 litro (T.).

[184] Hans Staden acrescenta um detalhe pitoresco: "Satisfazem as suas necessidades no próprio local em que bebem".

[185] Sujeito à-toa (T.).

[186] Thévet *(Cosmog. p.* 930): "Têm um hábito estranho que não poderíamos imitar de bom grado: não bebem nunca durante a refeição *e* quando bebem não comem nada". Cf. Montaigne: "Não bebem então, ao contrario de certos povos do Oriente que, segundo Suydas, bebem nas refeições".

[187] Thévet *(Cosmog.* p. 930): "Durante a refeição observam rigoroso silencio e caçoam de nós por conversarmos à mesa".

têm alguma coisa para dizer, esperam até acabar a comida. E quando nos ouviam tagarelar alegremente às refeições, como entre franceses é costume, punham-se a motejar.

Prosseguindo no assunto, direi que enquanto dura a *cauinagem* os nossos brejeiros americanos, para melhor esquentar o cérebro, cantam, assobiam e se incitam uns aos outros a portarem-se valentemente e a fazerem muitos prisioneiros na guerra ; enfileiram-se, como grous, e não cessam de dançar, de entrar e sair da casa em que se reúnem, até que tudo se conclua, isto é, que se tenha esgotado toda a bebida. E como são refinados beberrões, alguns há que em uma reunião sorvem mais de vinte potes de *cauim*...

Mas é principalmente quando emplumados e enfeitados que matam e comem um prisioneiro de guerra[188] em bacanais à moda pagã, de que são sacerdotes ébrios, que se faz interessante vê-los rolar os olhos nas órbitas. Mas também acontece sentarem-se em redes de algodão e uns em frente dos outros beberem modestamente; mas como o seu costume é de se reunirem todos, de uma aldeia ou de muitas para beber (o que nunca fazem para comer), esses beberetes especiais são muito raros. Bebam pouco ou muito, porém, como não sofrem de melancolia congregam-se todos os dias para dançar e folgar em sua aldeia. Os moços casadoiros adornam-se com um desses grandes penachos a que chamam *araroy* e que são atados à cintura; empunhando às vezes o maracá e dispondo nas pernas os chocalhos de frutos secos de que acima falei, não fazem outra coisa todas as noites senão entrar e sair de casa em casa dançando e saltando. Ao vê-los assim fazerem tantas vezes a mesma coisa vinham-me à lembrança aqueles sujeitos que em certas aldeias nossas são conhecidos por *valets de Ia fête*, os quais nos dias de festa ao padroeiro das paróquias andam vestidos de bobos com cetro em punho e guizos nas pernas, brincando e dançando à mourisca pelas casas e praças. Cumpre notar que em todas essas danças, quaisquer que sejam, nunca as mulheres se misturam aos homens; se querem fazem-no em grupo separado.

Antes de terminar este assunto, e a fim de que os leitores se convençam de que se tivessem vinho à vontade enxugariam galhardamente o copo, vou contar uma história tragicômica

---

[188] O ato de "matar e comer" o prisioneiro de guerra foi sempre essencialmente simbólico. Salvo um ou outro caso raro de exo-canibalismo, não é procedente a afirmação de que "comessem" os Inimigos por gula. O próprio Léry em várias passagens de sua obra confirma essa asserção (P. A.).

que em sua aldeia me contou um mussacá,[189] isto é, um bom e hospitaleiro pai de família.

"Surpreendemos uma vez, disse ele na sua rude linguagem, uma caravela de *pêros* (isto *é*, portugueses, que como já referi são inimigos mortais dos nossos tupinambás) na qual, de mortos e comidos todos os homens e recolhida a mercadoria existente, encontramos grandes *caramemos* (tonéis e outras vasilhas de madeira) cheias de bebida que logo tratamos de provar. Não sei que qualidade de *cauim* era, nem se o tendes no vosso país; só sei dizer que depois de bebermos ficamos por três dias de tal forma prostrados e adormecidos que não podíamos despertar". É verossímil que fossem tonéis de bom vinho da Espanha, com os quais os selvagens, sem o saber, festejaram a Baco. Não é, pois de admirar que o nosso homem se tivesse sentido tão repentinamente atordoado.

No que nos diz respeito, ao chegarmos a esse país procuramos evitar a mastigação no preparo do *cauim* e fazê-lo de modo mais limpo. Por isso pilamos raízes de aipim e mandioca com milho, mas, para dizer a verdade, a experiência não provou bem. Pouco a pouco nos habituamos a beber o *cauim* da outra espécie embora não o fizéssemos comumente, pois tendo cana à vontade púnhamo-la de infusão por alguns dias na água depois de refrescá-la um pouco por causa do grande calor; e assim açucarada bebíamos a água com grande prazer. Quanto à água das fontes e rios, incomparavelmente melhor e mais sadia que a nossa, nós a bebíamos sem mistura. Os selvagens chamam a água doce *uh-ete* e a água salgada *uh-een;* esta dicção obtêm-na com a garganta, como os hebreus fazem com as guturais e por isso era para nós a mais penosa de reproduzir entre todas as do idioma indígena.[190]

---

[189] Léry escreve *Moussacat*, que é, sem dúvida alguma, a expressão tupi *mbosaká* (*mboçaká*) ou *mosaká*. Como verbo ela significa: estimar, apreciar, prezar; como adjetivo: estimado, prezado, querido e, como substantivo: amigo. Foi com esse sentido que Léry a empregou. A propósito dessa palavra lembra Batista Caetano (Vocabulário cit. 245): "dizendo-se *che mbosaká — mbo-sá-ka —* (meu querido), diz-se literalmente: "me faz os olhos quebrar, quebra-me os olhos", que até é tropo também em português..." (P. A.).

[190] A propósito da dificuldade de pronúncia do *y* tupi, há muito de excessivo e de falso na afirmação dos que tentaram aprender o Idioma brasílico. O y é apenas um *i* gutural, que se emite com os lábios quase cerrados e com a ponta da língua levemente apoiada sobre a arcada dentária Inferior. Não é mais difícil do que a pronúncia do *th* Inglês, do *ch* alemão, do *j* castelhano, e incomparavelmente mais fácil do que numerosos fonemas do árabe, do polaco, do Irlandês antigo, etc. A lenda da dificuldade de pronúncia do *y* tupi originou-se do fato de alguns recém-chegados ao Brasil, "duros de ouvido", não conseguirem desde logo falar a língua que muitos outros falavam com elegância e perfeição. Um deles (Pe. Pedro Lozano, I, 258), depois dos mais rasgados elogios à língua indígena que afirma ser "sin controvérsia, de las mas copiosas y elegantes que reconoce el orbe y que con razón puede competir con las que tienen más fama", sobre a pronuncia do *y* diz "que provocou uma ferida na língua de certa pessoa que quis pronunciar um só vocábulo de cinco letras... em

Às pessoas que, em vista do que disse acima acerca da mastigação das raízes e do milho no preparo da bebida, enjoem e engulhem,[191] lembro o modo pelo qual entre nós se fabrica o vinho. Pois se tivermos em vista que nos lugares onde crescem os bons vinhedos os vinhateiros, no tempo da vindima, metem-se dentro das tinas e das cubas e com os lindos pés, às vezes calçados de sapatões, machucam as uvas e ainda as enxovalham na lagariça, veremos que nesse mister se passam muitas coisas talvez menos aprazíveis do que a mastigação das mulheres americanas. Pode-se dizer que o vinho ao azedar e fermentar lança fora de si toda a impureza; em verdade o *cauim* também se purga...

---

que figurava o tal fonema... A ferida provavelmente não foi causada pela pronúncia da letra malsinada, mas pelo ardor da frutinha que ela denomina — e que o bom padre quis provar imprudentemente — *Kyyí*, pimenta (P. A.).

[191] Thévet *(Cosmog.* p. 97): "Não podia ver fabricarem essa bebida sem enjôo; mas afinal, cansado de beber água, e doente, experimentei-a a instancias de amigos; e achei-a boa".

CAPITULO X

DOS ANIMAIS, VEAÇÃO, LAGARTOS, SERPENTES E OUTROS ANIMAIS MONSTRUOSOS DA AMÉRICA

Direi desde logo, ao iniciar este capítulo, que não existe no Brasil nenhum quadrúpede em tudo e por tudo semelhante aos nossos. Por outro lado convém acrescentar que os tupinambás só muito raramente se alimentam com animais domésticos.[192] Na descrição dos animais silvestres do país, chamados genericamente *sóo* começarei pelos que lhes servem de alimentação. O primeiro e mais comum é o *tapirussú* de pêlo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem chifres, com pescoço mais curto, orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiriço com forma de casco de asno. Pode-se dizer que, participando de um e outro animal, é semivaca e semi-asno. Difere, entretanto de ambos pela cauda, que é muito curta (há aqui na América inúmeras alimárias sem cauda), pelos dentes que são cortantes e aguçados; não é, entretanto animal perigoso, pois só se defende fugindo. Os selvagens o matam a flechadas como fazem a muitos outros ou o apanham com armadilhas astuciosas.

Esse animal é muito estimado entre os indígenas por causa da pele; depois de esfolado cortam-lhe o couro do dorso e põem-no a secar, fazendo rodelas do tamanho de um tampo de mel médio, que lhe servem de escudos contra as setas inimigas n guerra. Com efeito, a pele assim seca e preparada é tão rija que não há flecha, creio, por mais violentamente lançada que possa furá-la. A título de curiosidade trazia eu para a França dois desses broquéis, mas assaltando-nos a fome no mar, vimo-nos obrigados, na falta de víveres e

[192] Segundo Montaigne, I, XXX: "O primeiro cavalo que viram... lhes causou tal horror que o mataram a frechadas".

depois de comermos os bugios, papagaios e outros animais, a consumir as nossas rodelas tostadas na brasa, bem como todos os couros e peles que tínhamos a bordo.

A carne do *tapirussú* tem quase o mesmo gosto da do boi; a selvagens a preparam à sua moda, moqueando-a. Consiste esse sistema, que pretendo desde já descrever, para que não fique suspenso à curiosidade do leitor, no seguinte: os americanos enterram profundamente no chão quatro forquilhas de pau, quadradas à distância de três pés e à altura de dois pés e meio; sobre elas assentam varas com uma polegada ou dois dedos de distância uma da outra, formando uma grelha de madeira a que chamam *boucan*.[193] Têm-no todos em suas casas e nele colocam a carne cortada em pedaços, acendendo um fogo lento por baixo, com lenha seca que não faça muita fumaça, voltando a carne e revirando de quarto em quarto de hora até que esteja bem assada. Como não salgam suas viandas para guardá-las, como nós fazemos, esse é o único meio de conservá-las. Se em um dia apanham trinta animais ferozes ou outros dos que aqui descrevemos, para evitar a putrefação, cortam-no logo em pedaços e os moqueiam durante mais de vinte e quatro horas às vezes até que as partes internas fiquem tão assadas quanto as externas. O mesmo fazem com os peixes quando os pescam em grande quantidade, principalmente com os da espécie denominada *piraparati*[194] que são verdadeiros sargos. Depois de os secar bem, reduzem-nos a farinha. Em suma esses moquém (*boucan*) lhes servem de salgadeira, aparador e guarda-comida; e entrando em suas aldeias vemo-los sempre carregados não só de veações ou peixes, mas ainda de coxas, braços, pernas e postas de carne humana dos prisioneiros que matam e costumam comer, como veremos adiante. Eis o que tinha a dizer acerca do moquém e da moqueação (*boucannerie*) dos americanos, os quais em que pese às opiniões em contrário, não deixam de cozinhar as suas viandas quando lhes apraz.

Voltando aos animais direi que os maiores, depois do asno-vaca de que acabo de falar, são

---

[193]Trad. latina de Bry, prancha p. 935. *** — Léry escreve *boucan, boucaner,* o que prova como era corrente a permuta dos labiais b e m. *Boucan* provém de *mo* + *kaê,* lazer seco, ressecar, tornar enxuto. Desse verbo tiramos, em português: *moquém, moquear, moqueador, moqueação,* etc. como também *bucaneiro,* por intermédio do termo vernacularizado pelos franceses. Na língua francesa existem hoje os vocábulos *boucan, boucanage, boucannerie, boucané, boucaner, boucanière,* provenientes do tupi *mokaê,* tais como os vocábulos ingleses: *bucaneer, bucaneering, mseaneers* ou *bucaniers.* Esta descrição do *moquém,* que Léry nos dá, é das mais perfeitas e completas (P.A.).

[194] *Pirá-parati,* peixe *parati,* chamado *parati.* A propósito desta denominação é altamente instrutiva a leitura do excelente, belo e exaustivo estudo de Artur Neiva, *in* Estudos da Língua Nacional, São Paulo, 1940 (P.A.).

certas espécies de veados e corças a que chamam *soo-uassús*[195] os quais, além de serem bem menores do que os nossos e terem chifres menos desenvolvidos, destes ainda se diferenciam pelos pêlos compridos como os das cabras da Europa.

Quanto ao javali do país, que os selvagens denominam *taiassú*[196], embora semelhante aos das nossas florestas pela cabeça, pelas orelhas, pernas e pés, tem os dentes muito compridos, curvos e pontiagudos, o que os torna perigosíssimos. É mais magro, descarnado; tem um grunhido espantoso e apresenta nas costas uma deformidade notável,[197] uma abertura natural, como a do golfinho na cabeça, por onde sopra, respira e aspira quando quer. E para que não se imagine ser isso uma coisa extraordinária direi que o autor da "História Geral das índias"[198] afirma existirem na Nicarágua, perto do reino da Nova Espanha, porcos com o umbigo no espinhaço[199], os quais devem ser da mesma espécie dos que acabo de descrever.

Esses três animais: o *tapirassú,* o *soouassú* e o *taiassú* são os maiores dessa terra do Brasil.

Passando a outros animais bravios dos nossos americanos, notarei um bicho vermelho chamado *agutí;*[200] é do tamanho de um leitão de mês, tem o pé fendido, a cauda muito curta, o focinho e as orelhas como os da lebre e é de sabor agradabilíssimo.

Outros, de duas ou três espécies diferentes, chamados *tapitis*,[201] parecem-se muito com as

---

[195]No tupi da costa o designativo genérico dos veados era realmente suassú ou *suasú,* na ortografia da língua. No nheengatú amazônico atual, diz-se ainda *suasú* ou sooasií. Cf. Stradelli, Vocabulário Nheengatú, *in* Rev. Inst. Histórico Brasileiro, vol. 104. No guarani antigo usava-se da expressão soasú e hoje. no Paraguai emprega-se *guasú.* Martius *(Nomina animalium in língua tupi, in* Worter-sammlung Brasillanischer Sprachen, Leipzig, 1867) diz: *"Suasú,* rectius *suusú, susú* — cervus, a verbo *suú,* mordere, *suúsuú* (repetito mordere) rodere. Guaranice scribitur *Guazú* et tupice pierumque *çuaçú".* Cita depois onze variedades de cervos, todos designados pelo nome geral — *suasú* — seguidos dos qualificativos especiais (P. A.).

[196] *Taiassú, taiasú, tajasú,* designativo genérico do porco, do porco montês ou do mato. Essa expressão provém provavelmente de *tãi-asú,* dente ou dentes grandes (P.A.).

[197]Capivaras. Gandavo (p. 67) — Thévet, *Cosmog.* p. 935.

[198]Gomara. *Hist. Gen. de Ias índias,* § CCV, p. 262.

[199] Gabriel Soares (op. cit. pág. 249) diz: Criam-se no mato da Bahia porcos monteses, a que os índios chamam *taiaçu,* que são de cor parda e pequenos; tudo tem semelhante com o porco, senão o rabo, que não tem mais comprido que uma polegada; e tem umbigo nas costas; as fêmeas parem muitos no mato, por onde andam em bandos, comendo as frutas dele", etc. (P. A.).

[200] *Aguti* ou *akuti é* o roedor (Dasyprocta) a que chamamos vulgarmente *cutia.* Gabriel Soares (op. cit. 253) dedica um capítulo de sua obra às pacas e cutias. Vários outros cronistas referem-se também a esse animal (P. A.).

[201] (257) Trata-se do *tapeti* [ou tapiti], coelho silvestre. Batista Caetano (Vocabulário in Anais Biblioteca Nacional, t. VII) anota tapiiti, coelho. Marcgrav grafa *tapetí,* mas Gabriel Soares (op. cit.) fala em tapotim, menores que os coelhos da Espanha, "com todas as feições de coelhos, senão o rabo, porque o não

nossas lebres e têm quase o mesmo gosto, embora o seu pêlo seja mais avermelhado. Também apanham nas florestas certos ratos do tamanho dos esquilos, com pêlo quase idêntico e de carne tão delicada quanto a coelho.

O *pag*[202] ou *pague* (não pudemos distinguir a pronúncia), é um animal do porte do cão perdigueiro médio; tem a cabeça felpuda e malfeita e a carne com o gosto da vitela; a pele é muito bonita, manchada de branco, pardo e preto e se o tivéssemos seria muito apreciado no vestuário. Existe outro animal do feitio de uma doninha e de pêlo pardacento, ao qual os selvagens chamam *sariguá*[203]*;* tem mau cheiro, e não o comem os índios de boa vontade. Esfolamos alguns desses animais verificando estar na gordura dos rins o mau odor; tirando-lhe essa víscera a carne é tenra e boa.

O *tatu*[204] da terra do Brasil, tal qual os nossos ouriços, não pode correr tão rapidamente quanto os outros; por isso arrasta-se pelas moitas; em compensação está bem armado, coberto de escamas fortes e duras, capazes de resistirem a um golpe de espada. Com essa carapaça, fazem os selvagens cestinhos chamados caramemo; encurvada parece manopla de armadura. A carne do *tatu* é branca e muito saborosa. Não vi, porém, nesse país, nenhum quadrúpede semelhante, na altura das pernas, ao que Belon representou no fim do terceiro livro de suas observações com o nome de *tatu do Brasil*.

Além desses animais, que constituem a alimentação habitual dos americanos, comem eles crocodilos, chamados *jacarés*, os quais têm a grossura da coxa de um homem e comprimento proporcional; não são perigosos, pois como me foi dado ver muitas vezes, os

---

tem; os quais se criam em covas, e as fêmeas parem muitos; cuja carne é como a de coelhos, e muito saborosa" (P. A.).

[202] É o que chamamos *paca*. Vide Gabriel Soares (op. cit. 253). *Paka* pode ser gerúndio do verbo *pás*, e adjetivo com o sentido de esperto, vivo, alertado etc. Talvez daí o nome do animal (P. A.).

[203] Gandavo (p. 73) denomina-os *cerigoés*. Descreve minuciosamente as características esquecidas por Léry, que os classificou entre os marsupiais. *** Trata-se, com efeito, do gambá (T.) *** Gandavo grafa *cerigoê;* Simão de Vasconcelos (op. cit. Livro 2.» not. 101) *çarigué* e Gabriel Soares (op. cit., 248), que a descreve cuidadosamente, dá *serigoé*. No Rio da Prata chamam a esta espécie de *Didelphis, Lin.*, ou *gambá*, de *micuré*. A etimologia desses nomes revela a sua Identidade em relação à bolsa em que criam os filhos; *gambá*, de *guá-mbá*, diz: ventre aberto, barriga oca, e *sarígué* de *soór-igué* (apud. Sampaio, op. cit. 3.ª ed., 89), animal de saco. Ocorrem ainda as seguintes variantes do nome: *sarué, sarigueia e sorighê*. Hans Staden (op. cit. 72) da *Serwoy* (P. A.).

[204] Hans Staden (p. 308): "O *tatu* tem mais ou menos 6 polegadas de altura por nove de comprimento. Cobre-lhe o corpo todo, exceto o ventre, uma espécie de armadura. Esta consiste em chapas de osso dispostas umas por cima das outras. O animal tem o focinho muito comprido, alimenta-se de formigas". Ver também *Description et histoire des tatous*, em Roulin, *Souvenirs*, etc., p. 217-224. — Gandavo, p. 69. *** Gabriel Soares (op. cit. 251) dedica um capitulo inteiro aos *tatus*, citando as diferentes variedades com os nomes indígenas. Esse designativo diz: casca dura, carapaça encorpada ou densa (P. A.).

selvagens os trazem vivos para as suas casas e as crianças brincam em redor deles sem mal algum. Entretanto, ouvi contar aos velhos das aldeias que, nas matas, são às vezes assaltados e encontram dificuldades em se defender a flechadas contra uma espécie de *jacarés* monstruosos que, ao pressentir gente, deixam os caniçais aquáticos, onde fazem o seu covil. A esse respeito, além do que Plínio e outros referem dos crocodilos do Nilo, no Egito, diz o autor da "História Geral das índias" que matou crocodilos perto da cidade de Panamá, com mais de cem pés de comprimento, o que é coisa quase incrível. Observei os jacarés medianos e vi que têm a boca muito rasgada, as pernas altas, a cauda chata e aguda na extremidade. Confesso que não verifiquei se esses anfíbios conservam imóvel a mandíbula superior, como geralmente se acredita.

Os nossos americanos também apanham *tuús*, lagartos que não são verdes, como os nossos, mas cinzentos, de pele áspera como a das lagartixas. Embora tenham de quatro a cinco pés de comprimento, e sejam proporcionalmente grossos e repugnantes à vista, conservam-se em geral nas margens dos rios e nos lugares pantanosos, tais quais as rãs, e não são em absoluto perigosos. Direi ainda que, destripados, lavados e bem cozidos, apresentam uma carne branca, delicada, tenra e saborosa como o peito do capão, constituindo uma das boas viandas que comi na América. A princípio, em verdade, repugnava-me esse manjar, mas depois que o provei não cessei de pedir lagarto.

Também costumam os tupinambás comer certos sapos grandes, moqueados com o couro e os intestinos, donde concluo que ao contrário dos nossos sapos cuja carne e sangue são geralmente mortíferos, os do Brasil em virtude talvez do clima, não são venenosos. Os selvagens também comem serpentes grossas como um braço de homem e longas de uma vara; mas vi-os, entretanto trazerem certas serpentes rajadas de preto e vermelho para casa; silvavam entre as mulheres e as crianças que, em vez de se atemorizar, as acariciavam com as mãos. Preparam as serpentes em pedaços e as cozinham, mas a carne é insípida e adocicada. Não faltam aí cobras de variada espécie, sobretudo nos rios, onde se encontram algumas compridas e delgadas, verdes como a acelga e cuja mordedura é muito venenosa. Pela narração seguinte pode-se ver que, além dos *tuús* a que me referi, existem no mato lagartos grandes e perigosos.[205]

---

[205] Talvez a *sucuri*, que ainda se encontra nas florestas do Brasil. Ver Biard, *Voyage au Brasil*, *Tour du Monde*, n.» 81, prancha 40. Segundo Gandavo, p. 77, "e os há tão grandes que engolem um veado inteiro ou

Certa ocasião dois franceses e eu cometemos o erro de visitar o país sem guias selvagens; perdemo-nos na mata e, quando ladeávamos profundo vale, ouvimos o rumor de um bruto que vinha em nossa direção, mas pensando que fosse algum selvagem não paramos nem demos importância ao caso. De repente, a trinta passos de distância, à direita, vimos na encosta da montanha um enorme lagarto maior do que um homem e com um comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, ásperas e escabrosas como cascas de ostras; ergueu uma pata dianteira e com a cabeça levantada e os olhos cintilantes encarou-nos fixamente. Como nenhum de nós trazia arcabuz ou pistola, mas somente espadas e arcos e flechas na mão, armas inúteis contra animal tão bem armado, ficamos quedos e imóveis, pois temíamos que, fugindo, o bruto viesse contra nós e nos devorasse. O monstruoso e medonho lagarto, abrindo a boca por causa do grande calor que fazia e soprando tão fortemente que o ouvíamos muito bem, contemplou-nos durante um quarto de hora; voltou-se depois, de repente, e fugiu morro acima fazendo maior barulho nas folhas e ramos varejados do que um veado correndo na floresta. O susto nos tirou a lembrança de persegui-lo e, louvando a Deus por ter-nos livrado do perigo, prosseguimos no passeio. E como dizem que o lagarto se deleita ao aspecto do rosto humano, é certo que esse teve tanto prazer em olhar para nós quanto nós tivemos pavor em contemplá-lo.

Existe nesse país um animal chamado *Ian-u-are*[206] pelos selvagens, o qual tem pernas quase tão altas e é tão veloz na carreira quanto o galgo; muito se parece porém com a onça, com pêlos no mento e a pele lindamente manchada. Os selvagens temem essa fera, pois vive de presa como o leão e quando pode agarrar algum índio o mata, despedaça e devora. E como os selvagens são cruéis e vingativos contra tudo o que os prejudica, quando pilham nas suas armadilhas uma dessas feras, o que não raro conseguem, flecham-na e a golpeiam e a deixam nos fossos durante muito tempo antes de acabar de matá-la.

Para que melhor se compreenda como esse animal os maltrata, contarei o seguinte: certa vez em que eu e cinco ou seis franceses passamos para a grande ilha, advertiram-nos os selvagens do lugar de que nos acautelássemos contra a *ian-u-are* pois naquela semana comera ela três pessoas numa aldeia indígena.

---

qualquer outro animal do mesmo tamanho".

[206]Léry escreve *lan-ou-are.* *Jaguára, jogoára, íaguára, iauára, yaguára* etc., são algumas das variantes fonéticas e ortográficas do nome da onça, do cão ou do tigre. Segundo Martius (op. cit.) "In genere est canis, felis major, tigris. In língua kechua *yahuár* significat sanguinem" (P. A.).

Há também nessa terra do Brasil grande número de pequenos macacos pretos a que os selvagens chamam *cay*[207] como, entretanto já se encontram muitos por aqui, parece-me inútil descrevê-los. Direi, todavia que vivem nas matas desse país, trepados em certas árvores produtoras de um fruto com caroços semelhantes às nossas grandes favas e que lhes serve de alimento. Reunidos geralmente em bandos, sobretudo no tempo das chuvas, é grande prazer ouvi-los gritar e celebrar o seu *sabbat* nas árvores, tal como o fazem os nossos gatos nos telhados. Esse animal só traz no ventre um feto, o qual ao nascer logo se agarra ao pescoço do pai ou da mãe; perseguido pelos caçadores, salta de galho em galho e assim se salva. Por isso não conseguem os selvagens facilmente apanhar nem indivíduos novos nem velhos e só os chegam a pegar derrubando-os das árvores a flechadas, donde caem atordoados e algumas vezes feridos. Depois de curados e domesticados em casa, trocam-nos os selvagens com os estrangeiros que por aí viajam por quaisquer mercadorias. Digo depois de domesticados, porque, quando recém-apanhados, são esses macacos ferozes; mordem e dilaceram os dedos e as mãos dos apreensores, causando-lhes tamanha dor que os pacientes os matam a pancadas para se livrarem da agressão.

Também existe na terra do Brasil outra espécie de macacos a que os selvagens chamam sagüim[208] Têm o tamanho e o pêlo do esquilo, mas o focinho, e o pescoço e a cara parecidos com os do leão; apesar de bravio é o mais lindo animalzinho que já vi. Se resistisse como o mono à travessia, seria aqui muito apreciado; mas é delicadíssimo, não suporta o balanço do navio e é tão melindroso que qualquer contrariedade o mata de desgosto. Entretanto já se vêem na Europa alguns desses animaizinhos a que Marot alude quando assim se exprime fazendo falar seu servo Fripelipes com um certo Sagon:

Conbien que Sagon soit un mot,

---

[207] Hans Staden (p. 308). Cf. Yves d'Evreux — *Voyage au Nord du Brésil*, p. 199-201. — Thévet, *Singularités* etc. § 54. *** *Kaí*, como adjetivo do tupi-guarani significa envergonhado, medroso, encolhido, etc. Daí naturalmente o seu emprego para nomear este macaquinho (P. A.).

[208] Gandavo, p. 77: "Chama-se sagüis. Há uns louros e outros pardos; os louros têm o cabelo muito fino, e na semelhança do vulto e feição do corpo quase se querem parecer com leão. *** Sobre o *sagüim* diz Gabriel Soares (op. cit. 254): Sagüins são bugios pequeninos muito felpudos e de cabelo macio, raiados de pardo, preto e branco; tem o rabo comprido e muita felpa no pescoço, a qual trazem sempre arrepiada, o que os faz muito formosos; e criam-se em casa, se os tomam novos, onde se fazem muito domésticos. Do Rio de Janeiro vêm outros sagüins da feição destes de cima, que têm o pêlo amarelo muito macio, que cheiram muito bem; os quais são muito mimosos e morrem em casa, de qualquer frio e das aranhas da casa; que são mais peçonhentas que as das árvores, onde andam sempre saltando de ramo em ramo" (P. A.).

est le nom d'un petit marmot.[209]

Embora eu confesse que apesar de minha curiosidade não notei todos os animais dessa terra da América como o desejara, descreverei para terminar dois outros de forma extraordinária e singular.

O maior, chamado *hay*[210] pelos selvagens é do tamanho de um cão d'água grande e sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano; tem o ventre pendurado como o da porca prenhe, o pêlo pardo-escuro como a lã do carneiro preto, a cauda curtíssima, as pernas cabeludas como as do urso e as unhas muito longas. Embora seja muito feroz, no mato, facilmente se amansa. Mas é verdade que, por causa das unhas, nossos tupinambás, que andam sempre nus não gostam de folgar com ele. O que parece fabuloso, mas é referido não só por moradores da terra, mas ainda por adventícios com longa residência no país, é não ter jamais ninguém visto esse bicho comer, nem no campo nem em casa e julgam muitos que ele vive de vento.

O outro animal a que me refiro e ao qual os selvagens chamam coatí[211] é do porte de uma lebre grande, tem pêlo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, erectas, pontudas; a cabeça é pouco volumosa e o focinho, que começa nos olhos, tem mais de um pé de comprimento; redondo como um bastão afina de repente conservando a mesma grossura desde cima até perto da boca, a qual é tão pequena que nela cabe apenas a ponta do dedo mínimo. Não me parece que exista algo mais extravagante ou monstruoso do que esse focinho semelhante a um canudo de gaita de foles. Quando apanhado, conserva os quatro pés juntos, caindo sempre para um ou para outro lado ou se esparramando no chão, de sorte que ninguém pode mantê-lo de pé; só se alimenta de formigas.[212]

---

[209] Embora Sagon seja um nome é o nome de um macaquinho (T.).

[210] Sem dúvida a *preguiça,* de Gandavo, p. 74: "... e assim se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados não vencerá distância de um tiro de pedra. O seu mantimento é folhas de árvores e em cima delas anda o mais do tempo, aonde há pelo menos mister dois dias para subir e dois para descer". *** Os cronistas grafam esse nome de várias maneiras: *ahy, ahí, hay, aíh, ayg.* Todos, porém, dão-no como designativo da preguiça *(Bradypus,* Lin.). Deve ser de origem onomatopaica, pois *aí* é uma interjeição semelhante ao do grito da preguiça, e corresponde ao nosso ai. Interjeição de dor. Gabriel Soares (op. cit p. 257) dá minuciosas Informações sobre a "ahy" ou preguiça. Simão de Vasconcelos (op. cit. Livro 2.°, n.° 100) descreve a *aíg.* Thévet grafa *haüt* (P. A.).

[211] Coati, coatim, coaty, *cuatí, quatí, akuatí* etc., são variantes do nome que ocorre em Gabriel Soares (op. cit. cap. 98); Marcgrav (I. 228) Piso (H, 38), etc. É a *Nasua socialis Neuw.* Stradelli (Voc. Nheengatú, 420) dá alguns Informes curiosos sobre o coati. Em notas à obra de Claude d'Abbeville, *in* Rev. Inst. Hist., vol. 94, Rodolfo Garcia sugere a etimologia *aquá + ti,* nariz de ponto ou nariz pontudo (P. A)

[212] Aqui registra-se certa confusão, porquanto o coati não se alimenta de formigas. É ao tamanduá sem dúvida

Quase oito meses depois de chegarmos à ilha em que se encontrava Villegagnon, os selvagens trouxeram-nos um desses *coatis* o qual, como é de imaginar foi muito apreciado pela novidade. Por ser tão estranho, em comparação com os animais da Europa, mais de uma vez pedi a um tal João Gardien, perito desenhista da nossa comitiva, que mo desenhasse juntamente com outros animais desconhecidos na Europa; infelizmente ele nunca me atendeu.

---

que se refere Léry (T.).

CAPITULO XI

DA VARIEDADE DE AVES DA AMÉRICA, TODAS DIFERENTES DAS NOSSAS; DOS BANDOS DE GRANDES MORCEGOS, DAS ABELHAS, MOSCAS VAREJEIRAS E OUTROS VERMES SINGULARES DESSE PAÍS

Começarei também este capítulo das aves, a que os tupinambás chamam de um modo geral *urá*, pelas que servem de alimento. Antes de mais nada direi que eles possuem em grande abundância essas galinhas grandes, ditas da Índia e que eles denominam *arinhan-assú;* os portugueses introduziram no país as galinhas comuns, antes desconhecidas e a que os selvagens chamam *arinhan-mirim.* Como já disse, embora apreciem as galinhas brancas, por causa das penas que tingem de vermelho e com as quais se enfeitam, não as comem. E como pensam que os ovos, *arínhan-ropiá* são venenosos, não só ficavam muito admirados em nos ver sorvê-los, mas ainda diziam que por falta de paciência para deixá-los chocar praticávamos a gulodice de comer uma galinha inteira num ovo. Não dão importância às suas galinhas, tal qual se tratasse de aves silvestres; deixam-nas andar por onde querem e elas chocam nos matos e moitas de sorte que as mulheres selvagens não têm o trabalho de criar os pintos com gema de ovo como se faz entre nós. E as galinhas se multiplicam, entretanto de tal forma nesse país que há localidades ou aldeias pouco freqüentadas pelos estrangeiros, onde, por uma faca do valor de um *carolus*[213] se tem uma galinha da índia; e por uma de dois *liards*[214] ou por cinco ou seis anzóis se obtêm três a quatro galinhas pequenas comuns.

Além dessas duas espécies de aves domésticas, criam os nossos selvagens patos, a que

[213] Moeda antiga (T.).
[214] Moeda divisionária antiga (T.).

chamam *ypec*[215] Como, porém, esses pobres tupinambás acreditam estupidamente[216] que se comessem desse animal de andar vagaroso não poderiam correr quando perseguidos por seus inimigos, muito hábil será quem os persuadir do contrário. Pela mesma razão se abstêm de todos os animais lentos, inclusive de certos peixes, como a arraia, que não nadam com rapidez.

Quanto às aves silvestres, apanham-se algumas no mato, do tamanho de capões, de três espécies: *iacutin, iacupem, iacu-assú,* todas de plumagem escura ou negra; parecem-me da família dos faisões e posso assegurar que não há melhor carne. Existe outra espécie excelente, a dos *muton,* que são do tamanho dos pavões e têm a plumagem igual à dos *iacus*, *mas* são raros. O *mocacouá* e o *inambú uassú* são espécies do tamanho de um ganso e têm o mesmo gosto que as precedentes. E assim ocorre com o *inambu-mirim,* do tamanho das nossas perdizes, o *pegassú* semelhante a um pombo trocaz e o *paia-carú* que vale uma rola. Abreviando a descrição dessa caça que se encontra em grande abundância nas matas, nas praias e às margens dos rios e lagoas, tratarei das aves que não são comuns na alimentação. Entre outras duas existem, do mesmo tamanho ou pouco mais ou menos, isto é, maiores do que o corvo e de garras e bicos aduncos como os papagaios, entre os quais poderíamos incluí-las. Quanto à plumagem, como o vereis pela descrição, não creio que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante; contemplando essas aves, somos forçados a exaltar não a natureza, como fazem os profanos, mas o admirável criador dessas maravilhas. A primeira, a que os selvagens chamam *ará*[217], tem as penas das asas e da cauda longas de pé e meio, metade vermelho-escarlate, metade azul-celeste do mais

---

[215] *Ypéc* ou *ypéka,* de *ypég,* significa o nadador, e designa não só o pato, mas outras aves nadadoras. Essa palavra aparece em todos os vocabulários tupis (P. A.).

[216] Essa opinião é muito comum. Os Caraíbas se recusam a comer corvos e tartarugas de medo de ficarem com olhos tão pequenos quanto os desses animais. (Muller, *Geschichte der Americanischen urrellgianen,* p. 221). Os Dacotá comem fígado de cão a fim de adquirirem a sagacidade e a coragem desse animal *(Schorlcraft, Indian tribos,* n, p. 80). Os nativos da Nova Zelândia obrigam seus filhos a engolirem pedras para que fiquem com o coração duro (Yate, *New Zeland,* p. 82). Os esquimós acreditam que as qualidades físicas dos europeus se transmitem às suas vestes e eles recolhem os sapatos velhos dos marujos noruegueses e dinamarqueses para que suas próprias mulheres os usem (Egede. *Greeland,* p. 198). Talvez não tenha outra origem o canibalismo (Lubbock, *Lês origines de Ia civilisation,* p. 18). — Ver Brett *(Indiana tribes of Guiant,* p. 355): "Entre os Acawolo e os Caraíbas os homens, quando esperam o parto de suas mulheres, abstêm-se de certas carnes, a fim de que a criança não sofra, misteriosamente, seus feitos. Assim é que recusam a cutia para que a criança não seja magra; o "haimara" para que não seja cega, pois os olhos desse peixe cobrem-se de uma espécie de catarata; o "lobba", de medo que a boca da criança se alongue como os beiços desse bicho e se recubra de manchas que se transformam em úlceras, etc. *** Ver em Von den Steinen e outros etnógrafos as diversas interpretações da *couvade* ou *choco,* a que se refere aqui o autor citado (T.).

[217] [Arara]

brilhante que possa existir; o resto do corpo é também azul, separando sempre a nervura de cada pena as cores opostas lado a lado. Quando essa ave se expõe ao sol, como sempre acontece, não se fartam os olhos humanos de contemplá-la.

A outra ave, dita *canidé*[218] tem a plumagem do peito amarela como o ouro fino; o dorso, as asas e a cauda são de um belíssimo azul, e pasmamos ante tanta formosura ao vê-la como que vestida de ouro e por cima toda sombreada de roxo.

Os selvagens em suas canções aludem freqüentemente a essa ave, dizendo e repetindo muitas vezes: *canidé-iune, canidé-iune heyra-ueh*[219] isto é, ave-amarela, ave-amarela etc., pois na sua linguagem *june* ou *jupe* quer dizer amarelo. Embora essas duas aves não sejam domésticas, encontram-se mais comumente nas grandes árvores existentes nas aldeias do que na mata; os nossos tupinambás as depenam cuidadosamente três a quatro vezes ao ano e fazem com as penas cocares, braceletes, guarnições de clavas e outros enfeites com que adornam o corpo.[220] Trouxe comigo para a França muitas dessas penas, principalmente as vermelhas e azuis da cauda; no meu regresso, porém, ao passar por Paris um indivíduo[221] da Corte, a quem as mostrei, não cessou de importunar-me enquanto não as obteve. Os papagaios nessa terra do Brasil são de três ou quatro espécies: os maiores e mais bonitos, a que os selvagens chamam *ajurús*[222]*;* têm a cabeça rajada de amarelo, vermelho e roxo, as pontas das asas encarnadas, a cauda comprida e amarela e o resto do corpo verde; poucos chegam até cá. Entretanto são notáveis pela beleza da plumagem e como, quando ensinados, são os que melhor falam, apreciam-nos mais do que os outros. Com efeito, um intérprete presenteou-me com uma dessas aves que há três anos conservava em seu poder. Pronunciava ela tão perfeitamente as palavras da língua selvagem e da francesa, que não

---

[218] [Canindé]

[219] Deve ser iúb, *júba. Canindé-júba* dirá: canindé amarelo. Esse estribilho talvez possa ser assim entendido: *canindé amarelo, canindé amarelo, tal qual o mel (canindé júb, canindé jub, eyra oaé).* Nada podemos afirmar, está claro, em face da maneira por que se acha grafada a última palavra (P.A.). [Na versão impressa Léry acrescenta a música]

[220] Não indica Léry o modo de pegar esses belos pássaros sem estragá-los. Di-lo Belon *(Histoire de Ia nature des oiseaux,* liv. VI, § XII, p. 297): *"Os* selvagens do Brasil, muito hábeis no manejo do arco, têm flechas compridas em cuja ponta colocam um chumaço de algodão. Assim os papagaios atingidos caem apenas estonteados, sarando logo depois". Cf. Ives d'Evreux, *Voyage au Nord du Brasil,* p. 204.

[221] Esse Indivíduo talvez seja Thévet, conservador dos museus do rei, e que procurava, com efeito, melhorar as coleções. Ver prefácio de *Singularités.*

[222] *Ajurú,* de *a + jurú,* boca da gente, alusão talvez ao modo de "falar" do papagaio como gente. Segundo Rodolfo Garcia (op. cit. 10) o *ajuri (Amazona aestiva,* Linn.) pertence à família *Psittacidae,* cujo nome se estende às espécies afins (P. A.).

era possível distinguir a sua voz da de um homem.

Maior maravilha ainda me pareceu, porém, um papagaio dessa espécie pertencente a certa índia de uma aldeia distante duas léguas da nossa ilha. Dir-se-ia que essa ave entendia o que lhe falava a sua dona. Quando por ali passávamos esta nos interpelava: "dai-me um pente ou um espelho e eu farei com que o meu papagaio cante e dance em vossa presença". Se dávamos o que pedia, bastava-lhe uma palavra para que o pássaro começasse a saltar na vara em que pousava, a conversar, assobiar e arremedar os selvagens de partida para a guerra, de um modo incrível. E quando a dona dizia para cantar, ele cantava; e também dançava quando ela lho ordenava. Se, porém não lhe dávamos nada, ela se limitava a dizer asperamente ao papagaio: *augé*,[223] isto é, "pára" e ele se aquietava sem proferir palavra e por mais que lhe disséssemos não movia nem o pé nem a língua. Se os antigos romanos foram bastante sábios para fazer suntuosos funerais ao corvo que, em seus palácios os saudava por seus próprios nomes, tirando mesmo a vida a quem o matava, como nos refere Plínio, imagine-se o que não teriam feito se tivessem possuído um papagaio tão perfeitamente ensinado!

A índia chamava-o *cherimbané*[224] o que quer dizer: coisa muito amada. E o apreciava tanto, em verdade, que se lhe perguntávamos quanto queria por ele, para vender, respondia: *mocauassú*[225] isto é, *canhão grande*, de modo que nunca o pudemos obter.[226]

A segunda espécie de papagaios é a dos chamados *marganaz*.[227] Trazem-no para cá os viajantes comumente e não são de grande estimação entre os selvagens por existirem em tamanha abundância quanto os pombos em França A carne é um tanto dura, mas como sabe a perdiz nós a comíamos sempre.

Certa noite em que dormi numa aldeia chamada *Ypec* pelos franceses, ouvi à tarde

---

[223] *Augé* significa: basta! ora basta já! (P. A.).

[224] Na edição Gaffarel está *cherimbaré;* em outras *cherimbabé,* mas deve ser *che remimbáb. Mimbáb,* como substantivo, significa: animal caseiro, cria; criação, etc. A frase che *remimbáb* dirá: minha criação, meu animal doméstico, animal que eu estimo (P.A.).

[225] *Mokáb, ou mbokáb,* foi o nome dado ao arcabuz, à arma de fogo dos colonizadores; *moká-uasú,* portanto: arcabuz grande, peça de artilharia, canhão (P.A.).

[226] Os brasileiros os apreciavam muito. Gandavo (Santa Cruz, p. 85) conta que os preferiam a dois ou três escravos. Thévet *(Cosmog.* p. 939): "Os nativos os apreciam muito e com dificuldade e somente mediante boa compensação permitem que os tenham os estranhos".

[227] Marcanós, diz Gandavo (p. 87). *** Léry, por certo, se refere ao *Maracanã (Ara maracana,* Vleill. Fam. *Psittacidae).* Sampaio (op. cit., 261) sugere a seguinte etimologia desse nome:

cantarem esses pássaros um canto melancólico e vi os selvagens quedarem silenciosos e atentos. Conhecendo a causa de tal atitude, quis convencê-los de seu erro. Mas apenas toquei no assunto e me pus a rir juntamente com outro francês que me acompanhava, um ancião ali presente exclamou com rudeza: "Cala-te e não nos impeças de ouvir as boas novas que nos enviam nossos avós; quando ouvimos essas aves ficamos todos contentes e nos sentimos com novas forças". Pareceu-me inútil replicar, mas lembrei-me dos que acreditam e ensinam que as almas dos mortos vêm do purgatório advertir-nos dos nossos deveres e julguei que, a esse respeito, não estavam os selvagens tão longe da verdade. Confessam a imortalidade da alma, como explicarei oportunamente, mas estão longe de crer que volte depois da morte separada do corpo; apenas admitem que mande mensageiros alados.

Dito tudo o que tinha a dizer acerca das aves da América, falarei agora dos morcegos.

Nesse país existem morcegos[228] do tamanho das nossas pequenas gralhas. Entram dentro das casas e se encontram alguém dormindo com o pé descoberto atacam logo o dedão e sugam não raro um púcaro de sangue sem que a vítima o perceba. Por isso quando despertávamos pela manhã muito nos admirávamos de ver sangue nas roupas de cama e nas adjacências. Mas os selvagens não se incomodam em absoluto com isso e ainda caçoam dos que são mordidos. Deu-se o caso comigo e, além do motejo de que fui vítima, durante dois ou três dias senti dificuldade em calçar-me por ter ofendida a extremidade do dedão, embora não fosse grande a dor. Os moradores da costa de Cumana, terra situada a quase dez graus aquém da linha equinocial, são do mesmo modo molestados por esses grandes e maléficos morcegos. O autor da *História Geral das Índias* conta mesmo um episódio jocoso a esse respeito.

Achava-se doente em Santa Fé de Caribici, vítima de uma pleuris, o criado de um frade. Como não encontrassem a veia para sangrá-lo foi deixado por morto; mas à noite apareceu um morcego que o mordeu no calcanhar descoberto, fartando-se de sangue; e como deixasse a veia aberta, tanto sangue perdeu a vítima, que sarou. Foi o morcego, digo-o eu com o historiador, o benemérito cirurgião do pobre doente.

---

maraká + nã semelhante ao *maraká*, que imita o *maraká*, barulhento, etc. (P.A.).

[228] Hans Staden (p. 313): "Enquanto eu me encontrava entre os selvagens, esses morcegos me morderam multas vezes o artelho, o qual, no dia seguinte, se achava todo ensangüentado. Mas é em geral na fronte que mordem os nativos" Marcoy, *Voyage aux valleés des quinquinas. Tour du Monde*, nº 579, p. 85.

Assim, não obstante o mal que fazem os morcegos da América, longe estão de ser nocivos como essas aves sinistras a que os gregos chamavam estrígias[229] e que, segundo Ovídio, sugavam os meninos no berço, razão pela qual esse nome foi dado mais tarde às feiticeiras.

As abelhas[230] da América não se parecem com as nossas; antes se assemelham às pequenas moscas pretas que temos no estio e, principalmente, no tempo das uvas. Fazem seu mel e sua cera, produtos que os selvagens sabem aproveitar, em paus ocos das florestas. Às colmeias chamam os selvagens *ira-ietíc,* de *ira,* mel, e *ietíc,* cera. Comem o mel como o fazemos e reúnem a cera em rolos pretos da grossura de um braço. Não o empregam em archotes ou velas, pois só usam para iluminar certas madeiras que dão luz claríssima, mas utilizam-na para betumar grossos canudos de taquara a fim de preservar de certas borboletas as plumas que neles guardam. A esses animaizinhos chamam os selvagens *aravers;* são do tamanho dos nossos grilos e saem à noite em bandos à procura de luz e roem tudo o que encontram. Lançam-se aos cabeções e sapatos com tal gana que seus donos os acham brancos e roídos no dia seguinte; o mesmo acontecia com as galinhas e outras aves assadas que deixássemos mal guardadas durante a noite. Podíamos ter certeza de não as encontrar pela manhã.

Os selvagens também são perseguidos pelo *tú,*[231] pequenos insetos que vivem na terra e não são maiores do que as pulgas. Entretanto, depois que penetram na carne, em geral sob as unhas pé e da mão, provocam forte comichão e faz-se mister extirpá-los imediatamente. Sem o que, entram mais profundamente e se tornam do tamanho de uma ervilha que não pode ser tirada sem dor. E não são somente os selvagens nus e descalços as suas vítimas;

---

[229] [Estrige, coruja. Designação comum às aves estrigiformes, especialmente as de maior porte, titonídeas e estrigídeas. São noturnas, de plumagem mole, e em geral preferem como alimento os pequenos mamíferos, sobretudo roedores, dos quais vomitam, depois, os pêlos e parte dos ossos. Por que Léry as considera maléficas?]

[230] Segundo Hans Staden (p. 315) havia três espécies de abelhas. "A primeira parece com a de nosso país; a segunda é preta e de tamanho de uma mosca; a terceira do do mosquito... suas picadas não são dolorosas, pois vi multas vezes os selvagens cobrir-se delas ao lhes roubarem o mel. E eu próprio o fiz embora estivesse nu". Yves d'Evreux, *Voyage dans le Nord du Brésil,* p. 193.

[231] Hans Staden *(Moeurs et costumes des tupinambas,* § XXX, p. 311): "Os selvagens denominavam *atun,* uma espécie de inseto menor do que a pulga, que a sujeira engendra nos casebres. Esses insetos entram nos pés, provocam leve comichão, e se introduzem nas carnes sem que se pressintam. Se não se lhes presta atenção e não são extraídos, depositam uma carga de ovos, do tamanho de uma ervilha. Quando se retiram fica um buraco do mesmo tamanho... Pude ver alguns dos meus companheiros perderem o pé por não se terem incomodado". — Biard. *Voyage au Brésil. Tour du Monde,* n.° 81. Cf. Ulrich Schmidel *(Voyages curieux),* p. 220. *** *Tu,* evidentemente em lugar de *tun* ou *tung,* bicho-de-pé, nígua, *pulex penetram.* É o *túnga* chamado *attum* por Hans Staden (op. cit., cap. XXXII.

também os franceses, por melhor vestidos e calçados que andem precisam tomar cuidado. Assim, por mais cauteloso que eu fosse, não consegui evitá-los e tiraram-me certo dia mais de vinte de diversas partes do corpo.

Vi pessoas desleixadas que ficaram com o corpo singularmente comovido por essas traças-pulgas. Não só tinham estragadas as mãos e os pés, mas ainda o sovaco e outras partes moles cobertos de pequenas verrugas causadas por esses insetos.

Tenho a convicção de que *o tu é o* que o historiador das Índias chama a *nígua* da ilha espanhola. Eis o que a respeito escreve: "A nígua é como uma pequena pulga saltadeira; gosta da poeira; só morde nos pés onde se mete entre a pele e a carne e logo põe lêndeas em maior quantidade de que o poderíamos pensar em razão da sua pequenez. Essas lêndeas engendram outras e se as deixam sem combatê-las, multiplicam-se de tal modo que não é possível extirpá-las ou tratá-las a não ser com ferro ou fogo; mas se as tiram logo, causam pequeno mal", alguns espanhóis, acrescenta o autor, perderam os dedos do pé, outros todo o pé.

A fim de prevenir o mal, os nossos americanos esfregam a ponta dos dedos dos pés e outras partes do corpo, em que esses vermes procuram aninhar-se, com certo óleo avermelhado e espesso tirado de um fruto, *curoc,*[232] semelhante à castanha.encascada. Assim o fazíamos também nós. Aliás esse ungüento é excelente na cura de chagas, fraturas e outras dores do corpo humano; os selvagens, conhecedores de sua eficácia o reputam tão precioso quanto alguns indivíduos de França ao chamado óleo santo[233]. Por isso o barbeiro do navio em que regressamos trouxe consigo dez ou doze potes desse óleo bem como outros tantos de gordura humana que recolhera quando os selvagens cozinhavam e assavam seus prisioneiros de guerra, como o descreverei oportunamente.

O ar desta terra do Brasil produz ainda certa espécie de mosquitos pequeninos, chamados

---

[232] Sérias dificuldades encontramos na busca de informes sobre essa denominação. Verificando tratar-se de coroe, e não *curoc*, de acordo com a grafia de Léry, encontramos na obra de Hoehne (Botânica e Agricultura no Brasil no século XVI, São Paulo, 1937) notas a respeito, baseadas no trabalho de Frei Vicente do Salvador (História do Brasil), embora sem indicação de página ou mesmo de capítulo. Pesquisando, achamos a citação seguinte: *"Gyitis é* fruto de outras árvores, o qual, posto que feio à vista, e por isto lhe chamam *coroe* (sic), que quer dizer nodoso e sarabuIhento, contudo é de tanto sabor e cheiro que não parece simples, senão composto de açúcar, ovos e almíscar. (Ed. Weiszflog Irmãos, São Paulo, 1918, 31). Vide Hoehne (op. cit., 316-317) (P. A.).

[233] Santos óleos. Ataque protestante.

jetim[234] que picam como pontas de agulha através das roupas leves. Pode-se imaginar quanto é divertido ver os selvagens nus perseguidos por esses insetos; com palmadas nas nádegas, coxas, braços e espáduas, parecem cocheiros açoitando os cavalos com os seus chicotes.

Acrescentarei ainda que sob as pedras encontram-se no Brasil escorpiões, os quais menores que os da Provença são venenosos e mesmo mortais como verifiquei. Costuma esse animal procurar os objetos claros e aconteceu que tendo eu mandado lavar a minha rede e estendê-la à moda dos selvagens, apareceu um escorpião que se ocultara em uma dobra. Ao deitar-me, sem o ter visto, enfiou-me o ferrão no dedo grande da mão esquerda e este inchou tão rapidamente que se não tivesse recorrido logo a um dos nossos boticários, que possuía alguns desses animais em conserva de azeite em uma garrafinha, o veneno se teria espalhado rapidamente por todo o corpo. Não obstante esse remédio, considerado o mais poderoso para o mal, fiquei em tal aflição durante vinte e quatro horas que não podia suportar a violência da dor. Os selvagens, quando mordidos, usam da mesma receita, isto é, matam o escorpião e o esmagam sobre a parte ofendida, imediatamente.

Os selvagens, como já disse, são muito vingativos e se enfurecem contra tudo o que os ofende; se dão uma topada, mordem a pedra a dentadas como cães enraivecidos. Por isso perseguindo os animais daninhos libertam deles o país.

Existem ainda caranguejos terrestres a que os tupinambás chamam *ussa*,[235] e surgem aos bandos nas praias e outros lugares pantanosos. Quando alguém se aproxima, fogem de costas e se salvam com celeridade nos buracos abertos nos troncos e raízes das árvores, donde não podem ser tirados sem perigo por causa de seus ferrões, embora possa a pessoa chegar facilmente até o buraco visível. Mais magros do que os caranguejos marinhos, quase não têm carne e exalam cheiro de raiz de cânhamo, não sendo de bom paladar.

---

[234] Essa denominação provém, por certo, do verbo *jety* ou *jetyg*, enterrar-se, plantar-se, fixar-se, etc. (P. A.).

[235] *Ussá,* ou *usa* na ortografia atual do tupi, é designativo genérico dos caranguejos, cujo significado pode ser o de *podophthalmos*, ou olhos das pernas, segundo Batista Caetano (Vocabulário cit:, 552) (P. A.).

CAPITULO XII

DOS PEIXES MAIS COMUNS E DO MODO DE PESCÁ-LOS

A fim de evitar repetições, remeto o leitor aos capítulos III, V e VII desta narrativa, nos quais mencionei as baleias, verdadeiros monstros marinhos, os peixes voadores e outros de várias espécies, e só tratarei aqui dos não citados ainda.

Começarei dizendo que os selvagens chamam ao peixe, genericamente, *pirá*[236] dando nomes particulares às diversas espécies. Denominam *kyremá*[237] *e parati* certos sargos que, assados ou cozidos, são muito saborosos, principalmente os segundos. Esses peixes andam em geral em cardumes, tal qual ocorre na Europa, onde os vi no Loire e em outros rios de França subirem do mar. Quando os vêem assim em bandos aproximam-se os selvagens de repente e com flechas certeiras[238] em poucos momentos fisgam muitos peixes. Como, feridos, não podem ir ao fundo os flechadores os apanham a nado. A carne desses peixes é muito friável, por isso costumam os selvagens, quando os pescam em grande quantidade, moqueá-los e reduzi-los a farinha.

O *camuroponí-uassu*[239] *é* um peixe muito grande a que os tupinambás fazem menção, em suas danças e cantos, repetindo muitas vezes: *pirá-uassú a uéh, camurupuí-uassú* etc.,[240] o que quer dizer "bom de comer".

---

[236] Realmente o designativo geral dos peixes, de couro ou de pele, era *pirá;* os de escama, também de modo geral, eram chamados *kará* ou *akará* (P. A.).

[237] Léry escreve *kyremá* e Hans Staden (op. clt. 86) da *kenrimá.* Deve ser *kurimã.* Desse peixe, e de outros, costumavam os tupis preparar uma espécie de farinha-de-peixe, por meio de moqueação. *Farinha-de-peixe,* entretanto, era o apelido de um "rei" indígena, citado por Staden — *Kenrimakuí* (P. A.).

[238] Hans Staden (p. 244): "Têm tão boa vista que raramente erram o golpe. Ferido o peixe, saltam na água para ir buscá-lo e, embora sejam muitas vezes obrigados a mergulhar até dez braças de profundidade, nunca deixam de trazê-lo". — Esse processo primitivo é ainda usado na região do Amazonas. Ver Marcoy *Du Pacifique à l'Atlantique, Tour du Monde,* nº 245-298.

[239] ***Parece-nos que Léry devera ter escrito *Camouroupouy* como, aliás, aparece linhas abaixo, e tal como encontramos em Claude d'Abbevílle (Histoire, fl. 244). É o *camurupi* ou *camurupim (Megalopes Hirissoides,* Bl. et Sch.). Em certos lugares é conhecido por camboropí-uassú ou *uasú* vale: grande, encorpado, grosso, etc. (P. A.).

[240] As palavras deste estribilho dizem apenas: "Peixe grande, estou com fome! Camurupim, estou com fome!" [Na versão impressa, Léry acrescenta a pauta]

Existem outros peixes, *uará* e *acará-uassú* quase do mesmo tamanho, mas bem melhores, não me parecendo que o *uará* seja menos delicado do que a nossa truta.

Há outro peixe a que chamam *acarapeh*; é chato e, quando cozido, despreende uma gordura amarela que pode servir de molho. A carne é ótima. Também se encontra o *acará-buta*, peixe viscoso de cor escura ou avermelhada, muito menor do que os precedentes e menos agradável ao paladar.

Outro peixe, de nome *pirá-ypochí*[241], do comprimento da enguia, não vale grande coisa; *ypochí* na língua indígena quer dizer "ruim".

As arraias, que os selvagens pescam no Rio de Janeiro e os mares vizinhos, são maiores que as da Normandia, da Bretanha e de outros lugares da Europa. Têm dois chifres compridos, cinco ou seis gretas que parecem artificiais, no ventre, e a cauda longa e fina. São temíveis e venenosas. Um dia apanhamos uma e ao colocá-lo na embarcação aconteceu picar um companheiro nosso na perna; esta logo se tornou vermelha e inchada.

Eis em resumo o que me cabe dizer a respeito de alguns peixes de água salgada da América, os quais são, entretanto inumeráveis.

Os rios desse país estão cheios de uma infinidade de peixes medianos e pequenos aos quais chamam os selvagens *pirá-mirim*, de um modo genérico. Entretanto descreverei apenas aqui duas espécies características pela sua deformidade.

A primeira, a que os selvagens denominam *tamuatá*[242], mede comumente meio pé de comprimento apenas; tem a cabeça muito grande, monstruosa, em verdade, em relação ao resto do corpo, duas barbatanas debaixo das guelras, dentes mais aguçados que os dos lúcios, espinhais penetrantes, e são armados de escamas tão resistentes que não creio lhes faça mossa uma cutilada; nisso se assemelha a um tatu, como já disse alhures. A carne é tenra e muito saborosa. Os selvagens dão o nome de *paná-paná* a outro peixe de tamanho

[241] Deve ser *pirá-ipochy*, peixe mau, ruim. *Ipochy* significa: é mau, é ruim, pois o *i*, da 3ª» pessoa, tem funções do verbo ser junto aos adjetivos (P. A.).

[242] É o peixe conhecido por Tamboatá e *Tatoatá (Callichthys callichthys*, Linn.). Há várias espécies. O sentido desse nome provavelmente encontra-se na variante *camboatâ*, de *kaábo-atá*, o que anda pelo mato (apud Rodolfo Garcia, in Revista Inst. Hist. Brasil., vol. 94, 75), "porque esses peixes dotados de fachos papilosos ricamente vasculares, que lhes servem para a respiração, podem perambular livremente por terra, quando pretendem mudar de águas" (P. A.).

médio; tem corpo e cauda semelhantes aos do precedente e a pele áspera como a do tubarão. A cabeça é chata, sarapintada e mal conformada, a ponto de parecer, fora dágua, separada em duas, o que oferece um aspecto horrendo.

Quanto ao modo de pescar, usam os selvagens flechas como para os sargos. Aliás assim fazem com todos os peixes visíveis dentro dágua. Cabe observar que na América tanto os homens como as mulheres saber nadar e são capazes de ir buscar a caça ou a pesca dentro dágua como um cão. Também os meninos apenas começam a caminhar já se metem pelos rios e pelas praias, mergulhando como patinhos. Basta dizer que certo domingo pela manhã, quando passeávamos na plataforma de nosso fortim, vimos virar uma canoa que se dirigia para o nosso lado, com mais de trinta selvagens entre homens e meninos. Pressurosos fomos em socorro dos náufragos com um escaler, mas encontramos todos risonhos nadando. E disse-nos um deles: "para onde ides tão apressados, *mair?"* (assim chamam os franceses). "Vínhamos salvar-vos e tirar-vos da água", respondemos. Mas o selvagem replicou: "Agradecemos a vossa boa vontade, mas pensáveis que por termos caído no mar estávamos em perigo de afogar-nos? Ora, sem tomar pé nem chegar à terra ficaríamos oito dias em cima dágua. Temos muito mais medo de sermos pegados por um peixe grande que nos puxe para o fundo do que de afogar-nos".

E os demais selvagens que, todos, nadavam como verdadeiros peixes, advertidos pelo companheiro da causa de nossa vinda, puseram-se a zombar e tanto riam que nos davam a impressão de um bando de golfinhos a soprar e roncar em cima dágua. E, com efeito, embora estivéssemos ainda a mais de um quarto de légua do forte somente quatro ou cinco quiseram entrar no bote, assim mesmo mais para conversar que de temor. Verifiquei que os outros, nadando às vezes mais depressa do que o barco, não só o faziam galhardamente, mas ainda sabiam descansar sobre as águas quando lhes aprazia. Quanto às redes de algodão, víveres e outros objetos que traziam na canoa, sua perda não os incomodava mais do que a nós a de uma maçã; aliás afirmavam que em terra tinham outras coisas iguais.

Não quero omitir a narração que ouvi de um deles de um episódio de pesca. Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras[243] procurando virá-la

[243] Trata-se sem dúvida de uma foca ou de um peixe-boi, cetáceos muito comuns em águas brasileiras. Cf. Marcoy. *Tour du Monde,* nº298 *Agassiz,* nº 461.

ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora dágua e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido. Resolva o leitor sobre se se tratava de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho, atendendo a opinião de certos autores que admitem existirem no mar todas as espécies de animais terrestres. Quanto a mim, embora não desminta a existência de tais coisas, direi francamente que durante nove meses de navegação em alto mar sem pôr o pé em terra senão uma vez, e ainda por ocasião das viagens costeiras que fiz, nada vi semelhante. Entre a infinidade de peixes que apanhamos nunca deparei com nenhum que tivesse fisionomia humana.

Terminando, direi, ainda, a respeito do modo de pescar dos tupinambás, que além das flechas usam também espinhas à feição de anzóis, presas a linhas feitas de uma planta chamada *tucom*[244] a qual se desfia como cânhamo e é muito mais forte. Com esse apetrecho pescam de cima das ribanceiras e à margem dos rios. Também penetram no mar e nos rios em jangadas, a que chamam *piperis;* são feitas de cinco ou seis paus redondos, mais grossos que o braço de um homem, e bem amarrados com cipós retorcidos. Sentados nessas jangadas, com as pernas estendidas dirigem-nas para onde querem com um bastão chato que lhes serve de remo. Como esses *piperis* têm apenas uma braça de comprimento e dois pés mais ou menos de largura, resistem mal às tormentas e mal podem suster um homem. Quando o tempo está bom e os selvagens pescam separadamente, parecem de longe, tão pequenos se vêem, macacos, ou melhor, rãs, aquecendo-se ao sol em achas de lenha soltas nas águas. Como essas jangadas, feitas à feição de órgãos, flutuam como pranchas grossas, penso que se as construíssemos em França teríamos um bom meio de atravessar os rios e pântanos, e lagos de águas paradas ou de fraca correnteza, diante dos quais nos vemos muitas vezes embaraçados.

Acrescentarei ainda que quando os selvagens nos viam pescar com as redes que trouxéramos e a que eles chamavam *pyissa-uassú,* mostravam-se solícitos em ajudar-nos, espantados com ver-nos apanhar tanto peixe de uma só vez. Se porventura os deixávamos

[244] Segundo Hans Staden, faziam com o tucum verdadeiras redes. *** *Tukum,* ou *tuku,* nome de várias palmeiras espinhosas cuias fibras longas e resistentes eram empregadas na confecção de fios e cordéis (P. A.).

manejar as redes, revelavam grande habilidade.

Depois que os franceses começaram a traficar com o Brasil, os selvagens colheram vantagens das mercadorias que começaram a receber. Por isso louvam os traficantes; pois outrora eram obrigados a se servir de espinhas em vez de anzóis e agora gozam das vantagens dessa bela invenção que é o anzol de ferro. Daí, como já disse, terem os rapazes dessa terra aprendido a dizer aos estrangeiros que encontram: *de agotarem amabe pindá*,[245] isto é, dá-me anzóis, pois *agatorem* no seu idioma quer dizem bom, *amabe* dá-me, e *pindá anzol.* Se não lhe dão o que pedem, a canalha repete com insistência: *de angaipá ajucá*,[331] isto é: tu não prestas, devemos matar-te.

Portanto, quem quiser ser amigo, tanto dos velhos como das crianças, nada deve negar-lhes. Verdade é que não são ingratos, principalmente os velhos, pois quando menos pensamos no obséquio, eles se lembram do donativo e o retribuem com qualquer coisa.Observei que os selvagens amam as pessoas alegres, galhofeiras e liberais, aborrecendo os taciturnos, os avaros e os neurastênicos. Posso, pois assegurar aos sovinas, e aos avarentos, aos que comem dentro da gaveta, que não serão bem-vindos entre os tupinambás, porquanto detestam tal espécie de gente.

[245] *Nde angaturã, emeê abé pindá,* tu que és bom, dá-me também anzóis (P.A.).

CAPITULO XIII

DAS ÁRVORES, ERVAS, RAÍZES E FRUTOS DELICIOSOS QUE A TERRA DO BRASIL PRODUZ

Tendo falado dos animais quadrúpedes, das aves, dos peixes, dos répteis e outras coisas com vida e movimento existentes na América, quero, antes de descrever os costumes dos nossos selvagens a que ainda não me referi, falar das plantas, frutos e raízes que se encontram nesse país.

Devo começar pela descrição de uma das árvores mais notáveis e apreciadas entre nós por causa da tinta que dela se extrai: o pau-brasil[246] que deu nome a essa região. Essa árvore, a que os selvagens chamam *arabutan* engalha como o carvalho das nossas florestas e algumas há tão grossas que três homens não bastam para abraçar-lhes o tronco.

A respeito de árvores grossas, diz o autor da "História Geral das índias Ocidentais que nessas regiões lhe foi dado ver duas árvores com troncos de extraordinária grossura; um media mais de oito braças de circunferência e outro além de dezesseis. Conta ainda que a primeira era tão alta que ninguém lhe podia alcançar o cimo com uma pedrada e nela um cacique, por segurança, armara a sua choça. Disso se riam os espanhóis, pois parecia pousar-se ali como uma cegonha. A segunda árvore era também maravilhosa, mas o autor refere ainda que no país de Nicarágua existe uma árvore chamada *cerba* que engrossa a ponto de quinze homens não poderem abraçá-la.

Voltando ao pau-brasil, direi que tem folhas semelhantes às do buxo embora de um verde mais claro, e não dá frutos. Quanto ao modo de carregar os navios com essa mercadoria, direi que tanto por causa da dureza, e conseqüente dificuldade em derrubá-la, como por não existirem cavalos, asnos nem outros animais de tiro para transportá-la é ela arrastada por

---

[246] O vocábulo *brasil* de há muito vinha sendo empregado na designação do pau vermelho aproveitado na tinturaria. Cf. Marco Pólo: "Têm brasil em abundância e do melhor do mundo". — *Livre des metiers*, p. 104: "Os tanoeiros podem fazer barris de tamarindo e de brasil". Idem, p. 177. Segundo Du Gange, brasil teria a mesma raiz que brasa, da qual teria surgido pela analogia da cor vermelho-fogo. A derivação teria seguido o caminho dos verbos alemães *trrazelen, brasseln*, "assar crepitando". *** Esta nota de Gaffarel tem interesse puramente pitoresco, pois a questão Já foi por demais debatida entre nós (T.).

meio de muitos homens; e se os estrangeiros que por aí viajam não fossem ajudados pelos selvagens não poderiam nem sequer em um ano carregar um navio de tamanho médio. Os selvagens em troca de algumas roupas, camisas de linho, chapéus, facas, machados, cunhas de ferro e demais ferramentas trazidas por franceses e outros europeus, cortam, serram, racham, atoram e desbastam o pau-brasil transportando-o nos ombros nus às vezes de duas ou três léguas de distância, por montes e sítios escabrosos até a costa junto aos navios ancorados, onde os marinheiros o recebem. Em verdade só cortam o pau-brasil depois que os franceses e portugueses começaram a freqüentar o país; anteriormente, como me foi dito por um ancião, derrubavam as árvores deitando-lhes fogo. Na Europa imaginam muitos que os toros redondos encontrados nos armazéns são da grossura natural das árvores; já observei que estas são muito grossas, por isso os selvagens desbastam os troncos e os arredondam a fim de facilitar o transporte e o manejo nos navios. Como durante a nossa estada nesse país fizemos muitas fogueiras com o pau-brasil observei que a madeira não é úmida, mas naturalmente seca e queima com pouca, ou quase nenhuma fumaça. Um dos nossos companheiros indo lavar camisas deitou por ignorância cinzas dessa madeira na lixívia; em vez de alvejá-las esta as tornou tão vermelhas que não achamos meio de tirar-lhes a coloração embora as tivéssemos lavado e ensaboado logo em seguida; e tivemos de usá-las assim com essa tintura. Se aqueles que mandam branquear suas camisas ou outras roupas engomadas nas Flandres duvidam do que digo, façam a experiência.

Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu *arabutan.* Uma vez um velho perguntou-me: [247] Por que vindes vós outros, *maírs* e pêros (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

---

[247] (367) Talvez tenha a leitura deste trecho Inspirado a Montaigne as curiosas reflexões de seu capítulo sobre os Canibais *(Essais,*§30): "Sou de parecer que nada há de bárbaro e selvagem nessa gente; cada qual chama barbárie ao que não está nos seus costumes... São selvagens assim como os frutos a que chamamos selvagens por tê-los a natureza produzido sozinha e na sua evolução natural; no entanto os que deveríamos assim denominar são os que alteramos por meio de artifícios e os que desviamos de seu caminho normal. Naqueles se acham vivas e vigorosas as verdadeiras, úteis e naturais virtudes". Poder-se-ia ainda comparar com o trecho em questão aquele em que Ronsard elogia a virtude inocente dos brasileiros *(Lês poèmes,* liv. II. *Discours cantre fortune,* ed. elziviriana, t. VI, p. 166). Imaginava ele, erroneamente, que nunca haviam os homens estado mais próximos da perfeição do que quando viviam nessa época denominada

Retrucou o velho imediatamente: e porventura precisais de muito? — Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados. — Ah! retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: Mas esse homem tão rico de que me falas não morre? — Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo: e quando morrem para quem fica o que deixam? — Para seus filhos se os têm, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos. — Na verdade, continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros *maírs* sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente ara alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados".

Este discurso, aqui resumido,[248] mostra como esses pobres selvagens americanos, que reputamos bárbaros, desprezam aqueles que com perigo de vida atravessam os mares em busca de pau-brasil e de riquezas. Por mais obtusos que sejam, atribuem esses selvagens maior importância à natureza e à fertilidade da terra do que nós ao poder e à providência divina; insurgem-se contra esses piratas que se dizem cristãos e abundam na Europa tanto quanto escasseiam entre os nativos. Os tupinambás, como já disse, odeiam mortalmente os avarentos prouvera a Deus que estes fossem todos lançados entre os selvagens para serem atormentados como por demônios, já que só cuidam de sugar o sangue e a substância alheia. Era necessário que eu fizesse esta digressão, com vergonha nossa, a fim de justificar os selvagens pouco cuidadosos nas coisas deste mundo. E, a propósito, poderia acrescentar o que o autor da "História das índias Ocidentais" escreveu acerca de certa nação que habita o Peru. Diz ele que quando os espanhóis principiaram a colonizar esse país os selvagens

---

idade de ouro. A seu ver *os* brasileiros ainda se encontravam nessa época feliz de paz e Inocência, e Ronsard censurava a Villegagnon ter-lhes retirado todas as Ilusões, inciando-os na civilização européia.

[248] Na tradução latina de Bry (p. 196), há uma digressão sobre Sócrates. Agesilas e outros personagens que assim falaram. Tal digressão parece ter sido interpolada pelo tradutor.

vendo-os barbados, delicados e mimosos, recearam que eles lhes corrompessem os antigos costumes: não queriam por isso receber essa gente a que chamavam *espuma do mar*, isto é, gente sem país, homens sem descanso, que não param em parte alguma para cultivar a terra.

Continuando a falar das árvores dessa terra da América, mencionarei a existência de quatro ou cinco espécies de palmeiras das quais as mais comuns são as chamadas *geray* e *iri*.

Creio que nenhuma delas produz tâmaras. É verdade que a *iri* dá frutos redondos como abrunhos[249] pequenos e reunidos, como uvas, em cachos que um homem pode carregar facilmente; só o caroço presta, entretanto, e não é maior do que o da cereja. As folhas superiores de renovo servem para comer e dizia o senhor Du Pont, que sofria de hemorróidas, que esse palmito lhe era remédio; reporto-me aos médicos quanto a isso.

Outra árvore existe, de nome *airi* a qual tem as folhas como as da palmeira, o caule cravejado de espinhos penetrantes como agulhas e dá uns frutos de tamanho médio que contêm um caroço não comestível e branco como nove. No meu entender, essa árvore é uma espécie de ébano, pois além de ser preta e servir aos selvagens para a fabricação de clavas e pontas de flechas, é muito polida e luzidia quando trabalhada e tão pesada que não flutua.

Existem na terra muitas espécies de madeira de cor, cujos nomes ignoro. Entre elas vi algumas tão amarelas quanto o buxo; outras naturalmente roxas das quais trouxe para a França algumas amostras; outras brancas como papel; outras tão vermelhas quanto o pau-brasil e com elas os selvagens fabricam arcos e clavas. Há ainda uma árvore denominada *copayú*[250] que tem a forma da nogueira embora não dê nozes; como observei, as tábuas dessa

---

[249] [O fruto do abrunheiro, semelhante a uma pequena ameixa azulada.]

[250] Curiosa descrição de Gandavo (p. 61): "Chamam-se capaíbas de que se tira um bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de multas maneiras, principalmente das que procedem de frialdade: causa grandes efeitos e tira todas as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, têm a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira que de maravilha não *se* enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a todas as outras medicinas... As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades". *** *Copay ou copaíba*, de *kupáb + yba*, árvore da jazida ou do depósito, segundo Sampaio (op. cit., 190). Em alusão, diz esse autor, à capacidade que possui o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico, medicinal, para cuja a extração, em época própria, a dos grandes calores, se procede como se o tronco fosse um barril, praticando-se-lhe um pequeno furo, a certa altura, para a introdução do ar, e sangrando-se a árvore, que dá de si, sem mais trabalho, o óleo que tiver (P. A.).

madeira, empregadas na marcenaria, apresentam os mesmos veios da nogueira. Algumas árvores têm as folhas mais espessas do que uma moeda; outras as têm de um pé e meio de largura, mas existem tantas variedades que seria fastidioso mencioná-las todas minuciosamente.

Não deixarei, porém de dizer que se encontra nesse país uma árvore que dá bonita madeira, e a qual rescende verdadeiro aroma de rosas frescas quando lavrada ou trabalhada pelos marceneiros. Os próprios cavacos e fitilhas assim cheiram. Outra, ao contrário, denominada *auói* tem um cheiro de alho tão ativo que quando a cortam e põem no fogo ninguém pode ficar perto; suas folhas são muito parecidas com as das nossas macieiras e seus frutos muito semelhantes à castanha, mas o caroço é venenosíssimo. Todavia é com esse fruto que os selvagens fazem os chocalhos a que já me referi e os adornos das pernas, razão pela qual o têm em grande estima. Cumpre observar que embora essa terra do Brasil produza grande quantidade de excelentes frutos, muitos, apesar de belíssimos, são inaceitáveis ao paladar. Nas praias, principalmente, crescem arbustos que dão frutos semelhantes às nossas nêsperas, porém perigosos de comer. Os selvagens ao ver os franceses e outros estrangeiros se aproximarem dessas árvores para colhê-las, dizem-lhes: *ypahi*[251] isto é, "não é bom".

O *hiyuaré* tem a casca espessa de meio dedo e é muito agradável ao paladar principalmente quando recém-colhido; os botânicos que vieram conosco afirmaram-me que se tratava de uma espécie de guaiaco. Os selvagens o empregam contra o *pian*,[252] doença tão perigosa entre eles quanto entre nós a varíola.

A árvore a que os selvagens chamam *choyne*[253] é do tamanho médio; tem folhas verdes semelhantes às do loureiro; dá um fruto volumoso como uma cabeça de menino e com a forma de m ovo de avestruz; não é comestível. Como esse fruto tem casca dura, os tupinambás o conservam inteiro. Preferem-no o comprido, com ele fazendo o instrumento chamado *maracá,* já mencionado. Cortados ao meio, servem para outros usos, na qualidade

---

[251] Evidentemente iboí é mau, é ruim, etc. (P.A.).

[252] Capitulo XIX. *** *Pian* ou *piã é* termo que significa mancha, nódoa, boubas, espinhas, Isto é, pele marcada, pele empolada. É designativo de moléstia de mau caráter, que deixa a pele empolada e marcada. Informes detalhados sobre *piã* encontram-se em "Diálogos das grandezas do Brasil" (Ed. da Academia Brasileira lê Letras, pág. 121, nota 12) e em "La Civilizacion Guarani", de Moisés Bertoni,) pág. 255 e segs. (Puerto-Bertoui, Alto Paraná, Paraguai, 1927) (P.A.).

[253] Thévet *(Cosmog.*, p. 953). Prancha e descrição. *** Segundo se Induz Ia descrição e dos usos da *"choyne"*, deve haver erro de impressão desse nome, pois i de supor-se que Léry escrevesse *choyte* ou *choyté,*

de cuias ou pequenas vasilhas.

Continuando a descrição das árvores do Brasil, mencionarei a *sabucaié* que dá um fruto do tamanho de dois punhos juntos; formado à feição de uma taça, neles se encerram pequenos caroços como amêndoas e quase com o mesmo gosto. A casca desse fruto, que julgo ser o coco da índia, é utilizada para fazer vasos que, torneados e bem trabalhados, são encastoados de prata cá na Europa. Um certo Pedro Bourdon, excelente torneiro, fez, quando estávamos no Brasil, lindos vasos e outros utensílios tanto com os frutos da *sabucaié*[254] como com madeiras de cor, tendo presenteado a Villegagnon com alguns deles; Villegagnon muito os apreciava, mas nem por isso foi o pobre homem recompensado pois o verdugo o mandou afogar por causa do Evangelho[255] como o contarei oportunamente.

Existe também no país uma árvore tão alta como a sorveira da Europa; dá um fruto chamado *acaiú*[256] que tem a forma e o tamanho de um ovo de galinha. Quando madura, a fruta se torna mais amarela do que o marmelo e não só tem bom gosto mas ainda dá um caldo acidulado agradável ao paladar. No calor esse refresco é excelente, mas as frutas são muito difíceis de colher por causa da altura das árvores e só as podíamos obter quando os macacos, ao comê-las, derrubavam grande quantidade.

A pacoére[257] é um arbusto que tem em geral de dez a doze pés de altura; o tronco, embora às vezes da grossura de uma coxa de homem é tão mole que com uma espada bem afiada

---

que se pronunciará *koité*, Isto é, *kuieté*, a cuia verdadeira, a cuia útil. Como designativo da árvore diríamos hoje cuieira, cientificamente conhecida por *Crescentia cujete*, Linn. (P.A.).

[254] *Sapucaia* é denominativo comum às diversas espécies de *Lecythidaceas*. Gandavo escreve *zabucaes e* Gabriel Soares, tal como Léry, dá *sabucái*, com b. O nome do fruto — *sapucaia* — parece provir de *esápuká-i-á*, fruto que faz os olhos saltados, segundo Batista Caetano. Cardim (op. cit.) escreve *jaçapucaya* (P.A.).

[255] Crespin, Histoire des *Martyrs*, p. 465, Léry, § XXII.

[256] Gandavo (p. 58): "A esta fruita chamam caju: tem muito sumo, e come-se pela calma para refrescar, porque é ela de sua natureza muito fria, e de maravilha faz mal ainda que se desmandem nela". Thévet, *Cosmog.*, p. 917. *** Há evidente engano nessa citação. Deve ser *não faz mal* etc. Entretanto na edição "Anuário do Brasil" o mesmo erro se repete. Basta porém o complemento *ainda que se desmandem nela*, para entender que Gandavo terá escrito na realidade *"não faz mal, ainda* etc" (T.) *** *Acaiú, acaju ou caju,* fruto e árvore da família das *Anacardiaceas (Anacardium occiáentale*, Linn.). O nome provém de *akã*, caroço e *jú*, sufixo, ou *iu*, amarelo. Do *caju* faziam a conhecida bebida cauim, e pela floração dos cajueiros contavam os anos (P. A.).

[257] *Pacoére*, de Léry, é a *pacobeira* de Gabriel Soares, Isto é, a planta que produz a *pakó* ou *pakóba*. Conforme esses mesmos autores, fruto das *Musaceas* ou bananeiras. O nome, segundo nos parece, provém de *opá* + *óba*, tudo folha, em alusão ao fato de constituir-se o caule todo, desses vegetais, de folhas enroladas, o que é positivamente digno de notar-se. O fruto era chamado *pakcobá* (P. A.).

pode ser cortado de um só golpe. O fruto, a que os selvagens chamam *pacó,* tem mais de meio pé de comprimento e se assemelha ao pepino, sendo como este amarelo, quando maduro.

Crescem de vinte a vinte e cinco unidos em um só cacho e os nossos americanos colhem tantas pencas quantas podem carregar nas mãos para as suas casas. A fruta é boa; quando chega à maturidade tira-se-lhe a casca como o figo fresco e sendo gomosa como este parece que se saboreia um figo. Por essa razão nós franceses dávamos às pacovas o nome de figo; é verdade que são mais doces e mais saborosos do que os melhores figos de Marselha. Deve, portanto a pacova figurar entre as frutas melhores e mais lindas do Brasil... Conta a história que Catão de volta de Cartago para Roma, trouxe figos de espantosa grandeza, mas como os antigos não mencionam esses a que me refiro, é provável que não fossem tão grandes. Quanto à forma, as folhas da pacoveira se assemelham às do *lapathum aquaticum;* são, porém tão grandes que têm em geral seis pés de comprimento por mais de dois de largura e creio que nem na Europa, nem na Ásia, nem na África se encontram folhas maiores. A um boticário ouvi dizer ter visto uma folha de tussilagem, com auna e um quarto de largura, ou três aunas e três quartos de circunferência porquanto a folha é redonda; ainda assim não se aproxima da da pacoveira. É verdade que as folhas da pacoveira não são espessas na proporção do tamanho; ao contrário, são delgadas e sempre eretas, e quando o vento é um pouco mais violento, como acontece freqüentemente na América, só o talo central oferece resistência; as partes laterais despedaçam-se por tal forma que, vistas de longe, parecem as folhas grandes penas de avestruz revestindo o arbusto.

O arbusto do algodão cresce em muitas lugares do Brasil; a flor é uma campânula amarela semelhante à flor das abóboras na Europa; quando o fruto está formado tem a configuração da nossa *"feinte des coteaux"*[258] e quando maduro fende-se em quatro partes, saindo o algodão *(ameni-ju)* em flocos ou capulhos no meio dos quais se abrigam caroços pretos muito unidos em forma de rim, da grossura e comprimento de uma fava. As mulheres selvagens preparam e fiam o algodão para fazer as redes já descritas.

Embora antigamente não existissem laranjeiras nem limoeiros nessa terra da América,

[258] Não encontrei essa planta em nenhum dos dicionários consultados, nem na enciclopédia Larousse (T.).

como ouvi dizer, depois que os portugueses as plantaram[259] perto da costa, essas plantas se multiplicaram de modo admirável e produzem laranjas, a que os selvagens chamam *morgonia,* do tamanho de dois punhos e limões ainda maiores, em grande abundância.

A cana de açúcar cresce muito bem e em grande quantidade nesse país. Entretanto nós franceses não tínhamos nem a gente nem as coisas necessárias para dela extrair o açúcar, como fazem os portugueses em suas possessões. Por isso, como ficou dito, no capítulo IX, acerca das bebidas dos selvagens, só a usávamos em infusão para fazer água açucarada ou lhe chupávamos simplesmente o caldo. A propósito observei uma coisa de que talvez muitos se admirem. Não obstante ser o açúcar de natureza extremamente doce, como todos sabem, quando deixávamos deteriorar-se a cana cortada e a púnhamos de molho na água por algum tempo, o caldo azedava-se a ponto de nos servir de vinagre. Em certos lugares crescem canaranas e taquaras grossas como a perna de um homem, mas tal como a pacoveira têm o tronco tão mole que podem ser decepadas com um só golpe de espada. Depois de secas tornam-se rijas e os selvagens as lascam em pedaços, da forma de línguas de serpentes, e armas as pontas de suas flechas. Chalcondyle,[395] na sua História da Guerra dos Turcos, refere que na índia Oriental existem plantas dessa espécie, mas tão grandes e grossas que delas fazem, para atravessarem os rios, barcos com capacidade para carregar cerca de quarenta moios de trigo de seis alqueires segundo a medida dos gregos.

O mastique é tirado de pequenos arbustos indígenas, os quais juntamente com uma infinidade de outras ervas e flores odoríferas espalham pela terra suaves aromas.

Na zona em que nos encontrávamos, debaixo do Capricórnio, apesar das trovoadas, a que os selvagens chamam *tupan,*[260] das chuvas torrenciais e das fortes ventanias, não gela nem neva, em graniza, e as árvores, não sendo deterioradas pelo frio como a Europa, se conservam sempre verdes, e assim as florestas, tal como em França o loureiro. E já que toco neste assunto direi que quando, no mesmo dezembro, temos aqui os dias mais curtos e sopramos os dedos transidos de frio, os americanos vivem os dias mais longos e mais

[259] Detalhe confirmado por Thévet *(Cosmog.*, p. 953): "Bem o perceberam os portugueses ao escolherem esse lugar para sua instalação, pois plantaram laranjeiras, limoeiros e outras plantas da Europa, as quais deram excelentes resultados .

[260] *Tupã* como designativo de raio, trovão etc., reporta-se a *tu,* golpe, golpear, bater, e pã. Ao trovão, propriamente, davam o nome de *tupãsunu,* Isto é, ronco ou ruído de raio. Vide "Conquista Espiritual", de Montoya *(In* Anais da Biblioteca Nacional, vol. VI, 107) (P.A.).

quentes. Por isso nos banharmos ao Natal para refrescar-nos. Entretanto os dias não são nos trópicos nem tão longos nem tão curtos como no nosso clima, conforme o podem compreender os entendidos na esfera. E assim não só os dias são mais iguais debaixo dos trópicos, mas ainda as estações incomparavelmente mais temperadas, embora os antigos pensassem o contrário.

Eis o que tinha a dizer acerca das árvores do Brasil. Quanto às plantas e ervas que agora quero mencionar, começarei por aquelas cujos frutos e efeitos me parecem mais úteis. Em primeiro lugar vou assinalar a planta que produz o fruto chamado *ananá*.[261] Assemelha-se à espadana, tendo as folhas um pouco côncavas, estriadas nos bordos e muito parecidas com as do aloés. Cresce em touceiras, como grandes cordas, e o fruto, do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, sai da planta como as alcachofras, sem pender para os lados. Ao amadurecer torna-se amarelo azulado e rescende tão ativamente a framboesa que de longe o sentíamos nas matas onde cresce; é muito doce e o reputo o fruto mais saboroso da América. Quando aí estive, espremi um ananás que deu cerca de um copo de suco e este me pareceu saudável. As mulheres selvagens nos traziam grandes cestos (*panacú*) cheios de ananases, pacovas e outras frutas e os trocavam por um simples alfinete ou um espelho.

A respeito das ervas medicinais encontráveis no Brasil, uma existe a que os nossos tupinambás chamam *petyn*.[400] Tem a forma da azedeira, embora seja um pouco maior, e folhas muito parecidas com as da *consolida maior*.

Em vista das virtudes que lhes são atribuídas goza essa erva de grande estima entre os selvagens; colhem-na e a preparam em pequenas porções que secam em casa. Tomam depois quatro ou cinco folhas que enrolam em uma palma como se fosse um cartucho de especiaria; chegam ao fogo a ponta mais fina, acendem e põem a outra na boca para tirar a fumaça que a pesar de solta de novo pelas ventas e pela boca os sustenta a ponto de passarem três ou quatro dias sem se alimentar, principalmente na guerra ou quando a necessidade os obriga à abstinência. Mas os selvagens também usam o *petyn* para destilar

[261] Thévet *(Cosmog.,* p. 936 e prancha correspondente) dá uma descrição semelhante à de Léry e acrescenta: "Não seria possível importá-lo a não ser cristalizado, porquanto o fruto maduro não se conserva muito, tempo". Ver descrição do ananás em Gandavo (p. 57): "A esses frutos chamam ananases e nascem como alcachofras, os quais parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, e alguns maiores. Depois de maduros têm um cheiro mui suave e comem-se aparados em talhadas. São tão saborosos que, a Juízo de todos, não há fruita deste reino que no gosto lhes faça vantagem"... *** Vide *in* "Termos tupis no português do Brasil", de Plínio Ayrosa, estudo sobre *abacaxi (P.* A.).

os humores supérfluos do cérebro, razão pela qual nunca se encontram sem o respectivo cartucho pendurado no pescoço. Enquanto conversam costumam sorver a fumaça, soltando-a pelas ventas e lábios como já disse, o que lembra um turíbulo. O cheiro não é desagradável. Não vi porém mulheres usá-la e não sei qual seja a razão disso mas direi que experimentei a fumaça do *petyn* e verifiquei que ela sacia e mitiga a f orne.

Atualmente na Europa chamam petun à *nicotina,* ou erva da Rainha. É esta, porém bem diferente[262] daquela de que falo, tanto na forma como na essência. Afirma o autor da *Maison Rustique* (Liv. [2], cap.[79]) que a nicotina, cujo nome diz provir do senhor Nicot, que primeiro a remeteu de Portugal para a França, é oriunda da Flórida, distante mais de mil léguas do Brasil, com toda a zona tórrida de permeio entre ambos. Entretanto, por mais que investigasse não consegui descobrir o *petyn* em nenhum jardim de França. Não pense aquele que nos presenteou com o seu *angoumoise*[263], dizendo ser o verdadeiro *petyn,* que ignoro o que ele escreveu. Se o original da planta por ele mencionada se assemelha ao desenho anexo à sua Cosmografia direi desse *petyn* o mesmo que afirmei da *nicotiana.* Nego ainda que ele tenha sido o primeiro portador da semente do *petyn* em França onde, julgo eu, dificilmente poderia vingar, por causa do frio.

Também vi, além mar, uma espécie de couve a que os índios chamam *cajuá*[264] e que serve às vezes para sopa; tem folhas largas, semelhantes às do nenúfar das nossas lagoas.

Além da mandioca e do aipim, com que as mulheres selvagens fabricam a farinha, como já disse no capítulo IX, existem outras raízes bulbosas chamadas *hetich*[265] e que crescem tão

---

[262] Mas a semelhança é perfeita; é verdade que existem várias espécies de fumo.

[263] Alusão a um trecho de Thévet *(Cosmog.*, p. 926), de resto curioso, em que ele reivindica a prioridade do fumo: "Posso vangloriar-me de ter sido o primeiro a trazer para a França sementes dessa planta que semeei e à qual dei o nome de "herbe anzoumoise". Mais tarde um Indivíduo que nunca fez a travessia, dez anos após o meu regresso, lhe deu seu nome". Sobre as origens do *petun e* a Introdução do fumo em França, ver carta de F. Deuls a Alíred Demersay. *Estudes economiques sur l'Amérique méridionale.* Du tabac du Paraguay.

[264] Como denominação de "uma espécie de couve", Hoehne (op. cit., 155) Identifica *cajuá* ou *caiuá* com a *taioba (Colocasía antiquorum,* Schott) (P. A.).

[265] Será a batata? Não se deve esquecer de que é de origem americana. Walter Raleigh passa por ter trazido para a Inglaterra, no século XVIII, os primeiros tubérculos; mas ele vinha da Virgínia. Thévet *(Cosmog.*, p. 921), apresenta um desenho muito semelhante à batata. "Há, diz ele, duas espécies dessas raízes, embora de **i**dêntico tamanho. Uma delas amarelece ao cozer-se, tornando-se semelhante a um marmelo. A outra é esbranquiçada, mas não difere da primeira quanto ao sabor e à utilidade. Ambas têm folhas parecidas com as da malva; não tendo sementes, porém, plantam os selvagens a própria raiz, cortada em rodelas, de cada uma das quais nascem outras raízes em grande abundância". *** Léry escreve *hetich;*

facilmente no Brasil como os nabos na Sabóia e no Limousin; e não *é* raro se encontrarem do tamanho de dois punhos juntos e com pé e meio mais ou menos de comprimento. Fora da terra parecem à primeira vista todas da mesma espécie; existe, porém grande diferença entre elas, pois, cozidas, arroxeiam umas, amarelecem outras como os marmelos e outras ainda se tornam esbranquiçadas; donde a meu ver existirem três espécies. Como quer que seja, posso assegurar que, assadas no borralho, não são menos saborosas do que as nossas melhores pêras, principalmente as que amarelecem. As folhas alastram pelo chão com a *hedera terrestris* e se parecem muito com as do pepino ou do espinafre, embora não sejam tão verdes; sua cor puxa mais para a da *vitis alba.* Como são plantas que não dão sementes, as mulheres selvagens, no empenho de propagá-las cortam-nas sm pequenos pedaços como fazemos com a cenoura para fazer salada, e os semeiam, obtendo assim no fim de algum tempo (coisa maravilhosa na agricultura) tantas raízes quantos pedaços se plantarem. Constitui a *hetich* o melhor maná dessa terra do Brasil. Não se vê outra coisa por toda a parte e creio, por isso mesmo, que na maior parte nasce sem intervenção do homem.

Os selvagens também possuem frutos chamados *manobi*[266]. Crescem dentro da terra como as trufas, ligando-se entre si por meio de filamentos delgados. A vagem tem caroço do tamanho de uma avelã cujo sabor imita; é de cor parda e a casca tem a dureza da ervilha. Embora tenha comido muitas vezes esse fruto não posso dizer, por não ter observado e nem me recordar, se a planta tem folhas e pevides.

Também existe em abundância o pimentão de que os nossos negociantes só se servem para a tinturaria. Os selvagens entretanto o pilam com sal, que sabem fabricar retendo a água do mar em valos. A essa mistura chamam *ionquet*[267] e a empregam como empregamos o sal; entretanto não salgam os alimentos, carne, peixe etc., antes de pô-los na boca. Tomam primeiro o bocado e engolem em seguida uma pitada de *ionquet* para dar sabor à comida.

Cresce ainda nesse país uma espécie de favas de uma polegada de comprimento a que os

---

o correto, entretanto, é jetú, a Indicar, de modo geral, a batata, a fincada, a enterrada. Segundo o texto, parece tratar-se da batata doce. *Ipomoea batatas,* L.) (P. A.).

[266] *Manobí* é uma das variantes do designativo do *mandubí,* correntemente chamado *amendoim, mendobi, mendoim* etc. Há quem duvide da origem tupi do nome desse vegetal (P.A.).

[267] Thévet *(Cosmog.,* p. 949) chama-o *juncure;* observa que os brasileiros da costa fazem grande comércio desse *juncure* com as tribos do interior; acrescenta que se conhece no Brasil o uso das carnes salgadas. *** Na edição Gaffarel vem *ionquet,* mas consoante outros enganos tipográficos, deve ler-se *iuquet,* que não pode deixar de ser *yjuki,* água salgada, salmoura, etc. (P.A.).

selvagens denominam *comandá-uassú*[268]. Também certas abóboras redondas denominadas *morugans*[269] são doces ao paladar.

Eis tudo o que pude observar acerca das árvores, plantas e frutas do Brasil durante um ano quase de estada. Não existem na América quadrúpedes, aves, peixes ou outros animais completamente idênticos aos da Europa; não vi tampouco árvores, ervas ou frutas que não divergissem das nossas, à exceção da beldroega, do manjericão e do feto que vive em vários lugares, como pude observar nas excursões que fiz pelas matas e campos do país. Por isso, quando a imagem desse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta a meus olhos, quando revejo assim a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil, logo me acode a exclamação do profeta no salmo 104:

> Ó seigneur Dieu, que tes oeuvres divers
> Sont merveilleux par le monde univers:
> Ó que tu as tout fait par grande sagesse!
> Bref, la terre est pleine de ta largesse,[270]

Felizes seriam os povos dessa terra se conhecessem o Criador de todas essas coisas. Como, porém isso não acontece, vou tratar das matérias que nos provarão quão longe estão eles ainda disso.

---

[268] *Comandá, comaná, cumaná* etc., são variantes de *kumandá,* frutos ou sementes de vagem. Por esse nome é conhecido o feijão. *Uassú,* ou *uasú,* significa grande, volumoso; *mirí,* pequeno, de reduzido tamanho (P. A.).

[269] Léry escreve *Maurougans.* Deve ser *moráng* ou *moranga (Cucurbita máxima,* Duchtr) (P.A.).

[270] Senhor Deus, como tuas obras diversas são maravilhosas em todo o universo! Como tudo fizeste com grande sabedoria! Em suma, a terra está cheia de tua magnificência (T.).

CAPÍTULO XIV

DA GUERRA, COMBATE E BRAVURA DOS SELVAGENS

Os nossos tupinambás tupiniquins[271] seguem o costume de todos os selvagens que habitam esta quarta parte do mundo, que se estende por mais de duas mil léguas desde o estreito de Magalhães, a cinqüenta graus na direção do Pólo Ártico. Sustentam uma guerra sem tréguas contra várias nações desse país, porém seus mais encarniçados inimigos são os indígenas chamados *margaiá*[272] e os portugueses, a eles aliados e a que denominam *pêros.* Do mesmo modo não se limitam os margaiás a retribuir-lhes esse sentimentos, mas odeiam ainda os franceses, amigos dos tupinambás. Os selvagens se guerreiam não para conquistar países e terras uns aos outros, porquanto sobejam terras para todos; não pretendem tampouco enriquecer-se com os despojos dos vencidos ou o resgate dos prisioneiros. Nada disso os move. Confessam eles próprios serem impelidos por outro motivo: o de vingar pais e amigos presos e comidos, no passado, do modo que contarei no capítulo seguinte. E são tão encarniçados uns contra os outros que quem cai no poder do inimigo não pode esperar remissão.[273]

---

[271] É constante em Léry essa confusão entre tupinambás e tupiniquins (T.). ***O designativo *tupinambá é o* mais geral, sendo tupiniquim o de uma de suas parcialidades. É como se disséssemos hoje paulistas campineiros, pernambucanos recifenses ou fluminenses cariocas. Demais, é preciso ter presente que cada grupo tupi-guarani poderia sempre ser indicado por dois, três ou mais nomes. Isto é: um próprio que os mesmos indivíduos do grupo se atribuíam ou conservavam por tradição, e outros, em geral pejorativos ou laudativos, dados pelos vizinhos quando inimigos ou amigos. Dai o erro de supor-se existência de grande número de tribos tupis, em função apenas de simples alcunha que se multiplicaram, como é fácil imaginar-se, com o correr do tempo e em conseqüência dos movimentos migratórios. (P.A.).

[272] Thévet *(Cosmog.*, p. 909): "Entram amiúde em conflito e a hostilidade entre as duas nações é tão inveterada que parece mais fácil misturar água com fogo, sem que uma altere o outro, do que juntar tupinambás e maracajás sem terríveis disputas".

[273] Hans Staden (p. 291): "Devoram o corpo do inimigo, não por carecerem de viveres, mas de ódio". Montaigne, I, XXX: "Não é como imaginam para se alimentarem mas como vingança; e tanto é assim que tendo percebido usarem os portugueses outros métodos para supliciar os selvagens inimigos prisioneiros, adotaram-nos na idéia de que a gente destas bandas devia se vingar melhor. E por diante passaram a enterrar seus prisioneiros até a cintura, enforcando-os seguida após despedir-lhes inúmeras flechadas".

Declarada a guerra entre quaisquer dessas nações, alegam que ressentindo-se o inimigo eternamente da injúria seria absurdo deixar o preso escapar; o ódio entre eles é tão inveterado e conservam perpetuamente irreconciliáveis. Donde nos e possível concluir que Maquiavel e seus discípulos, de que a França por infelicidade anda cheia nestes tempos, não passam de imitadores desses bárbaros cruéis. Esses ateus ensinam, e praticam, contrariamente à doutrina cristã que os novos serviços nunca devem apagar as antigas injúrias. Os homens, insuflados naturalmente pelo diabo, não podem perdoar-se uns aos outros e eles bem o demonstram, revelando terem o coração mais falso e feroz que os próprios tigres.

Eis, conforme pude observar, o modo por que os tupinambás procediam para ir à guerra. Embora não tenham reis nem príncipes, e sejam iguais entre si, a natureza lhes ensinou o mesmo que os lacedemônios, isto é, que os velhos a quem chamam *peorerupiché*[274], em virtude da experiência, devem ser respeitados e obedecidos nas aldeias quando se oferece ocasião. Perambulando, ou sentados em suas redes, os velhos exortam os companheiros da seguinte maneira: "Nossos predecessores", dizem falando sem interrupção uns após outros, "não só combateram valentemente mas ainda subjugaram, mataram e comeram muitos inimigos, deixando-nos assim honrosos exemplos; como pois podemos permanecer em nossas casas como fracos e covardes? Será preciso, para vergonha e confusão nossa, que os nossos inimigos venham buscar-nos em nosso lar, quando outrora a nossa nação era tão temida e respeitada das outras que a ela ninguém resistia? Deixará a nossa covardia que os *margaiá* e os *pero-angaipá*[275] que nada valem, invistam contra nós?"

Em seguida, o orador bate com as mãos nos ombros e nas nádegas e exclama: — *Eríma, eríma, tupinambá conomi-nassú, tã, tã, etc..*,[276] o que quer dizer: "Não, não gente de minha nação, poderosos e rijos mancebos não é assim que devemos proceder; devemos ir procurar o inimigo ainda que morramos todos e sejamos devorados, mas vinguemos os nossos pais!"

---

[274] Deve ser *pororubichá* ou *mborubichá*, grande, principal, chefe; em geral velhos. A troca de *b* por *p*, e vice-versa, é corrente em Léry (P. A.).

[275] *Pêro* era o designativo dado pelos tupis aos portugueses; *angaipá* vale mau, ruim, desalmado, cruel. Logo: portugueses cruéis, *pêros* desalmados (P. A.).

[276] A frase: *Eríma! eríma! Tupinambá. kurumiasú tanta* etc., diz apenas: Não! não! Os tupinambás são rapazes rijos etc. (P. A.).

Depois dessa arenga, que às vezes dura mais de seis horas, os ouvintes que ouvem com atenção e não perdem uma palavra, sentem-se animados, fazem das tripas coração e depois de percorrer trefegamente as aldeias congregam-se em grande número em lugar previamente designado.[277] Antes porém de lançar os nossos tupinambás ao combate vejamos quais as suas armas.

Mencionarei primeiramente o tacape, isto é, espada ou clava de madeira vermelha ou preta, ordinariamente de cinco a seis pés de comprimento; é chata, redonda ou oval na extremidade, com uma largura de quase dois palmos. O tacape tem uma espessura de mais de uma polegada no centro e é afiado como um machado, cortando como este por ser de madeira dura e pesada como o buxo. E são tão hábeis, quando enraivecidos, no manejo do tacape, que dois de nossos mais destros espadachins teriam dificuldade em enfrentar um tupinambá.

Em segundo lugar indicarei o arco, ou orapá feito das mesmas madeiras pretas; é mais comprido e grosso do que os que conhecemos. Um europeu não o poderia vergar e muito menos atirar com ele mas tão-somente o conseguiria com um arco desses que usam os meninos indígenas de nove ou dez anos de idade. As cordas dos arcos são feitas de uma planta chamada *tucum;* apesar de muito finas, são tão fortes que um cavalo com elas poderia tirar um veículo. As flechas têm quase uma braça de comprimento e se compõem de três peças: a parte média, de caniço, e as duas outras, de madeira preta ajustadas e ligadas muito habilidosamente com fitas de cascas de árvores. Cada qual comporta duas penas de um pé de comprimento perfeitamente acertadas e amarradas com fio de algodão; nas pontas colocam ossos pontiagudos ou pedaços de taquara seca, dura e acerada como uma lanceta ou ainda ferrões de caudas de arraia que, como já disse, são muito venenosos. Depois que os franceses e portugueses chegaram a esse país passaram os selvagens, na falta de fisgas apropriadas, a usar uma ponta de prego nas flechas.

Já disse a que ponto os indígenas manejam destramente os seus tacapes; quanto ao arco dirão comigo os que os viram em exercício que, embora nus e sem braçal, o envergam com tanta envoltura e atiram com tanta rapidez que não desagradariam aos ingleses,

[277] Hans Staden (p. 292) acrescenta curiosos detalhes: "Para fixar o momento da partida dizem: quando tal espécie de fruta estiver madura... escolhem em geral a época da desova de certa espécie de peixe a que chamam *parati*. E à estação, no momento da desova, denominam *pirakaen"*.

considerados ótimos flecheiros;[278] pois um índio, com molhos de flechas na mão lançaria uma dúzia de setas mais depressa do que um inglês meia dúzia delas.

Usam ainda rodelas ou escudos de couro seco, feitas com a parte mais espessa da pele do *tapirussú;* são largas, chatas e redondas como um fundo de tamboril da Alemanha. Entretanto não as usam no combate de perto com os nossos soldados, utilizam-nas apenas para resguardo contra as flechas inimigas. Em suma, são essas as armas que possuem os nossos americanos; não cobrem o corpo de modo nenhum, afora os enfeites de pena, braceletes e outros adornos. E mesmo se tivessem no corpo uma simples camisa a jogariam fora ao entrarem em combate, convictos de que os embaraçaria. Se lhes damos espadas afiadas, como dei uma das minhas a um bom velho, logo as tiram das bainhas o que fazem também com as facas que recebem, e comprazem-se mais em fazê-las reluzir ao sol ou cortar ramos das árvores do que em conservá-las para os combates. No entanto se as manejassem como sabem manejar seus tacapes iam elas em suas mãos bem perigosas.

Também para lá levamos certa quantidade de arcabuzes baratos no intuito de negociá-los com os selvagens; e pude verificar que eles sabem servir-se dessas armas muito bem. Enquanto um segura a arma, outro aponta e um terceiro põe fogo. Assim o vi fazer a um grupo de selvagens e como houvessem carregado e enchido o cano até a boca, se a pólvora que lhes aos não tivesse grande quantidade de carvão moído por certo a arma lhes teria arrebentado nas mãos. A princípio os selvagens se espantavam com o troar de nossa artilharia[279] ou dos nossos arcabuzes e quando viam derrubar uma ave de uma árvore ou matar algum animal silvestre ainda se embasbacavam mais por não perceber a saída da bala nem o trajeto percorrido; entretanto, depois de conhecido o artifício, começaram a perder o medo e diziam, aliás com razão, que atiravam mais depressa seis flechas do que nós um tiro de arcabuz. É verdade, como poderão objetar que o arcabuz ocasiona maior estrago. Mas eu direi que por mais que nos resguardemos com cabeções de búfalos saias de malha ou outras armaduras ainda mais resistentes, robustos como são e impetuosos no tiro, os nossos

---

[278] Demasiado número de vezes nos foi dado verificar, a nossas expensas, em Crécy, Poitiers e alhures, essa habilidade dos arqueiros Ingleses.

[279] Outros selvagens, os de Flórida, nunca se acostumaram com o ruído da horta. Ver a curiosa história relatada por Basanier *(Relation de Ia Floride,* M, ed. Elzevir) de um cacique que confunde o trovão com a artilharia francesa.

selvagens nos transpassariam o corpo com as suas flechas tão bem como nós o faríamos com um tiro de arcabuz. Deixemos, entretanto, este assunto para quando falarmos de seus combates e vejamos como os nossos tupinambás se põem em marcha contra o inimigo.

Reúnem-se em número de oito ou dez mil, aos quais se agregam muitas mulheres, não para combater mas para carregar as redes, a farinha e os demais víveres e, depois de nomeados os chefes entre os velhos que já mataram e comeram maior número de inimigos, põem-se todos a caminho. Não observam ordem de marcha, nem categoria; os mais valentes, porém, vão na frente e marcham todos juntos, parecendo incrível que tanta gente se possa acomodar espontaneamente e se erguer ao primeiro sinal para uma nova marcha. Tanto no momento da partida como ao levantarem acampamento nos lugares onde pousam, surgem indivíduos armados de cornetas da grossura de um oboé e de quase um pé e meio de largura na extremidade inferior, a que chamam *inybia.* Esses indivíduos tocam no meio das tropas para lhes dar coragem e excitação Outros carregam pífanos e flautas feitos de ossos dos braços e pernas dos inimigos devorados e não cessam tampouco de tocar durante todo o caminho, incitando o bando guerreiro a matar e devorar os adversários contra os quais se atiram.

Se vão por água, como fazem muitas vezes, beiram sempre a costa nas suas *igát*[280] feitas de uma casca de árvore, propositadamente arrancada de cima para baixo e que são tão grandes que comportam cada uma de quarenta a cinqüenta pessoas. Permanecem todos de pé empunhando um remo achatado nas pontas e que seguram pelo meio. As barcas, chatas como são, calam pouca água, tal qual uma tábua, e são muito fáceis de dirigir e manejar. Verdade é que não suportam o mar alto e agitado e muito menos as tormentas, mas por tempo calmo vêem-se algumas vezes mais de sessenta canoas formando como que uma pequena frota e todas navegam próximas umas das outras e tão rapidamente que em poucos momentos se perdem de vista.

Vão assim em busca do inimigo por mar ou por terra de vinte e cinco a trinta léguas de distância e ao aproximar-se dele iniciam uma série de estratagemas para surpreendê-lo. Deixando os companheiros com as mulheres uma ou duas jornadas atrás, aproximam-se

---

[280] Deve ser *ygá* ou *ygára*, canoa, barco (P. A.).

cautelosamente os mais valentes, emboscando-se nas florestas. E assim ficam escondidos mais de vinte e quatro horas às vezes. Surpreendendo o adversário, agarram homens, mulheres e meninos e levam-nos de regresso às suas tabas onde são os prisioneiros executados, moqueados e finalmente devorados. Essas surpresas são tanto mais fáceis quanto eles não têm as aldeias fechadas nem portas nas casas. Estas medem, em sua maioria, de oitenta a cento e vinte passos, importando apenas algumas folhas de palmeira ou da planta chamada *pindá*[281] à guisa de entradas. É verdade que em torno de algumas aldeias fronteiriças e portanto mais ameaçadas pelo inimigo os selvagens costumam fincar troncos de palmeiras de cinco a seis pés de altura; também à entrada dos caminhos difíceis colocam estrepes agudos de modo a que se os assaltantes tentarem entrar de noite, como é do seu hábito, os da aldeia possam sair por atalhos que só eles conhecem e rechaçar os agressores; estes, se tentarem fugir ou combater, ferem os pés e caem, sendo aproveitados no moquém.

Quando porém os inimigos pressentem os adversários, os exércitos se encontram e o combate é cruel. Posso falar com exatidão por já ter sido espectador de uma luta. Eu e outro francês, arrostando o perigo de sermos agarrados e devorados dos margaiá, mas levados pela curiosidade, acompanhamos certa vez os nossos selvagens em número de quase quatro mil homens e assistimos a uma escaramuça ocorrida na praia.E vimo-los combater com tal fúria como nem a gente mais insana alucinada o faria. Logo que os nossos tupinambás avistaram os inimigos, a quase um quarto de légua de distância, principiaram a urrar como não o fariam os nossos caçadores de lobos ; tão alto berravam que nessa hora não teríamos ouvido o trovão. À proporção que se aproximavam redobravam os gritos, soavam as cornetas, levantando os adversários os braços em sinal de ameaça e mostrando-se mutuamente os ossos dos prisioneiros que haviam comido e os colares de dentes de mais de duas braças de comprimento que alguns traziam pendentes do pescoço; e o espetáculo dessa gente era horrível. Ao se enfrentarem, porém, foi ainda pior.[282] A trezentos passos uns dos

[281] Deve ser *pindó* ou *pindób,* folha da palmeira, ou a própria palmeira, conhecida vulgarmente por *pindóba* (P. A.).

[282] Thévet. *(Cosmog.,* p. 942): "E horrível se torna ver esses selvagens, na luta, se entremorderem e arranharem, mesmo quando são derrubados ao chão. E quando podem dão fortes dentadas nas pernas dos inimigos e até nas partes pudendas. Outros enfiam o dedo no buraco dos lábios do adversário feito prisioneiro e o puxam assim". Cf. prancha 942 em que se expressam com trágica ingenuidade os diversos episódios de uma luta entre selvagens.

outros saudaram-se a flechadas e desde o início da escaramuça voaram as setas como moscas. Se alguém era ferido, como vimos muitos, depois de arrancá-las corajosamente do corpo quebrava as setas, e como cão raivoso mordia-lhes os pedaços; nem por isso deixava entretanto de voltar ao combate. Esses americanos são tão ferozes e encarniçados em suas guerras que, enquanto podem mover braços e pernas, combatem sem recuar nem voltar as costas. Finalmente, quando chegaram ao alcance das mãos alçaram as clavas descarregando-as com tal violência que quando acertavam na cabeça do inimigo o derrubavam morto como entre nós os magarefes abatem os bois.

Não direi se os combatentes estavam bem ou mal montados, porque suponho que o leitor se lembre de eu ter escrito não possuírem os selvagens cavalos ou outras montarias; andam todos sempre a pé e sem lança. Sempre desejei que eles vissem esses animais, mas nessa ocasião ainda maior era o meu desejo de ter um cavalo debaixo das pernas; e acredito que se deparassem com um de nossos gendarmes bem montados, de pistola em punho, gineteando e despejando fogo de todos os lados pensariam tratar-se de algum *ainhan*[437] isto é, diabo na sua língua.

A propósito escreveu[438] alguém que embora Atabalipa, rei do Peru, submetido ao jugo espanhol por Francisco Pizarro, nunca tivesse visto cavalos, quando o capitão espanhol fez, por gentileza e para causar admiração aos índios, voltear o seu ginete até bem perto do rei, este permaneceu tranqüilo apesar da espuma do freio lhe ter respingado no rosto. Não deu demonstrações de medo mas mandou matar os vassalos que haviam fugido diante do cavalo, coisa, diz o historiador, que "espantou aos seus e maravilhou aos nossos".

Voltando ao meu assunto responderei à possível pergunta leitor: "que fizestes, tu e teu companheiro, durante essa peleja não combatíeis com os selvagens?"

— Confessarei que nos limitamos a assistir ao combate da retaguarda, apreciando as peripécias da luta. Devo acrescentar que embora tenha visto muitas vezes regimentos de infantaria e cavalaria nos países europeus, com seus elmos dourados e suas armas reluzentes, nunca espetáculo de combate me deu tanto prazer aos olhos. Mas além da diversão de vê-los saltar, assobiar e manobrar com destreza para todos os lados, causava espanto o espetáculo de tantas flechas emplumadas de vermelho, azul, verde e outras cores,

brilhando aos raios do sol ; e não era menos agradável ver os adornos feitos dessas penas naturais com que se vestiam os selvagens.

O combate durou quase três horas e houve de parte a parte muitos mortos e feridos, mas os nossos tupinambás foram afinal vencedores, fazendo mais de trinta prisioneiros entre homens e mulheres, que trouxeram para suas aldeias. Nós, franceses, nada mais fizemos do que empunhar as nossas espadas e dar alguns tiros de pistola para o ar para estimular a nossa gente, mas nada podia causar maior prazer aos nossos aliados do que irmos à guerra com eles e isso nos engrandeceu perante os velhos das aldeias que freqüentávamos.

Os prisioneiros foram colocados no meio dos vencedores, sendo amarrados para maior segurança, os homens mais robustos, quanto a nós, voltamos para o Rio de Janeiro em cujos arredores habitavam os selvagens. Estávamos, entretanto, a doze ou quinze léguas de distância, por isso à nossa passagem pelas aldeias de nossos aliados vinham os moradores ao nosso encontro dançando, pulando e batendo palmas. Festejavam o sucesso. Quando chegamos em frente de nossa ilha eu e meu companheiro tomamos uma barca para o fortim e os selvagens ram para as suas aldeias.

Entretanto, passados alguns dias vieram visitar-nos alguns tupinambás que tinham prisioneiros em suas choças. Por mais esforços que fizéssemos, porém, nossos intérpretes só conseguiram resgatar parte dos prisioneiros. Que isso não era do agrado dos vencedores percebi-o pela compra de uma mulher com seu filho de dois anos, que me custaram quase três francos em mercadorias. Disse-me então o vendedor: "Não sei o que vai acontecer no futuro, depois que *pai Colá*[283] chegou aqui já não comemos nem a metade de nossos prisioneiros".

Pretendia conservar o menino comigo, porém Villegagnon mandou restituir-me a mercadoria e ficou com os escravos. Enquanto eu dizia à mulher essa minha intenção de trazê-los comigo para a Europa ela me respondeu que esperava que o filho crescesse e dali fugisse para se reunir aos maracajás e vingá-los; preferia, portanto vê-lo comido pelos tupinambás a levado para longe de si. Essa gente tem arraigado no coração o sentimento da vingança.

---

[283] *Pai* é expressão que aparece nos textos do tempo da catequese para designar o padre o catequista, etc. *Cola*, de *Nicolas*, lembra Villegagnon (Nicolás de).. Não é possível, porém, que os índios dissessem *Colá;* diriam *Corá*, pois a não existência do *l*, na língua, obrigou a permuta regular de í por *r* brando (P. A.).

Como já disse, quatro meses após a nossa chegada a esse país, escolhemos entre os quarenta ou cinqüenta escravos comprados aos selvagens e empregados nos trabalhos do forte dez meninos que foram enviados para a França ao Rei Henrique II, então reinante.

CAPITULO XV

DE COMO OS AMERICANOS TRATAM OS PRISIONEIROS DE GUERRA E DAS CERIMÔNIAS OBSERVADAS AO MATÁ-LOS E DEVORÁ-LOS

Resta saber agora como são tratados os prisioneiros. Logo depois de chegarem são não somente bem alimentados[284] mas ainda lhes concedem mulheres (mas não maridos às prisioneiras), não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento. Tratam bem o prisioneiro e satisfazem-lhe todas as necessidades. Não marcam antecipadamente o dia do sacrifício; se os reconhecem como bons caçadores e pescadores e consideram as mulheres boas para tratar das roças ou apanhar ostras conservam-nos durante certo tempo; depois de os engordarem matam-nos afinal e os devoram em obediência ao seguinte cerimonial.

Todas as aldeias circunvizinhas são avisadas do dia da execução e breve começam a chegar de todos os lados homens, mulheres e meninos. Dançam então o *cauinam.* O próprio prisioneiro, apesar de não ignorar que a assembléia se reúne para seu sacrifício dentro de poucas horas, longe de mostrar-se pesaroso[285] enfeita-se todo de penas e salta e bebe como um dos mais alegres convivas. Depois de ter comido e cantado durante seis ou sete horas com os outros, é ele agarrado por dois ou três dos personagens mais importantes do bando e sem que ponha a menor resistência, é amarrado pela cintura com cordas de algodão[286] ou de

---

[284] Thévet narra que os prisioneiros entram nas aldeias de seus vencedores enfeitados com penas e são obrigados a renovar as sepulturas dos mortos a serem vingados. Acrescenta ainda o autor um pormenor interessante *(Cosmog.,* p. 945): "Colocam-lhes ao pescoço um colar cujo comprimento indica o tempo que lhes resta viver. Esse colar é leito de pequenos frutos enfiados em um cordel de algodão, ou de ossos de peixe, e o número desses objetos varia de conformidade com as luas que viverão. Às vezes o número de luas é marcado pelo número de colares".

[285] Montaigne I, XXX: "Muito ao contrário de se abater, com tudo o que lhes fazem, durante os dois ou três meses em que são conservados presos, os prisioneiros mostram-se alegres, incitam seus adversários a abreviar-lhes a prova da prisão, desafiam-nos, injuriam-nos e lhes censuram a covardia, lembrando-lhes as batalhas perdidas contra os de sua tribo". — Ver também Osório, ob. cit.

[286] Segundo Hans Staden (p. 300) a corda com que amarram o prisioneiro chama-se *massarana.* Ver os

fibra de uma árvore a que chamam *uyire*[287], semelhante à nossa tília. Deixam-lhe os braços livres e o fazem passear assim pela aldeia, em procissão, durante alguns momentos.

Não se imagine, porém que o prisioneiro com isso se deprima.[288] Ao contrário, com audácia e incrível segurança jacta-se as suas proezas passadas e diz aos que o mantêm amarrado: "Também eu, valente que sou, já amarrei e matei vossos maiores".

Cada vez mais feroz volta-se para ambos os lados exclamando para uns e outros: "Comi teu pai, matei e moqueei a teus irmãos; comi tantos homens e mulheres, filhos de vós outros tupinambás, a que capturei na guerra, que nem posso dizer-lhes a nomes; e ficai certos de que para vingar a minha morte os maracajás da nação a que pertenço hão de comer ainda tantos de vós quantos possam agarrar".

Em seguida, após ter estado assim exposto às vistas de todos, os dois selvagens que o conservam amarrado afastam-se ele umas três braças de ambos os lados e esticam fortemente as cordas de modo a que o prisioneiro fique imobilizado, trazem-lhe então pedras e cacos de potes[289]; e os dois guardas, receosos de serem feridos, protegem-se com rodelas de couro de *tapirussú* e dizem-lhe: "Vinga-te, antes de morreres". Começa o prisioneiro a atirar projéteis com todas as suas forças contra os que ali se reúnem em torno dele, algumas vezes em número de três a quatro mil. E é desnecessário dizer que não escolhe suas vítimas.

Com efeito, estando eu numa aldeia chamada *Sariguá,* vi um prisioneiro lançar uma pedra com tanta violência na perna de uma mulher que supus havê-la quebrado. Esgotadas as provisões de pedras e cacos e de tudo que o prisioneiro pôde apanhar junto de si, o

---

Horríveis pormenores dados por Osório, de *Rebus Emmanuelis,* liv. II, p. 51.

[287] Deve ser a *embira,* à qual Gabriel Soares se refere no capítulo LXVIII de sua obra, sob a denominação de *envira.* Esse designativo provém de *ybí = ybir = ypir = ymir,* que diz: "pele de árvore, alburno, libra; filamento, fio etc., é a vulgarmente chamada *imbira* ou *embira*; corda, liame. Ê mais regular com o prefixo pronominal pois que *ybir,* pele de árvore, também é o nome das árvores de cuja entrecasca se tira a *hybir,* aquilo que é pele de árvore. Também pode ocorrer *ybin,* onde se vê *in,* fio, mormente aplicado aos fios do *caraguatá* também chamado *ybira".* (Batista Caetano — Vocabulário cit., 188) (P.A.).

[288] Montaigne I XXV: "Tenho uma canção de prisioneiro assim concebida: "Que venham logo todos devorar-me, pois comerão assim seus pais e avos que serviram de alimento a meu corpo; ignoram que nestes músculos, nesta carne e nestas veias, a substância de seus antepassados ainda se encontra; saboreiem-na pois que nisso tudo ainda acharão o sabor de sua própria carne".

[289] Segundo Gandavo (p. 136) : "e lhe chegam uns pomos duros que têm entre si à maneira de laranjas com que possa tirar e ofender a quem quiser". — Cf. Osório, o. c. p. 51.

guerreiro designado para dar o golpe, e que permanecera longe da festa, sai de sua casa, ricamente enfeitado com lindas plumas, barrete e outros adornos; e armado de um enorme tacape[290] aproxima-se do prisioneiro e lhe dirige as seguintes palavras: "Não és tu da nação dos maracajás, que é nossa inimiga? Não tens morto e devorado aos nossos pais e amigos?"

O prisioneiro, mais altivo do que nunca, responde no seu idioma (margaiás e tupiniquins se entendem reciprocamente) *pá, che tan tan ajucá atupavé* — "Sim, sou muito valente e realmente matei e comi muitos".

Em seguida, para excitar ainda mais a indignação do inimigo, leva as mãos à cabeça e exclama: "Eu não estou a fingir, fui, com efeito, valente e assaltei e venci os vossos pais e os comi". E assim continua até que seu adversário, prestes a matá-lo, exclama: "Agora estás em nosso poder e serás morto por mim e moqueado e devorado por todos". Mas tão resoluta quanto Atílio Régulo ao morrer pela República Romana, a vítima ainda responde: "Meus parentes me vingarão".

Embora os selvagens temam a morte natural, os prisioneiros julgam-se felizes por morrerem assim publicamente no meio de seus inimigos, não revelando nunca o mínimo pesar como se verá do exemplo seguinte.

Achando-me certo dia em uma aldeia da grande ilha chamada *Piranijú* deparei com uma mulher prisioneira prestes a ser morta pelo modo por que descrevi. Aproximei-me e disse-lhe que se recomendasse a *Tupan, o* que não quer dizer Deus entre eles, mas sim trovão. Eu me adaptava, porém ao seu falar e lhe disse que orasse como eu lhe ia ensinar. Em resposta ela meneou a cabeça e motejando: "O que me darás para que faça o que dizes?" — "Pobre coitada, repliquei, já não precisas de nada neste mundo, mas como crês na alma imortal (o os selvagens confessam como direi adiante) pensa no que vai suceder depois de tua morte". Mas ela riu-se de novo e foi morta de acordo com o ritual.

Voltando ao assunto direi que o colóquio continua, falando muitas vezes vítima e algoz.

---

[290] Hans Staden (p. 301) reduz curiosos pormenores acerca da preparação da maça ou *iwera pemme:* "Esfregam-na com uma matéria viscosa; tomam em seguida cascas de ovos de um pássaro chamado *mackukawa,* que são de cor de cinza escuro, e os reduzem a pó com o qual salpicam a praça. Uma mulher logo após vem raspar o pó e enquanto o faz cantam os outros em redor dela. Quando a *iwera pemme* se acha preparada e enfeitada de tufos de penas, suspendem-na numa choça Inabitada e cantam em torno dela a noite toda".

O selvagem encarregado da execução levanta então o tacape com ambas as mãos[291] e desfecha tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que ele cai redondamente morto sem sequer mover braço ou perna. E dir-se-ia magarefe abatendo um boi. Em verdade muitas vezes as vítimas estrebucham no chão, mas isso por causa do sangue e nervos que se contraem. O executor costuma bater com tal destreza na testa ou na nuca que não se faz necessário repetir o golpe e nem a vítima perde muito sangue.

É comum dizer-se nesse país: *Quebro-te a cabeça* e os franceses empregavam habitualmente essa frase em substituição "Je te crèverai" que os nossos soldados e os nossos rixentos costumam usar.

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (já disse que a concedem a alguns) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto; digo propositadamente curto pranto porque essa mulher, tal qual o crocodilo que mata o homem e chora junto dele antes de comê-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sobre o marido morto, mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço. Em seguida, as outras mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte dos prisioneiros, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme; e o tornam tão branco como na mão dos cozinheiros os leitões que vão para o forno. Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com tal rapidez que não faria melhor um carniceiro de nossa terra ao esquartejar um carneiro.[292] E então, incrível crueldade, assim como os nossos caçadores jogam a carniça aos cães para torná-los mais ferozes, esses selvagens pegam os filhos uns após outros e lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas com o sangue inimigo a fim de torná-los mais valentes.[293]

Depois da chegada dos cristãos a esse país, principiaram os selvagens a cortar e retalhar o corpo dos prisioneiros, animais e outras presas com facas e ferramentas dadas pelos

---

[291] Ver Thévet. *Cosmog.*, prancha p. 945. — Segundo Gandavo (p. 138) o prisioneiro se defendia: "Acontece algumas vezes virem a braços, e o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada. Mas isto raramente, porque correm logo com muita presteza os circunstantes a livrá-lo de suas mãos".

[292] Segundo Hans Staden (p. 303): "as mulheres apossam-se então do corpo, arrastando-o para junto do fogo onde raspam-lhe a pele para clareá-la... Um homem corta os braços e pernas acima dos Joelhos. Quatro mulheres apoderam-se desses membros e se põem a correr em redor das choças com grandes gritos de alegria. Abrem-no, depois, pelas costas e distribuem-se os pedaços". — Cf. Osório, o. c. p. 51.

[293] Na tradução latina intercala-se aqui uma digressão acerca dos Judeus.

estrangeiros, o que faziam antes com pedras aguçadas como me foi dito por um ancião.

Todas as partes do corpo, inclusive as tripas depois de bem lavadas, são colocadas no moquém, em torno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura que escorre pelas varas dessas grandes e altas grelhas de madeira; e exortando os homens a procederem de modo que elas tenham sempre tais petiscos, lambem os dedos e dizem: *iguatú*, o que quer dizer "está muito bom".

Eis como os selvagens moqueiam a carne dos prisioneiros de guerra, processo de assar que nos é desconhecido. Quanto à forma do moquém, lembro aos leitores que já a expliquei no capítulo X. Limitar-me-ei a refutar o erro daqueles que, como se pode ver de seus mapas universais,[294] não somente nos representaram os selvagens do Brasil assando carne humana em espetos como fazemos com a de carneiro e outras, mas ainda no-los pintaram a cortá-la sobre bancas, com grandes cutelos, como entre nós os carniceiros fazem com a carne de vaca. Em verdade tais fantasias são tão verdadeiras quanto a história que conta Rabelais a respeito de Panurge, o qual teria escapulido do espeto lardeado e semicozido. Quem tais coisas escreveu dos selvagens do Brasil era pessoa ignorante do assunto que tratava. Tanto os brasileiros desconheciam o nosso modo de assar que certo dia ao nos verem em uma aldeia assando aves no espeto zombaram de nós e se recusaram a acreditar que uma ave assim continuamente volteada viesse a cozer, só o admitindo afinal pela comprovação do fato.

Quando a carne do prisioneiro, ou dos prisioneiros, pois às vezes matam dois ou três num só dia, está bem cozida, todos os que assistem ao fúnebre sacrifício se reúnem em torno dos moquéns, contemplando-os com ferozes esgares; e por maior que seja o número de convidados nenhum dali sai sem o seu pedaço. Mas não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima, seu principal intuito é causar temor aos vivos. Move-os a vingança, salvo no que diz respeito às velhas, como já observei. Por isso, para satisfazer o seu sentimento de ódio, devoram tudo do prisioneiro, desde os dedos dos pés até o nariz e cabeça, com exceção porém dos miolos, em que não tocam.

As caveiras conservam-nas os nossos tupinambás em tulhas nas aldeias, como conservamos

nos cemitérios os restos dos finados. E a primeira coisa que fazem quando os franceses os vão visitar é contar-lhes as suas proezas e mostrar-lhes esses troféus descarnados, dizendo que o mesmo farão a todos os seus inimigos. Guardam muito cuidadosamente os ossos das coxas e dos braços para fazer flautas e pífanos, e os dentes para seus colares, como já expliquei no precedente capítulo. O autor da "História Geral das Índias" refere que os habitantes da Ilha de Zamba pregam às portas de suas casas as cabeças das vítimas que mataram e sacrificaram e também usam os dentes delas pendurados no pescoço.

Os executores desses sacrifícios humanos reputam o seu ato grandemente honroso; depois de praticada a façanha retiram-se em suas choças[295] e fazem no peito, nos braços, nas coxas e na barriga das pernas sangrentas incisões. E para que perdurem toda a vida, esfregam-nas com um pó negro que as torna indeléveis. O número de incisões indica o número de vítimas sacrificadas e lhes aumenta a consideração dos companheiros. E se após essa horrível tragédia a mulher concedida ao prisioneiro engravida, os matadores do pai, alegando que o filho procede da semente inimiga, cometem o ato incrível de comê-lo logo ao nascer[296] ou, se lhes apraz melhor, quando já taludinho. Mas esses bárbaros não só se deleitam no extermínio de seus inimigos, mas ainda exultam vendo os seus aliados europeus fazerem o mesmo. Por isso, quando nos convidavam a compartilhar de seus banquetes, duvidavam de nossa lealdade se o recusávamos, o que sempre nos aconteceu, [297] a mim e a outros, que graças a Deus não esquecemos a nossa crença. Com pesar sou, porém, forçado a reconhecer aqui que alguns intérpretes normandos, residentes há vários anos no país, tanto se adaptaram aos costumes bestiais dos selvagens que, vivendo como ateus, não só se

---

[294] Thévet. Mapas insertos na *Cosmog. Univ.* — Ver Jomard. *Monuments de Ia Geographie du Moyen Age,* "Mappa-mundi" mandado levantar por Henrique II.

[295] Thévet *(Singularités,* § XL): "Aquele que procede ao massacre logo em seguida se retira para sua choça e permanece em jejum na sua rede durante todo o dia; deve abster-se também de relações e não pôr o pé em terra por três dias".

[296] Gandavo (p. 140): "E se a mulher que foi do cativo acerta de ficar prenhe, aquela criança que pare, depois de criada matam-na, e comem-na sem haver entre eles pessoa alguma que se compadeça de tão injusta morte. Antes seus próprios avôs, a quem mais devia chegar esta mágoa são aqueles que com maior gosto o ajudam a comer, e dizem que como filho de seu pai se vingam dele". Segundo Afonso de Saintonge, manuscrito citado por F. Margny nas suas *Navigationsfrançaises au XIV au XVIeme siècles,* p. 305: "Se a mulher emprenha e tem um filho macho, é ele comido depois de crescido e engordado, pois dizem que vem do pai; se a criança é fêmea, matam-na tão-somente pois acreditam que vem da mãe, a qual não deve ser comida".

[297] Não gostavam os brasileiros que alguém lamentasse a sorte de seus prisioneiros. Thévet tendo manifestado o desejo de salvar uma rapariga quase foi trucidado pelos selvagens. "Por pouco, diz ele, não me aconteceu o mesmo que aos massacrados diante de mim *(Cosmog.,* p. 916)." — Cf. *Singularités,* § XLI. "E como moqueiam os seus, censuram-nos acerbamente libertar os nossos prisioneiros por dinheiro ou outros motivos. E consideram isso indigno de guerreiros".

poluíam em toda espécie de impudicícias com as mulheres selvagens mas ainda excediam os nativos em desumanidade, vangloriando-se mesmo de haver morto e comido prisioneiros. E conheci um rapazote de treze anos que já copulava com mulheres.

Continuemos entretanto a descrever a crueldade dos nossos tupinambás para com seus inimigos. Durante a nossa estada no Brasil aconteceu-lhes lembrarem-se de que na Ilha Grande, de que já falei, residia um grupo de margaiás que, no começo da guerra, isto é, cerca de vinte anos antes, se rendera aos nossos aliados tendo sido deixado em paz. Entretanto, certa vez, após beberem cauim os tupinambás, muito excitados, resolveram saqueá-los, alegando tratar-se de descendentes de inimigos mortais. Para lá se dirigiram à noite, apanhando a pobre gente desprevenida, e tal carnificina fizeram que causava dó ouvir clamarem as vítimas. Avisados, já quase à meia-noite, alguns franceses bem armados embarcaram às pressas para a dita aldeia que distava quatro ou cinco léguas de nosso fortim. Antes de chegarem, porém, já tudo se consumara. Enfurecidos e encarniçados os nossos selvagens já haviam incendiado as choças para desalojar os moradores e a muitos já haviam morto. Segundo me foi dito só se viam homens e mulheres espostejados nos moquéns e até crianças de peito assadas inteiras. Valendo-se da escuridão da noite, alguns indivíduos mais corajosos se lançaram ao mar e escaparam a nado, vindo asilar-se em nossa ilha. Souberam-no os tupinambás e se mostraram descontentes com o fato de abrigarmos esses infelizes e, para acalmá-los foi preciso não só muita energia como donativos em mercadorias. Deixaram-nos finalmente conosco como escravos.

Doutra feita eu e mais quatro ou cinco franceses encontramos em uma aldeia dessa mesma Ilha Grande, chamada *Piranijú* um prisioneiro belo e robusto, metido em ferros adquiridos pelos selvagens aos cristãos. Aproximando-se de disse-nos em português (pois dois da nossa comitiva, que falavam espanhol, o compreenderam) que estivera em Portugal, era cristão e se chamava Antônio. Embora margaiá, sua estada em outro país lhe fizera perder o barbarismo e, por isso desejava que o libertássemos das mãos de seus inimigos. Era nosso dever salvá-lo, tanto mais quanto nos moviam à compaixão a sua qualidade de cristão e o seu nome Antônio. Um companheiro o que entendia o espanhol e era serralheiro de profissão disse-lhe que na manhã seguinte lhe traria uma lima para limar is ferros. Que se escondesse em seguida em certas moitas perto da praia, enquanto distraíssemos os seus

algozes, e lá esperasse que a nossa barca, de regresso, o pudesse tomar. E depois combinaríamos com os seus detentores um modo de conservá-lo no nosso fortim. Satisfeitíssimo e agradecido, o pobre moço prometeu fazer tudo o que lhe aconselhávamos. A turba dos selvagens, porém, embora não compreendesse o que dizíamos, desconfiou de que lhe queríamos arrancar das mãos o prisioneiro e apenas deixamos a aldeia chamaram os vizinhos mais próximos e sacrificaram o coitado. E, quando, no dia seguinte, a pretexto buscar farinha e outros víveres, voltamos à aldeia com a lima perguntamos pelo prisioneiro, levaram-nos os tupinambás a uma casa onde vimos os pedaços do pobre Antônio postos no moquém; e como sabiam que nos tinham enganado mostravam-nos a cabeça com grandes gargalhadas.

Certo dia os nossos selvagens surpreenderam dois portugueses em um casebre de barros em que viviam, dentro da mata, próximo à fortaleza chamada *Morpion.* Defenderam-se os assaltados valentemente desde a manhã até à tarde e depois de esgotadas as munições de arcabuz e as setas das bestas, saíram com espadas de duas mãos e ainda mataram e feriram muitos assaltantes; mas os selvagens queriam pegá-los vivos e o conseguiram afinal, levando-os prisioneiros, e de seus despojos vendeu-me um selvagem algumas vestimentas de couro, tendo também um dos intérpretes trocado por duas facas apenas uma salva de prata cujo valor os assaltantes ignoravam.

Na aldeia os selvagens arrancaram as barbas aos dois portugueses e depois os mataram cruelmente. E como esses pobres homens assim flagelados se lamentassem, os bárbaros vencedores, zombando, perguntavam: — "Como depois de vos terdes tão valentemente defendido mostrais menos coragem do que mulheres, agora que devíeis morrer com honra?"

Poderia aduzir outros exemplos da crueldade dos selvagens para com seus inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de horror.[298] É útil, entretanto, que ao ler semelhantes barbaridades, não se esqueçam os leitores do que se pratica entre nós. Em boa e sã consciência tenho que excedem em crueldade aos selvagens os nossos usurários, que, sugando o sangue e o tutano, comem vivos viúvas, órfãos e mais criaturas miseráveis, que prefeririam sem dúvida morrer de uma vez a definhar assim lentamente. Por isso deles

[298] Na tradução latina de Bry há inúmeros exemplos de suplícios semelhantes Infligidos aos prisioneiros inimigos, todos tirados da história turca.

disse o profeta[299] que esfolam a pele, comem a carne e quebram os ossos do povo de Deus. Entretanto, mesmo não falando por metáforas, não encontramos aqui, nem na Itália e alhures, pessoas, condecoradas com o título de cristãos, que não satisfeitas com trucidar seu inimigo ainda lhes devoram fígado e coração? E que vimos em França durante a sangrenta tragédia iniciada a 24 de agosto de 1572? Sou francês e pesa-me dizê-lo. Entre outros atos de horrenda recordação não foi a gordura das vítimas trucidadas em Lyon, muito mais barbaramente do que pelos selvagens, publicamente vendida em leilão e adjudicada ao maior lançador?[300] O fígado e o coração e outras partes do corpo de alguns indivíduos não foram comidos por furiosos assassinos de que se horrorizam os infernos? Depois de miseravelmente morto não picaram o coração a *Coeur de Rói,* confessor da religião reformada em Auxerre, não lhe puseram os pedaços à venda e não os comeram afinal, para saciar a raiva, como mastins? Milhares de testemunhas desses horrores, nunca dantes vistos em qualquer povo, ainda vivem, e livros já impressos o atestam à posteridade.

Depois dessa horrível carnificina, alguém cujo nome declaro ignorar, reconhecendo que a crueldade ultrapassava todos os limites, compôs os seguintes versos:

> Riez Pharaon
> Achab, Néron,
> Herodes aussi;
> Votre barbárie
> Est ensevelie
> Par cê fait ici.[301]

Não abominemos, portanto demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aquelas que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair de nosso país, para ver coisas tão monstruosas.

---

[299] Miquéias 3.3

[300] Cf. *Extraits de la, correspondance* de Mandelot, governador de Lyon, publicados por Paulin Paris, *Mémoires de l'état de la France.* — Papyre Masson, *Vie de Charles IX.* — Crespin o. c. — *Bulletin de Ia Sociétê d'histoire du Protestantisme Français,* etc.

[301] Ride Faraó/ Acabe, Nero/E também Herodes;/vosso barbarismo/se olvida/ante o fato presente (T.).

CAPITULO XVI[302]

RELIGIÃO DOS SELVAGENS DA AMÉRICA; ERROS EM QUE SÃO MANTIDOS POR CERTOS TRAPACEIROS CHAMADOS CARAÍBAS; IGNORÂNCIA DE DEUS

Embora seja aceita universalmente a sentença de Cícero, de que não há povo, por mais bruto, bárbaro ou selvagem que não tenha idéia da existência de Deus, quando considero os nossos tupinambás vejo-me algo embaraçado em lhe dar razão. Pois além de não ter conhecimento algum do verdadeiro Deus, não adoram quaisquer divindades terrestres ou celestes, como os antigos pagãos, nem como os idólatras de hoje, tais os índios do Peru, que, a 500 léguas do Brasil, veneram o. sol e a lua.[303] Não têm nenhum ritual nem lugar determinado de reunião para a prática de serviços religiosos, nem oram em público ou em particular. Ignorantes da criação do mundo' não distinguem os dias por nomes específicos, nem contam semanas, meses e anos, apenas calculando ou assinalando o tempo por lunações. Não só desconhecem a escrita sagrada ou profana, mas ainda, o que é pior, ignoram quaisquer caracteres capazes de designarem o que quer que seja.

---

[302] Thévet *(Cosmog.*, p. 910) assim se refere a este capítulo: "Aqui é que me cabe motejar alguém bastante temerário para se vangloriar de escrever um tratado acerca da religião dos selvagens. Se fosse o único a ter estado nesse pais, não lhe seria difícil impingir o que bem entendesse; mas eu sei com segurança que esse povo não tem religião, nem escrituras, nem práticas rituais, nem conhecimento das coisas divinas".

[303] N. Perrot (p.12) reconhece-o em relação aos americanos do Canadá: "Não é possível afirmar que os selvagens tivessem qualquer doutrina: é evidente que não seguem, por assim dizer, nenhuma religião". — Cf. Champlain, p.126: "Não há nenhuma lei entre eles; não sabem o que seja orar e vivem como feras". Marest, *Lettres*, VI, 330: "Seria dizer qual a religião dos selvagens; consiste apenas em uma tantas superstições". Algumas tribos não tinham sequer uma palavra para exprimir a idéia de Deus. — Ver o padre Dobritzhofer, *Historia de Abiponibus*, II, 69. *** No pé em que se encontravam os estudos de antropologia cultural, em 1878, quando Gaffarel escrevia estas notas, não eram de estranhar tais observações. Muito menos o seriam as dos viajantes do século XVI. Hoje, porém, temos por certo que as culturas primitivas, ou melhor do "folk", são essencialmente religiosas em todas as suas manifestações. É mesmo esse aspecto que melhor as diferencia das "civilizações", que são complexas e profanas (T.).

Quando cheguei ao país e me pus a aprender-lhes a língua, escrevia sentenças e depois as lia diante deles; e julgavam que era feitiçaria, e diziam uns aos outros: "Não é maravilhoso que quem ontem não sabia uma palavra de nosso idioma possa hoje ser entendido com um pedaço de papel?" Essa é também a opinião dos selvagens das ilhas espanholas, que foram os primeiros a emiti-la, pois diz o autor de sua história que vendo os espanhóis se entenderem de longe por meio de cartas os imaginaram dotados do dom de profecia, ou que as missivas falassem. E acrescenta ele que os selvagens, temerosos de serem descobertos, não mais mentiam aos espanhóis e lhes obedeciam cegamente. Eis portanto aí um tema de dissertação suscetível de mostrar que os habitantes da Europa, da Ásia e da África devem louvar a Deus pela sua superioridade sobre os dessa quarta parte do mundo. Ao passo que os selvagens nada podem comunicar-se entre si a não ser pela palavra, nós, ao contrário, podemo-nos entender e dizer os nossos segredos, por meio da escrita, pelas cartas que enviamos de um a outro extremo da terra. Além da invenção da escrita, os conhecimentos de ciência que aprendemos pelos livros e que eles ignoram, devem ser tidos como dons singulares que Deus nos concedeu.

Quando conversávamos com os selvagens e calhava lhes dizermos que acreditávamos em um só Deus soberano, criador do mundo, que fez o céu e a terra com todas as coisas neles contidas e delas dispunha como lhe aprazia, olhavam uns aos outros com espanto e pronunciavam o seu vocábulo designativo de admiração: *Teh.*[304] E quando ribombava o trovão[305] e nos valíamos da oportunidade para afirmar-lhes que era Deus quem assim fazia tremer o céu e a terra a fim de mostrar sua grandeza e seu poder, logo respondiam que se precisava intimidar-nos não valia nada. Eis o deplorável estado em que vive essa mísera gente.

Em verdade penso que esses selvagens pouco diferem dos brutos e que no mundo não existem homens mais afastados de quaisquer idéias religiosas. Entretanto, ainda alguma luz atravessa as trevas de sua ignorância. Acreditam não só na imortalidade, da alma, mas ainda que, depois da morte, as que viveram dentro das normas consideradas certas, que são

[304] *Teh! Tho!* são, de fato, Interjeições de espanto (P.A.).

[305] Lubbock, *Lês origines de Ia civilisation,* p. 218-222: "Certa noite o cacique Piqueto apavorado com a violência da tempestade, ofereceu fumo ao trovão pedindo-lhe que se calasse". — Ainda hoje os coroados "não reconhecem nenhum deus da bondade, mas tão-somente um principio daninho que os atormenta, os tortura, os conduz ao perigo e mesmo os mata", Spix e Martius, T. II, p. 243 — Os americanos do norte também o veneram como uma divindade. Ver N. Perrot, p. 13, 276, 277.

as de matarem e comerem muitos inimigos, vão para além das altas montanhas dançar em lindos jardins com as almas de seus avós. Ao contrário as almas dos covardes vão ter com *Ainhãn,* nome do diabo, que as atormenta sem cessar. Cumpre notar que essa pobre gente é afligida durante a vida por esse espírito maligno a que também chamam *Kaagerre*[306]. Muitas vezes, como pude presenciar, sentindo-se atormentados, exclamavam subitamente enraivecidos: "Defendei-nos de Ainhan que nos espanca". E afirmavam que o viam realmente ou sob-a forma de um quadrúpede, ou de uma ave ou de qualquer outra estranha figura. Admiravam-se muito quando lhes dizíamos que não éramos atormentados pelo espírito maligno e que isso devíamos ao Deus de quem tanto lhes falávamos, pois, sendo muito mais forte do que *Ainhan,* lhe proibia fazer-nos mal. E acontecia que, sentindo-se amedrontados, prometiam crer em Deus. Mas passado o perigo zombavam do Santo, como se diz no provérbio, e não se recordavam mais de suas promessas.

No entanto tal temor ao espírito maligno não era irrisório. Pude vê-los mais de uma vez apreensivos, batendo com as mãos nas coxas, aflitos e em suores. E nesses transes nos diziam: *"Mair atu-assap, acequeei Ainhan atupané",* o que vem a ser em nossa língua: "Francês, meu amigo, temo ao diabo mais que tudo". E se lhes respondíamos: *Nacequeiei ainhan,* isto é, "nós não o tememos", deploravam sua sorte e retrucavam: Seríamos tão felizes se fôssemos preservados do mal como vós". Replicávamos então: "É preciso que confieis, como nós, naquele que é mais forte e poderoso que *Ainhan".* Mas a pesar de todas as suas promessas de nada valia a lição. Logo a esqueciam.[307] A respeito da crença dos nossos brasileiros na imortalidade da alma direi, antes de passar adiante, que o historiador das Índias ocidentais escreve também a professarem os índios da cidade de Cuzco, capital do Peru. Mais ainda: crêem na ressurreição dos corpos, não obstante a teoria geralmente aceita por todos os teólogos de que os filósofos pagãos a ignoram ou negam. “Os índios”, diz ele, “ao verem os espanhóis profanarem os sepulcros para tirar o ouro, espalhando os ossos dos mortos, pediam-lhes que não o fizessem porquanto assim os impediam de

---

[306] *Kaagerre* deve ser *Kaaguára* ou, mais corretamente, *kaaiguára,.* o morador do mato, o mateiro, o silvestre, a modos do *kaapóra,* nosso conhecido *caapóra* (P. A.).

[307] Sobre a possessão dos brasileiros e outros selvagens ver *Christien Bizonard* e outros autores de trabalhos de ciências ocultas. Segundo Thévet (Cosmog., 921): "Os pobres selvagens não ousam sair de suas choças à noite sem fogo; sentem-se atormentados mas o fogo é remédio soberano contra o inimigo. Também me disseram esses selvagens que vêem o Anhangá sob diversas formas nos riachos e rios". Cf. Dobritzhofer, *De Attponibus,* II, 35-64, Spix e Martius, II, 243. Segundo Lubbock *(Origines de la Civilisation)* "o temor mais do que a gratidão preside tais devoções; elas visam antes desviar a cólera dos espíritos malignos que assegurar proteção dos bons".

ressuscitar". "Eles crêem", conclui, referindo-se aos selvagens desse país, "na imortalidade da alma e na ressurreição dos mortos". Outro autor profano também afirma que em tempos idos certa nação pagã acreditava nessa ressurreição. "Então", escreve ele, "César venceu Ariovisto e os Germanos, que eram homens grandes e valentes e combatiam com coragem sem temer a morte porquanto acreditavam na ressurreição".

Narro isso tudo a fim de que saibam os endiabrados ateus de que nossa terra anda cheia e, como os tupinambás, embora de um modo muito mais bestial, procuram fazer crer que Deus não existe, que nos selvagens encontraram pelo menos a prova da existência do diabo nos seus tormentos ainda neste mundo. E se replicarem, como o fazem alguns, que o diabo não passa dos sentimentos maus dos homens e portanto é absurdo persuadirem-se os selvagens de coisas fantásticas, responderei que os americanos são realmente atormentados por espíritos malignos, pois nunca seria possível que paixões humanas, por mais violentas que fossem pudessem afligi-los a tal ponto, aliás, se não fosse pregar no deserto poderia citar aqui o que diz o Evangelho, dos endemoninhados que foram curados pelo filho de Deus. A esses ateus que negam todos os princípios e por isso mesmo são indignos de ouvir falar nas Santas Escrituras apontarei os nossos pobres brasileiros que, apesar de sua cegueira, admitem não só existir no homem um espírito que não morre com o corpo mas ainda a felicidade ou a desgraça no outro mundo.

Quanto à ressurreição da carne, embora esses cães aleguem que o corpo morto jamais se levanta, eu lhes oporei os índios do Peru, os quais, pelo seu simples bom senso, mesmo em meio à sua falsa religião, os desmentem. E ainda faço muito em citar o exemplo dos bárbaros, pois os próprios diabos, como afirma São Tiago,[308] crêem na existência de um Deus e o temem. Tão abomináveis criaturas eu as envio diretamente ao inferno para que aí colham o fruto de seus monstruosos erros.

Voltemos porém ao assunto da religião entre os selvagens da América. Verificando que quando ouvem o trovão são levados por uma força irresistível a temê-lo, podemos deduzir que não só se verifica assim a verdade do axioma de Cícero de que nenhum povo existe sem alguma noção de divindade mas ainda que não há desculpa para aqueles que não querem conhecer o Todo Poderoso. Quando o apóstolo disse que Deus permitiu aos gentios

[308] Tiago 2.19

seguirem o caminho que bem entendessem[309], a todos beneficiando entretanto com a chuva do céu e a fertilidade das estações, observou que os homens só não conhecem o Criador em virtude de sua própria malícia. Aliás o que é invisível em Deus encontra-se visível na criação do mundo.[310]

Embora os nossos americanos não o confessem francamente, estão na verdade convencidos da existência de alguma divindade; portanto, não podendo alegar ignorância não estarão isentos de pecados.

Além do que já disse acerca da imortalidade da alma, em que acreditam, do trovão a que temem e dos espíritos malignos que os atormentam, mostrarei como essa semente de religião (se é que as práticas dos selvagens possam merecer tal nome) brota e não se extingue neles, não obstante as trevas em que vivem.

Os selvagens admitem certos falsos profetas chamados *caraíbas*[311] que andam de aldeia em aldeia como os tiradores de ladainhas[312] e fazem crer não somente que se comunicam com os espíritos e assim dão força a quem lhes apraz, para vencer e suplantar os inimigos na guerra, mas ainda persuadem terem a virtude de fazer com que cresçam e engrossem as raízes e frutos terra do Brasil. Certos intérpretes normandos, há muito residentes no país, disseram-me que os nossos tupinambás costumavam reunir-se com grande solenidade de três em três ou de quatro em quatro anos; achei-me por acaso em uma dessas uniões e eis o que me foi dado observar.

Certa vez ao percorrermos o país, eu, outro francês chamado Tiago Rousseau e um intérprete, dormimos uma noite na aldeia *Cotina;* pela madrugada, ao retomarmos a marcha, vimos chegarem de todos os lados os selvagens das vizinhanças, os quais foram reunir-se em número de quinhentos a seiscentos numa grande praça. Paramos então e voltamos para saber o objetivo da assembléia; nisto os silvícolas se separaram subitamente em três bandos. Os homens recolheram-se a uma casa, as mulheres entraram noutra e as

---

[309] Atos 14.16
[310] Romanos 1.20
[311] Hans Staden (p. 284) denomina-os *pagé.* Refere-se com indignação às suas imposturas. Thévet (Cosmog., p. 915-916) conta suas crenças e superstições. Cf. trecho curioso de Osório, *De rebus Emmanuelis*, liv. II, p. 50, e capítulo de Yves d'Evreux, *Voyage dans le nord du Brésil*, "De como o diabo fala aos feiticeiros do Brasil; suas falsas profecias, seus ídolos e sacrifícios".
[312] Sem dúvida quer referir-se aos frades pedintes.

crianças numa terceira, Como vi dez ou doze caraíbas entre eles, suspeitei algum acontecimento extraordinário e convenci meus companheiros a permanecerem ali até averiguá-lo.

Antes de se separarem das mulheres e meninos, os caraíbas os proibiram severamente de sair das casas em que se encontravam; aí também nos encerraram. Já havíamos começado a almoçar sem nada perceber ainda do que pretendiam os selvagens quando principiamos a ouvir na casa dos homens, a qual distava talvez trinta passos daquela em que estávamos, um murmúrio surdo e rezas; imediatamente as mulheres, em número de quase duzentas, se puseram todas de pé e muito perto umas das outras. Os homens pouco a pouco erguiam a voz e os ouvíamos distintamente repetir uma interjeição de encorajamento: — *He, he, he, h*e. Mais ainda nos espantamos, porém, quando as mulheres, por seu turno, a repetiram com voz trêmula: — *He, he, he, he.*

Assim aconteceu durante um quarto de hora e nós não sabíamos o que fazer. Ao mesmo tempo urravam, saltavam com violência, agitavam os seios e espumejavam pela boca até desmaiar como vítimas de ataques epiléticos; por isso não me era possível deixar de acreditar que se tivessem tornado repentinamente possuídas do Diabo. Também os meninos se agitavam e se torturavam, no aposento em que se achavam encerrados e, embora já freqüentasse os selvagens há mais de seis meses e estivesse até certo ponto acostumado com seus costumes, confessarei que tive medo; ignorando o fim disso tudo, desejei achar-me longe dali. Ao cessarem o ruído e os urros confusos dos homens, calaram-se também as mulheres e os meninos; mas voltaram todos a cantar, mas dessa feita de um modo tão harmonioso que o medo passou e tive o desejo de tudo ver de perto. Quando quis, porém sair, para aproximar-me do lugar do festim, não só mo obstaram as mulheres, mas ainda o nosso intérprete, o qual, vivendo embora nesse país há seis ou sete anos, nunca se atrevera a meter-se entre os índios durante tais cerimônias e considerava que se eu o fizesse correria grande risco. Hesitei por um instante, mas como não me pareciam suficientes as razões do intérprete e eu confiava na amizade dos bons velhos da aldeia em que habitara durante quatro a cinco meses, arrisquei-me a sair, aproximando-me do lugar de onde vinha a cantilena. Como as casas dos selvagens são em geral compridas, abauladas no teto e cobertas de ramos cujas pontas tocam o solo, abri com as mãos um buraco para ver a coisa à vontade. Ao mesmo tempo fiz sinal com os dedos aos meus companheiros, que se

animaram a virem ter comigo e os três entramos na habitação. Ao contrário do que afirmara o intérprete, não se incomodaram os selvagens conosco; conservaram-se em seus lugares e continuaram as suas cantorias, em vista do que eu e meus companheiros nos acomodamos em um canto a fim de contemplar sossegadamente a cena.

Ao falar das danças por ocasião das *cauinagens* prometi descrever também suas outras espécies de danças. Unidos uns aos outros, mas de mãos soltas e fixos no lugar, formam roda, curvados para a frente e movendo apenas a perna e o pé direito; cada qual com a mão direita na cintura e o braço e a mão esquerda pendentes, suspendem um tanto o corpo e assim cantam e dançam. Como eram numerosos, formavam três rodas no meio das quais se mantinham três ou quatro caraíbas ricamente adornados de plumas, cocares, máscaras e braceletes de diversas cores, cada qual com um maracá[313] em cada mão. E faziam essas espécies de guizos feitos de certo fruto maior do que um ovo de avestruz. Só poderia dar uma idéia exata desses caraíbas comparando-os aos frades pedintes que enganam a pobre gente e andam de lugar em lugar com relicários de Santo Antônio e de São Bernardo ou outros objetos de idolatria. Os caraíbas não se mantinham sempre no mesmo lugar como os outros assistentes; avançavam saltando ou recuavam do mesmo modo e pude observar que, de quando em quando, tomavam uma vara de madeira de quatro a cinco pés de comprimento em cuja extremidade ardia um chumaço de *petun* e voltavam-na acesa para todos os lados soprando a fumaça contra os selvagens e dizendo: "Para que vençais os vossos inimigos recebei o espírito da força". E repetiam-na por várias vezes os astuciosos caraíbas. Essas cerimônias duraram cerca de duas horas e durante esse tempo os quinhentos ou seiscentos selvagens não cessaram de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecerem música[314]. Se, como disse, no início dessa algazarra, me

[313] Hans Staden (p. 253) denomina-os indiferentemente, *maracás*, *tameracás* e *tamaracás*. Sua descrição confere com a de Léry. Os maracás são ainda usados na América Meridional. Spix e Martius os encontraram entre os Carapós, os coroados e outros. Mas não passam hoje em dia de pedaços de *écaille* cheios de milho B produzem um som semelhante ao das castanholas. Os selvagens da Louisiana chamavam-nos *chichicoás* e os usavam no século XVIII. "Trata-se de uma cabaça furada de ambos os lados. Atravessam-na com uma vareta cuja ponta externa serve de cabo. Dentro põe-se pedregulho ou favas ou ainda feijões secos, para o barulho". Lepage du Pratz, Histoire *de Ia Louisiane* I, 108. *** *Maraká*, de *mbará*, barulho e *ká*, casca, invólucro. É o Instrumento de música assemelhável a um chocalho (P.A.).

[314] Tais cerimônias, ou cerimônias análogas estão ainda em vigor nas matas do interior. D'Orbigny assistiu a uma dessas festas. Um ancião entoava hinos a Deus e o coro repetia os estribilhos, tal qual na época de Léry. "Essas vozes masculinas, escreve o viajante, esses sons desafinados dos tambores, a atitude imponente dos cantores, seu aspecto, tudo nessa cerimônia me surpreendeu e espantou. Em verdade

assustei, já agora me mantinha absorto em coro ouvindo os acordes dessa imensa multidão e sobretudo a cadência e o estribilho repetido a cada copla: *He, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh.* E ainda hoje quando recordo essa cena sinto palpitar o coração e parece-me a estar ouvindo. Para terminar bateram com o pé direito no chão com mais força e depois de cuspirem para á frente, unanimemente, pronunciaram duas ou três vezes com voz rouca: *He, hyá, hyá, hyá.*

Como eu ainda não entendia bem a língua dos selvagens pedi ao intérprete que me esclarecesse sobre o sentido das frases pronunciadas. Disse-me ele que haviam insistido em lamentar seus antepassados mortos e em celebrar-lhes a valentia; consolavam-se entretanto na esperança de ir ter com eles, depois da morte, para além das altas montanhas onde todos juntos dançariam e se regozijariam. Haviam em seguida ameaçado os goitacazes, proclamando, de acordo com os Caraíbas, que haveriam de devorá-los, embora esses selvagens sejam tão valentes que nunca os tupinambás os puderam submeter, como já ficou dito. Celebravam ainda em suas canções o fato das águas terem transbordado por tal forma em certa época, que cobriram toda a terra, afogando todos os homens do mundo, à exceção de seus antepassados que se salvaram trepando nas árvores mais altas do país. Este último ponto, que muito se aproxima das Santas Escrituras, tive a oportunidade de ouvir inúmeras vezes. É verossímil que de pais a filhos ouvissem contar alguma coisa do dilúvio universal[315] e do tempo de Noé e tivessem deturpado a verdade, como é hábito dos homens; e isso é tanto mais natural, quando, como vimos, não tendo nenhuma espécie de escritas, difícil se lhes torna conservar a pureza dos fatos ao transmiti-los; daí terem adicionado a fábula das árvores, tal qual o fariam os poetas.

Voltando aos caraíbas, devo dizer que nesse dia foram muito bem recebidos pelos

---

eu não sabia para onde fora transportado, mas não teria cedido meu lugar nem por muito dinheiro". *Voyage, parte histórica,* t. III, p. 13.

[315] A respeito da noção de dilúvio entre os americanos, ver *Reme Amérícaine,* Segunda série nª 2, p. 89. - Brasseur de Bourbourg, *Le popol vuh.* passim -Prescott *Conquéte du Mexique,* t. III, 272. – N. Perrot. *Moeurs et religion des sauvages de l'Amerique septentrionale,* p. 161-164. Hans Staden (p. 286): Dizem que houve outrora uma grande inundação; que seus antepassados se afogaram à exceção de alguns que conseguiram escapar em suas barcas ou subindo nas árvores mais altas". Muito curiosa a teogonia dos brasileiros em Thévet *(Cosmog.,* p. 913-914). Conta ele a criação do mundo, a punição e a redenção de nossos primeiros pais, tudo entremeado de absurdas fábulas e sem a menor crítica. O trecho mais interessante é o relativo ao dilúvio. Somente dois irmãos inimigos, Temendonare e Ariconte, escapam com suas famílias; o primeiro trepando num árvore chamada *peridona* e o segundo fazendo o mesmo num *jenipapeiro,* do cimo das quais Jogam os frutos para ver se as águas baixaram. Ver também p. 918-920.

selvagens, os quais os trataram magnificamente dando-lhes as melhores iguarias e também, como de costume, bastante *cauim.* Nós, franceses, casualmente envolvidos na bacanal, também aproveitamos o banquete junto dos *mussucás,* isto é, dos bons pais de família que dão comida aos viandantes. Além dessas cerimônias, realizadas de três em três ou de quatro em quatro anos, e às vezes mais, e durante as quais os tupinambás praticam essas macaquices, os caraíbas vão de aldeia em aldeia e enfeitam com as mais bonitas penas que encontram os seus *maracás*; e fincam-nos em seguida no chão, do lado maior, entre as casas, e ordenam que lhes seja dado comida e bebida. Esses embusteiros fazem crer aos pobres idiotas dos selvagens que essas espécies de cabaças assim consagradas comem e bebem realmente à noite. E como os habitantes acreditam nisso não deixam de pôr farinha, carne e peixe ao lado dos *maracás e* nem esquecem o *cauim.* Em geral deixam assim os *maracás* no chão durante quinze dias a três semanas, após o que lhes atribuem santidade e os trazem sempre nas mãos dizendo que ao soarem os espíritos lhes vêm falar. Viviam de tal modo compenetrados desse erro que se ao passarmos por suas casas tomávamos dos alimentos oferecidos a esses maracás, o que muitas vezes nos aconteceu, julgavam os nossos americanos que isso nos causaria desgraças e se mostravam tão ofendidos quanto os sacerdotes Baa ao ver tomarem as oferendas consagradas aos seus ídolos com as quais, entretanto se alimentam fartamente com suas marafonas e bastardos. E se aproveitávamos a oportunidade para adverti-los de seus erros e lhes dizíamos que os caraíbas não só os iludem, quando os faziam acreditar que os maracás comiam e bebiam, mas ainda os enganavam gabando-se de fazer crescer frutos e raízes; e se lhes afirmávamos que quem fazia tudo isso era o Deus em que acreditávamos e que pregávamos, era o mesmo que entre nós falar contra o Papa ou dizer que a relíquia de Santa Genoveva em Paris não faz chover. Esses trapaceiros, em suma, nos aborreciam tanto quanto os falsos profetas de Jesabel que odiavam ao profeta Elias, denunciador de seus abusos; aliás, ocultavam-se de nós, evitando aparecer nas aldeias por onde andávamos ou nelas dormir.

Os nossos tupinambás, conforme já disse no princípio deste capítulo, não adoram os caraíbas com genuflexões ou outros ritos exteriores; tampouco veneram desse modo os seus maracás ou quaisquer outras criaturas e muito menos ainda os suplicam ou invocam.

Achava-me ceando certa ocasião com alguns patrícios em uma aldeia chamada *Ocarantin,* a duas léguas de *Cotiná,* quando surgiram os selvagens do lugar, não para comer, mas para

contemplar-nos, pois não costumam comer em companhia das pessoas a que querem honrar. Orgulhosos de ver-nos na aldeia, demonstravam-nos por todos os modos a sua amizade e com os ossos de peixes em forma de serra, que traziam, afugentavam os meninos dizendo: — "retirai-vos, criançalha, não sois dignos de chegar perto dessa gente".

A turba não nos interrompeu com uma só palavra durante toda a refeição. Um ancião, entretanto, que nos observava cuidadosamente, e nos vira orar a Deus antes e depois da comida, perguntou-nos: "Que significa isso que acabais de fazer tirando o chapéu por duas vezes, em silêncio, enquanto um só fala? Essas palavras eram dirigidas a vós ou a alguém ausente?"

Como essa aldeia de Ocarentin é das maiores e mais povoadas do país, aproveitamos a oportunidade para falar a esses selvagens do Deus verdadeiro, e como parecessem mais atentos que de costume e mais dispostos a ouvir-me pedi ao intérprete que me ajudasse a comunicar-lhes o que desejava. Depois de responder ao velho que era a Deus que dirigíamos as nossas preces, o qual, embora não seja visto por ninguém a todos ouve perfeitamente e conhece o que têm no coração, falei-lhes da criação do mundo; e disse-lhes que se Deus havia feito homem superior aos demais seres era para que pudesse glorificar o Criador; e acrescentei que como o servíamos ele nos preservava do perigo quando atravessávamos os mares em viagens de quatro a cinco meses sem pôr pé em terra. Declarei-lhes ainda que por esse motivo não temíamos os tormentos de Anhangá (aygnon) nem nesta vida nem na outra e que se eles, selvagens, quisessem libertar-se dos erros em que os mantinham os caraíbas mentirosos e trapaceiros, gozariam das mesmas graças que nós. E para que bem compreendessem os motivos da perdição do homem, tanto quanto para prepará-los para receberem Jesus Cristo, falei-lhes numa linguagem chã durante mais de duas horas, com exemplos e expressões tirados seu conhecimento cotidiano.

Ouviram-me todos com grande admiração e muito atentos e, ao terminar, apareceu outro ancião que tomou a palavra e disse: — "É certo que dissestes coisas maravilhosas e bonitas

que nunca ouvimos; a vossa arenga entretanto nos lembra o que muitas vezes ouvimos de nossos avós, isto é, que há muito tempo, já não sei mais quantas luas, um *mair* como vós, e como vós vestido e barbado, veio a este país e com as mesmas palavras procurou

persuadir-nos a obedecer a vosso Deus;[316] porém, conforme ouvimos de nossos antepassados nele não acreditaram. Depois desse veio outro e em sinal de maldição doou-nos o tacape com o qual nos matamos uns aos outros; e há tanto tempo já o usamos que se agora desistíssemos desse costume as outras nações vizinhas zombariam de nós".

Replicamos-lhe com veemência, que não deviam importar-se com os motejos dos outros, pois se adorassem, como nós, o Deus verdadeiro, venceriam todos os inimigos que os viessem atacar. E graças à autoridade que Deus emprestou às minhas palavras, ficaram os nossos tupinambás tão abalados que não só prometeram seguir os nossos ensinamentos e não mais comer carne humana mas ainda se ajoelharam conosco enquanto rezamos. E um intérprete lhes explicou o sentido de nossas preces.

Depois dessa cena levaram-nos os selvagens para que repousássemos em redes de algodão, mas antes de começarem a dormir já os ouvíamos cantar todos juntos que para se vingarem de seus inimigos deviam aprisionar e comer o maior número possível.[317] Eis um belo exemplo da inconstância desse povo e da natureza corrupta do homem. Entretanto sou de opinião que se Villegagnon não houvesse abjurado a religião reformada e tivéssemos podido permanecer por mais tempo no país teríamos chamado alguns deles a Jesus.

Matutei mais tarde sobre o que me haviam dito acerca do francês que, centenas de anos antes, lhes anunciara o verdadeiro Deus e imagino que se trate de algum dos apóstolos. Embora não aprove os livros fabulosos, devo ponderar que além da palavra de Deus e de tudo o que se escreveu acerca de suas viagens e peregrinações, Nicéforo refere, a propósito de S. Mateus, ter esse apóstolo pregado o Evangelho no país dos canibais, povo muito semelhante a estes brasileiros da América. Considero com melhor fundamento a passagem de S. Paulo sobre os apóstolos, no salmo 19: — "A sua voz percorreu toda a terra e suas palavras chegaram às extremidades do mundo". Ora, se perlustraram realmente países longínquos e desconhecidos, qual a inconveniência de acreditar-se que algum deles tenha estado na terra desses bárbaros? Isso seria até um esclarecimento para as palavras com que Cristo declarou que o Evangelho seria pregado em todo o mundo. Se não é possível confirmá-los em relação à época dos apóstolos, devo, entretanto declarar que em nosso

[316] Ver Prescott, *Conquét du Mexique*, passim, a respeito da universalidade dessa tradição em toda a América.
[317] Acerca da facilidade com que os americanos se convertiam e esqueciam a nova religião, ver *Lettres édifiantes.*

tempo já vi proclamar-se a palavra de Deus até nos antípodas, donde resulta que além de se responder assim às objeções erguidas contra tal trecho mais culpados serão ainda os selvagens ante o Juízo Final. Quanto à afirmação dos nossos americanos de que por não terem seus antepassados acreditado na palavra de quem lhes procurou mostrar o bom caminho outro missionário veio depois e os amaldiçoou, dando-lhes a maça com que se matam ainda em nossos dias, lemos no Apocalipse que ao cavaleiro do cavalo branco, que na opinião de certos exegetas significa perseguição a ferro e fogo, foi dado, com grande espada, o poder de tirar a paz da terra e fazer com que os homens se matem uns aos outros. O texto muito se aproxima, na letra, do que dizem e praticam os nossos tupinambás; com receio, porém, de mal interpretar o verdadeiro sentido deixarei a outrem o cuidado de fazê-lo.

Recordo entretanto, um exemplo, que aqui apresento, de como fora fácil a catequese dos selvagens do Brasil se houvéssemos insistido na sua doutrinação. Como o fim de abastecer-nos víveres e outras coisas necessárias passei um dia no continente com dois tupiniquins e outro selvagem da nação *Oncanan,*[318] que lhes é aliada, o qual, com sua mulher, viera visitar os seus amigos e voltava para sua terra. Atravessávamos uma grande floresta de árvores variegadas, toda verde de ervas e cheirosa flores, ouvindo o canto de uma infinidade de aves que gorjeavam meio da mata banhada de sol. De coração alegre, senti-me levado a louvar por Deus por todas essas coisas e comecei a cantar em voz alta o salmo 104: "Exulta, exulta, minha alma etc.".

Os três selvagens e a mulher, que vinham atrás de mim, tiveram tamanho prazer na música de minhas palavras, pois sentido não entendiam, que ao terminar eu o cântico, o *Oncanen* todo comovido e embevecido exclamou: "Na verdade cantaste maravilhosamente bem e fiquei muito contente em ouvir o teu canto que me recorda o de uma nação aliada, nossa vizinha. Mas nós não entendemos a tua língua, por isso explica-nos o teu canto".

Como eu era o único francês ali presente e só ia encontrar intérpretes no lugar onde pretendíamos dormir, expliquei como pude que não só havia louvado a Deus em geral, pela beleza e governo de suas criaturas, mas ainda o havia particularmente aplaudido como

---

[318] Cardim (op. cit. 205) faz referências a uns índios chamados *Nonhã* ou ,*Nhonhã,* os quais, diz Batista Caetano, não figuram nos relatos dos autores. É possível que haja alguma ligação entre este nome e o

único criador dos homens e de todos os animais, frutos e plantas espalhados pelo mundo inteiro. Expliquei mais que a minha canção fora ditada pelo Espírito desse Deus magnífico, cujo nome eu celebrava; que fora já cantada há cerca de 10.000 luas por um dos nossos grandes profetas o qual a legara posteridade.

Lembro mais uma vez que os selvagens não costumam interromper os discursos de ninguém; por isso me ouviram atentos pelo espaço de meia hora proferindo apenas de quando em quando sua habitual interjeição: *Teh.* E afinal disseram-me: "Como vós os *mairs* sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres miseráveis!" E para agradar-me deram-me um pequeno *aguti,*[319] que traziam, dizendo: "Toma lá, já que cantas tão bem".

Entendi dever contar esse episódio por entender que, por mais bárbaros que sejam com seus inimigos esses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa. E com efeito discorrem melhor do que estes que, no entanto, se reputam inteligentes.

Resta-me agora tocar na questão que poderia ser aqui aventada de saber qual a origem desses, selvagens. É evidente que descendem de um dos três filhos de Noé, mas acho difícil dizer de qual, baseando-me nas Santas Escrituras ou nos doutores profanos. Verdade é que Moisés, fazendo menção dos filhos de Jafé, diz que as ilhas foram habitadas por eles; mas, como é natural, o hebreu se referia às terras da Grécia, Gália, Itália e outras regiões separadas da Judéia pelo mar e consideradas ilhas por ele; não há pois base para que nelas se compreendam a América e adjacências. Dizer que são oriundas de Sem, pai da geração bendita dos Judeus, mais tarde corrompida a ponto de a rejeitar o Criador, não me parece lógico. No que concerne à beatitude eterna em que cremos e na qual esperamos depois de Cristo, são os selvagens um povo maldito e desamparado de Deus, não obstante as noções muito imperfeitas que possuem da vida futura, e embora com respeito à vida terrena não exista, como já demonstrei, povo menos apegado aos bens humanos. Parece-me pois mais provável que descendam de Cam.

---

que vem em Léry grafado *Oncanen* (P. A.).

[319] *Agutí, akutí* ou *kutí,* roedor a que chamamos hoje *cotia. Foi* Thévet *singularités)* quem primeiro descreveu esse animal, chamando-o *agoutin.* Em Hans Staden (op. cit.) vem *acuttia* (P. A.).

Atestam as Santas Escrituras que quando Josué chegou à terra de Canaan e começou a ocupá-la, de acordo com a promessa de Deus e em obediência a uma ordem precisa, os povos da região se acovardam por completo. É verossímil que os avós e antepassados de nossos americanos, expulsos de Canaan pelos filhos de Israel, tivessem embarcado e se deixado levar ao léu até aportar em terras da América. Com efeito, o historiador espanhol da "História Geral das índias", varão mui versado na ciência, é de opinião que os índios do Peru, terra limítrofe do Brasil, são descendentes de Cam e trazem o estigma da maldição de Deus, idéia que já me era familiar dezesseis anos antes de ler a sua obra. Mas como não quero discutir o assunto, deixarei que cada qual tenha a sua crença a esse respeito. Por mim reputo certo descender essa pobre gente da raça maldita de Adão.[320] Mas isso não basta para abalar a minha fé, graças a Deus, firme e segura. E não concluo, com os epicuristas, que não existe Deus, porém, ao contrário, que há grande diferença entre as pessoas iluminadas pelo Espírito Santo e as Santas Escrituras e os indivíduos abandonados à cegueira de seus sentidos. E confio cada vez mais na verdade de Deus.

[320] Erro de impressão. Embora o original de 1878 dê *Adam* não pode deixar de ser *Cham* (T.).

CAPITULO XVII

DO CASAMENTO, POLIGAMIA E GRAUS DE PARENTESCO ENTRE OS SELVAGENS BEM COMO O MODO DE TRATAR OS FILHOS

Devo dizer com relação ao casamento dos nossos americanos que eles observam tão-somente três graus de parentesco; ninguém toma por esposa a própria mãe, a irmã ou filha, mas o tio casa com a sobrinha e em todos os demais graus de parentesco não existe impedimento. A cerimônia matrimonial é a seguinte: quem quer ter mulher, seja viúva ou donzela, indaga de sua vontade e em seguida dirige-se ao pai ou na falta deste, ao parente mais próximo, para pedi-la em casamento. Se lhe respondem afirmativamente leva consigo a noiva como legítima mulher sem que se lavre nenhum contrato. Se porém recebe um não o pretendente desterra-se sem se sentir humilhado.

Note-se que sendo a poligamia permitida podem os homens ter quantas mulheres lhes apraz e quanto maior o número de esposas mais valentes são considerados, o que transforma portanto o vício em virtude.[321] Vi alguns com oito mulheres, cuja enumeração era feita com a intenção de homenageá-los. O que me parece admirável é que havendo sempre uma, entre elas, mais amada do marido, não se revoltem as outras e nem sequer demonstrem ciúmes; vivem em paz, ocupadas no arranjo das casas, em tecer redes, limpar a horta e plantar suas raízes[322]. E deixo aos meus leitores considerarem se, ainda que não fosse proibido por Deus ter mais de uma mulher, se acomodariam as européias com esse regime matrimonial.[323]

---

[321] Segundo Hans Staden (p. 274): "Vi chefes que tinham treze a quatorze. Abati Bossange, meu último senhor possuía inúmeras, mas a que desposara em primeiro lugar conservava sua preeminência". Thévet, *Cosmog.*, p. 933: "Foi o que vi com um chamado Cunhambebe, o qual tinha consigo oito e mais cinco fora da casa. Um outro, por nome Amen-duna, possuía trinta e quatro e cerca de oitenta e seis filhos entre machos e fêmeas". Cf. d'Orbigny, *L'Homme Américain.*

[322] Não é assim que os Mormons atuais entendem a vida em comum. Ver o livro de Miss Stephenson a respeito dos Haréns da Nova Jerusalém.

[323] Thévet *(Cosmog.*, p. 933 e seg.) confirma o fato: "Vivem tranqüilamente juntas, sem se mostrarem ciumentas umas das outras, ajudando-se mutuamente no cuidado de seus maridos e filhos". Cf. Montaigne *(Des cannibales) :* "É coisa admirável em seus casamentos que ao contrário das nossas mulheres, cujo ciúme impede a amizade e a tolerância, as deles, preocupadas principalmente com honras do marido, mostram-se

Melhor seria condenar um homem às galés do que metê-lo no meio de tanta briga e ciumeira; acontecer-lhe-ia sem dúvida o que ocorreu a Jacob por ter tomado por esposas a Lia e Raquel, não obstante serem irmãs. Como poderiam as nossas damas viver unidas se o simples preceito, imposto por Deus à mulher, de ajudar e socorrer ao marido, já as torna o demônio familiar das próprias casas? Minha censura entretanto não visa àquelas que fazem

o contrário e obedecem como de direito aos seus maridos; embora não façam mais do que cumprir o seu dever, eu as julgo tão dignas de louvor quanto as outras merecedoras de vitupérios.

Voltando ao casamento dos nossos americanos, devo dizer que o adultério feminino lhes causa tal horror que o homem enganado pode repudiar a mulher faltosa, despedi-la ignominiosamente ou mesmo matá-la regendo-se pela lei natural.[324] É certo que antes de casá-las os pais não hesitam em prostituí-las com qualquer varão.[325] Antes de nossa chegada ao Brasil os intérpretes normandos abusavam das raparigas em muitas aldeias, mas nem por isso elas ficavam difamadas e quando se casavam procuravam não mais claudicar, de medo de serem mortas ou repudiadas como já disse. Direi mais que apesar do clima da região em que habitam e não obstante serem orientais, nem os mancebos nem as donzelas núbeis da terra se entregam à devassidão como fora de supor; e prouvera a Deus que o mesmo acontecesse por aqui. Todavia para não apresentá-los melhores do que são, direi que quando se disputam se insultam de *tivira,*[326] o que quer dizer sodomita. Isso me leva a crer, embora não possa afirmar, que entre eles existe esse abominável vício.

Mesmo grávida a mulher não deixa de cuidar de seu trabalho cotidiano e apenas evita carregar fardos pesados. Na verdade as mulheres dos nossos tupinambás trabalham muito mais do que os homens, pois estes, à exceção de roçar o mato para as suas culturas, o que

---

solícitas em conseguir para o mesmo o maior número possível de companheiras, como testemunhos de suas virtudes e de seu valor".

[324] Thévet *(Cosmog.,* p. 934) : "Se uma mulher vem a pecar e engravida, a criança ao nascer é enterrada viva e a mãe ou trucidada ou abandonada aos rapazes". Depois de casada não pode a mulher ter relações com outras pessoas e sendo surpreendida em adultério é assassinada sem contemplação pelo marido". Cf. Osório *(De Rebus Emmanuelis,* liv. II, p. 50).

[325] Costume comum entre os povos selvagens. Cf. Thévet *(Cosmog.,* p. 933): O mais incrível é que entre essa gente o pai prostitui a filha aos estrangeiros sem a menor cerimônia e por qualquer ninharia". Cf. Osório *(De Rebus Emmanuelis, I,* p. 50). — Também foi costume na antiguidade camítica. Cf. Heródoto. I, 196-199.

[326] Léry grafa *typire* a expressão *tebíra* ou *tebiró* do tupi costeiro. No guarani dizia-se *tobirón,* de *ebirón,* vil, corrupto, infame, sodomita. À prostituta, mulher devassa, também é aplicável essa denominação (P. A.).

fazem sempre de manhã exclusivamente, nada mais lhes importa a não ser a guerra, a caça e a pesca e a fabricação de tacapes, arcos, flechas e adornos de penas para enfeites.

Quanto ao parto, eis o que presenciei. Pernoitando com outro francês em uma aldeia, certa ocasião, ouvimos, quase à meia-noite, gritos de mulher, e pensamos que estivesse sendo atacada pelo jaguar, essa fera carniceira que já descrevi. Acudimos imediatamente e verificamos que se tratava apenas de uma mulher em horas de parto. O pai recebeu a criança nos braços, depois de cortar com os dentes o cordão umbilical e amarrá-lo. Em seguida, continuando no seu ofício de parteira, esmagou com o polegar o nariz do filho como é de praxe entre os selvagens do país. Note-se que as nossas parteiras, ao contrário, apertam o nariz aos recém-nascidos para dar maior beleza afilando-o. Apenas sai do ventre materno, é o menino bem lavado e pintado de preto e vermelho pelo pai, o qual, sem enfaixá-lo, deita-o em uma rede de algodão. Se é macho dá-lhe logo um pequenino tacape e um arco miúdo com flechas curtas de penas de papagaio; depois de colocar tudo isso junto ao menino, beija-o risonho e diz: "Meu filho, quando cresceres serás destro nas armas, forte, valente e belicoso para te vingares dos teus inimigos".

Quanto ao nome, o pai da criança que eu vi nascer o denominou *Oropacan*, isto é, "arco e corda", pois a palavra se compõe de *oropá* (arco) e *can* (corda). Tal como fazemos com os nossos cachorros e outros animais, dão eles às crianças nomes de coisas ou bichos; assim *Sarigué* quer dizer quadrúpede, *Arínhan*, galinha, *Arabutan*, pau-brasil, *Pindóba*, certa árvore grande etc.[327]

A alimentação da criança consiste em certas farinhas mastigadas e carnes tenras juntamente com o leite materno; a mãe fica de resguardo um dia ou dois; em seguida pendura o filho no pescoço por uma cinta de algodão e vai tratar da horta como costume. Não digo isso com o fito de censurar as nossas mulheres que, por causa dos maus ares do país guardam o leito de quinze dias a três semanas e são tão delicadas que embora nada as impeça de amamentar os filhos, como as mulheres americanas, cometem a desumanidade de entregá-los a pessoas estranhas mandando-os para longe, onde muitas vezes morrem sem que o saibam as mães, as quais só os querem juntos de si quando, já bem grandinhos, podem diverti-las.[328] E se

[327] As mulheres, segundo Hans Staden (p. 272): "Tomam em geral nomes de pássaros, de peixes e de frutos. Dão-lhe apenas um nome ao nascerem, mas a cada vez que os homens sacrificam um prisioneiro as mulheres adotam um nome a mais".

[328] Rousseau talvez tivesse lido Léry quando escreveu o *Emile*. — Comparar o belo trecho de Favorinus

alguma dessas melindrosas julgar que a ofendo comparando-a com as mulheres selvagens cujo trato rural (como poderão alegar) nada tem de semelhante ao seu corpo franzino e delicado, dir-lhe-ei para adoçar o amargor da censura, que todos os animais a começar pelos passarinhos ensinam essa lição e revelam o cuidado que têm em criar seus filhos. E a fim de evitar quaisquer outras objeções possíveis, direi ainda que tais damas não serão mais delicadas de corpo do que outrora certa rainha de França, a qual ao saber que seu filho mamara em outra mulher ficou tão enciumada que só teve sossego depois de fazer a criança vomitar o leite estranho.

Voltando ao assunto, cumpre-me observar que na Europa consideramos, em geral, que se as crianças não forem bem apertadas em sua primeira infância, e bem enfaixadas, terão pernas tortas ou ficarão aleijadas. Isso não se verifica em absoluto com os filhos dos nossos americanos; desde cedo se conservam sem faixas de pé ou deitados e não há por certo crianças mais desempenadas do que essas no andar.

Admitindo, entretanto que em parte isso se deva à temperatura e à benignidade do clima desse país, concordo em que no inverno conservemos os meninos enroupados, bem cobertos e aconchegados em seus berços, pois do contrário não resistiriam ao clima. Mas no verão e nas estações temperadas parece, pela experiência que tenho, que melhor seria deixá-los espernearem à vontade em leitos de que não pudessem sair. Com efeito, creio que muito prejudica a essas pequenas e tenras criaturas ficarem constantemente aquecidas e semi-assadas nesses cueiros servem tanto no inverno como no verão. Todavia a fim de que não se diga que estou a meter-me no que não é da minha conta, deixo aos pais e amas de nossa terra que governem os filhos como bem entendam. Acrescentarei, entretanto que embora as mulheres desse país não tenham fraldas para limpar o traseiro dos filhos e que nem sequer se sirvam de folhas de árvores, que possuem em abundância são tão caprichosas que com pauzinhos em forma de pequenas cavilhas os limpam com muito asseio; e tão bem o fazem que jamais os vereis emporcalhados. Já que estou a discorrer sobre essa matéria suja, direi ainda que os meninos selvagens, depois de crescidos, urinam em geral no meio das casas e se estas não exalam mau cheiro isso se deve ao fato de serem areadas e às fogueiras que acendem por toda parte; quanto aos excrementos, costumam as

---

conservado por Aulu-Gelle, XII, I.

crianças deitá-los longe das casas.

Os selvagens cuidam de todos os filhos, aliás numerosos, embora entre os brasileiros não se encontre nenhum pai com seiscentos como se escreveu de um rei das Molucas, o que reputo realmente prodigioso. Os filhos varões são mais estimados do que as fêmeas por causa da guerra, pois entre os selvagens só os homens combatem e só a eles cabe a vingança contra o inimigo.

Se me perguntarem ainda o que ensinam os selvagens aos filhos, quando grandes, responderei que nos capítulos VIII, XIV e XV e noutros trechos desta narrativa já me referi à índole guerreira dessa gente e a seus costumes em relação aos inimigos. Como é fácil de imaginar, não possuem colégios nem escolas de ciências ou artes liberais; a ocupação ordinária de todos, grandes e pequenos, é a caça e a guerra, no que se mostram verdadeiros sucessores de Lamech, Nemrod e Essaú; mas também se ocupam em matar e comer gente.

Ainda com relação ao casamento dos tupinambás, afirmarei, dentro da possível decência, que, ao contrário do que se imagina, os homens conservam sua honestidade natural e nunca copulam com suas mulheres em público, no que se mostram bem superiores ao filósofo cínico[329] que, apanhado em flagrante, não se envergonhou e disse apenas que estava plantando um homem. Também são incomparavelmente mais infames do que os nossos selvagens esses bodes fedorentos que em nossos dias não se ocultam para praticar as suas obscenidades.

Permanecemos quase um ano nesse país, visitando amiúde os selvagens e suas aldeias, mas nunca percebemos nas mulheres sinais de menstruação. Penso que os afastam ou empregam modos de sangrar diversos das européias, pois vi meninas de a quatorze anos cujas mães ou parentas as punham de pés juntos sobre uma pedra e com um dente afiado de animal lhes faziam incisões no corpo desde o sovaco até as coxas e os joelhos; raparigas, com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo. Creio que procedem deste modo desde o início para que não lhes vejam as impurezas. Se me objetarem os médicos, ou outros mais sábios do que eu em tais matérias, que não podem ser tão prolíficas as mulheres casadas, como disse que eram, já que sem menstruação não é possível conceber nem procriar,

[329] Diógenes Laerce, *Vie de Diogene*.

responderei que não é minha intenção resolver o problema nem discuti-lo. No fim do capítulo VIII refutei o que escreveram alguns acerca da nudez das mulheres selvagens, alegando que desse modo excitam mais os homens à concupiscência do que vestidas; também aí e noutros trechos me referi à alimentação e aos costumes dos meninos americanos; portanto o leitor que desejar maiores informações a esse respeito recorrerá a esse capítulo.

CAPITULO XVIII

O QUE PODEMOS CHAMAR LEIS E POLICIAMENTO ENTRE OS SELVAGENS; MODO POR QUE TRATAM OS VISITANTES AMIGOS; PRANTOS E DISCURSOS FESTIVOS DAS MULHERES POR OCASIÃO DAS BOAS-VINDAS

É coisa quase incrível e de envergonhar os que consideram as leis divinas e humanas como simples meios de satisfazer sua índole corrupta, que os selvagens, guiados apenas pelo seu natural, vivam com tanta paz e sossego. É evidente que me refiro a cada nação de per si ou às que vivem como aliadas, pois aos inimigos já sabemos como tratam.

Se acontece brigarem dois indivíduos (o que é tão raro que durante a minha permanência de quase um ano entre eles só me foi dado presenciar duas vezes) não procuram os outros separá-los ou apaziguá-los; deixam-nos até furarem os olhos mutuamente sem dar palavra. Entretanto se um deles é ferido prendem o ofensor, que recebe dos parentes próximos do ofendido ofensa igual e no mesmo lugar do corpo; e ocorrendo morrer a vítima, os parentes do defunto tiram a vida ao assassino. Em resumo, é vida por vida, olho por olho, dente por dente etc.[330] É verdade que isso sucede muito raramente entre os selvagens, como já ficou dito.

Consistem os imóveis deste povo em choças e terras excelentes muito mais amplas do que as necessárias à sua subsistência. Em algumas aldeias moram, na mesma casa, de quinhentas a seiscentas pessoas e não raro mais; em verdade cada família, composta de marido, mulher e filhos, ocupa lugar especial, embora as casas, que têm em geral mais de sessenta passos de comprimento, não possuam tabiques de separação que impeçam verem-

[330] Hans Staden (p. 260): "'Quando um índio é morto por outro, os parentes da vítima se apressam em vingá-la. Entre os índios parece ter sido, em geral, o objeto da lei não propriamente punir o criminoso mas atenuar a vingança dos parentes da vítima; os crimes só são punidos se prejudicam os interesses diretos da tribo". — Ver Lubbock, *Orígenes de Ia Civilisatian,* p. 459. — Ver também curioso trecho de N. Perrot (p. 73) acerca da Justiça entre os selvagens. — Gandavo *(Santa Cruz,* p. 112): ... quando tal caso acontece de um matar a outro, os mesmos parentes do matador fazem justiça dele e logo à vista de todos o afogam". *** A citação traduzida de Gandavo vem errada e foi aqui corrigida. O texto francês diz "lês parents du Mort"; ora Gandavo fala em "parentes do matador" o que, afinal, não deixa de ser estranho (T.).

se uns aos outros. A propósito cabe dizer (coisa estranha nesse povo) que os brasileiros não se demoram em geral mais de cinco a seis meses no mesmo lugar. Carregam grossos pedaços de madeira e grandes palmas de pindoba para a construção e cobertura de suas casas e mudam as aldeias sem lhes mudarem os nomes o que faz que às vezes os encontramos a um quarto de légua ou mesmo meia légua de distância do lugar em que antes habitavam.[331] Como seus tabernáculos são de fácil transporte, não precisam naturalmente de palácios altaneiros, como dizem que os têm os índios do Peru, bem edificados com salas de cento e cinqüenta passos de comprimento e oitenta de largura. E não há tupinambá que comece um edifício que não possa terminar, fazer e refazer vinte vezes na vida se por-ventura chegar à idade viril. E se lhes perguntarmos por que mudam tão freqüentemente, respondem apenas que passam melhor trocando de ares e que se fizessem o contrário de seus avós morriam depressa.

No que diz respeito à propriedade das terras e campos, cada chefe de família escolhe em verdade algumas jeiras onde lhe apraz, a fim de fazer suas roças e plantar mandioca e outras raízes, mas quanto a heranças e pleitos divisórios deixam aos herdeiros avarentos e demandistas cá da Europa tais cuidados.

Já em vários lugares desta narrativa afirmei que poucos são os seus trastes, mas, para não deixar de mencionar tudo que sei a respeito da economia de nossos selvagens, quero descrever aqui o método observado pelas mulheres na fiação do algodão. Igualmente direi como com ele fazem cordões e sobretudo redes. Depois de tirar o algodão dos capulhos, estendem-no com os dedos sem o cardar e o amontoam no chão ou sobre qualquer objeto; como não usam rocas semelhantes às européias prendem os fios à parte mais comprida de um pau redondo (fuso) da grossura de um dedo e de um pé de comprimento mais ou menos com uma espécie de pino de madeira da mesma grossura colocado de través; rolam depois esse pau sobre as coxas e torcem, soltando-o da mão como fazem as fiandeiras com as maçarocas, e o volteiam no meio da casa ou em qualquer outro lugar, obtendo desse modo não só fios grosseiros para redes mas também delgadíssimos e bem trabalhados. Trouxe eu para a França certa porção desse fio, de tão boa qualidade que a todos parecia de seda o gibão branco que mandei fazer com ele. Para a fabricação das redes, a que os selvagens

[331] Hans Staden (p. 236): "Tudo consumido transportam sua habitação para outro lugar, sob a chefia de um cacique que tem, em geral, a seu mando de trinta a quarenta famílias".

chamam *inis*[332], usam as mulheres teares de madeira, que não são horizontais nem tão complicados quanto os dos nossos tecelões, mas perpendiculares e da altura delas; depois de as unirem a seu modo tecem as redes a começar pela parte inferior do tear. Certas redes são feitas à maneira de rendas ou de redes de pescar, outras têm as malhas serradas como o brim grosso. Tem elas em geral quatro, cinco ou seis pés de comprimento por uma braça mais ou menos de largura; trazem nas pontas argolas por onde passam as cordas com que os selvagens as amarram a dois postes fronteiros, expressamente fincados no chão para esse fim. E carregam os selvagens consigo essas redes tanto nas guerras como nas caçadas ou pescarias à beira-mar ou nos rios, suspendendo-as aos troncos das árvores para dormirem. Quando sujas pela fumaça dos fogos que acendem dentro de suas casas, ou por qualquer outro motivo, colhem as mulheres americanas certo fruto silvestre semelhante a uma abóbora, porém muito mais volumoso; cortam-no em pedaços, esmagam-no dentro dágua em qualquer vasilha de barro e batem-no com pauzinhos; assim se forma grande quantidade de espuma que lhe serve de sabão e que deixa as redes alvas como neve. Que tais redes são cômodas o dirão todos os que as experimentaram, principalmente no verão. E não foi sem razão que na minha história de Sancerre eu as preconizei para os soldados de guarda, porque são muito melhores do que os enxergões nos quais sujam a roupa, se enchem de piolhos e de onde se erguem com as costelas magoadas pelas armas que trazem sempre à cinta. Com efeito, adotamos esse tipo de redes em Sancerre, fazendo-as com os nossos lençóis, durante todo o cerco que durou quase um ano.[333] Vejamos entretanto os demais trastes dos nossos americanos. As mulheres, a quem cabe todo o trabalho doméstico, fabricam muitos potes e vasilhas de barro para guardar o cauim; fazem ainda panelas redondas ovais, frigideiras e pratos de diversos tamanhos e ainda certa espécie de vaso de barro que não é muito liso por fora mas tão completamente polido por dentro e tão bem vidrado que não fazem melhor os nossos oleiros. Para esse serviço usam um certo licor branco que logo endurece. Preparam também tintas pardacentas com as quais pintam a pincel pequenos enfeites, como ramagens, lavores eróticos etc., principalmente nas vasilhas

[332] *Iní*, ou *inín*, é a rede de dormir, o lugar de se estar pousado. A rede de pescar chama-se *pysá* ou *pusá* (P.A.).

[333] Léry (*Histoire de Sancerre*, § VII): "Nessa época, logo que começou a troar o canhão, fazendo-se necessário que todos ficassem de atalaia, lembrei-me de fazer um leito à moda dos índios americanos, pendurando um lençol amarrado em ambas as extremidades. Nele dormi dez meses, o que aliás foi logo imitado pelos soldados"...

de barro em que se guarda a farinha; são assim os mantimentos servidos com muito asseio e mais decentemente do que se faz entre nós com vasilhas de madeira. Infelizmente, como seguem a fantasia do momento, nunca se encontram duas pinturas iguais pois os pintores não usam modelo e apenas utilizam a sua própria imaginação.

Os selvagens usam também cabaças e outros frutos grandes e ocos para fazer taças a que chamam de *cui*[334], bem como outros pequenos vasos para diversos fins que já mencionei atrás; possuem ainda cestas grandes e pequenas, tecidas com muita delicadeza, de junco ou outros caniços, ou ainda de vime ou palha de milho.[335] A estas cestas chamam *panacú* e nelas guardam a farinha e outros mantimentos.

Não menciono aqui as armas nem seus ornatos de plumas e seus maracás porque já os descrevi em outro lugar. Vejamos agora, após as casas e a mobília, como vivem os selvagens dentro delas.

Os nossos tupinambás recebem com muita cordialidade os estrangeiros que os vão visitar; como estes porém não lhes entendem a língua ficam a princípio meio esquerdos entre eles. Visitei esses selvagens pela primeira vez três semanas depois de nossa chegada à ilha de Villegagnon e fui em companhia de um intérprete a três ou quatro aldeias do Continente. Visitamos em primeiro lugar a aldeia de *Jaburací* chamada pelos franceses *Pépin* por causa de um navio que ali carregara outrora e cujo mestre tinha esse nome. Essa aldeia distava apenas duas léguas de nossa fortaleza e quando ali entrei vi-me logo rodeado por inúmeros selvagens que me perguntavam: — *Marapê-dererê, marapê-dererê,* isto é, "como te chamas?" Mas eu entendia isso como entendo grego e fiquei na mesma. Um deles tomou então o meu chapéu e o pôs na cabeça; outro pegou na minha espada e cinto e os cingiu; outro tirou-me o casaco e o vestiu; e todos me aturdiam com seus gritos enquanto corriam pela aldeia com os meus trajes e no meio dessa confusão eu já nem sabia onde me encontrava. Meu enleio provinha, entretanto de ignorar que assim fazem com todos os estrangeiros, o que pude verificar posteriormente, sobretudo com aqueles a que nunca

---

[334] *Cúi*, ou *kúi*, é o vaso de beber, a vasilha, a cuia, feita de meio fruto da cuieira *(Crescentíae cujete*, Linn.) (P.A.).

[335] O autor escreve de *trigo* (*froment*). Ou há engano, o que é provável e se trata de milho, ou existiam realmente plantações desse cereal, o que esclareceria seriamente o problema do trigo colonial. A hipótese do *lapsus linguae* me parece entretanto mais certa. Observe-se que não se refere Léry ao "blé de Turquie" ou "blé mauresque" ou ainda "blé sarrasin", diversas denominações usadas no francês dessa época para o milho, mas diz *froment,* que quer dizer trigo e da melhor qualidade (T.).

viram. Mas depois de se divertirem bastante com os objetos alheios eles os restituem a seus donos.

O intérprete me avisara de que os selvagens iriam principalmente querer saber o meu nome. Dizer-lhes que me chamava Pedro, Guilherme ou João parecia-me inútil pois não conseguiriam reter o nome na memória nem pronunciá-lo corretamente; e assim de fato ocorreu quando trocaram o *Jean* por Man.[336] Fazia-se necessário portanto dar um nome que eles conhecessem e como *Léry* em sua língua quer dizer ostra, disse chamar-me *Léryy-assú,* isto é, ostra grande. Mostraram-se os selvagens muito satisfeitos, rindo-se entre exclamações e dizendo: Em verdade eis um bonito nome e ainda não vimos nenhum *mair* com nome igual. Posso garantir que nunca Circe metamorfoseou em homem tão linda ostra e que Ulisses não discreteou com ela mais sutilmente do que eu fiz com os selvagens desde então. E note-se que os selvagens têm tão boa memória que nunca mais esquecem o nome dado nem que fiquem cem anos sem rever a pessoa.

Mais adiante descreverei as cerimônias observadas na recepção dos amigos, mas por ora prosseguirei na narrativa dessa minha primeira visita aos tupinambás. Nesse mesmo dia eu e o intérprete tocamos para diante e fomos dormir na segunda aldeia chamada *Eyramiri* e que os nossos denominam *Goset* por causa do trugimão aí residente. Ao chegarmos, pouco antes do pôr do sol, encontramos os selvagens dançando e bebendo *cauim* em homenagem a um prisioneiro morto seis horas antes e cujos restos ainda pudemos ver no moquém. Naturalmente fiquei estarrecido diante de semelhante tragédia, mas não foi nada em comparação com o medo por que logo depois passei. Entramos numa casa da aldeia onde, de acordo com o costume da terra nos sentamos cada qual em sua.rede. Logo depois puseram-se as mulheres a carpir enquanto o dono da casa nos dava as boas-vindas. Entrementes o intérprete a quem tais costumes não eram estranhos e que apreciava *cauinar* com os selvagens retirou-se para o grupo dos dançarinos e me deixou em companhia de algumas pessoas sem nenhuma instrução especial. Como eu estava cansado, depois de ter comido alguma farinha de raízes e outros mantimentos, inclinei-me e deitei na rede em que estava sentado. Com a bulha que faziam os selvagens dançando e assobiando e festejando

---

[336] É da índole da língua tupi-guarani a permuta do *j* ou i por *n* ou *ñ* ante som nasal (P.A.).

a matança do prisioneiro não me foi possível dormir; eis que de repente um dos convivas traz-me na mão um pé assado e moqueado da vítima e se aproxima de mim perguntando se desejava comer, o que vim a saber depois pois naquela época não o entendera. Isso causou-me tal pavor que parece desnecessário dizer que perdi toda a vontade de dormir. Pensei com efeito que a apresentação da carne humana pelo selvagem significava uma ameaça e que se pretendia com isso dar-me a entender que muito breve seria eu também preparado para o festim; e como uma suspeita acarreta outra, imaginei que o intérprete me traíra deliberadamente entregando-me a esses bárbaros. Assim, se alguma abertura houvesse por onde eu pudesse fugir, teria escapulido. Vendo-me, porém, cercado de todos os lados por

indivíduos cujas intenções eu ignorava (embora não me quisessem mal algum) acreditava que seria realmente comido e por isso orei a noite inteira com todo o fervor do coração. Coloque-se o leitor em meu lugar e avaliará sem dificuldades tudo o que padeci nessa noite.

Ao amanhecer, o trugimão que passara a noite na patuscada com os selvagens, veio ter comigo e vendo-me tão pálido e desfigurado e mesmo febril perguntou se me achava incomodado e se não descansara bem; respondi encolerizado que não pregara o olho e que ele era um homem mau pois me deixara no meio de gente que eu não entendia; e ainda muito assustado pedi-lhe para sairmos dali sem demora. Disse-me então o intérprete que não tivesse medo pois os selvagens nada tinham contra nós, e contou-lhes o que me passara pela cabeça. E os índios que, satisfeitos com a minha vinda e querendo agradar-me não haviam arredado o pé, declararam que não haviam percebido o meu medo mas lastimavam o que me sucedera. E como são galhofeiros, desataram a rir de minhas atribulações.

Dali seguimos para outra aldeia, mas deixarei de referir o que nos aconteceu por considerar suficiente o exemplo dado.

São as seguintes as cerimônias que os tupinambás observam ao receber seus amigos. Apenas chega o viajante à casa do *mussucá* a quem escolheu para hospedeiro senta-se numa rede e permanece algum tempo sem dizer palavra. É costume escolher o visitante um amigo em cada aldeia e para a sua casa deve dirigir-se sob pena de descontentá-lo. Em seguida reúnem-se as mulheres em torno da rede e acocoradas no chão põem as mãos nos olhos e pranteiam as boas-vindas ao hóspede dizendo mil coisas em seu louvor como por exemplo: "Tiveste tanto trabalho em vir ver-nos. És bom. És valente". — Se o estrangeiro é francês

ou europeu acrescentam: — "Trouxestes coisas muito bonitas que não temos em nossa terra". Para responder deve o recém-chegado mostrar-se choroso também; se não quer fazê-lo de verdade deve pelo menos fingi-lo com profundos suspiros como me foi dado observar de alguns de nossa nação que com muito jeito imitavam a lamúria dessas mulheres.

Terminada a primeira saudação festiva das mulheres americanas o *mussucá,* que durante todo esse tempo permaneceu sossegado num canto da casa a fazer flechas, dirá sem parecer avistar-nos (costume bem diverso dos nossos, cheios de mesuras, abraços, beijos e apertos de mão): — *Erêjubê*[337] isto é, "vieste, como estás, que desejas etc.". A isto se responderá de acordo com o colóquio formulado em língua brasílica e que se encontra no capítulo XX.

Depois disso o *mussucá* perguntará se queremos comer. Se respondermos afirmativamente, mandará depressa aprontar e trazer numa bonita vasilha de barro um pouco de farinha que comem, veações, aves, peixes, e outros manjares; como, porém os selvagens não têm mesas nem bancos nem cadeiras, servem-no no chão raso. Quanto à bebida, dão-nos *cauim* que costumam ter preparado.

Em seguida voltam as mulheres com frutos e objetos da terra, a fim de trocá-los por espelhos, pentes ou miçangas para enfeites de braços. Quando alguém quer dormir na aldeia onde se encontra, o velho manda armar uma bonita rede branca, e, embora não faça frio nessa terra, manda acender três ou quatro fogueiras em torno da rede, já por causa da umidade, já por ser e tradição. As fogueiras são avivadas durante a noite repetias vezes com pequenos abanos chamados *tatapecuá,* parecidos com os leques de nossas mulheres.

Já me referi ao fogo, a que os selvagens chamam *tatá,* à fumaça denominada *tataim;* cabe-me agora dizer que o acendem quando lhes apraz de uma maneira maravilhosa e desconhecida de nós e não menos incrível do que a famosa pedra de Escócia que, segundo o testemunho do autor das singularidades a América têm a propriedade de inflamar a estopa ou a palha elo simples contato.

São os selvagens muito amigos do fogo e não pousam em nenhum lugar sem acendê-lo, principalmente à noite, pois temem então ser surpreendidos por *Aygnan,* o espírito maligno, que, como já disse, amiúde os espanca e atormenta. Em suas caçadas no mato ou em suas

[337] Léry troca quase sempre o *p* por b; a interrogativa é *erejúpe?,* viste?

pescarias nos lagos e rios, para qualquer lado que se dirijam, ignorando o uso da pedra e do fuzil, carregam por toda parte duas espécies de madeira, uma tão dura como aquela de que os nossos cozinheiros fabricam espetos e outra tão mole que parece podre. Quando querem fazer fogo pegam de um pau em forma de fuso, preparado com a madeira dura e mais ou menos de um pé de comprimento, e colocam com a ponta no centro de outra peça feita com a madeira mole. Esta peça é deitada no chão ou posta sobre um tronco mais ou menos grosso; em seguida rodam com rapidez o pau pontudo entre as palmas das mãos como se quisessem furar a peça inferior. O rápido e violento movimento imprimido ao fuso desenvolve tal calor que em se colocando ao lado algodão ou folhas secas de árvores, o fogo pega perfeitamente; e asseguro aos leitores que eu mesmo acendi fogo desse modo. Não irei, entretanto, até dizer, como alguém o fez em seus escritos, que antes de saberem acender o fogo dessa maneira, já os selvagens da América secavam suas carnes no fumeiro. Como acredito no provérbio de que não há fogo sem fumaça considero mau naturalista quem procure nos fazer crer que exista fumaça sem fogo. Creio tratar-se na verdade de fumaça pois só com esta se curam, e caso quisesse o autor referir-se aos vapores e exalações concordaria em que de fato existem, e muito quentes; mas não secariam a carne ou o peixe; ao contrário, os umedeceriam ainda mais. Donde concluo que esse indivíduo está a zombar da gente[338] e para que não se queixe o autor da *Cosmografia*,, como o faz repetidas vezes, de que não concordamos com a sua exposição por não lermos atentamente os seus escritos, rogo aos leitores que atentem para o trecho referido em que revela a existência dessa fumaça quente e ridícula que na verdade lhe enche o cérebro vazio.

Voltemos, porém aos nossos selvagens. Depois de comer, beber e repousar ou dormir em suas casas, o hóspede bem intencionado deve dar aos homens facas ou tesouras ou pinças de arrancar barba. Às mulheres dará pentes e espelhos, e aos meninos anzóis. E se desejar negociar víveres ou outros objetos perguntará quanto querem por eles e, entregue o valor convencionado, poderá levar a mercadoria.

Não havendo cavalos nem asnos ou outros animais de carga nesse país, o transporte se faz em geral a pé e se o viajante se sente cansado basta acenar com uma faca para que os selvagens se ofereçam como carregadores. Quando eu viajava na América havia selvagens que chegavam a nos carregar aos ombros a cavalo e nos transportar assim mais de uma

[338] Alusão a um trecho de Thévet, *Singularités*, § LIII.

légua sem descansar. E se, apiedados, os convidávamos para um repouso caçoavam de nós dizendo: — "Julgais então que somos mulheres ou tão covardes e fracos que não possamos agüentar o vosso peso?" Um deles que me trazia certa vez ao pescoço disse-me: "Eu vos carregaria um dia inteiro sem parar". Por isso montando essas cavalgaduras de dois pés nós as estimulávamos dizendo: "Vamos, vamos", e ríamos vendo-os fazer das tripas coração como diz o ditado.

Mostram os selvagens sua caridade natural presenteando-se diariamente uns aos outros com veações, peixes, frutas e outros bens do país; e prezam de tal forma essa virtude que morreriam de vergonha se vissem o vizinho sofrer falta do que possuem; e com a mesma liberalidade tratam os seus aliados.

Certa ocasião em que eu e dois franceses pensamos ser devorados por um enorme e medonho lagarto (ver capítulo X), andamos perdidos por espaço de dois dias e duas noites e sofre-nos muita fome indo ter finalmente a uma aldeia chamada *Panô,* onde outrora havíamos estado e onde fomos recebidos pelos selvagens com grande carinho. Ouviram-nos com toda a atenção contarmos as nossas aventuras e o perigo por que havíamos passado não só de ser devorados pelos animais ferozes mas ainda agarrados e comidos pelos margaiá de cujas terras, em querer, nos havíamos bastante aproximado. Vendo-nos horrivelmente arranhados de espinhos demonstraram-nos grande compaixão, bem diferentes entre esses pretensos bárbaros a piedade formalística usada entre nós pelos que, para consolação dos aflitos, têm apenas palavras vãs. Trouxeram-nos água fresca e começaram (o que nos lembrou os costumes dos antigos) por lavar-nos os pés e as pernas. Mandaram-nos trazer comida determinaram às mulheres que me fizessem um bolo de farinha mole que eu gostava de comer porque se assemelhava ao miolo e pão branco quente. Serviram-nos então boa carne de caça e de pesca e saborosas frutas que possuem sempre em abundância.

À tardinha nosso velho hospedeiro mandou que se afastassem de nós os meninos a fim de que repousássemos à vontade. E no dia seguinte pela manhã disse-nos: "Então, *Antonô assat",* quer dizer, bons aliados "dormistes bem esta noite?" E ante a nossa resposta afirmativa acrescentou: "Descansai inda, meus filhos, pois bem vi ontem à tarde que estáveis exaustos".

É difícil contar tudo o que fizeram esses selvagens para nos servir; pode-se dizer, em suma, que fizeram então o que São Lucas, nos atos dos Apóstolos, diz terem os bárbaros da Ilha de Malta feito com São Paulo e seus companheiros escapos do naufrágio.

Como andávamos sempre com um saco de couro cheio de mercadorias que nos serviam de moeda, ao deixarmos a aldeia demos-lhes facas, tesouras e pinças e às mulheres presenteamos com pentes, braceletes e miçangas e aos meninos com anzóis. Para mostrar o caso que fazem dessas coisas, direi que estando certa vez numa aldeia, o meu *mussacá* pediu-me que lhe mostrasse o que tinha do *carameno,* isto é, saco de couro. Despejei tudo numa bonita vasilha de barro que ele mandara trazer. O velho admirou a mercadoria longamente e depois chamou outros selvagens e lhes disse: "Considerai, meus amigos, o personagem que tenho em minha casa; com tantas riquezas não lhes parece um grande senhor?" Não pude deixar de sorrir para um companheiro que estava a meu lado, pois tudo isso que o selvagem tanto apreciava se resumia em cinco ou seis facas encabadas de diversas formas, outros tantos pentes, dois ou três espelhos grandes e mais algumas miudezas que em Paris não valeriam grande coisa. Como eles prezam sobretudo às pessoas liberais e como eu desejava crescer ainda na sua admiração, dei-lhe publicamente a maior e a mais bonita das facas; e ele apreciou tanto o presente quanto em França seria apreciado um trancelim de ouro de cem escudos. Quanto à segurança dos hóspedes entre os selvagens da América, devo dizer que é absoluta; assim como odeiam os inimigos e os matam e comem quando podem, amam os amigos e aliados e não hesitam em morrer para defendê-los.[339] Éramos amigos e aliados dos tupinambás e gozávamos, portanto de plena segurança entre eles. Fiava-me neles e me considerava mais seguro no meio desse povo, a que apelidamos selvagem, do que em França entre muitos franceses desleais e degenerados. Entretanto como quero contar aqui, imparcialmente, o pró e o contra, direi ainda um caso que me ocorreu certa vez. Achando-nos, seis franceses, na linda aldeia de *Ocarantin,* distante como já disse dez ou doze léguas do nosso fortim, aí resolvemos dormir. Separamo-nos em dois grupos de três para adquirir galinhas da índia e outras coisas necessárias à nossa ceia. E andava eu mais ou menos extraviado à procura das aves quando apareceu um desses rapazes franceses que havíamos trazido no navio *Rosée* para aprender a

[339] Thévet (Cosmog., p. 92). Refere-se com admiração à extrema lealdade dos tupinambás. "Confio mais neles do que nos turcos, mouros e árabes; como estes, não vos farão nenhum mal e se nos prometerem guiar-vos o farão ainda que à custa de seu próprio sangue".

língua. Esse, que habitava essa aldeia, disse-me: "Aí está um bonito pato da Índia, matai-o e ficareis quites com o dono pagando-o". Não tive dúvida em seguir o conselho, pois muitas vezes matara galinhas em outras aldeias, e os selvagens não se zangavam, aceitando em paga algumas facas. Apanhei depois o pato morto e fui ter a umia casa onde se achavam reunidos quase todos os selvagens do lugar, para *cauinar*. Indaguei então do dono do pato e apareceu um velho de má catadura que me disse:

— É meu.

— Quanto queres por ele?

— Uma faca.

Apresentei-lhe uma faca, mas ao vê-la o velho disse:

— Quero outra mais bonita.

Apresentei-lhe outra, mas ele declarou que não a queria tampouco.

— Uma foice.

Além de ser um preço excessivo, acontecia não ter eu uma foice, por isso disse-lhe que se contentasse com a segunda faca pois outra coisa não lhe daria. Mas o intérprete que melhor o conhecia, embora também se enganasse nessa ocasião, disse-me que o indígena estava muito irritado e que convinha arranjar uma foice de qualquer maneira. Pedi então ao rapaz uma foice emprestada e a ofereci ao selvagem; mas este, com grande surpresa minha, a recusou também.

— Que queres pois de mim ? perguntei-lhe pela terceira vez com certo enfado.

— Matar-te, replicou furioso, matar-te como mataste o meu pato, pois o pato foi de meu irmão falecido e eu o estimava acima de tudo.

E meu estúpido interlocutor foi buscar um tacape e ficou a volteá-lo sobre mim, ameaçando-me matar. Fiquei assombrado; mas como entre eles ninguém deve se mostrar intimidado dispunha-me a reagir. Entrementes, o intérprete que se achava sentado numa rede entre mim e o selvagem aconselhou-me: — "Dizei-lhe, de espada em punho e mostrando-lhe vosso arco e vossas flechas, que terá de lutar convosco, pois sois forte e

valente e não vos deixareis matar tão facilmente assim".

Fazendo das tripas coração resolvi enfrentá-lo. Depois de roçar com ele muitas palavras duras sem que os outros selvagens tentassem acomodar-nos, o meu agressor, ébrio de *cauim,* foi dormir e curtir a bebedeira. E eu e o intérprete fomos cear e comer o pato com os nossos companheiros que nos esperavam do outro lado da aldeia ignorantes do incidente.

Bem sabiam os tupinambás, já inimigos dos portugueses, que se matassem um francês, guerra terrível lhes seria declarada ficariam privados para sempre de mercadorias. Tudo o que fizera o meu contendor não passara portanto de mero gracejo. Com efeito, ao despertar, quase três horas depois, mandou-me ele dizer por outro selvagem que eu era seu filho e o que fizera comigo fora para experimentar-me, para verificar o meu valor saber se eu combateria com denodo contra os portugueses e os maracajás. Quanto a mim, para que tais fatos não se repetissem, nem mesmo com outro qualquer dos nossos patrícios, respondi-lhe significando não serem agradáveis tais brinquedos; disse-lhe que não queria por pai quem me experimentava de tacape na mão e no dia seguinte entrando na casa em que ele se encontrava, a fim de acentuar a minha repulsa, dei facas e anzóis a todos menos a ele. De ambos os exemplos apresentados podemos concluir que os selvagens são sempre leais para com os amigos. E direi ainda que principalmente os velhos, a quem outrora faltavam machados, foices e facas, e que agora possuem esses instrumentos preciosos para as suas indústrias, tratam muito bem os franceses que os visitam e na previsão do futuro exortam os moços a que façam o mesmo.

CAPITULO XIX

DE COMO TRATAM OS SELVAGENS OS SEUS DOENTES, DOS FUNERAIS E SEPULTURAS E DO MODO DE CHORAR OS SEUS DEFUNTOS

Terminando minhas observações acerca dos selvagens da América, direi como tratam os seus doentes e os assistem em seus últimos momentos ao aproximar-se a morte natural.

Se acontece cair doente algum deles, logo mostra a um amigo a parte do corpo em que sente mal e esta é imediatamente chupada pelo companheiro ou por algum *pagé,*[340] embusteiro de gênero diverso dos *caraíbas* a que me referi no capítulo em que tratei de sua religião e que corresponde aos nossos barbeiros ou médicos. E tais *pagés* lhes fazem crer não somente que os curam, mas ainda que lhes prolongam a vida.

Além das febres e doenças comuns, às quais, em razão do clima saudável estão menos sujeitos do que nós, sofrem os nossos americanos de uma moléstia incurável denominada *pian*[341] e que tem por causa a luxúria, embora tenha visto meninos tão atacados dessa doença, que se pareciam com variolosos. Transformando-se o mal em pústulas mais grossas do que o polegar, que se espalham por todo o corpo, os indivíduos que o contraem ficam recobertos de marcas que se conservam durante a vida toda, tal como entre nós ocorre aos engalicados[342] e cancerosos que se contagiaram na torpeza e na impudicícia. Com efeito, vi nesse país um intérprete natural de Ruão que, tendo chafurdado na obscenidade com as raparigas da terra, recebeu tão amplo e merecido salário que tinha o corpo coberto de *pians*

---

[340] *Pagê* ou *pajé,* de *opajé,* tudo diz ou de *pajé,* diz o fim. Ê o feiticeiro, o oráculo, o médico, o profeta (P. A.).

[341] Dissertação de Thévet *(Cosmog.,* p. 934) acerca da origem da sífilis e dos diferentes remédios empregados em sua cura. Cf. Yves d'Evreux, *Voyage dans le Nord Au Brasil,* p. 119-121. _ Thévet, *Singularités,* § XLV. — Inúmeras observações no tomo 33. p. 129-156, da coleção Leber.

[342] [Sifilítico]

e o rosto desfigurado a ponto de parecer com um desses leprosos em quem as cicatrizes se tornam indeléveis. É essa a moléstia mais perigosa do Brasil.

Os americanos têm por hábito, após a sucção da parte doente o corpo, nada dar aos doentes acamados a menos que o peçam.[343] 3 se o não fazem ficam às vezes um mês inteiro sem comer e, por mais grave que seja a doença, nada impede os que estão com saúde de dançarem, cantarem, beberem e se divertirem com grande bulha em torno da vítima, a qual, consciente de que de nada adiantaria lastimar-se, se conforma em ouvir a algazarra silenciosamente. Todavia se ocorre morrer o doente, principalmente em se tratando de um bom chefe de família, converte-se cantoria em súbito pranto e tal barulho fazem que se nos encontrarmos em uma aldeia onde tenha morrido alguém não nos será possível fechar os olhos para dormir.[344] As mulheres, sobretudo, se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem.

Berram umas, arrastando a voz: "Morreu quem era tão valente e tantos prisioneiros nos dava a devorar!"

E outras replicam no mesmo tom: "Era bom caçador e excelente pescador".

E outras acrescentam: "Que bravo matador de *pêros* e *margaiá* era ele, e como nos vingava". E assim, excitando-se mutuamente e se abraçando, não cessam a ladainha de seus louvores enquanto o cadáver estiver presente e dizem por miúdo, tudo o que em vida o defunto praticou.

Dizem que as mulheres de Béarn[345] fazendo do vício virtude, assim cantam no pranto erguido em presença de seus maridos defuntos: *La mi amon, Ia mi amon, cara rident, oeil de splendon; cama leugé,, bel dansadou; lo me balen, Io m'es burbat; mati depes; fort tard au lheit,* o que quer dizer: meu amor, meu amor, cara risonha, olhos brilhantes, perna

[343] Thévet (Cosmog., p. 935): "Essa gente estranha ao ver um doente atormentado pela febre ou pela dor, nunca lhe dará nenhum alimento enquanto não for solicitada."

[344] Thévet *(Cosmog.*, p. 926): "É horrível ouvi-los se lamentarem; e a desarmonia lembra a algazarra dos gatos e cães em luta. Homens e mulheres se mantêm em suas redes ou acocorados... e as mulheres cantam com longos silêncios de entremeio as seguintes palavras: *Cheremi mota ronere imen.* Suspiram então profundamente: *eh hé, eh hé* etc.". Tal costume era muito comum na antiguidade. Ver Píndaro. Cf. os miriólogos da Grécia moderna e os voceros da Córsega.

[345] Esse costume existe ainda na Córsega e na Grécia moderna. As mulheres corsas encarregadas de carpir o defunto chamam-se *vocera trices*. Quanto aos miriólogos gregos, lembram os trenos [do gr. thrênos, 'lamento', pelo lat. threnu.canto plangente; elegia] da antiguidade.

ligeira, bom dançarino, homem valente, madrugador; cedo de pé, tarde na cama. E afirmam que as mulheres da Gasconha acrescentam: *Vere, vere, ô le bet renegadon, ô le bet jougadom qu'here*, ou seja: Ai de mim, ai de mim, que lindo renegado, que belo jogador era ele. Assim fazem as nossas americanas repetindo a cada estância o estribilho: "Morreu, morreu, aquele que agora carpimos". E os homens a isso respondem dizendo: "Em verdade não o veremos mais, a não ser quando formos para além das montanhas, onde como nos ensinam os nossos Caraíbas, dançaremos com eles".

Tal cerimônia dura em geral apenas meio dia, pois não conservam mais tempo os cadáveres insepultos.[346]

Depois de aberta a cova, não comprida como as nossas, mas redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo e amarram os braços em torno das pernas, enterrando-o quase de pé. Se o finado é pessoa de destaque sepultam-no na própria casa, envolvido em sua rede, juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal. É verdade que também os antigos se comportavam do mesmo modo e José[347] nos diz que muitas coisas foram depositadas no túmulo de David; por outro lado vários historiadores profanos se referem a preciosas jóias que eram enterradas com os seus donos e apodreciam com o cadáver. Sem ir tão longe, direi que os índios do Peru terra contígua à dos brasileiros, enterram com seus reis e caciques grande quantidade de ouro e pedras preciosas. Muitos entre os prisioneiros espanhóis que estiveram nesse país ficaram riquíssimos violando os túmulos e roubando o que podiam encontrar. E a esses avarentos bem se poderia aplicar o dístico que, segundo Plutarco a rainha Semíramis mandara gravar na sua sepultura: "Quem quer que seja o rei ansioso por dinheiro, abrindo este meu túmulo tire quanto quiser". Aberto o sepulcro, porém, em vez de ouro se encontrava outra inscrição: "Se não fosses um miserável faminto de ouro, jamais terias violado cadáveres em busca de tesouros".

Voltando aos nossos tupinambás, direi que depois que entraram em contato com os

---

[346] Thévet *(Cosmog.*, p. 925): "Depois de morto dobram-no na rede em que morreu como uma criança antes de nascer; em seguida colocam-no assim embrulhado e amarrado com cordéis de algodão num grande pote de barro. Enterram-no então num buraco redondo, da profundidade de um homem mais ou menos". Cf. Yves d'Evreux, *Voyage au Nord du Brésil*, p. 126-127.
[347] José, *Antiquités judaiques*, liv. VII § 15, 3ª ed. Didot, p. 281.

franceses já não enterram mais coisas de valor como costumavam fazer; mantêm porém uma superstição muito extravagante, como vereis. Acreditam firmemente que se *Anhangá* não encontrar alimentos preparados junto das sepulturas desenterrará e comerá o defunto; por isso colocam, na primeira noite depois de sepultado o cadáver, grandes alguidares de farinha, aves, peixes e outros alimentos e potes de *cauim e* continuam a prestar esse serviço verdadeiramente diabólico ao defunto, até que apodreça o corpo. Desse erro era muito difícil demovê-los, porquanto os intérpretes normandos que nos haviam precedido no país, imitando os sacerdotes de Baal a que aludem as Escrituras, confirmavam os selvagens na supersticiosa crença a fim de se aproveitarem, à noite, da pitança excelente; e nunca nos foi possível levar os selvagens a compreender que os alimentos depositados não eram consumidos por Anhangá. Mas esse absurdo não me parece muito diferente da insânia dos rabinos ou da de Pausânias. Sustentam com efeito os rabinos que o defunto fica pertencendo a um diabo a que chamam Zabel e que, segundo Levítico, é o príncipe do deserto; e para confirmar o erro, interpretam a seu modo a passagem bíblica em que se diz à serpente: "Tu comerás terra por todo o tempo de tua vida".

Afirmam eles que o nosso corpo é feito do limo e do pó da terra, que constitui a carne da serpente; portanto fica-lhe sujeito até transformar-se em natureza espiritual. Pausânias também se refere a outro diabo chamado Eurinomo, que, segundo os intérpretes dos Delfos, devorava a carne dos mortos até os ossos.

Já mostramos no capítulo precedente como os selvagens renovam e transferem suas aldeias de uns para outros lugares, (quanto às sepulturas costumam colocar pequenas coberturas de folhas de *pindóba* de modo a que os viandantes reconheçam a localização dos cemitérios e a que as mulheres lenhadoras, ao se lembrar de seus maridos, desatem a chorar com gritos de se ouvirem à distância de meia légua.

Como acompanhei os selvagens até o túmulo, rematarei aqui as minhas observações acerca dos costumes dessa gente. Todavia poderão os leitores encontrar ainda alguma coisa a respeito no solóquio seguinte[348] que compus na América com a ajuda de intérprete muito senhor da língua do país não só por ali ter estado sete ou oito anos mas ainda por tê-la estudado e confrontado com o idioma grego do qual os tupinambás tiraram algumas

[348] Por conveniência de paginação e por versar matéria distinta, traduzida e comentada sabiamente por Plínio Ayrosa, foi o capítulo XX colocado em apêndice (T.).

palavras como poderão observar os que a entendem.[349]

[349] M. Brasseur de Bourbourg adotou essa teoria em relação à língua Quichua. Ver sua obra sobre *La granimaire de la langue Quicheé,* Paris, 1862. — Court. de Gebelin, *(Monde primitif,* t. VIII, p. 515) já encontrara analogias entre certas raízes gregas e americanas. — Comparar com De Castelnau, *Voyage dans l'Amérique mértdionale*, t. IV, p. 266. — De Rivero, *Revue des races latines,* t. XIV, p. 221. — P. Gaffarel, *Rapports de 1'Amérique et de l'Ancien comtinent avant C. Colomb,* P. 158. — Lopez, *Les Aryas en Amérique.*

CAPITULO XX

A NOSSA PARTIDA DA TERRA DO BRASIL, OS NAUFRÁGIOS E PERIGOS DE QUE ESCAPAMOS NO REGRESSO

Para bem compreender o motivo de nossa partida do Brasil é preciso ter na memória o que eu disse no fim do capítulo VI, isto é, que depois de estarmos oito dias na ilha em que residia Villegagnon este, rebelando-se contra a religião reformada e arrogando-se autoridade contra nós, procurou domar-nos pela força, o que nos levou a retirar-nos para o Continente onde nos fomos estabelecer ao lado esquerdo de quem entra no rio da Guanabara, também chamado de Janeiro, a meia légua do forte de Coligny, no sítio denominado Olaria. Aí estivemos quase dois meses, abrigados em casebres construídos por operários franceses para se repousarem quando em pescaria ou a negócios desse lado.

Entrementes os senhores de Lachapelle e Boissy, que tinham permanecido com Villegagnon, o abandonaram pelo mesmo motivo que nós e vieram reunir-se ao nosso grupo, participando do ajuste de seiscentas libras tornesas, além de víveres do país, que pagamos ao mestre do navio que nos trouxe de volta.

Cabe-me, de acordo com a promessa já feita, contar, antes de prosseguir qual a atitude de Villegagnon para conosco por ocasião de nossa partida da América. Constituindo-se vice-rei do país, não ousavam os marinheiros franceses fazer algo sem o seu consentimento; por isso mandou ele ao navio ancorado no porto a carregar, licença assinada de seu punho; escreveu ainda ao mestre do dito navio uma carta em que declarava que nenhuma dificuldade opunha pessoalmente ao nosso embarque Pois assim como se alegrara com a nossa vinda, pensando encontrar o que buscava, assim também ficava contente por voltarmos por não estar de acordo conosco. Com isto nos ocultava uma traição; dera, com efeito, ao mestre uma caixinha embrulhada em pano encerado (por causa do mar) com

cartas dirigidas a vários personagens inclusive um processo em que, sem que soubéssemos, se pedia ao primeiro Juiz de França prender-nos e mandar-nos queimar como hereges. Assim recompensava ele os serviços que lhe havíamos prestado e selava a nossa licença com essa deslealdade que, graças a Deus, como se verá, só serviu para confusão do traidor.

Depois de carregado o *Jacques* com pau-brasil, pimentão, algodão, bugios, sagüis, papagaios e outras coisas da terra, que levavam os passageiros, partimos a 4 de janeiro de 1558. Antes porém de iniciarmos a viagem, quero mais uma vez demonstrar que cabe a Villegagnon, exclusivamente, a culpa de não se terem os franceses enraizado nesse país. Fariban de Rouen, capitão do navio, empreendera a viagem a instâncias de vários personagens notáveis da religião reformada em França e com o propósito, segundo nos declarou de explorar a terra e escolher um lugar adequado à localização de setecentas a oitocentas pessoas que deveriam vir, ainda nesse ano, em grandes urcas de Flandres, para colonizar o país. A rebeldia de Villegagnon o impedira. E creio que se Villegagnon tivesse permanecido fiel à religião reformada, cerca de dez mil franceses estariam hoje instalados no Brasil; assim não só teríamos aí uma boa defesa contra os portugueses, em cujas mãos não cairia o forte, como caiu depois de nosso regresso, mas ainda boa extensão de terras pertenceria ao nosso rei e esse pedaço do Brasil com toda a razão continuaria a chamar-se *França Antártica.*

O navio em que regressamos era de pequena capacidade e o mestre dele, por nome Martin Boudoun, do Havre, tinha apenas vinte e cinco marujos sob as ordens; com os quinze passageiros formavam um total de quarenta e cinco pessoas a bordo. A 4 de janeiro levantamos âncora, pondo-nos sob a proteção de Deus, e iniciamos a travessia desse grande e impetuoso mar oceano do Ocidente. Não o fizemos entretanto sem muita apreensão, tanto por causa da recordação das dificuldades que tivéramos na ida como pelo fato de muitos dentre nós, que haviam encontrado na terra meios de servir a Deus e apreciavam a fertilidade do país, não desejarem regressar à França, onde as dificuldades eram então e são ainda incomparavelmente maiores no que concerne à religião e mesmo à vida cotidiana. E teriam ficado se não fora o tratamento recebido de Villegagnon. Assim, ao dizer adeus à América, aqui confesso, pelo que me respeita, que, embora amando como amo a minha pátria, vejo nela a pouca ou nenhuma devoção que ainda subsiste e as deslealdades que

usam uns para com outros; tudo aí está italianizado[350] e reduzido a dissimulações e palavras vãs, por isso lamento muitas vezes não ter ficado entre os selvagens nos quais como amplamente demonstrei, observei mais franqueza do que em muitos patrícios nossos com rótulos de cristãos.

Já no começo de nossa viagem tivemos que dobrar os grandes baixios que avançam quase trinta léguas para o mar e são muito temidos dos navegantes; e como o vento não nos ajudava, estivemos a ponto de arribar. Depois de andar vogando por espaço de sete a oito dias, atirados para um e outro lado por esse vento mau que nos prejudicava a marcha, verificou o marinheiro de quarto que entrava água pela popa do navio e conquanto lutassem com ela, fazendo mais de quatro mil zonchaduras[351] (os que freqüentam o oceano entendem bem este termo) não puderam esgotá-la nem estancá-la. Cansados de tocar a bomba, desceu o contra-mestre para verificar donde provinha a água e observou que a água jorrava em vários pontos com violência e com o peso da que havia nos porões o barco já não se governava e aos poucos afundava.

É fácil imaginar a que ponto o fato nos apavorou quando fomos despertados e notificados do perigo. Este era tão evidente que, certos do naufrágio e sem esperanças de salvação, muitos já imaginavam morrer afogados. Quis Deus, entretanto, que alguns passageiros, e eu com eles, resolutos em defender a vida se tomassem de coragem e com duas bombas sustentassem o barco até meio-dia, ou seja, durante doze horas. A água entrava no navio com tanto abundância que as bombas não conseguiam esgotá-la e como ela encharcara o pau-brasil, que constituía a carga do navio, corria pelos canais vermelha como sangue de boi. Todos os nossos esforços eram empregados no sentido de, com o vento favorável, voltarmos à terra de que nos achávamos relativamente perto e que avistamos quase pelas onze horas do mesmo dia. Entrementes o carpinteiro do navio, auxiliado por marinheiros, lutava sob o convés contra as fendas e trabalhava, com toucinho, chumbo, panos e outras coisas para tapar as mais perigosas o que conseguiu finalmente quando já não tínhamos mais forças para continuar a bombear. Mas dizia o carpinteiro, após ter revistado o navio, que este era muito velho e a tal ponto carcomido que não lhe parecia com resistência suficiente para a viagem, sendo ele de opinião que voltássemos ao ponto de partida para

[350] Essas palavras visam Catarina de Médicis e seus favoritos italianos.

[351] [Bombear]

tomarmos outro barco ou reconstruirmos o nosso. E tudo isso foi muito debatido. Objetou, porém, o mestre que se regressasse à terra os marinheiros o abandonariam; preferia, portanto, com muito pouco juízo, arriscar a vida a perder o barco com as mercadorias. Disse ainda que se o senhor Du Pont e demais passageiros quisessem regressar à terra lhes daria uma barca, ao que dito senhor Du Pont logo respondeu afirmando estar resolvido a continuar a viagem e aconselhou seus camaradas a fazerem o mesmo. Replicou o mestre que além do perigo da navegação, permaneceríamos no mar muito tempo e talvez não houvesse víveres bastantes para todos. Em vista dessas objeções eu e mais cinco companheiros decidimos voltar à terra dos selvagens, distante apenas nove ou dez léguas, já considerando a possibilidade do naufrágio, já a da fome.

Pusemos no bote alguma farinha de mandioca, bebidas e nossas roupas; mas ao nos despedirmos de nossos companheiros, um deles, penalizado com a separação e impelido pela amizade que me devotava, estendeu os braços para a barca e disse: "Peco-vos que fiqueis conosco, pois a pesar da incerteza em que estamos de aportar em França, há mais esperanças de nos salvarmos do lado do Peru ou de qualquer outra ilha do que das garras de Villegagnon que, como podeis imaginar, nunca vos dará sossego".

O momento não era para discursos e, atentando para as suas observações, deixei na barca parte de minha bagagem e subi apressadamente para o navio, preservando-me assim do perigo previsto com acerto por esse amigo. Quanto aos outros cinco, que tinham por nomes Pedro Bourdon, João Bordel, Mateus Verneuil, André Lafon e Tiago Leballeur, despediram-se tristemente de nós para o Brasil, onde aportaram com grandes dificuldades. Mas Villegagnon mandou matar os três primeiros por divergências religiosas, como contarei no fim.

Dando velas ao vento, buscamos novamente o mar alto nesse velho e mau navio em que, como num verdadeiro sepulcro, antes esperávamos a morte do que a vida. Com efeito, além de passarmos os baixios com grandes dificuldades, sofremos contínuas tormentas durante todo o mês de janeiro, não cessando o nosso navio de fazer água. E se não estivéssemos sempre a tocar a bomba, teríamos perecido cem vezes num dia. Navegamos assim muito tempo entre tormentos sucessivos, até cerca de duzentas léguas do Continente; avistamos

então uma ilha deserta,[352] redonda como uma torre e que, na minha opinião tinha mais ou menos meia légua de circuito.

Costeando-a pela esquerda observamos que a ilha era verdejante de vegetação, embora em pleno mês de janeiro, e dela saía uma multidão de aves muitas das quais vinham pousar nos mastros e cordagens do navio, deixando-se apanhar com a mão; e de longe parecia essa ilha um pombal. Havia pássaros pretos, pardos, esbranquiçados e de outras cores que, no vôo, pareciam grandes mas, depenados, não eram maiores do que um pardal. À distância de quase duas léguas à direita lobrigamos uns rochedos em forma de sinos e isso nos inspirou o temor de que os houvesse à flor dágua capazes de nos romperem o casco. Durante toda a nossa viagem de cinco meses, não vimos outra terra além dessas ilhotas que não se encontravam ainda assinaladas nos nossos mapas e talvez não tivessem sido mesmo descobertas.

Em fins de fevereiro ainda nos achávamos a 3 graus da linha equinocial. Cerca de sete semanas já haviam passado e os nossos víveres diminuíam, por isso tivemos idéia de aportar ao Cabo de São Roque habitado por certos selvagens que, no dizer de alguns, não forneciam refresco aos navegantes. A maioria foi de parecer que era preferível matar parte dos bugios e papagaios a fim de economizar o alimento e continuarmos a nossa rota.

Já declarei no capítulo IV as aflições e trabalhos que tivemos, na ida, perto do Equador; mas observando por experiência quanto maiores são as dificuldades na viagem de regresso, o que bem sabem todos os que atravessaram a zona tórrida, direi aqui qual a causa na minha opinião, acerca do fenômeno. Supondo-se que a linha do Equador, tirada de leste ao oeste, seja como o espinhaço do mundo, não basta, para os que viajam de norte para sul e vice-versa, pois bem sei que não há altos e baixos em uma bola, o trabalho de subir a essa sumidade; há que lutar também contra as correntes marítimas que podem vir de ambos os lados sem que as percebamos, em meio ao abismo das águas, e contra os ventos inconstantes que saem desse ponto como de seu ninho e sopram em sentido oposto repelindo os navios.[353] Essas as três coisas que no meu entender fazem o Equador de

[352] É Impossível fixar a posição desta Ilha com a imprecisão da descrição. É permitido hesitar entre Trindade, Fernando de Noronha ou São Paulo. Cf. Bouyer, *Voyage en Guyane. Le rocher du connétable, Tour du Monde,* nº 334.

[353] Estranha explicação das calmarias. Aliás essa cosmografia Ingênua e pretensiosa só tem hoje um

difícil acesso; e o que me confirma nesta opinião é que ao chegarmos a l grau da linha equinocial, tanto na ida como na volta, os marujos jubilosos por terem transposto esse obstáculo auguram bem da viagem e exortam os passageiros a comer tudo que cuidadosamente guardavam na incerteza da travessia. Por conseguinte quando os navios estão no declive do globo, descem e não se esforçam como na subida. Acrescente-se a isso que os mares se comunicam uns com os outros sem que cubram a terra, graças a Deus, embora sejam mais altos e se apóiem nela; apenas a dividem em muitas ilhas e parcelas que consideram ligadas entre si como que por raízes presas ao fundo dos abismos. Essa grandiosa massa dágua está assim suspensa com a terra sobre dois quícios em perpétuo movimento como o demonstram as marés; como esse movimento geral tem o seu ponto de partida sob a linha equinocial, quando o hemisfério sul avança girando até os limites que lhes são prescritos, o hemisfério setentrional recua na mesma proporção e os que se encontram no meio da bola são agitados como se estivessem sobre uma gangorra que se abaixa a cada instante e vêem-se assim impedidos de avançar. A tudo isto deve-se acrescentar o que já apontei em outro lugar: a intemperança do ar e as calmarias freqüentes no Equador, que prejudicam o navegante e o forçam a permanecer muito tempo junto dele sem conseguir transpô-lo. Eis em resumo o que penso dessa importante matéria, aliás muito discutível, pois para bem a compreender só quem criou essa máquina redonda de água e terra miraculosamente suspensa no espaço. Estou certo portanto de que nenhum homem por mais sábio que seja poderá discorrer em contrário sem estar sujeito a correção. Em verdade poderíamos razoavelmente discutir tudo isso tal como se faz nas academias, o que é muito louvável como exercício para a inteligência, mas não pode ser considerado como supremo objetivo como querem os ateus.[354] Quanto a mim, em relação a esse assunto, só acredito realmente no que dizem as Santas Escrituras; procedem elas de quem toda a verdade conhece e é portanto a suprema e indiscutível autoridade.

Prosseguimos em nossa viagem, aproximando-nos pouco a pouco e com dificuldade do Equador. Dias mais tarde o piloto, tomando o ponto no astrolábio, assegurou-nos que estávamos exatamente em cima da linha no próprio dia equinocial, isto é, 11 de março, o

---

interesse retrospectivo. Vejam-se os belos trabalhos de Maury.

[354] ***Em que pese a obscuridade do trecho todo, temos nele uma amostra ao espírito positivo de Léry, de sua objetividade também. Desagradam-lhe as discussões estéreis tão do sabor da época, as teses acadêmicas puramente retóricas (T.).

que acontece, ao que parece, raramente. Tínhamos então o sol no zênite, vertical sobre as nossas cabeças e intenso era o calor que sofríamos.

Em outras estações o sol, pendendo alternadamente de um e outro lado para os trópicos, afasta-se dessa linha, por isso é impossível existir no globo lugar mais quente; e parece-me incrível o que disse alguém, que reputo digno de fé, acerca de certos espanhóis. Afirma esse escritor que passando eles em certa região do Peru não somente viram nevar sob a linha equinocial mas ainda grande fadiga e trabalho arrostaram para atravessar montanhas cobertas de neve, em meio a um frio tão violento que muitos ficaram gelados.[355] Não me parece ponderável argumentar com a opinião dos filósofos que imaginam se forme a neve na região média do ar; estando o sol perpetuamente a prumo na linha equinocial, o ar se mantém sempre quente e não pode haver neve.[356] Nem me parece digna de atenção, salvo melhor juízo dos doutos, a objeção da altitude e da frialdade da lua. Concluo, portanto, que esse caso é extraordinário e constitui uma exceção à regra filosófica. A solução mais certa para a questão está nas próprias palavras de Deus a Job quando, para mostrar-lhe que os homens mais sutis nunca chegariam a compreender a magnificência de suas obras, disse: "Entraste nos tesouros da neve? Viste também os tesouros do granizo?" E isto é como se o Eterno, esse grande e maravilhoso obreiro, dissesse a seu servo: "Em que celeiro tenho eu essas coisas, conforme o teu entendimento? Poderias dar a razão disso? Não, por certo, pois não és bastante sábio".

Voltemos porém ao meu assunto. Depois que o vento de sudoeste nos impeliu para fora desses grandes calores em que nos assávamos como em um purgatório, avançamos e começamos novamente a ver o nosso Pólo Ártico, que havíamos perdido de vista há mais de um ano. Mas para evitar a prolixidade, envio os leitores aos primeiros capítulos em que tratei das coisas notáveis que vimos na ida; não repetirei aqui, o que já disse sobre os peixes-voadores e outros que se encontram na zona tórrida. Prosseguindo na narração dos extremos perigos de que Deus nos livrou no mar, durante o nosso regresso, contarei um deles, proveniente de uma disputa surgida entre o nosso contramestre e o nosso piloto, em

[355] Nada mais natural em vista da altitude. Quito sob o equador é uma das cidades mais frias da América (Charton, *Tour du Monde*, n.» 391) e Inúmeros picos em redor da cidade se acham sempre cobertos de neve.
[356] Entretanto, sob o equador, o Pichincha, o Cotopaxi, o Antisana e o Chimborazo, na América, o Kenila, o Kilimandyaro e os picos ainda semidesconhecidos da bacia superior do Nilo, na África, têm neves eternas.

virtude da qual, por despeito, nenhum deles desempenhou desde então os deveres de seu cargo. A 26 de março, fazendo o piloto o seu quarto, conservou abertas todas as velas sem perceber a aproximação de um furacão que se preparava e que desabou com tal ímpeto que adernou o navio a ponto de mergulharem os cestos de gávea e a ponta dos mastros no mar, atirando à água cabos, gaiolas e todos os objetos que não estavam bem amarrados, pouco faltando para que virássemos completamente. Todavia, cortadas com rapidez as enxárcias[357] e escotas da vela grande, aprumou-se o navio pouco a pouco. Pode-se dizer que só por um milagre nos salvamos, mas nem por isso concordaram os causadores do mal em reconciliar-se, obstante os rogos de todos; muito ao contrário, apenas passado o perigo engalfinharam-se e com tal fúria se bateram que julgamos se matassem na luta.

Por outro perigo passamos dias depois. Estando o mar calmo pensaram o carpinteiro e outros marinheiros em aliviar-nos do trabalho de bombear, procurando tapar melhor as fendas onde entrava a água. Aconteceu que mexendo em um deles para consertá-lo, despregou-se uma peça de madeira de quase pé quadrado e a água entrou com tal abundância e rapidez forçou os marinheiros a subirem para o convés abandonando o carpinteiro. E sem sequer contar-nos o fato berravam: estamos perdidos, estamos perdidos". Diante disso o capitão, o mestre e o piloto trataram de pôr ao mar a toda a pressa o escaler, mandando também lançar à água os toldos do navio, grande quantidade de pau-brasil e outras mercadorias num valor l de mil francos, decididos a abandonar a embarcação e a ir-se no bote. Mas temendo o piloto que o grande número pessoas que tentavam embarcar tornasse a carga excessiva, saltou do bote com um cutelo na mão, ameaçando romper os braços do primeiro que tentasse entrar. Vendo-nos assim desamparados à mercê das ondas, lembramo-nos do primeiro naufrágio de que Deus nos livrara e, resolvidos a lutar pela vida, empregamos todas as nossas forças em bombear a água a fim de que o navio não afundasse; e tanto trabalhamos que o conseguimos.

Nem todos porém se mostraram corajosos. Os marinheiros, em sua maioria, estavam desatinados e tão temerosos se mostravam da morte que já não se importavam com coisa alguma a não ser em beber à farta.

---

[357] [Conjunto de cabos fixos que seguram os mastros e os mastaréus; cordoalha do navio. Do grego bizantino *enxártia*, equipamento.]

Estou certo de que os rabelesianos, escarnecedores e desprezadores de Deus, que em terra tagarelam sentados à mesa e comentam com motejos os naufrágios e perigos em que se encontram muitas vezes os navegantes, teriam seus gracejos mudados em pavor se nesta situação se encontrassem. E creio também que muitos leitores desta narrativa e dos perigos por que passamos dirão com o provérbio: "Muito melhor é plantar couves ou ouvir discorrer do mar e dos selvagens do que tentar tais aventuras".

Como era sábio Diógenes admirando àqueles que, depois de resolver navegar, não navegavam.

Mas não estava tudo acabado ainda, pois isso nos aconteceu há mais de mil léguas do porto que buscávamos e muitos perigos teríamos ainda que sofrer como se verá adiante. Por ora vejamos como nos livramos da presente situação. O nosso carpinteiro, rapaz animoso, não abandonara o porão como os marinheiros, mas enfiara o seu capote de marujo no buraco, comprimindo-o com os pés para quebrar o impulso da água, a qual, como depois nos disse, por várias vezes o desalojou, tal a sua impetuosidade. Assim nessa posição gritou ele quanto pôde para que os de cima, do convés, lhe levassem roupas, redes de algodão e outras coisas com que pudesse deter o jorro dágua enquanto consertava a peça. Graças a esse esforço fomos salvos.

Os ventos tornaram-se então inconstantes, rumando o nosso navio ora para leste ora para oeste (e nós íamos para o sul);[358] e sendo o nosso piloto pouco entendido no ofício, perdeu a direção e deixou-nos navegar incertos até o trópico de Câncer. Nessas paragens vogamos durante quase quinze dias por entre ervas flutuantes tão espessas e em tal quantidade que para não ficarmos detidos foi preciso rompê-las a machado, abrindo caminho ao navio. E como essa erva dava ao mar uma aparência turva, imaginei que estivéssemos em lagoas lamacentas[359] e, por conseguinte, perto de ilhas. Entretanto, apesar de lançarmos a sonda com mais de cinqüenta braças de corda, não encontramos o fundo nem descobrimos terra alguma. A esse respeito escreveu aliás o historiador das índias dizendo que em sua primeira viagem em 1492, Cristóvão Colombo refrescou em uma das ilhas Canárias e depois de singrar muitos dias encontrou tanta erva que o mar lhe parecia um verdadeiro prado; e com

[358] Engano de Léry, porquanto se dirigia para o norte.

[359] Ver P. Gaffarel. *La mer des Sargasses. Bulletin de Ia Société de Céographie*, dezembro de 1872.

isso se amedrontou embora não houvesse perigo. Tais ervas marinhas a que aludo ligam-se entre si por meio de longos filamentos; assemelham-se à *hedera terrestris* e flutuam no mar sem raízes. Têm as folhas idênticas às da arruda e favas redondas do tamanho das do zimbro; são alvacentas como o feno seco e, como observamos, não oferecem perigo ao tacto como ocorre com certas imundícies vermelhas que vi no mar várias vezes e tinham feitio de cristas de galo e eram tão venenosas e pestilentas que a mão ficava rubra e inchada ao tocá-las. Uma vez que me refiro à sonda, a cujo propósito tantos absurdos escreveram, como por exemplo que os navegantes a deitam ao fundo do mar e a recolhem com terra na ponta, conhecendo assim a região em que se encontram, devo dizer que isso é falso no que diz respeito ao oceano e vou relatar o que vi e para que serve esse instrumento. A sonda é um aparelho de chumbo à feição do pau do jogo da malha. Os marinheiros furam-no numa extremidade e amarram a corda, pondo sebo na outra ponta. Quando se aproximam do porto ou julgam se achar em lugar onde possam deitar âncora, soltam a sonda e deixam-na correr; se ao suspendê-la deparam com cascalhos grudados no sebo consideram ser o fundo suficientemente sólido. Se ao contrário nada recolhem, concluem estarem em cima de um fundo de lama ou pedra em que a âncora não se pode prender e vão sondar mais adiante. Fica assim reparado o erro. Aliás, segundo o testemunho de todos os que estiveram no grande mar oceano, é nessas regiões absolutamente impossível tocar o fundo ainda que dispuséssemos de todas as cordas do mundo. Por outro lado, em alto mar somos forçados a navegar dia e noite quando sopra o vento e a parar de repente em tempo calmo, porque o navio não pode andar a remo como as galés. Não discuto a possibilidade de se fazerem tais provas de terra no mediterrâneo ou nos desertos da África onde também, conforme vemos escrito,[360] o viajante se dirige pelas estrelas e pela bússola; mas em relação ao mar do Ocidente sustento ser verdade o que acabo de dizer.

Como temíamos encontrar piratas nessas paragens, ao sair desse mar de ervas não só assestamos quatro ou cinco peças de artilharia que havia no navio, mas ainda preparamos as necessárias munições para nos defendermos oportunamente. Entretanto, com isso novo perigo tivemos que vencer. Quando o nosso artilheiro secava a pólvora em uma panela de ferro esqueceu-a no fogo até tornar-se incandescente e a pólvora se inflamou, correndo a

[360] Calcondyle — Guerra dos turcos (nota de Léry).

chama de uma a outra extremidade do navio, de forma que inutilizou velas e massame e por pouco não incendiou o breu de que o navio estava untado, queimando-nos todos em pleno mar. Aliás um grumete e dois marujos foram tão maltratados pelo fogo que um deles morreu poucos dias depois. Por minha parte, se não tivesse rapidamente levado ao rosto o boné de bordo, ter-me-ia queimado seriamente; escapei chamuscando apenas a ponta das orelhas e os cabelos. Aconteceu-nos isso aos 15 de abril. Tomamos fôlego agora, depois de escapar, por graça de Deus aos naufrágios, às ondas e ao fogo como já relatei.

CAPÍTULO XXI

FOME EXTREMA; TORMENTAS E OUTROS PERIGOS DE QUE DEUS NOS SALVOU DURANTE O REGRESSO

Em seguida a todas essas coisas, aconteceram-nos outras igualmente sérias. Ainda nos achávamos há mais de quinhentas léguas de França quando a nossa provisão de bolacha, víveres e bebias que já não era grande, foi reduzida à metade. O atraso da viagem não era devido somente ao mau tempo e ventos contrários encontrados. Como já disse, o piloto dirigiu mal a derrota[361] a ponto de pensarmos que estávamos perto do cabo Finisterra na costa da Espanha, quando ainda vogávamos à altura das ilhas dos Açores, a mais de trezentas léguas de distância. Esse erro fez com que em fins de abril já estivéssemos inteiramente desfalcados de todos os víveres; já varríamos o paiol, cubículo caiado e gessado onde se guarda a bolacha nos navios, mas encontrávamos mais vermes e excrementos de ratos do que migalhas de pão. Quando havia repartíamos às colheradas esse farelo e com ele fazíamos uma papa preta e amarga como fuligem. Os que ainda tinham bugios e papagaios, a que ensinavam a falar, comeram-nos. E vindo a faltar por completo os víveres, em princípios de maio, dois marinheiros morreram da hidrofobia da fome sendo sepultados no mar como de praxe.

Com a fome, a tormenta continuou dia e noite durante três semanas. Com o mar agitadíssimo fomos obrigados não somente a ferrar todas as velas e a amarrar o leme, mas ainda, na impossibilidade de dirigir o barco, entregá-lo à discrição das ondas e dos ventos, o que nos impedia também, para nosso maior dano, de pescar um único peixe. Estávamos de novo expostos à fome, e à mercê das águas.

Como aqueles que nunca estiveram no mar, principalmente em tais emergências, apenas

[361] [Termo náutico: O caminho percorrido por uma embarcação numa viagem por mar; rota.]

viram metade do mundo, cumpre-me repetir aqui as palavras do salmista a respeito dos marinheiros que, flutuando, subindo e descendo em tão terrível elemento e subsistindo entretanto a pesar de tudo, tinham de fato diante dos olhos uma prova do poder de Deus. Em verdade os marinheiros papistas, vendo-se em tal extremidade, faziam mil promessas a São Nicolau, inclusive a de uma imagem de cera do tamanho de um homem; mas era como se apelassem para Baal. Nós outros julgávamos melhor recorrer Àquele cujo auxílio tantas vezes nos fora outorgado e que podia sustentar-nos durante a fome, mandar no mar e aplacar a tempestade.

Já estávamos, porém tão magros e fracos, que mal nos podíamos suster de pé para as manobras do navio; mas a necessidade sugeria a cada um uma solução para encher o estômago e alguém se lembrou de cortar rodelas do couro do *tapiruçú* e fazê-las ferver na água, imaginando que assim pudessem ser comidas; mas a receita não foi julgada boa. Outros, porém, que também davam tratos à bola, lembraram-se de assar essas rodelas na brasa. Depois de tostadas, rasparam a parte queimada e isso deu tão bom resultado que os que a comiam declaravam que pareciam torresmos. Depois dessa experiência, quem tinha rodelas as guardava e como eram duras como couro seco de boi, foram cortadas em pedaços com foices e outras ferramentas e os que as possuíam escondiam-nas cuidadosamente em pequenos sacos de pano, pois davam-lhes tanta importância quanto aos escudos dão entre nós os usurários.

E tal qual os sitiados de Jerusalém, que segundo Flávio José[362] se alimentavam com as correias de couro de seus broquéis, chegaram alguns entre nós a comer suas gravatas de marrojim e as solas dos seus sapatos. Os grumetes e pajens do navio, apertados pela fome comeram todos os chavelhos das lanternas, que existem sempre em grande número nas embarcações, e todas as velas de sebo que conseguiram apanhar. Não obstante a nossa fraqueza, tínhamos que fazer um esforço repetido para tocar a bomba, sob pena de irmos ao fundo e bebermos mais do que tínhamos a comer.

Aos cinco dias de maio, ao pôr do sol, vimos no ar um grande clarão de fogo que reverberou nas velas a ponto de imaginarmos que se tivessem incendiado; mas tudo passou

[362] José [Josefo] — *De bello judaico,* VII, 7.

sem maiores danos. O fenômeno me parece tanto mais difícil de explicar quanto nos encontrávamos à altura das terras novas onde se pesca o bacalhau e do Canadá, regiões extremamente frias, e portanto não podia essa luz provir das exalações cálidas do ar. Para remate de males fomos nessas paragens batidos pelo vento do nordeste, quase do norte, que nos enregelou durante mais de quinze dias sem alívio.

A 12 desse mesmo mês, o nosso artilheiro morreu de fome, depois de ter comido as tripas cruas de seu papagaio, e foi como os outros lançado ao mar. Pouco sentimos a sua falta, pois estávamos tão extenuados que daríamos graças a Deus caso fôssemos apresados por qualquer pirata que nos desse de comer. Mas Deus quis afligir-nos durante toda a viagem de regresso e somente um navio foi por nós avistado, mas não nos pudemos aproximar porquanto a nossa fraqueza nos impedia de erguer as velas. Nessas alturas, vindo a faltarem as rodelas e até os couros da cobertura dos baús, e tudo mais que no navio podia alimentar-nos, pensamos ter chegado ao termo de nossa viagem. Mas a necessidade, que tudo inventa, lembrou a alguns a caça aos ratos e ratazanas que, também mortos de fome por lhe termos tirado tudo que pudessem roer, corriam pelo navio em grande quantidade. Foram tão perseguidos por meio das mais engenhosas ratoeiras e tão espreitados por olhos -vigilantes como os de gatos, que mesmo à noite, ao clarão da lua, por mais escondidos que estivessem não escapavam vivos.

Quando um de nós apanhava um rato, julgava-se possuidor de coisa mais valiosa do que um boi em terra. Vi venderem-se a três e quatro escudos, e tendo o nosso barbeiro apanhado dois de uma vez recusou a oferta de um companheiro que lhe prometera vesti-lo dos pés à cabeça no primeiro porto; mas ele preferira a vida às roupas. Tivemos que cozinhar camundongos na água do mar, com intestinos e tripas, e dava-se a estas vísceras maior apreço do que ordinariamente damos em terra a lombos de carneiro. E para mostrar que nada perdíamos, contarei o seguinte caso. Tendo o nosso contramestre cortado as quatro patas de um grande rato para cozinhá-lo, logo apareceu quem as apanhasse no convés e as fosse assar apressadamente na brasa dizendo nunca ter provado mais saborosa asa de perdiz. Diante de tamanha penúria, teríamos com efeito tudo comido, tudo devorado. Para saciar-nos, até ossos velhos e outras imundícies que os cães tiram dos monturos nos serviam; e é certo que se tivéssemos capim, feno ou folhas de árvores também os comeríamos como animais.

Mas não é tudo. Durante as três semanas que durou essa fome terrível, não tivemos notícia de vinho nem água doce; desta, de há muito racionada, só nos restava um pequeno tonel. Este, entretanto, era tão poupado que um monarca não teria entre nós maior porção do que qualquer outro a saber um pequeno copo por dia. A sede nos atormentava mais ainda do que a fome, por isso quando chovia estendíamos lençóis com um peso no centro para destilar a água da chuva, que era recolhida em vasilhas, mas também aproveitávamos o enxurro do convés e embora este fosse mais escuro do que o alcatrão, por causa da sujeira dos pés, e mais imundo do que o das sarjetas, nem por isso o deixávamos de beber.

Direi ainda que embora a fome sofrida durante o sítio de Sancerre,[363] em 1573, deva ser colocada entre as mais terríveis de que jamais se ouviu falar, como se pode ver em minha narrativa impressa, não foi ela tão rigorosa como a de que aqui se trata; pois em Sancerre não só não nos faltou água nem vinho, como ainda sempre tivemos algumas raízes, ervas silvestres, rebentos de videiras e outras coisas que a terra dá. Pude verificar durante esse cerco o valor que Deus deu a todas essas coisas consideradas impróprias para a alimentação, tais como peles, pergaminhos, e outras mercadorias cujo catálogo estabeleci. Devo declarar agora que se viesse a ser assediado em defesa de uma boa causa jamais me renderia pela fome, enquanto houvesse cabeções de couro de búfalo, vestes de camurça ou outras coisas em que exista suco ou umidade. Mas no mar vimo-nos reduzidos exclusivamente ao pau-brasil, madeira seca. Todavia muitos companheiros, levados pela miséria, a mascavam na falta de outra coisa. Certa ocasião o senhor Du Pont, nosso guia, disse-me com um grande suspiro ao mastigar um pedaço de pau-brasil: "Ah, Léry, meu amigo, tenho na França um crédito de quatro mil francos e de bom grado o daria em troca de um pão grosseiro e de um copo de vinho. Quanto a Pedro Richier, atualmente ministro de Deus em La Rochele, dirá ele que por fraqueza esteve durante toda a viagem estendido em seu pequeno beliche sem poder erguer a cabeça quando fervorosamente orava a Deus. Antes de terminar este assunto, direi que observei nos outros, e senti em mim, que durante essas fomes rigorosas os corpos se extenuam, a natureza desfalece, os sentidos se alienam e o ânimo se esvai e isso não só torna as pessoas ferozes mas ainda provoca uma espécie de raiva donde o acerto do dito popular :"Fulano enraivece de fome", para dizer que alguém

[363] Léry — *Histoire de la ville de Sancerre*, cap. X.

está sofrendo falta de alimento. E depois de minha experiência compreendo melhor porque Deus ameaçou seu povo com a fome caso não lhe obedecesse[364] e disse que faria com que o homem da mais branda índole se desnaturasse a ponto de lhe apetecerem as carnes do próximo e até da própria esposa e filhos. Já narrei, na história de Sancerre, casos de pais e mães que comeram os próprios filhos, e de soldados que depois de provar a carne dos mortos na guerra confessavam que a continuar a fome teriam investido contra os vivos. Posso garantir agora que na nossa viagem só nos reteve o temor a Deus, pois mal podíamos falar uns com os outros sem nos agastarmos e o. que era pior (perdoe-me Deus) sem nos lançarmos olhares denunciadores da nossa disposição antropofágica.

Continuando a narrativa da nossa travessia, direi que a 15 e 16 de maio perdemos mais dois companheiros, falecidos da hidrofobia da fome; pensando que estivesse num novo dilúvio, por não verem terra há tanto tempo, jogaram-se nágua e temíamos, como eles, virmos a servir de comida para os peixes muito em breve.

Não obstante a fome, durante a qual, como já disse, foram comidos todos os bugios e papagaios que trazíamos, guardara eu até então uma dessas aves, grande como um pato, bom falador e de linda plumagem, porque desejava com ela presentear ao senhor almirante; mas tal foi a necessidade, que não pude conservá-la mais tempo e teve a mesma sorte das outras. Jogadas fora as penas, serviram o corpo, as tripas, os pés, as unhas e até o bico adunco de alimento durante três ou quatro dias para mim e alguns amigos. Não escondo entretanto o pesar que tive de tê-lo morto, ao ver terra cinco dias após, pois como tais aves passam muito tempo sem beber teriam bastado três nozes para alimentá-la durante esse período.

Mas afinal dirão os leitores, nos conservarás sempre suspensos aos teus padecimentos? Em verdade eles findaram, pois Deus que nos sustenta também com outras coisas que não apenas o pão e a carne, se apiedou; e a 24 de maio de 1558 tivemos diante de nós as terras da baixa Bretanha, quando, estendidos no convés já quase não nos podíamos mexer. Como muitas vezes já o piloto nos havia enganado, tomando por terra nuvens que se desvaneciam, ao gritar o marinheiro de vigia no cesto da gávea: "Terra, terra" julgamos ser um gracejo, mas o vento propício nos permitiu verificar logo que não se iludia. Deus nos acudia afinal para consolação de tudo o que ficou exposto, e lhes rendemos graças pelo nosso próximo

[364] Deuteronômio 28.53ss

salvamento. Foi quando nos disse o mestre do navio, em voz alta, que, se tal situação tivesse perdurado mais um dia estava decidido não a lançar sortes, como em tal circunstância praticam os comandantes dos barcos, mas a matar um de nós sem aviso para a alimentação dos outros. Isso não me assustou de modo algum, pois embora não houvesse a bordo nenhum indivíduo gordo, não me teriam escolhido, a menos que quisessem comer apenas pele e ossos. Como os nossos marinheiros haviam deliberado descarregar e vender o pau-brasil em La Rochele, ao chegarmos a duas ou três léguas da terra da Bretanha, o mestre, juntamente com o senhor Du Pont e algumas outras pessoas, deixou-nos fundeados e dirigiu-se para um lugar vizinho chamado Hodierne[365] a fim de comprar víveres. A dois dos meus companheiros, que também se meteram nos escaleres, dei dinheiro para me trazerem refresco; mas apenas se viram em terra esqueceram a fome do navio e abandonando tudo quanto tinham a bordo desapareceram sem que jamais os tornasse a ver. Entrementes, aproximaram-se alguns pescadores aos quais pedimos víveres ; julgaram eles que zombávamos, ou valeram-se desse pretexto, e quiseram afastar-. Mas fomos mais ligeiros do que eles e forçados pela necessidade nos arrojamos ao barco com tal ímpeto que imaginaram tratar-se de salteadores. Nada lhes tiramos entretanto contra a vontade e, aliás, só havia no barco alguns pedaços de pão preto. Entretanto, apesar da penúria extrema que revelamos, em vez de compadecer-se de nós não teve dúvida um dos miseráveis em receber de mim dois reais[366] por um pedaço de pão que na terra não valeria um *liard.* Voltou, porém a nossa gente com pão, vinho e outras provisões e nada disso mofou nem azedou como é de imaginar.

Pensávamos ainda em ir a La Rochele, e já havíamos navegado cerca de três léguas, quando fomos avisados pela tripulação de um navio que certos piratas assolavam toda a costa. Considerando que após tamanhos perigos seria tentar a magnanimidade de Deus arriscar-nos novamente, retornamos; e nesse mesmo dia 26 de maio entramos na linda enseada de Blavet, na Bretanha, aonde também entrava grande número de navios de guerra, de regresso de vários países. Davam tiros de canhão e se exibiam comemorando suas vitórias, como é de praxe. Entre eles havia um de São Maló que pouco antes capturara um navio espanhol de volta do Peru, com mercadorias avaliadas em mais sessenta mil ducados. Isso já fora

[365] Hoje Audierne (Finisterra) a 36 quilômetros a oeste de Quimper.
[366] Não sabemos se se trata do real de cobre, que datava do reinado de Filipe o Belo, ou do real de ouro.

divulgado pela França toda e muitos negociantes parisienses, lioneses e outros, chegavam para as comprar. Alguns, que se encontravam perto do nosso navio, ajudaram-nos em terra a suster-nos e sabendo dos nossos sofrimentos, acertadamente nos aconselharam a não comermos em demasia e a começarmos pouco a pouco por caldos de galinha bem cozida, leite de cabra e outras coisas destinadas a alargarem as tripas que tínhamos muito contraídas. Os que assim procederam deram-se bem, mas quanto aos marinheiros que logo no primeiro dia se quiseram fartar, dos vinte escapados da fome boa metade, creio eu, se empanzinou e morreu subitamente vítima de seus excessos. Dos quinze passageiros, que como disse no capítulo precedente, embarcaram no Brasil, nenhum morreu nem no mar nem na terra. Em verdade apenas salvávamos a pele e os ossos, e mais parecíamos cadáveres desenterrados. Em terra fomos possuídos de tal desgosto pelos alimentos que quanto a mim, ao sentir o cheiro do vinho que me ofereceram em casa numa taça, caí de costas sobre um baú fazendo pensar aos presentes que ia morrer de fraqueza. Por mais de dezenove meses não me deitara à francesa, como hoje se diz, mas quando me puseram no leito aconteceu o contrário do que afirmam, isto é, que quando nos acostumamos a deitar em cama dura não descansamos mais em colchão macio; dormi tão profundamente desta primeira vez que só despertei no dia seguinte ao nascer do sol.

Depois de três ou quatro dias em Blavet, fomos para Hanebon, pequena cidade distante duas léguas, onde durante quinze dias nos tratamos de acordo com os conselhos dos médicos. Por melhor que fosse o regime, incharam todos da planta dos pés ao alto da cabeça e apenas eu, e mais dois ou três, inchamos da cintura para baixo somente. Além disso, tivemos todos um fluxo de ventre e um tal desarranjo de estômago que nos era impossível conservar qualquer coisa no organismo, salvo certa receita que nos ensinaram, a saber: suco de *hedera terrestris* com arroz bem cozido, abafado na panela com panos velhos e depois de tirado do fogo, misturado com gema de ovo num prato ao rescaldo. Comendo esse manjar às colheradas, logo nos sentimos mais fortes e creio que sem esse recurso, que Deus nos inspirou, em poucos dias teríamos ido para o outro mundo. Eis em suma a nossa viagem, que não pode figurar entre as menores, pois navegamos quase setenta e três graus, ou seja, cerca de duas mil léguas francesas em direção norte e sul. Mas deve-se dar a honra a quem a merece e em verdade essa viagem nada foi em comparação com a que fez o insigne piloto espanhol João Sebastião del Cano, o qual circundou toda a imensidade do globo, o que julgo não ter ninguém jamais feito antes dele; e de regresso à

Espanha mandou pintar nas suas armas um globo terrestre com esta divisa: *Primus me circumdedisti* (Foste o primeiro que me rodeaste) .

Parecia que tivéssemos chegado ao fim de nossos sofrimentos; na realidade Aquele que tantas vezes nos preservou dos naufrágios, das tormentas, da fome e de outras misérias, ainda nos socorreria em terra. Com efeito, Villegagnon, por ocasião de nosso regresso, entregara ao mestre do navio, sem que o soubéssemos, um processo organizado contra nós, com ordem expressa ao primeiro juiz a quem se apresentasse em França não só de prender-nos mas ainda de queimar-nos como hereges. Mas aconteceu que o nosso chefe, senhor Du Pont, conhecia algumas pessoas da justiça, afeiçoadas à religião reformada. Aberta a caixa em que estava o processo, viram essas pessoas o que lhes era ordenado, mas, em vez de tratar-nos como desejava nosso perseguidor, obsequiaram-nos com boa mesa, oferecendo recursos aos nossos companheiros necessitados e emprestando dinheiro ao senhor Du Pont e outros. Eis como Deus, que desfaz as astúcias dos maldosos, não só nos livrou desse perigo a que nos colocara a rebeldia de Villegagnon, mas ainda permitiu que a sua traição se voltasse contra o traidor.

Depois de recebermos esse novo benefício de quem, como disse se mostrou nosso protetor tanto em terra como no mar, partiram os marinheiros de Hanebon a fim de alcançarem a Normandia e nós, deixando esses bretões cuja linguagem entendíamos menos que a dos selvagens americanos, rumamos para cidade de Nantes, distante apenas trinta e duas léguas. Não fomos porém na posta, e como não tínhamos forças para dirigir cavalos nem para lhes suportar o trote cada um de nós tinha um homem para conduzir a montaria pela rédea. Era-nos imprescindível renovar os corpos, mas tal qual as mulheres grávidas, de quem poderia contar casos extravagantes se não temesse enfadar o leitor, apeteciam-nos coisas fantásticas alguns se aborreceram do vinho a ponto de passarem mais de mês sem poder sentir-lhe o cheiro. Para cúmulo de misérias, ao chegarmos a Nantes tivemos os sentidos transtornados por completo e passamos quase oito dias com o ouvido tão duro e a vista tão ruim, que pensei ficar surdo e cego. Todavia, excelentes médicos e notáveis personalidades, que continuamente nos visitavam, com tanto cuidado nos trataram que, quanto a mim, cerca de um mês mais tarde já tinha a vista e o ouvido perfeitos. É verdade que o estômago tornou-se desde então muito fraco e voltando a passar fome em Sancerre, quase quatro anos depois, fiquei com ele como que arruinado para o resto da vida. Depois de recuperarmos as

nossas forças em Nantes, onde, como já disse, fomos muito bem tratados, cada um de nós seguiu o seu caminho.[367] Só resta agora, para pôr fim a esta narrativa, contar a sorte dos nossos companheiros que, como foi dito, voltaram ao Brasil depois do primeiro naufrágio de que fomos ameaçados.

Pessoas fidedignas que deixamos nesse país, donde voltaram cerca de quatro meses depois de nós, encontraram o senhor Du Pont em Paris e lhe asseguraram que com grande pesar haviam sido espectadores do afogamento de três dos nossos companheiros no forte de Coligny. Pedro Bourdon, João Bordel e Mateus Verneuil foram essas vítimas condenadas por Villegagnon por causa de sua religião. Essas pessoas fidedignas haviam trazido também não só a sua confissão mas ainda todo o processo contra eles instaurado por Villegagnon, entregando-o ao senhor Du Pont de quem o obtive mais tarde.

Ao lembrar-me de que, enquanto resistíamos aos perigos de toda sorte esses servos fiéis de Jesus Cristo eram mortos, após mil tormentos; ao recordar-me de que cheguei a pôr os pés no escaler, para com eles regressar; rendi graças a Deus pelo meu salvamento individual, e senti-me mais do que nunca no dever de fazer com que a profissão de fé desses três honestos personagens fosse registrada no livro dos que em nossos dias foram martirizados na defesa do Evangelho. Por isso entreguei-a nesse mesmo ano de 1558 ao impressor João Crespin, o qual, juntamente com a narrativa dos perigos por que passaram os três para aportar à terra dos selvagens depois de nos deixarem, a inseriu no livro dos mártires.[368]

Assim foi Villegagnon quem primeiro derramou sangue dos filhos de Deus nesse país recém-descoberto e por isso, mui justamente, alguém o apelidou o *Caim da América.* Deixamo-lo bem aclimado no forte de Coligny, mas vim a saber que voltou mais tarde à França e que, depois de difamar por palavras e escritos os adeptos da religião evangélica, morreu na sua antiga crença, em uma comenda da ordem de Malta, próximo de S. João de Nemours.[369]

---

[367] Estes dois parágrafos não figuram na tradução latina de Bry. Quanto à morte dos companheiros de Léry ver Gaffarel, *Brésil français,* p. 280-294.

[368] Crespin. *Histoire des Martyrs*, 1ª parte, p. 437-438; 2ª parte. p. 452-457. ed. 1619. O trecho prova sobejamente que o autor da narrativa Inserta na obra de Crespin é o próprio Léry.

[369] Com referência aos últimos anos de vida de Villegagnon consultar Gaffarel, *Brésil Français*, pg. 314-341.

Por intermédio de um sobrinho seu, que também esteve no forte de Coligny, soube que deu tão má direção aos seus negócios, tanto durante a sua moléstia como depois, e por tal modo se indispôs com seus parentes que nada aproveitaram estes de seus bens, nem em vida nem depois da morte. Concluindo, livre já agora de tantos perigos, posso dizer como essa santa mulher que foi mãe de Samuel, que é o Eterno quem faz viver e morrer, descer à tumba e surgir dela. Isso me parece tão claro quanto o homem viver aqui na terra apenas o dia de hoje. Aliás, se coubesse dentro desta narrativa, diria ainda que Deus, na sua infinita bondade, me salvou de muitas outras angústias. Eis relatado quanto observei, tanto na travessia de ida e volta, como entre os selvagens da terra do Brasil, na América, a qual, por muitos motivos já por mim amplamente explanados, pode chamar-se Novo Mundo. Bem sei que a pesar da excelência do assunto não tratei com o estilo e a solenidade que exigia; assim, entre outras coisas, confesso que ainda nesta segunda edição não raro me alonguei demasiado em relação a certos pontos que não mereciam tanta atenção e, por outro lado, apenas toquei noutros que estavam a solicitar maiores detalhes. Peço aos leitores que supram os meus defeitos de linguagem e, considerando quão penosa e dura foi a tarefa do narrador, dele recebem, em compensação, a boa vontade e o afeto. E a Deus, rei dos séculos, imortal e invisível, ao Deus único sábio, o tributo da honra e da glória eternas. AMÉM.